COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Pe ANTÓNIO VIEIRA

OBRAS ESCOLHIDAS

PREFÁCIOS E NOTAS DE ANTÓNIO SÉRGIO E HERNÂNI CIDADE

VOLUME IX

HISTÓRIA DO FUTURO (II)

LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA LISBOA

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Pe. ANTÓNIO VIEIRA

·OBRAS ESCOLHIDAS· VOL. IX

HISTÓRIA DO FUTURO (II)

LIVRARIA SÁ DA COSTA EDITORA LISBOA

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA
Pe ANTÓNIO VIEIRA
OBRAS
ESCOLHIDAS
PREFÁCIOS E NOTAS
DE ANTÓNIO SÉRGIO
E HERNÂNI CIDADE
VOLUME IX
HISTÓRIA DO FUTURO (II)
LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA
LISBOA

P.e António Vieira

OBRAS ESCOLHIDAS

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Autores portugueses — Autores estrangeiros

À venda:

SÁ DE MIRANDA — Obras completas, *2 volumes*
F. MANUEL DE MELO — Cartas Familiares, *selecção*
JOÃO DE BARROS — Panegíricos
TOMÁS A. GONZAGA — Marília de Dirceu e mais poesias
DESCARTES — Discurso do Método, Tratado das Paixões da Alma
DIOGO DO COUTO — O Soldado Prático
FREI LUÍS DE SOUSA — Anais de D. João III, *2 volumes*
HOMERO — Odisseia, *2 volumes*
FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS — Cartas Espirituais, *selecção*
M.me DE SÉVIGNÉ — Cartas Escolhidas
ANTÓNIO FERREIRA — Poemas Lusitanos, *2 volumes*
HEITOR PINTO — Imagem da Vida Cristã, *4 volumes*
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Inéditos, *selecção*
FILINTO ELÍSIO — Poesias, *selecção*
LA BRUYÈRE — Os Caracteres
AFONSO DE ALBUQUERQUE — Cartas, *selecção*
FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA — Cartas, *selecção*
GIL VICENTE — Obras Completas, *6 volumes*
BOCAGE — Poesias, *selecção*
AMADOR ARRAIS — Diálogos
HOMERO — Ilíada, *3 volumes*
JOSÉ DA CUNHA BROCHADO — Cartas, *selecção*
DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA — Casamento Perfeito
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Corte na Aldeia
JOÃO DE BARROS — Décadas, *selecção, 4 volumes*
DIOGO BERNARDES — Obras Completas, *3 volumes*
CANCIONEIRO DA AJUDA — *volume I*
CAMÕES — Obras Completas, *5 volumes*
FREI LUÍS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, *3 volumes*
DIOGO DO COUTO — Décadas, *2 volumes*
HOMERO — Poemetos e Fragmentos
FONTES MEDIEVAIS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL — *volume I*
LUÍS A. VERNEY — Verdadeiro Método de Estudar — *5 volumes*
BERNARDIM RIBEIRO — Obras Completas, *2 volumes*
P.e ANTÓNIO VIEIRA — Obras Escolhidas — *volumes I a IX*
JOÃO DE BARROS — Crónica do Imperador Clarimundo, *volume I*

A seguir:

P.e ANTÓNIO VIEIRA — Obras Escolhidas — *volume X*
JOÃO DE BARROS — Crónica do Imperador Clarimundo, *volume II*

Cada volume 25$00 — Tiragem especial de 100 ou 200 exemplares, numerados e rubricados, 90$00

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

•

P.ᵉ António Vieira

OBRAS ESCOLHIDAS

---

com prefácios e notas de

António Sérgio

e **Hernâni Cidade**

•

VOLUME IX

HISTÓRIA DO FUTURO (II)

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA
Rua Garrett, 100-102 LISBOA

JESUS, MARIA, JOSÉ

CAPÍTULO I

Entrando a tratar do Quinto Império do Mundo (grande assunto deste nosso pequeno trabalho) para que procedamos com a distinção e clareza tão necessária em toda a história e muito mais neste género, 5 a primeira cousa que se oferece para averiguar e saber é que impérios tenham sido ou hajam de ser os outros quatro, em respeito ou suposição dos quais este novo de que falamos se chama *Quinto*. Porque sem recorrer à memória dos tempos passados, e pondo sòmente 10 os olhos no mundo presente, conhecemos hoje nele muito maior número de impérios. Na Ásia, o vastíssimo Império da China, o dos Tártaros,o do Persa, o do Mogor; na África, o da Etiópia; na Europa, o de Alemanha, em que sem a grandeza se continua 15 o nome, e o de Espanha, em que sem o nome, posto que arruinada e combatida, se sustenta a grandeza; e em todas estas três partes do Mundo o violento Império dos Turcos, tão estendido, tão unido, tão poderoso e formidável. Havendo pois ainda nesta 20 nossa idade tantos impérios, e sendo tantos mais os de nações bárbaras e políticas que em diversos tempos do Mundo se têm levantado e caído, com razão se deve duvidar e desejar saber a causa por que este nosso Império que prometemos recebe o 25 número de *Quinto,* e quais sejam em ordem os outros

quatro que lhe deram este lugar ou este nome. Ao que respondemos breve e fàcilmente que este modo de contar não é nosso nem de algum outro historiador ou autor humano, senão fundado e tirado das 5 Escrituras divinas, cuja história profética, sem fazer caso de muitos e grandes impérios que floresceram e haviam de florescer em vários tempos e lugares do Mundo, só trata do primeiro que se começou e levantou nele, e dos que em continuada sucessão 10 se lhe foram seguindo até o tempo presente, os quais em espaço quase de quatro mil anos têm sido com este quatro. Esta sucessão e seu princípio foi desta maneira... ([a]).

CAPÍTULO II

Correndo os anos de 1860 da criação do Mundo, 15 3800 antes do presente de 1664 em que isto escrevemos, depois que a confusão das línguas na torre de Babel dividiu seus fabricantes em diversas partes da terra, castigo tão merecido a sua soberba como necessário à propagação do género humano e à 20 mesma grandeza que aspiravam, Belo, filho do gigante Nembrot (posto que não faltam graves autores que fazem destes dois nomes o mesmo homem), reduzindo a sujeição e obediência política

---

([a]) O resto da lauda em branco no ms.

14-15. Vid. *História do Futuro,* I vol., pág. 144. Sobre esta data de 1664 ver o que se escreveu no *Prefácio* desta obra, pág. III. Neste ano, Vieira encontrava-se em Coimbra, vigiado pela Inquisição, pela qual corria o seu processo e onde seria encarcerado em Novembro de 1665.

a liberdade natural com que todos até aquele tempo nasciam, foi o primeiro que ensinou ao Mundo e introduziu nele a tirania, a que depois com nome menos odioso chamaram *Império*. Tantos anos tardou a ambição em romper o respeito àquela lei com que nos fez iguais a todas a natureza.

Foi este império de Belo o dos Assírios ou Babilónios; durou, segundo Justino, perto de mil e trezentos anos; teve, entrando neste número Semíramis, 37 imperadores, de que foi o último Sardanapalo.

Ao império dos Assírios sucedeu o dos Persas pelos anos da criação 3444. Começou em Ciro, acabou em Dario; contou por todos catorze imperadores. Não durou, conforme Eusébio, mais que duzentos e trinta anos.

O terceiro Império, que foi o dos Gregos, ainda durou menos, se o considerarmos como monarquia. Alexandre o começou e acabou em Alexandre, para que vejam e conheçam as coroas quanto é grande a sua mortalidade, pois pode ser mais breve a vida de um império que a de um homem. Começou este Império dos Gregos depois pelos anos do Mundo 3672, conservou-se unido sòmente oito, e, antes deles acabados, se dividiu em três reinos: o da Ásia, o da Macedónia, o do Egipto; e este (que foi o que mais permaneceu) continuou com desigual fortuna trezentos anos, até que, governado e não defendido pela celebrada Cleópatra, o ajuntou Marco António à grandeza romana.

Havia já neste tempo setecentos anos que Rómulo levantara junto ao rio Tibre aquelas primeiras choupanas que depois se chamaram Roma, cujo Império começou com este nome em Júlio César, trinta anos antes do nascimento de Cristo. Durou, pois, o Impé-

rio Romano com toda a inteireza de sua monarquia 400 anos, com sucessão de 35 imperadores até o grande Constantino, o qual, fundando nova corte em Constantinopla, devidiu o Império, para melhor governo, em Império Oriental e Ocidental, e desde este tempo começaram as águias romanas a aparecer coroadas com duas cabeças. Sustentou-se o Império Oriental por espaço de quatro mil anos, em que contou oitenta e quatro imperadores, de que foi o último outro Constantino de muito diferente fortuna, porque, sendo sitiado e vencido por Maomete II, dentro em Constantinopla perdeu a vida e a cidade e sepultou consigo todo o Império. O do Ocidente, depois daquela divisão, experimentou nela grandes variedades, porque, sendo governado alguns anos por imperador com igual jurdição e majestade, se passou o governo a exarcas, que eram ministros e como lugar-tenentes dos imperadores orientais, até que, em tempo o Papa Lúcio III, eleito Carlos Magno em imperador do Ocidente, ficando Roma como cabeça da Igreja, ao Pontífice passou o assento do Império — a Alemanha.

Sucedeu esta mudança pelos anos de Cristo de 810, nos quais o Império, diminuindo sempre em grandeza e majestade, tem contado noventa imperadores até Fernando III, que hoje reina, e com grande valor e zelo da Cristandade está resistindo-se (queira o Céu que seja com melhor ventura!) a outro Maomete.

Estes são em breve suma os quatro Impérios que desde o primeiro que houve no Mundo se foram continuando e sucedendo até o presente, cuja notícia, quando não fora tão necessária para o ponto em que estamos, sempre era muito conveniente dar-se logo

neste princípio, para melhor entendimento de tudo
o que se há-de dizer adiante.

Em respeito pois e suposição destes quatro impérios, chamamos *Império Quinto* ao novo e futuro
5 que mostrará o discurso desta nossa *História;* o qual se há-de seguir ao Império Romano na mesma forma de sucessão em que o Romano se seguiu ao Grego, o Grego ao Persa e o Persa ao Assírio. E assim como o Império dos Persas se chama o segundo Império,
10 porque sucedeu ao dos Assírios, que foi o primeiro do Mundo, e o dos Gregos se chama o terceiro, porque sucedeu ao dos Assírios e dos Persas, e o dos Romanos se chama o quarto, porque sucedeu ao dos Assírios, ao dos Persas e ao dos Gregos, assim
15 este nosso Império, porque há-de suceder ao dos Assírios, Persas, Gregos e Romanos (como logo veremos) se deve chamar com a mesma razão e propriedade o *Quinto Império do Mundo;* e porque todos os outros Impérios, passados e presentes, por
20 grandes e poderosos que fossem, ficaram fora da ordem desta sucessão, que começou no primeiro e há-de acabar no Quinto (que será também o último), por isso as Escrituras Sagradas não fazem menção nem memória alguma deles, como também
25 nós a não fazemos. Nem eles, por muitos que hajam sido, ficando fora da mesma ordem, podem acrescentar número ou lugar ao novo Império com que mude ou exceda o que lhe damos de Quinto.

Tudo o que até aqui fica dito são suposições certas
30 e sem dúvida, tiradas de diferentes lugares do Texto Sagrado, que vão citadas à margem, e o não pusemos no corpo da história por não embaraçar o desenho dela. Autores que dizem o mesmo, posto que em matéria tão averiguada e sem controvésia

não são necessários autores, alegaremos nos capítulos seguintes; o que resta e importa mostrar é que haja de haver sem dúvida este novo e prometido Império a que chamamos Quinto. E assim o faremos
5 agora, com toda a demonstração e certeza, porque esta é a base e fundamento de toda a nossa *História* e assunto particular deste I Livro.

LIVRO I

CAPÍTULO I

Mostra-se a Quinta Monarquia com a 1.ª profecia de Daniel

Já dissemos que os futuros livros ou contingentes (qual é o Império que prometemos) só são mani-
10 festos a Deus e a quem os quer revelar. E assim, para fundarmos bem a esperança deste grande futuro, devemos recorrer principalmente aos que a Fé nos ensina que foram verdadeiros profetas, entre os quais, como também deixámos dito, tem
15 o primeiro lugar Daniel, não só pelo espírito de profecia que foi tão superiormente ilustrado, mas porque o fez Deus particular profeta dos reinos e das monarquias. Será pois a primeira pedra deste edifício uma grande profecia de Daniel.

20 No ano antes de Redenção do Mundo 450, Nabucodonosor, um dos últimos reis imperadores de Babilónia, que era, como fica dito, o Império dos Assírios, desvelado uma noite com os pensamentos da sua monarquia, em prémio ou consequência deste
25 cuidado mereceu que Deus lhe revelasse, sendo

gentio, o sucesso de muitas cousas futuras, assim como outros príncipes que têm fé e desmerecem por sua negligência e descuido até o conhecimento natural dos presentes. Viu pois Nabuco em sonhos uma
5 visão admirável e portentosa, com cuja apreensão e assombro acordou de tal maneira perturbado e confuso, que sòmente se lembrava que acabava de sonhar cousas prodigiosas, grandes e prenhes de mistérios, mas totalmente se esquecia quais foram. Assim,
10 estimulado igualmente do desejo e do temor que a mesma lembrança lhe causava, mandou logo chamar os maiores sábios dos seus reinos, os magos, os aríolos, os caldeus, que eram os que pela observação das estrelas e outras professavam a ciência
15 das cousas futuras, e depois de trazidos à sua presença, lhes declarou por si mesmo tudo o que lhe tinha sucedido, e mandou-lhes sèriamente que não só lhe haviam de dizer logo a significação do sonho, senão também o que tinha sonhado. Responderam
20 os sábios que, se o rei lhes manifestasse o que sonhara, eles se obrigavam a declarar a significação de tudo, porque isso era a sua profissão e o mais a que se estendia a ciência humana; mas que adivinhar qual houvesse sido o sonho era segredo impos-
25 sível de alcançar aos homens e reservado sòmente à sabedoria dos deuses. Falaram assim, porque todos eram gentios.

Não se aquietou Nabuco com esta resposta dos sábios, antes os arguiu com ela de falsos, engana-
30 dores e indignos de crédito; porque, se não podiam saber o sonho, que era cousa passada, como haviam de conhecer a significação dos futuros, e sòmente lhes haviam de dar crédito no segundo e mais dificultoso, se no primeiro e mais fácil eles mesmos

confesavam sua ignorância? Que se resolvessem a dizer logo uma e outra cousa, senão que ele e suas famílias morreriam todos. E como os tristes sábios respondessem outra vez que não sabiam nem podiam satisfazer ao rei no que deles queria, irado grandemente Nabuco, mandóu que os levassem de sua presença e que neles e em todos os professores das mesmas artes se executasse logo a sentença de morte. Tão violentos são os apetites do poder supremo, e tão arriscado não satisfazer aos reis até no impossível!

Achava-se neste tempo em Babilónia Daniel, onde fora levado com El-Rei Joaquim no primeiro cativeiro ou transmigração dos Hebreus. Orou a Deus, ele e seus três companheiros, que também entravam no número dos condenados, porque tinham estudado, por mandado do mesmo rei, as ciências de Caldeia; foi-lhe revelado pelo Céu o sonho e a interpretação dele, e quando já a multidão dos sábios, rodeados de rústicos e tumulto popular, começavam a caminhar para o lugar do suplício, faz parar a execução Daniel. Oferece-se a declarar o sonho; pede que o levem a Nabucodonosor, e posto em sua presença e na dos maiores príncipes de Babilónia que o acompanhavam, depois de confessar a insuficiência sua e de todo o saber humano, e mostrar como só o Deus verdadeiro, a quem ele servia e que fora o autor daquele sonho, o podia revelar e a significação dele, primeiramente com assombro e pasmo do rei lhe contou muito miudamente por sua ordem a história do que tinha sonhado, e depois com igual admiração e espanto de todos lhe foi explicando parte por parte os mistérios e segredos futuros que tão prodigiosa visão em si encerrava.

Este é o prólogo da primeira profecia de Daniel, e todo este aparato de circunstâncias com o Texto Sagrado descreve o sucesso dela, as quais porventura puderam parecer menos necessárias ao nosso argumento, mas nós as quisemos resumir brevemente aqui, para crédito natural da mesma profecia; pois não só nos obrigam a que a creiamos por fé os que somos cristãos, mas se podem convencer com elas por discurso até os mesmos Gentios.

A história do sonho, pelas palavras com que Daniel a referiu, é a seguinte: *Tu, Rex, cogitare cœpisti in strato tuo quid esset futurum post hœc; et qui revelat mysteria, ostendit tibi quæ ventura sunt. Tu, Rex, videbas et ecce quasi statua una grandis: statua illa magna et statura sublimis stabat contra te et intuitus ejus erat terribilis,* etc., usque ad *implevit universam terram. Hoc est somnium.* «Começaste a cuidar, ó Rei, deitado no teu leito, diz Daniel, o que havia de suceder depois do tempo presente, e o Deus que só pode revelar os mistérios e segredos ocultos, te mostrou naquela visão tudo o que está para vir nos tempos futuros, e o que eu agora te direi, não por arte ou ciência minha, se não por revelação sua. Parecia-te que vias defronte de ti uma estátua grande, de estatura alta e sublime e de aspecto terrível e temeroso. A cabeça desta estátua era de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre até os joelhos de bronze, dos joelhos de ferro, os pés de ferro e de barro. Estando assim suspenso no que vias, viste mais que se arrancava uma pedra de um monte, cortada dele sem mãos, e que, dando nos pés da estátua, a derrubava. Então se desfizeram juntamente o barro, o ferro, o bronze, a prata, o ouro, e se converteram em pó e cinza,

que foi levada dos ventos, e nem aqueles metais apareceram mais, nem o lugar onde tivessem estado; porém a pedra que tinha derrubado a estátua cresceu, e fazendo-se um grande monte, ocupou e encheu 5 toda a terra».

Até aqui a relação do sonho, a qual Nabuco de novo ia ouvindo e reconhecendo, lembrando-se outra vez de tudo pela mesma ordem com aquela espécie de memória a que os filósofos chamam reminis- 10 cência.

Seguiu-se à história do sonho a interpretação dele, de que nós diremos agora sòmente o que pertencer ao ponto em que estamos, reservando o de mais (que é muito) para seus lugares. Disse pois Daniel 15 que aquela grande estátua significava a sucessão do Império do Mundo, e os diferentes metais de que era composta as mudanças que o mesmo Império havia de ter em diferentes tempos e para diferentes nações. A cabeça de ouro significava o Império dos 20 Assírios, em que Nabucodonosor naquele tempo reinava; e porque este Império, como deixámos notado, foi o primeiro e o princípio de todos os Impérios, por isso estava representado na cabeça, que é o princípio do corpo, e no ouro, que é o 25 primeiro entre todos os metais.

A prata, que é o segundo metal, significava o Império dos Persas, que foi o segundo depois dos Assírios, e que se seguiu a eles, assim como o peito e braços se seguem à cabeça.

30 O bronze, que é o terceiro metal, significava o Império dos Gregos, que foi o terceiro depois dos

5. Vid. *Daniel*, II, 29-35.

Persas e se seguiu depois deles, assim como o ventre se segue depois do peito.

O ferro finalmente, que é o quarto metal, significava o Império dos Romanos, que foi e é o quarto
5 Império, que sucedeu aos três primeiros; e assim como as pernas e pés são a última parte do corpo humano, assim este é e há-de ser o último Império dos que naquela estátua se representavam.

Tudo o que até aqui fica dito é de fé, ou se segue
10 imediatamente dela, porque, ainda que Daniel na sua explicação do sonho não nomeou as três nações de Persas, Gregos e Romanos, disse porém expressamente que os três metais significavam três reinos, que sucessivamente se haviam de continuar uns aos
15 outros, sinalando-os nomeadamente por primeiro, segundo e terceiro reino: *Et post te consurget regnum aliud minus te argenteum, et regnum tertium aliud æreum* [...] *et regnum erit velut ferrum;* e consta pela experiência e pelo testemunho de todas as histórias,
20 não só humanas, senão também das sagradas e divinas, que os três reinos e impérios que sucessivamente se seguiram ao dos Assírios foram o dos Persas, o dos Gregos e o dos Romanos: ou, por o dizer com mais propriedade e certeza, consta que o mesmo
25 Império que primeiro foi dos Assírios, vencidos estes por Ciro, passou aos Persas, e o mesmo Império dos Persas, vencidos estes por Alexandre, passou aos Gregos, e o mesmo Império dos Gregos, vencidos estes por vários capitães de Roma, passou e se

---

16-18. Trad.: *E depois de ti se levantará outro reino menor que o teu, que será de prata; e outro terceiro reino que será de cobre* [...] *e o quarto reino será de ferro. Ibid., ibid.*

encorporou no Império Romano. E este é o verdadeiro, certo e indubitável sentido de interpretação de Daniel, recebido, aprovado e seguido por todos os Padres e expositores deste lugar, em que não há
5 discrepância nem dúvida alguma.

A razão ou mistério por que o Império Romano se representou no ferro, diz particularmente Daniel que foi porque, assim como o ferro lima, bate, corta e doma os metais, sem haver algum que lhe possa
10 resistir, assim o Império Romano e o poder invencível de suas armas havia de abater, desfazer, sujeitar e dominar todos os outros impérios. *Et regnum quartum erit velut ferrum; quomodo ferrum comminuit et domat omnia, sic comminuet et conteret*
15 *omnia hœc*. E quadra maravilhosamente no Império Romano a figura das duas pernas e pés da estátua em que foi representado; não só porque, assim como os pés da estátua sustentavam e tinham sobre si o peso e grandeza de toda ela, assim o Império
20 Romano teve sobre si e em si o peso e grandeza de todos os outros impérios que nele se uniram e ajuntaram, mas porque o mesmo peso e grandeza, como acima vimos, foi causa de que o Império Romano se dividisse em dois impérios ou duas partes
25 iguais do mesmo, com a qual divisão, pondo um pé no Oriente outro no Ocidente, um em Roma outro em Constantinopla, ficaram verdadeiramente sendo estas duas partes do Império Romano como duas colunas naturais de ferro, sobre as quais toda

---

12-15. Trad.: *E o quarto reino será como o ferro; assim como o ferro quebra e doma todas as coisas, assim ele quebrará e fará todos estes em migalhas. Ibid., ibid.*

a máquina daquele portentoso colosso se sustentava.
Mas não parava aqui a propriedade da semelhança. Assim como, na divisão de uma e outra perna da estátua, se representava a divisão do Império
5 Romano nos dois impérios, assim os dez dedos, uns maiores outros menores, em que se dividiam, significavam dez reinos, em que a grandeza do mesmo Império Romano, na sua última declinação, se havia de dividir. Para cuja inteligência se deve notar que
10 tudo o que hoje possuem os príncipes cristãos na Europa, e tudo o que na Europa, na África e na Ásia possui o Turco, são umas divisões ou retalhos do Império Romano, e as partes ou membros de que aquele vastíssimo corpo na sua maior grandeza
15 e potência se compunha, as quais lhe foram tirando as mesmas nações que ele tinha sujeitado, restituindo-se outra vez a sua primeira liberdade e soberania, como hoje estão, sem reconhecerem sujeição nem obediência alguma ao Império Romano. *Ad*
20 *extremum* (diz Perério) *ex uno duplex factum est Imperium Romanum: alterum Latinorum seu Occidentis, alterum vero constantinopolitanum, Græcorum seu Orientis. Adjice, quod omnia regna quæ nunc sunt apud Christianos, et sub Imperio Turco-*
25 *rum, partes sunt Imperii Romani tanquam rami ex una illa Imperii arbore decisi.* E é tão verdadeira

---

19-26. Trad.: *Por fim, o Império Romano de um transformou-se em dois: um, dos Latinos ou do Ocidente, e outro, constantinopolitano, dos Gregos ou do Oriente. Acrescentai que todos os reinos existentes entre os Cristãos ou sob o império do Turco, são partes do Império Romano, como ramos cortados daquela só árvore do Império Romano.* B. Perério Valentino, *Comment. in Dan. Prophetam,* Lib. II, Cap. II, 61.

e tão antiga esta interpretação dos dez dedos da estátua, que já antes dos tempos de S. Hierónimo, em que o Império Romano estava íntegro e potentíssimo, sem ter perdido cousa alguma de sua grandeza, era opinião comum (como diz o mesmo santo) de todos os escritores eclesiásticos que o Império se havia de dividir em dez reinos.

Assim se dizia e escrevia então, e assim o estamos vendo hoje, comprovando-se a verdade desta interpretação com a experiência e confirmando-se ser este o verdadeiro sentido da profecia com o cumprimento dela; porque, se bem contarmos os reinos em que hoje está dividido ou despedaçado o que antigamente foi e se chamava Império Romano, acharemos pontualmente que são dez reinos: Portugal, Castela, França, Inglaterra, Suécia, Dinamarca, Moscóvia, Polónia e Estado ou Império Turco, e o mesmo Império Romano, que compreende Alemanha e Itália. E se uns reinos destes são maiores, outros menores, uns mais fortes outros menos, essa mesma é a propriedade dos dedos, como nota neste lugar o mesmo autor alegado, e depois dele outros muitos: por *decem digitos partim ferreos et partim terreos significatur Romanum Imperium novissime iri in multa regna multosque reges, quorum alii maiores et potentiores, alii minores et imbecilliores futuri sint.*

Ao diante dividiremos estes mesmos dedos da estátua em outras partes que temos por mais pro-

---

23-27. Trad.: *Dez dedos, parte de ferro, parte de terra... que o Império Romano por último se dividiria em muitos reinos e muitos reis, dos quais seriam uns maiores e mais poderosos, outros menores e mais fracos.* Perério Valentino, *ibid., ibid.*

porcionadas; por agora baste esta divisão que nós pusemos em primeiro lugar por ser mais fácil, e porque, com a notícia vulgar que se tem do Mundo, pode ser entendida e percebida de todos. E posto
5 que Daniel nesta profecia não declara com tanta miudeza que a divisão do Império Romano há-de ser pontualmente em dez partes ou dez reinos, em outra profecia, como depois veremos, especifica este número, e nesta diz clara e expressamente que os
10 dedos dos pés da estátua significam a divisão do Império: *Porro quia vidisti pedum et digitorum partem testæ figuli et partem ferream: regnum divisum erit.*

Passa finalmente o mesmo Profeta a declarar o
15 mistério ou significação do barro de que os dedos eram compostos em uma parte juntamente com outra de ferro, e diz assim: ... *quod vidisti ferrum mistum testæ ex luto. Et digitos pedum ex parte ferreos, et parte fictiles: ex parte regnum erit soli-*
20 *dum, et ex parte contritum. Quod autem vidisti ferrum mistum testæ ex luto, commiscebuntur quidem humano semine, sed non adhærebunt sibi, sicuti ferrum misceri non potest testæ.* Nas quais palavras diz Daniel que o barro dos pés da estátua significava

---

11-13. *E quanto ao que viste dos pés e dos dedos serem uma parte de barro de oleiro e outra de ferro, será esse reino dividido... Daniel, ibid.,* 41.

17-23. Trad.: *...segundo tu viste, o ferro estava misturado com a terra e o barro. E os dedos dos pés em parte de ferro, em parte de barro, significam que esse reino será em parte firme e em parte frágil. E como viste o ferro misturado à terra e ao barro, assim se hão-de misturar pelo sangue, mas sem se unir entre si, tal como o ferro não pode misturar-se com o barro. Ibid., ibid.,* 41-43.

a debilidade e fraqueza a que o Império Romano, depois de tanta potência, havia de descair, principalmente na sua última idade e declinação, que é o estado em que o vemos. Adverte, porém, o
5 Profeta que não eram os dedos totalmente de barro, senão compostos parte de barro e parte de ferro, porque nesse mesmo estado de sua declinação, debilidade e fraqueza conservaria o Império algumas partes sólidas em que permanecesse a dureza e forta-
10 leza do antigo ferro de que todo antes era formado, que é, ao pé da letra, o que se tem visto e experimentado no Império Romano, desde o tempo de sua maior declinação a esta parte, em tantas ocasiões de guerras e batalhas contra Turcos, contra herejes
15 e contra alguns príncipes cristãos, nas quais em defesa da própria e da Igreja têm pelejado os exércitos imperiais com grande valor, disciplina e constância, e alcançado de seus inimigos gloriosas vitórias. E a mesma oposição tão bizarra com que
20 as armas do Império nas fronteiras de Alemanha e Hungria, e o mesmo Imperador em pessoa estão hoje resistindo às invasões do Turco e poder otomano, que outra cousa são ainda, senão partes e partes muito sólidas daquele mesmo ferro?
25 Mas vindo às partes de barro: estas são (diz Daniel) aquelas províncias e nações que, sendo partes do antigo Império Romano, se desuniram e tiraram de sua sujeição, e formaram novos reinos, os quais, ainda que em si mesmos sejam muito
30 poderosos e fortes, e verdadeiramente se possam chamar partes de ferro, em respeito porém do Império de que se apartaram e que tanto desuniram e enfraqueceram com sua separação, não são nem se podem chamar senão partes de barro. E tal é hoje

o Reino de França, o de Inglaterra e da Suécia, e o mesmo de Castela ou Espanha, em respeito do Império Romano. E porque não cuidasse alguém que a união que se perdeu pela separação das coroas se recuperou e supriu pela conjuração do sangue, casando os imperadores nas casas reais dos outros príncipes e os reis na dos imperadores, e sendo estes muitas vezes eleitos das mesmas famílias que do Império se apartaram, acode Daniel a esta objecção, dizendo: *Commiscebuntur quidem humano semine* «misturar-se-ão e ligar-se-ão no sangue», *sed non adhærebunt sibi* «mas nem por isso se unirão nem ligarão entre si», *sicuti ferrum misceri non potest testæ,* «bem como o ferro se não pode unir nem ligar com o barro.» A tanta miudeza como isto desceu o Profeta, acrescentando em todas estas circunstâncias novas e admiráveis confirmações à verdade da sua Profecia.

Quantas vezes se intentou na Europa que entre os imperadores e reis da Cristandade se estabelecesse uma liga firme, interpondo-se para isso a autoridade dos Sumos Pontífices, e quantas vezes se liaram os mesmos príncipes entre si por meio de recíprocos casamentos, sem jamais se conseguir a união desejada! Que imperador ou que rei houve na Cristandade há muitos anos que, se gota por gota lhe distinguirem o sangue, não tenha cada um dos outros príncipes quase iguais partes nele? E que guerras vimos ou sabemos entre estas coroas, em que o sangue que de uma e outra parte se defende, e ainda o que se derrama, não seja o mesmo? Tão misturado anda o sangue nestas últimas relíquias do Império Romano, mas tão resumido sempre, e por isso o mesmo império tão enfraquecido!

Nasceu juntamente com Roma esta fatal desunião contra o respeito do sangue em Rómulo e Remo; viu-se no casamento de Pompeu com Júlia, filha de Júlio César, e no de Marco António com Octávia,
5 filha de Octávio, quão fàcilmente se desatam, antes, se amarram contra si, as mesmas mãos que pelo matrimónio se uniram. Mas não são estes exemplos tão antigos os de que fala a profecia de Daniel, porque não são os dos pés da estátua ou os dos
10 dedos dos pés. *Significam os dedos dos pés da estátua as últimas extremidades do Império Romano e a sua duração, e, se eu me não engano, no mesmo dia em que isto estou escrevendo se está cumprindo esta profecia.* Que casa real há no Mundo mais
15 ligada com a do Império, que ramo há que seja mais próprio daquele tronco, e que sangue mais repetidamente unido por multiplicados casamentos que o de Áustria e Castela? E que pessoa real há também em que mais apertadamente estejam atados estes
20 vínculos e mais dobrados todos estes respeitos que na de El-Rei Filipe IV, primo do Imperador, cunhado do Imperador, genro do Imperador? Considere agora o Mundo o estado em que o mesmo Imperador se achou no ano passado e em que se acha no presente,
25 com os poderosos exércitos do Turco metidos dentro na Áustria, e quase, batendo às portas de Praga, corte do Império, os campos talados, as cidades destruídas, os homens bàrbaramente mortos a sangue-frio, as mulheres e meninos cativos e transmigrados
30 para a Turquia, os templos e pessoas dedicadas ao templo em abomináveis sacrilégios profanados, e, depois de profanados, abrasados e feitos em cinzas; e neste mesmo tempo em que o ferro de Espanha se havia de unir todo ao ferro do Impéro, vemo-lo

todo infelizmente convertido contra Portugal, mas por isso mesmo infelizmente! Se este ferro se unira ao Império contra o Turco, fora ferro, mas, porque se desune dele em tal ocasião e se converte contra Portugal, é barro.

Barro e barro quebradiço, foi o ano passado e, por mais que se mostre ou ameace ferro, barro há-de ser também no presente. Quanto melhor e mais católica acção fora, e quanto de maior exemplo para todos os príncipes católicos e de menor escândalo para os hereges e para os mesmos Turcos, se o sangue espanhol, e tão valoroso, que de uma e outra parte se desperdiça, com lástima e lágrimas da Igreja, no campo de Portugal e Castela, se empregara com glória imortal de ambas as coroas em defesa da Fé, da Cristandade, da Religião, e da mesma cabeça dela, a quem tão de perto ameaça este golpe! Mas quando todo o poder de Espanha se havia de achar unido contra o Turco em socorro de Alemanha e Itália, despovoam-se os presídios de Itália, levantam-se os de Alemanha e chamam-se todos a Castela contra Portugal, para que triunfem nas bandeiras otomanas as luas de Mafoma, e se conquistem e sejam vencidas nas portuguesas as chagas de Cristo!

Este é o barro dos pés da estátua, esta é a fraqueza das extremidades do Império Romano, esta é a queixa que Daniel explica e pondera na mesma fraqueza, mostrando que a principal causa de toda ela é a desunião daquelas partes que por serem mais conjuntas em sangue e parentesco, tinham obrigação de ser mais unidas — *commiscebuntur quidem humano semine* — isto é, casará o Imperador Fernando com Maria, irmã de el-Rei

Filipe IV, casará Filipe IV com Leonor, filha de Fernando; mas nas últimas extremidades do Império Romano e nos seus maiores apertos e trabalhos não se acharam parentes nem aderentes — *sed non* 5 *adhærebunt sibi.*

Temos visto até aqui, desde a cabeça até os pés da estátua, o primeiro, segundo, terceiro e quarto império; segue-se agora ver o quinto na mesma história do sonho de Nabuco e na mesma inter- 10 pretação de Daniel, o qual, depois das palavras ùltimamente referidas, continuou e concluiu desta maneira: *In diebus autem regnorum illorum* etc.... *quæ ventura sunt postea.* Quer dizer: aquela pedra, ó Rei, que viste arrancar e descer do monte, que 15 derrubou a estátua e desfez em pó e cinza todo o preço e dureza de seus metais, significa um novo e quinto Império que o Deus do Céu há-de levantar no Mundo nos últimos dias dos outros quatro. Este Império os há-de desfazer e aniquilar a todos, e ele 20 só há-de permanecer para sempre, sem haver de vir jamais por acontecimento algum a domínio ou poder estranho, nem haver de ser conquistado, dissipado ou destruído, como sucedeu ou há-de suceder aos demais. Estas são as cousas futuras que Deus te quis 25 mostrar, ó Rei, e este é o sonho que tiveste e esta a verdade de sua interpretação — *et verum est somnium et fidelis interpretatio ejus.*

Depois de contar Daniel toda esta prodigiosa história, acrescenta imediatamente o que Nabuco-

---

12-13. Trad.: *Porém, nos dias daqueles reinos que depois hão-de vir. Ibid.*, 44.

26-27. Trad.: *É verdadeiro o sonho e fiel a sua interpretação. Daniel*, II, 45.

donosor lhe fez e o que lhe disse. O que lhe disse foi: *Vere Deus vester Deus deorum est, et Dominus regum, et revelans mysteria, quoniam tu potuisti aperire hoc sacramentum.* «Verdadeiramente o Deus
5 que adoras, ó Daniel, é o Deus dos deuses e o Senhor dos reis, e o que só conhece e revela os mistérios escondidos aos homens, pois tu, alumiado por ele, pudeste declarar este grande segredo e sacramento. O que fez Nabuco no mesmo tempo, e ainda
10 antes de dizer estas palavras, refere o mesmo texto em as seguintes: *Tunc rex Nabuchodonosor cecidit in faciem suam, et Danielem adoravit, et hostias et incensum præcepit ut sacrificarent ei.* «Tanto que o rei acabou de ouvir a Daniel, prostrou-se diante
15 dele e adorou-o com o rosto em terra, e mandou que lhe oferecessem incenso e sacrifício.» Se isto fez Nabucodonosor a Daniel, quando lhe disse que seu império se havia de acabar e passar outros quatro, que faria se lhe dissesse ser ele o senhor
20 do quinto? Naquele tempo pagava-se a interpretação de uma profecia infeliz com adorações e sacrifícios, hoje pagam-se *as interpretações felicíssimas com opróbrios e calúnias.*

Mas este ponto ficará para seu tempo e para seu
25 lugar. O que deste sòmente quero recolher e deixar assentado é que, depois dos três impérios dos Assírios, Persas e Gregos, que já passaram, e depois do quarto, que ainda hoje dura, que é o romano, há-de haver um novo e melhor império que há-de
30 ser o quinto e último. Esta suposição é de fé, porque

2-4. *Ibid., ibid.,* 47.
11-13. *Ibid., ibid.,* 48.

assim o lemos nas Escrituras, é de experiência, porque assim o mostrou o sucesso dos tempos, e é de razão, porque assim se infere por bom discurso.

CAPÍTULO II

Segunda profecia de Daniel

Não é cousa nova em Deus, quando revela cousas
5 grandes, significar por repetidas visões o mesmo mistério e duplicar por diferentes figuras a mesma revelação. Assim mostrou antigamente a José suas felicidades, primeiro no sonho das paveias dos onze irmãos que adoravam a sua, e depois no do Sol
10 e nas estrelas que lhe faziam a mesma adoração. Assim mostrou a El-Rei Faraó os sete anos da fartura e os outros sete da fome, primeiro no sonho das sete vacas robustas e sete fracas, e depois no das sete espigas gradas e sete falidas. E assim nos
15 tempos em que agora imos, depois de revelar Deus a Daniel o secreto do Quinto Império, no sonho de Nabucodonosor e na visão daquela estátua, em outro sonho e em outras figuras lhe fez segunda vez a mesma representação, nada menos misteriosa e cheia
20 de circunstâncias, que a primeira, antes mais portentosa em tudo e mais notável.

Passados 47 anos depois daquela visão (que foi o ano 54 do último cativeiro de Babilónia), reinando já nela Baltasar, que sucedeu a Nabuco no Império
25 dos Assírios ou Caldeus, viu o Profeta Daniel em uma visão de noite, (ou fosse dormindo e em sonhos, como tem a opinião mais comum dos Doutores, ou fosse, como outros suspeitam, acordado, velando)

viu, digo, que os quatro ventos principais se davam batalha no meio do mar e levantavam uma horrível e furiosa tempestade; mas o mar assim perturbado e temeroso não era mais que o teatro em que haviam
5 de sair a representar quatro figuras horrendas, a que o profeta chama *bestas grantes: ...et ecce quatuor venti cæli pugnabant in mari magno, et quatuor bestiæ grandes ascendebant de mari diversæ inter se.*

«Saiu a primeira besta semelhante a uma leoa com
10 asas de águia; pôs o Profeta nela os olhos, e não levou assim muito tempo, até que lhe foram tiradas ou arrancadas as asas. E logo levantou as mãos da terra e se pôs em pé e ficou em figura de homem.» Vejam lá os leões se lhes tira Deus as asas para
15 [que] sejam homens! *Prima [bestia] quasi leæna et alas habebat aquilæ; aspiciebam donec evulsæ sunt alæ ejus, et sublata est de terra, et super pedes quasi homo stetit, et cor hominis datum est ei.*

«Saiu a segunda besta semelhante a um urso,
20 firmou-se sobre os pés e parou; tinha três ordens de dentes, entre os quais trazia três bocados, e diziam-lhe que comesse e se fartasse de carne.» *Et ecce bestia alia similis urso in parte stetit; et tres ordines erant in ore ejus, et in dentibus ejus, et sic*
25 *dicebant ei: Surge, comede carnes plurimas.*

«Depois desta saiu a terceira besta semelhante a leopardo, e tinha quatro asas como ave e quatro

---

6-8. Trad.: *...e eis que os quatro ventos se davam batalha no vasto mar e quatro grandes alimárias subiam das águas, diversos entre si. Daniel,* VII, 203.

18. *Ibid., ibid.,* 4.

25. *Ibid., ibid.,* 5.

cabeças; e foi-lhe dado grande poder.» *Post hæc aspiciebam, et ecc alia quasi pardus, et alas habebat quasi avis, quatuor super se et quatuor capita erant in bestia et potestas data est ei.*

5 Durava ainda a noite, diz o Profeta, e por fim de todas entrou «a quarta besta, horrível, espantosa e muito forte. Tinha os dentes de ferro grandes com que comia e despedaçava tudo, e o que lhe caía da boca ou não queria comer pisava com os pés.
10 Era mui diferente de todas as outras bestas, e tinha na testa dez pontas». *Post hæc aspiciebam in visione noctis, et ecce bestia quarta terribilis atque mirabilis, et fortis nimis, dentes ferreos habebat magnos, comedens atque comminuens, et reliqua pedibus suis*
15 *conculcans: dissimilis autem erat ceteris bestiis, quas viderant ante eam, et cornua decem.*

Enquanto tudo isto notava, Daniel via que de entre as dez pontas da quarta besta saía uma ponta menor que as outras, a qual obrou grandes estragos
20 e outras cousas prodigiosas, cuja narração e mistérios pertencem ao Livro V desta nossa História, para onde o reservamos, como também outras circunstâncias desta mesma visão que expenderemos em seus lugares.

25 E continuando o que pertence a este, «levantou Daniel os olhos ao céu e viu que se armava um tribunal de juízo, cheio com grande aparato de horror, grandeza e majestade. Trouxeram-se cadeiras e assentou-se em um alto trono um velho de
30 venerável ancianidade, a quem o Profeta chama

---

4. *Ibid., ibid.*, 6.
16. *Ibid., ibid.*, 7.

Antigo dos dias, cujo cabelo era todo branco, e brancas as roupas de que estava vestido, aquele como arminhos, estas como neve; a matéria do trono era fogo, umas rodas sobre que o trono estava levantado também fogo, e de fogo também um rio arrebentado que da boca lhe saía. Os ministros que lhe assistiam de uma e outra parte eram milhares de milhares; assentaram-se os conselheiros ou juízes assessores; vieram os livros e abriram-se». Este é o aparato daquele tribunal e juízo, descrito ou construído ao pé da letra, como fazemos, para maior crédito da verdade em tudo o mais que imos referindo, e por isso repetimos as palavras do texto: *Aspiciebam donec throni positi sunt, et Antiquus dierum sedit: vestimentum ejus candidum quasi nix, et capili capitis ejus quasi lana munda. Thronus ejus flammæ ignis: rotæ ejus ignis accensus. Fluvius igneus, rapidusque egrediebatur a facie ejus. Millia millium ministrabant ei, et decies millies centena millia assistebant ei: judicium sedit, et libri aperti sunt.*

A primeira sentença ou execução que saiu deste juízo foi que à primeira, segunda e terceira besta se tirasse todo o poder, limitando-se a cada uma o tempo determinado de sua duração, o qual acabado, acabaram. Acabou também a quarta besta, porque «viu o Profeta que fora morta violentamente, e que todo aquele grande corpo perecera, e que fora entregue ao fogo para ser queimado», não ficando de tanta grandeza e bravosidade mais cinzas.

21. *Ibid., ibid.,* 9-10.

Et vidi quoniam interfecta esset bestia, et perisset corpus ejus, et traditum esse ad comburendum igni; aliarum quoque bestiarum ablata esset potestas, et tempora vitæ constituta essent eis usque ad tempus
5 *et tempus.*

Torna a dizer o Profeta que «ainda durava a noite e viu vir rodeado de nuvens do céu um como filho do homem, o qual chegou ao trono do Antigo de Dias e o ofereceram em sua presença. E ele lhe deu
10 o poder, a honra e reino de todo o Mundo, para que todos os povos e todos os tribos, e todas as línguas o obedeçam e sirvam. Este seu poder será eterno, eterno também o reino, porque nunca jamais lhe será tirado.» *Aspiciebam ergo in visione noctis, et*
15 *ecce cum nubibus cæli quasi filius hominis veniebat, et usque ad Antiquum dierum pervenit; et in conspectu ejus obtulerunt eum. Et dedit ei potestatem et honorem et regnum; et omnes populi, tribus et linguæ ipsi servient: potestas ejus, potestas æterna*
20 *quæ non auferetur; et regnum ejus, quod non corrumpetur.*

Esta é pontualmente a relação de todo o sonho ou história enigmática, representada nele. «Com a qual (diz Daniel) ficou o meu espírito assombrado

---

5. A tradução, antes paráfrase, de Vieira vai até *para ser queimado* (=*ad comburendum igni*). Para o que se segue a tradução é: *também das outras alimárias foi o poder tirado e a duração da vida lhes tinha sido assinalada até um tempo e um tempo. Ibid., ibid.* 12.

20-21. Falta na tradução de Vieira a última cláusula: *et regnum ejus non corrumpetur*, a que corresponde o português: *e o reino deste não será corrompido. Ibid.*, VII, 14.

e cheio de horror. E volvendo eu no pensamento que significariam aquelas cousas, cheguei-me a um dos ministros que ali assistiam, pedindo-lhe me quisesse declarar o verdadeiro sentido delas. E ele o fez assim e me ensinou a interpretação e mistérios de tudo o que tinha visto».

Até aqui o mesmo Profeta, o qual, porém, referindo a dita interpretação, passa em silêncio algumas circunstâncias dela, sem dúvida para não exceder a brevidade que no princípio deste capítulo tinha prometido. *Daniel somnium vidit, et somnium scribens brevi sermone comprehendit; summatimque perstringens ait.* E a razão de passar por aquelas circunstâncias tão brevemente ou foi porque as supôs bastantemente declaradas na visão do segundo capítulo ou sonho de Nabucodonosor que acabamos de explicar, ou certamente porque as julgou de menos importância ao seu interesse principal, que é a demonstração do *Quinto Império*, exprimindo com grande particularidade e miudeza tudo o que pertence a ele, como agora veremos.

Primeiramente diz Daniel (ou disse a Daniel o seu intérprete) que «aquelas quatro bestas grandes significavam quatro reinos ou quatro impérios, que sucessivamente se haviam de levantar no Mundo, depois dos quais se havia de seguir outro quinto reino ou império, que o mesmo intérprete chama *Reino dos Santos do Altíssimo*, o qual não há-de ter mudança nem variedade, nem outro reino algum ou império que lhe suceda, porque há-de durar para sempre. *Hæ quatuor bestiæ magnæ quatuor sunt regna, quæ consurgent de terra. Suscipient autem regnum sancti Dei altissimi; et obtinebunt regnum usque in sæculum et sæculum sæculorum.*

Esta é a interpretação em comum que deu o intérprete do Céu a toda a visão, sobre a qual nos explicaremos mais particularmente, declarando todas as figuras dela pela mesma ordem com que foram
5 saindo, advertindo o que o Profeta e seu intérprete exprimiram, e suprindo com a exposição dos Doutores o que eles calaram, coligido porém tudo imediatamente do mesmo que dizem. Não declara Daniel que ventos fossem aqueles, nem que tempestades
10 se levantaram no mar antes de sair nele as quatro bestas, mas todos os expositores concordam em que o mar significava o Mundo, e os ventos e tempestades que o alteraram as alterações, movimentos, guerras e perturbações que se costumam experimentar no
15 mesmo Mundo, quando nele se levantam novos impérios.

Mas, antes que passemos adiante, satisfaremos um argumento que nos fica no texto de Daniel, porque não deixemos o inimigo nas costas. Diz o
20 texto que levantará Deus esta nova monarquia *in diebus regnorum illorum,* nos dias daqueles impérios. Logo, esta monarquia não é futura se não passada, porque dos quatro impérios já passaram totalmente os três, que são o dos Assírios, o dos Persas
25 e o dos Gregos, e o quarto, que é o Romano, também está na última declinação. Respondo que o Profeta na sua interpretação se acomodou com grande propriedade à figura do enigma que declarava. Porque Deus, no sonho de Nabucodonosor, representou
30 todos os quatro impérios, não como quatro corpos ou quatro indivíduos, senão como um só corpo ou

---

21. Trad.: *nos dias daqueles reinos. Ibid., ibid.,* 44.

um só indivíduo. Por isso viu o Rei não quatro estátuas senão uma só estátua; e assim como dos quatro corpos dos quatro impérios se formou um só corpo, assim das quatro durações dos quatro impé-
5 rios se há-de compor uma só duração, donde se segue que com toda a verdade se pode afirmar que sucederá nos dias daqueles Reinos o que suceder nos dias de qualquer deles. Exemplo: a vida de um homem compõe-se de muitas idades, e o que acon-
10 tece em qualquer destas idades se diz com toda a propriedade e verdade que acontece nos dias daquele homem. Da mesma maneira a duração da estátua dos impérios era composta de diferentes idades. A sua primeira idade, que é o tempo dos Assírios,
15 foi idade de ouro, a segunda, que é o tempo dos Persas, foi idade de prata, a terceira, que é o tempo dos Gregos, foi idade de bronze, a quarta, que é o primeiro Império dos Romanos, foi idade de ferro, a quinta, que é este último tempo dos mesmos
20 Romanos, é idade de ferro e barro. E basta que nesta última idade, como decrépita, daquela estátua ou daqueles reinos se haja de levantar o *Quinto Império,* para que com toda a verdade e com toda a propriedade se verifique havê-lo Deus de levantar
25 nos dias daqueles reinos; *in diebus regnorum illorum.* Assim que o Império que promete Daniel não é império já passado, senão que ainda está por vir ([a]).

([a]) Esta última alínea devia, segundo plano posterior, formar o capítulo III, com o título: *Responde se a hũa difficuldade da mesma profecia de Daniel,* e este princípio: «Assentada a primeira pedra deste nosso edifício a segunda que havemos de pôr sobre ela é cortada da mesma veia. Mas antes que passemos adiante, satisfaremos, etc.»,

CAPÍTULO III

Prova-se o mesmo contra outra profecia de Zacarias

Assim como Deus dobrou as visões, assim dobrou também as testemunhas, e a mesma sucessão de impérios que revelou a Daniel em umas figuras a mostra agora ao Profeta Zacarias em outras. A pri-
5 meira profecia de Daniel foi a mesma de Nabucodonosor, a segunda em tempo de Baltasar, que sucedeu a Nabuco; esta terceira de Zacarias em tempo de Hidaspes, que sucedeu a Baltasar. De modo que, assim como iam sucedendo os reis, iam sucedendo
10 as profecias, e Deus multiplicando as revelações, mas sempre mostrando pela mesma forma primeiro os quatro impérios e depois o quinto.

Diz pois o Profeta Zacarias, no capítulo VI da sua profecia, levantando os olhos (ou levantado-lhos
15 Deus da atenção das cousas presentes para a visão das futuras), viu que do meio de dois montes de bronze saíam quatro carroças puxadas por quatro cavalos, cada tiro ou parelha de diferentes cores. Pela primeira tiravam cavalos melados, pela segunda
20 murzelos, pela terceira pombos, pela quarta remendados; assim parece que se deve construir o texto na forma da nossa cavalaria, mas na frase do mesmo texto chama aos da primeira carroça *ruivos*, aos da segunda *negros*, aos da terceira *brancos*, aos da

---

continuando como no texto, pág. 30. Evidentemente saíra o capítulo curto em demasia, e talvez o autor pensasse em o ligar ao seguinte. — *(Nota de Lúcio de Azevedo)*.

quarta *vários,* e estes entre os outros diz que eram os mais fortes.

Vendo estas carroças Zacarias e não entendendo o que significavam, diz que o perguntou a um anjo
5 que falava dentro nele. Mas, ou porque este anjo falasse mais culto que o de Daniel, ou porque Zacarias se entendia por dentro com ele, acham os Doutores que explicou um enigma com outro, e mais trabalho tem dado aos expositores deste lugar a
10 declaração do Anjo que a visão do Profeta. Respondeu pois o Anjo que aquelas quatro carroças (dos montes não disse nada) eram quatro ventos doces que assistiam ao dominador da Terra para executarem suas ordens; e que os cavalos negros
15 tinham saído contra as terras do Norte, e após eles os brancos; os vários saíram contra as do Sul, e destes os mais fortes trataram de discorrer por toda a Terra, e que com licença do Dominador a tinham passeado toda.

20 Até aqui a interpretação do Anjo, na qual e na visão do Profeta seguiremos a comum sentença dos Doutores, que é desta maneira: estas carroças significam os mesmos quatro impérios que Deus mostrou a Daniel, e foram estes impérios representados ao
25 Profeta em figura de carroças, e declarados pelo Anjo em metáfora de ventos, para mostrar a violência e velocidade com que seus fundadores conquistariam e sujeitariam por armas os reinos, terras e gentes de que se haviam de formar os ditos impé-
30 rios; porque, ao uso daqueles tempos, a principal força dos exércitos consistia nas carroças armadas, que eram as que faziam maior estrago na guerra, como se vê nos casos tão celebrados.

Estas carroças diz o Anjo que estavam prontas

como ventos para execução dos mandados do Dominador da terra, porque Deus, como supremo Senhor dos Exércitos, se servia sempre das armas de todas as nações, principalmente destas quatro, como tão
5 poderosas para a execução de seus divinos decretos, os quais por altos e imutáveis são comparáveis aos dois montes de bronze donde saíam as carroças. A primeira carroça representava o Império dos Assírios, e tiravam por ela cavalos ruivos, que é
10 cor de fogo, para significar os danos, assolações e incêndios com que os Assírios conquistaram destruíram e abrasaram o povo hebreu, principalmente no cativeiro de setenta anos a que eles com razão chamavam *fornalhas da Babilónia*. A segunda car-
15 roça representava o Império dos Persas, e tiravam por ela cavalos negros, cor de tristeza e luto, porque também os Persas afligiram e foram lutuosos aos Hebreus, principalmente naquela grande aflição, quando El-Rei Assuero, marido de Ester, persua-
20 dido pelos enganos de Amão, tinha condenado a morrer em um dia com crueldade inaudita toda a nação hebreia. A terceira carroça representava o Império dos Gregos e tiravam por ela cavalos brancos, cor pacífica e alegre, porque, excepto
25 Antíoco (cuja tirania também serviu de matéria gloriosa aos triunfos dos Macabeus) os outros príncipes gregos sempre foram benéficos aos Hebreus, e mais que todos Alexandre Magno, fundador daquele império, cuja majestade, como escreve José,

---

29. José é o mesmo que Josefo, historiador hebreu. Vid. I vol. da *História do Futuro*, p. 55. Vieira refere-se ao que se conta no livro *De Antiquitatibus Judæorum*, liv. XI, cap. VIII.

não duvidou de adorar no templo ao pontífice Jada. Finalmente, a quarta carroça representava o Império Romano, e tiravam por ela cavalos vários, porque os Romanos, assim no ódio como na benevolência, 5 foram vários para com os Hebreus, uns amigos e propícios, como Júlio César, Augusto, Tibério, Cláudio; outros inimigos, perseguidores e cruéis, como Pompeu, Calígula, Nero, Vespasiano, Adriano, Tito.

10 Restam por explicar os diferentes caminhos que disse o Anjo fizeram estas carroças, e primeiro que tudo se deve muito notar que da primeira carroça não disse cousa alguma, que é admirável confirmação de serem significados nas quatro carroças os quatro 15 impérios. Porque, como a primeira carroça significava o Império dos Assírios, que já havia muito tempo florescia, não tinha necessidade de intérprete nem declaração. E assim declarou sòmente o Anjo os três impérios seguintes, cuja fundação e sucessos 20 estavam ainda por vir. A segunda carroça, dos cavalos negros, que são os Persas, diz o Anjo que caminhou para as terras do Norte; e assim foi, porque os Persas devastaram e ocuparam a Babilónia que fica para a parte do Norte da Judeia, e ali 25 acabou o Império dos Assírios. A terceira carroça, dos cavalos brancos, diz que foi atrás da primeira, e assim sucedeu, porque os Gregos venceram e destruíram a Dario, último imperador dos Persas, junto à mesma Babilónia onde Alexandre, como escreve 30 Crítio e Plutarco, tomou o nome de Rei da Ásia. E a quarta carroça, dos cavalos vários, diz que foi para o Sul, e assim consta das histórias, porque os Romanos passaram por várias vezes à conquista do Egipto, que fica ao sul de Judeia, e depois da vitória

chamada *actíaca*, em que Augusto desbaratou a Cleópatra e Marco António, reduziu o mesmo Egipto a província, como escreve Suetónio, e ali acabou o Império dos Gregos. De toda esta combinação das
5 histórias com a profecia, e da consonância e harmonia dos tempos, lugares, nações, princípios, fins e todos os sucessos destes Impérios tão ajustados com as propriedades das figuras que os representavam, se faz certo e evidente argumento de que esta inter-
10 pretação é a sólida e verdadeira, e que isto foi o que Deus e o Anjo quiseram significar ao Profeta.

Ùltimamente diz que os cavalos mais fortes ou os robustíssimos da quarta carroça quiseram correr e passear toda a Terra, e que a correram e passearam;
15 e assim se verificou nos Romanos, que com sua potência e vitórias se fizeram senhores do Mundo e o meteram debaixo dos pés. Estes *robustíssimos* dos Romanos foram os seus maiores capitães e imperadores, como Cipião, Pompeu, César, Augusto,
20 Vespasiano, Trajano, Constantino, Teodósio, etc. E posto que os Romanos absolutamente não conquistaram o Mundo como é em si, porque nunca chegaram à América, que mais é uma metade que parte do Mundo, contudo diz o Anjo que correram
25 e passearam todo o Mundo no mesmo sentido em que Augusto, no seu edicto do tempo do nascimento de Cristo, mandou que todo o Mundo se alistasse, *ut describeretur universus orbis*. Mas Sanchez, para explicar a palavra *per omnem terram* em toda a sua

---

28. Trad.: *para que se descrevesse todo o orbe... por toda a terra*. Sanchez (Francisco) é o monge beneditino, de origem portuguesa, que por fins do século XVI e princípios do XVII se distinguiu como comentarista das Escrituras.

largueza, quer que não só nas terras do Mundo Antigo, senão nas da América, Mundo Novo, e nas da Índia Oriental, nunca conquistada nem ainda conhecidas pelos Romanos. E diz que aqueles *robustíssimos* de que fala o Anjo são os Espanhóis, verdadeiramente valentíssimos, audacíssimos e fortíssimos, pois conquistaram estas regiões novas e incógnitas, não pelejando contra os homens, como os antigos Romanos, senão contra os ventos, contra os mares, contra o Céu, contra o Sol, contra todos elementos e contra a mesma natureza, a que venceram e contrastaram. E para este autor perfilhar ou acomodar aos Romanos, conforme a profecia, estas vitórias próprias dos Espanhóis, e que de nenhum modo parece lhe competiam, leva o direito desta herança à origem que os Reis de Espanha trazem dos Godos, os quais Godos, como já tinha notado Ribeira, foram estipendiários dos Romanos e pelejaram debaixo de suas bandeiras, ajudando a defesa e conquista do Império, como fizeram ao Imperador Maximino contra os Partos e a Constantino contra Licínio.

Mas esta aplicação, como violenta e trazida de tão longe, com razão não é admitida de Cornélio à Lápide, que impugna fàcilmente. Contudo, porque esta glória que Sanchez dá aos Espanhóis toca pela maior e melhor parte aos Portugueses, pelas vitórias do Oriente a que o mesmo Cornélio chama *ad miraculum usque illustres,* por não deixar perder a nossa nação um título tão honrado como serem chamados por boca de um anjo *os mais fortes de todos os Romanos,* digo que os Portugueses e todos os Espa-

27-28. Trad.: *ilustres até ao milagre.*

nhóis se podem e devem entender debaixo do nome de Romanos, no sentido desta profecia, porque Espanha e Portugal foram colónias dos Romanos, e parte não só do Império, senão do povo romano,
5 e verdadeiros cidadãos romanos; ao que não obstava serem de diferente nação, como se vê em S. Paulo, que, sendo hebreu, apelou para o César, alegando que era cidadão romano e que só no tribunal de César podia ser julgado.

10 Além de que muitos portugueses eram filhos e netos dos Romanos, como muios romanos de Portugueses, pela união e comércio destas duas nações, assim em Portugal, onde viviam os presídios romanos, como nas guerras dos mesmos Romanos,
15 onde os Portugueses iam servir e merecer debaixo de suas bandeiras. E posto que qualquer destas razões e muito mais todas juntas são bastantes para que sem impropriedade se possa entender os Portugueses debaixo do nome de Romanos, o fundamento
20 principal sólido e certo desta interpretação é ser esta a mente e sentido em que falaram os mesmos Profetas, os quais entendem Império Romano todo o corpo íntegro do dito Império, e todas as partes de que ele se compôs e inteirou quando esteve em
25 sua maior grandeza, ainda que essas mesmas partes depois se desunissem do mesmo Império e lhe negassem obediência.

Vê-se claramente esta verdade na primeira profecia de Daniel, onde se diz que os pés e dedos da
30 estátua eram compostos de ferro e barro, e que o barro e o ferro não estavam unidos, na qual divisão de dedos e desunião de metais se significava que o Império Romano se havia de dividir em muitos reinos e senhorios menores, e que esses se

haviam de desunir da sujeição e obediência do mesmo Império. Assim o interpretou o mesmo Daniel: *Porro quia vidisti pedum et digitorum partem testæ figuli, et partem ferream, regnum divisum* 5 *erit;* as quais palavras comentando, Cornélio diz assim: *Potissimum vero divisum fuit hoc regnum ideoque enervatum cum variæ gentes ab ejus obedientia se subduxerunt, sibique proprios reges crearunt, uti fecerunt Hispani, Poloni, Angli, Franci,* etc.

10 De maneira que a divisão dos dedos e a desunião dos metais dos pés da estátua significava os reinos dos Espanhóis, Polacos, Ingleses, Franceses e os demais, que, sendo antes sujeitos aos imperadores romanos, lhes negaram a sujeição e se desuniram 15 deles. Mas contudo (que é o nosso intento) ainda assim divididos e desunidos se computam e reputam por parte da mesma estátua e do mesmo Império Romano, ainda que não sejam romanos, porque realmente são partes daquele corpo e daquele todo, 20 ainda desunidos dele. Destas nações pois e destes reinos de que se compunha o Império Romano, aqueles homens, que eram os mais fortes e valentes de todos, não se contentaram só com as terras dos outros impérios, mas que intentaram discorrer e 25 passear toda a redondeza da Terra. Estes foram os

---

3-9. Trad.: *E quanto ao que viste dos pés e dos dedos serem uma parte de barro e outra de ferro, será esse reino dividido... Daniel,* II, 41. *Na verdade, e principalmente, foi este reino dividido e por isso enfraquecido, quando vários povos se subtraíram à sua obediência e elevaram reis por si próprios, como fizeram os Hispanos, os Polacos, os Ingleses, os Franceses, etc.* À Lápide, *Comment. in-Prophetas Maiores; in Danielem,* II, 41, pág. 959.

Espanhóis, e entre os Espanhóis muito particularmente os Portugueses; porque a conquista dos mares e terras do Oriente, pela distância remotíssima das terras, pela dificuldade de navegações, pela diferença dos climas, pelo valor e potência das nações que se conquistaram, foi empresa de muito maior valor, resolução e esforço que a dos Castelhanos. Assim que, considerando todo o corpo do Império Romano e todas suas empresas, os fortes dos Romanos foram os Cipiões, os Pompeus, os Césares, os Augustos; os fortíssimos foram os Espanhóis, e entre esses Espanhóis os fortíssimos dos fortíssimos foram os Portugueses. Não somos nós que o dizemos, senão o anjo que falava em Zacarias: *Qui autem erant robustissimi, exierunt, et quærebant ire et discurrere per omnem terram; et dixit: Ite, perambulate terram: et perambulaverunt terram.* Finalmente, para que a profecia se entenda dos Espanhóis e Portugueses, era justo..................................
....

LIVRO II

Em que se mostra que Império há-de ser este

Suposto como deixámos assentado que há-de haver no Mundo um quinto e novo Império, segue-se que digamos que Império há-de ser: e assim o faremos em todo este II Livro.

14-17. *Os que, porém, eram os mais possantes saíram e procuravam correr por toda a terra, e disse: Ide, correi pela terra; e eles correram pela terra. Zacarias,* VI, 7.

Que o Quinto Império é o Império de Cristo e dos Cristãos

CAPÍTULO I

É conclusão certa e de fé que este Quinto Império de que falamos, anunciado e prometido pelos Profetas, é o Império de Cristo e dos Cristãos. Prova-se dos mesmos textos e profecias já alegadas, sobre
5 as quais fundaremos tudo o que dissermos nesta história, para maior clareza e firmeza dela, pois não é cerzida de pedaços ou retalhos das Escrituras, senão cortada toda da mesma peça.

Primeiramente aquela pedra que derrubou a está-
10 tua e desfez as quatro monarquias figuradas nos quatro metais, e depois cresceu e a sua grandeza ocupou e encheu toda a Terra, é Cristo, o qual em outros muitos lugares da Sagrada Escritura se chama *Pedra*. Ele foi a pedra que no deserto matou a sede
15 aos filhos de Israel e os acompanhou até a terra da Promissão. Ele foi a pedra com que David derrubou ao gigante, em significação de que por meio e virtude de Cristo havemos de vencer o Mundo e o Demónio. Ele foi a pedra que viu Zacarias, e sobre ela sete
20 olhos, *super lapidem unum septem oculi,* que são os sete dons do Espírito Santo, o qual infundiu todo e descansou sobre Cristo. Ele foi a pedra sobre que adormeceu Jacob, quando se lhe abriu o Céu e viu a escada; ele a pedra sobre que sustentou os braços
25 levantados de Moisés, quando venceu os exércitos de Amalec; ele finalmente a pedra angular, a que

---

20. Vid. *Zacarias,* III, 9.

uniu os dois povos gentílicos e judaico, e a pedra fundamental e provada sobre que se fundaram na Lei antiga a Igreja de Sion e na nova a do mesmo Cristo. Esta pedra pois foi a que, arrancada do
5 monte, derrubou a estátua e desfez os quatro impérios dos Assírios, Persas, Gregos e Romanos, para fundar e levantar o seu sobre todos eles. Assim o dizem conformemente neste lugar não só todos os Padres e expositores católicos, senão também os
10 hereges e até mesmo Rabinos, os quais acertam em dizer que nesta pedra está profetizado o Reino do Messias, e erram sòmente em não crerem que o Messias é Cristo.

Diz Daniel que esta pedra caiu de um alto monte,
15 arrancada dele sem mãos. E este monte ou é o Céu e o seio do Eterno Padre, donde desceu Cristo quanto a divindade, como interpreta S. Ambrósio; ou é a nação hebraica, levantada naquele tempo como monte entre todas as outras nações do Mundo,
20 da qual o Verbo se dignou tomar e unir a si a humanidade, como explica S. Agostinho; ou finalmente é a Virgem Maria, Senhora Nossa, sublimada como monte altíssimo sobre todas as criaturas, como a mais perfeita e excelente de todas.

25 Esta é a sentença comum e mais recebida dos Padres e expositores deste lugar, com a qual concorda admiràvelmente a advertência de Daniel, que a pedra foi arrancada ou cortada do monte sem mãos: *Lapis abscissus de monte sine manibus;* por-
30 que na geração temporal de Cristo, sendo verdadeiro

---

29. Trad.: *pedra arrancada do monte sem intervenção das mãos. Daniel,* II, 34.

homem, não tiveram parte mãos de homem, toda foi obra sobrenatural e divina, suprindo o Espírito Santo e a virtude do Altíssimo o que nela faltou de concurso humano. Assim o notou o mesmo
5 S. Agostinho, S. Hierónimo, S. Ireneu, S. Júlio, S. Epifânio, Teodoreto, Ruperto e muitos outros Padres.

Na segunda visão de Daniel ainda consta mais claramente e por termos mais expressos que este
10 Império é o de Cristo. ...*et ecce* (diz o Profeta) *cum nubibus cæli quasi filius hominis veniebat, et usque ad Antiquum dierum pervenit: ...et dabit ei potestatem et honorem et regnum,* etc.; De sorte que a pessoa a quem foi dado por Deus o Quinto Império
15 de que Daniel fala neste lugar (como vimos) era o Filho do Homem. E que cousa há mais certa e frequente no Evangelho que chamar-se Cristo Filho do Homem? *Quem dicunt homines esse filium hominis? Væ autem homini illi per quem filius*
20 *hominis tradetur! Tunc videbunt filium hominis venientem in nubibus cæli.* Não repito os autores desta explicação, porque são todos, e porque o texto é tão claro que não há mister intérpretes. Só reparou Maldonado que não se chama Cristo

---

10-13. Trad.: *...e eis como o Filho do Homem vinha com as nuvens e chegou perto do Antigo dos dias* [...] *e ele lhe deu o poder, a honra e o reino. Daniel,* VII, 13 e 14.

18-20. Trad.: *Quem dizem os homens que é o Filho do Homem? Mas ai daquele homem por quem o Filho do Homem for traído! Então verão o Filho do Homem que vem nas nuvens do céu. S. Mateus,* XVI, 13; XXVI, *24 e 64.*

neste lugar *Filho do Homem* absolutamente, sendo *quasi filius hominis,* para denotar o Profeta que entre este homem e os outros homens havia diferença: os outros são puros homens, Cristo é homem
5 e Deus juntamente; assim que aquele *quasi* significa a falta de substância humana, postoque tão superiormente suprida com a divina. E porque Deus não havia de ter subsistência humana como os outros homens, posto que tivesse a mesma natureza como
10 eles, não lhe chama por isso o Profeta *homem,* senão *quase homem — quasi filius hominis.* Quem havia de duvidar que em um *quasi* cabia uma distância infinita?

A terceira visão de Zacarias confirma ainda com
15 maior propriedade ser Cristo o Senhor deste Império. Já dissemos que a coroa ou coroas que foram postas sobre a cabeça de Jesus, filho de Josedec, significavam o mesmo Império Quinto profetizado por Daniel: e que seja Cristo o soberaníssimo Mo-
20 narca que Zacarias viu coroar naquela figura, não só o confessa a Igreja Universal na aplicação deste lugar, e a opinião comum de todos os Padres e Doutores, senão ainda muitos hebreus, que sem ódio escreveram antes de Cristo. *Communis est Patrum*
25 *sententia et multorum ex Hebræis quibus accedit Chaldæus sermonem hic esse de Messiah,* diz o doutíssimo Sanchez. De maneira que na primeira visão foi Cristo, significado com o nome comum e metafórico de *pedra,* na segunda com o nome particular de
30 *Filho do Homem,* na terceira com o nome propriís-

24-26. Trad.: *É comum sentença dos Padres e de muitos de entre os Hebreus, aos quais se junta o Caldeu, que neste passo se fala do Messias.* F. Sanchez, *vid.* nota da pág. 34.

simo de *Jesus, Jesus filii Josedeci:* e em todas estas três visões em que Deus revelou aos seus Profetas a grandeza e majestade futura do Quinto Império, e os quatro a que ele devia de suceder, lhes mostrou 5 e revelou também que o Senhor e o Monarca deste Império havia de ser Cristo.

Com muitos outros textos da Escritura pudéramos confirmar esta mesma conclusão, mas porque tudo o que havemos de dizer nesta história será uma 10 continuada prova e confirmação dela, bastem os textos alegados, que são, como dizia, os fundamentais de toda ela.

Mas porque no princípio deste capítulo dissemos que o Quinto Império era o Império de Cristo e dos 15 Cristãos, tornemos à segunda visão de Daniel, onde Deus para consolação dos fiéis quis que nos ficasse expressa e revelada esta tão gloriosa verdade.

Depois de referir Daniel como Deus Padre, a quem ele chama o *Antigo dos dias,* dera ao Filho 20 do Homem aquele novo reino ou império, perguntou o mesmo Profeta a um dos anjos que assistiam ao trono a significação das cousas que via, e ele lhe disse por três vezes que o reino e império que vira dar ao Filho do Homem era o reino e império que os 25 santos do Altíssimo haviam de ter neste Mundo. No verso 18 daquele capítulo (que é o VII) diz assim: *Suscipient autem regnum Sancti Dei altissimi: et obtinebunt regnum usque in sæculum, et sæculum sæculorum.* E no verso 22: *Donec venit Antiquus*

27-29. Trad.: *Receberão, porém, o reino os santos do Senhor altíssimo; e estarão na posse dele por todos os séculos dos séculos* [...]. *Até que veio o Antigo dos dias*

dierum, et judicium dedit sanctis Excelsi, et tempus advenit, et regnum obtinuerunt sancti. E no 27: *Regnum autem, et potestas, et magnitudo regni, quæ est subter omne cælum, detur populo sanctorum Al-*
5 *tissimi; cujus regnum, regnum sempiternum est, et omnes reges servient ei et obedient.* Muitas cousas e muito grandes disse nestas palavras o Anjo, as quais ficam reservadas para se explicarem em seus lugares; por agora só nos serve (o que diz e repete tantas
10 vezes o Anjo) que aquele mesmo Reino que o eterno Padre deu ou há-de dar a seu filho Cristo é o Reino e o Império dos Santos, isto é, dos Cristãos. Assim o diz expressamente sobre estas palavras de Daniel o seu grande comentador Perério, chamando a este
15 Quinto Império *Regnum Christi e Christianorum,* Reino de Cristo e dos Cristãos. *Deinceps* (diz ele) *pugnandum nobis est cum Judæis qui Christianis infensi infestique et iniquo animo ferentes, quæ de illo quinto Regno tam præclara et gloriosa prædixit*
20 *Daniel, ea ad Regnum Christi et Christianorum accommodari,* etc.

E que pelo nome de Santos, de que usa Daniel, se entendam e devam entender os Cristãos não é só

---

e deu sentença a favor dos santos do Excelso e chegou o tempo e os santos obtiveram o reino [...]. *E ao mesmo tempo se dê o reino e o poder e a grandeza do reino que está debaixo do céu ao povo dos santos do Altíssimo, cujo reino é reino eterno e todo os reis o servirão e lhe hão-de obedecer. Daniel,* VII, 18, 22 e 27.

16-21. Trad.: *De seguida, será mister combater contra os Judeus, permanentemente infestos aos Cristãos e com iníquo ânimo proclamando as coisas tão preclaras e gloriosas que Daniel anunciou daquele V Império.* Vid. Benedito Perério Valentini, op. cit., *Commentarium in Danielem,* cap. VII, p. 239.

explicação de intérpretes da Escritura, senão frase muito corrente e ordinária em toda ela. S. Paulo, escrevendo aos cristãos da cidade de Filipe, em Macedónia, no título ou sobrescrito da carta diz
5 assim: *Omnibus Sanctis in Christo qui sunt Philippis* «a todos os Santos em Cristo que estão em Philippis». E escreveu aos cristãos de Roma: *Omnibus qui sunt Romæ, dilectis Dei, vocatis Sanctis.* E na mesma epístola, exortando aos mesmos Romanos a que so-
10 corressem com suas esmolas aos cristãos necessitados: *Necessitatibus Sanctorum communicantes.* E saudando aos Filipenses no fim da espístola citada, em nome de alguns cristãos que estavam em serviço do Imperador, que então era Nero: *Salutant vos*
15 *omnes Sancti maxime autem qui de Cæsaris domo sunt:* «saúdam-vos, diz, todos os Santos, e principalmente os que estão em casa de César». Finalmente este era o ordinário modo de falar da primitiva Igreja, e assim lemos no capítulo IX dos *Actos dos Após-*
20 *tolos,* que usou da mesma frase Ananias, representando Cristo os grandes males que Saulo tinha feito contra os Cristãos: *Quanta mala Sanctis tuis fecerit.* E a este uso se chamaram as igrejas dos Cristãos *igrejas dos Santos,* conforme o texto da Epístola *ad*
25 *Corinthios: In ecclesiis Sanctorum doceo.*

A razão deste nome é tomada da santidade da Lei de Cristo que professam os Cristãos, os quais, assim como de Cristo se chamavam cristãos, assim

---

11. Trad.: *Socorrei as necessidades dos santos. Epístola aos Romanos,* XII, 13.
16. Vid. *Epístola aos Filipenses,* VI, 22.
22. Vid. *Acto dos Apóstolos,* IX, 93.
25. Trad.: *Ensino nas igrejas dos Santos.*

da Lei santa de Cristo se chamaram *santos*. E este é o sentido em que Daniel e o Anjo falaram naquela visão chamando a Cristo Filho do Homem, com a mesma frase com que depois se nomeou a Cristo, 5 e chamando ao Reino dos Cristãos *Reino dos Santos*, com a mesma frase com que depois se nomearam os Cristãos, bem assim como já antes de Daniel o tinha profetizado com o mesmo espírito Isaías: *Et vocabunt eos populus sanctus, redempti a Domino*. E 10 aquele povo remido por Deus será chamado pùblicamente *Povo santo*, que é em próprios termos o que depois se viu na Igreja e o que diz aqui o Anjo: *Regnum autem et potestas detur populo sanctorum*. E ambos estes nomes e as etimologias deles com- 15 preendeu S. Paulo no princípio da Epístola aos Romanos, em que lhe chama *Vocati Jesu Christi et vocatis Sanctis*, chamados de Jesus Cristo e chamados santos.

CAPÍTULO II

Pergunta-se se este Império de Cristo e dos Cristãos há-de ser neste Mundo ou no outro

Deu motivo a esta questão, entre os Padres gregos, 20 Teodoreto, e entre os latinos, Tertuliano, os quais concordavam com a verdade da nossa *História* em dizerem com os demais que o Quinto Império é o

---

8-9. Trad.: *E chamar-lhes-ão o povo santo, os remidos pelo Senhor. Isaías*, LXII, 12.

13. Trad.: *Que o reino e o poder se dê ao povo dos santos.*

de Cristo e dos Cristãos, mas que tem para si que há-de ser este Império no Céu e não na Terra. Fundam a sua opinião nas mesmas visões de Daniel, desta maneira:

5 Antes que a pedra cortada do monte (que é Deus e o seu Império) crescesse a toda aquela sua grandeza (diz Teodoreto), já todos os outros reinos e impérios do Mundo estavam derrubados e caídos, já o vento os tinha levado pelos ares, desfeito em 10 pó e em cinza, e já tinham desaparecido totalmente do Mundo, sem haver mais que a memória deles, nem se poder achar ou conhecer o lugar onde tivessem estado, como consta do texto: *Tunc contrita sunt pariter ferrum, testa, æs, argentum et aurum,* 15 *et redacta quasi in favillam æstivæ areæ quæ rapta sunt vento; nullusque locus inventus est eis; lapis autem qui percusserat statuam factus est mons magnus.* Sendo logo certo como é que os reinos, cidades, repúblicas e impérios do Mundo se não hão-de des-20 fazer em cinza, nem se hão-de acabar, senão quando se desfizer e acabar o mesmo Mundo na última ruína dele, segue-se que o Império de Cristo e dos Cristãos, de que fala Daniel, e aquela sua grandeza prodigiosa e que há-de crescer, não há-de ser neste Mundo, 25 senão no outro.

Tertuliano, fundado na mesma visão, e muito mais na segunda, argumenta assim: Este Reino ou

13-18. Trad.: *Então se quebraram a um tempo o cobre, a prata e o ouro, e ficaram reduzidos como a miúdas folhas que o vento leva fora da eira, em tempo de Verão, e em nenhum lugar depois se encontram; mas a pedra que tinha dado na estátua fez-se um grande monte, que encheu toda a terra. Daniel,* II, 35.

Império de Cristo e dos Cristãos há-de ser Reino perpétuo, incorruptível e eterno, como dizem expressamente as palavras de ambos os textos: *Regnum quod in eternum non dissipabitur; Regnum quod* 5 *non corrumpetur; Regnum usque in sæculum et sæculum sæculorum; Regnu sempiternum.* Os reinos deste Mundo todos de sua própria natureza são corruptíveis, e todos, por mais que durem e permaneçam, hão-de ter um com o mesmo Mundo, o qual é 10 de fé que se há-de acabar. Logo, se o Reino e Império de Cristo e dos Cristãos há-de ser perpétuo, incorruptível e eterno, clara e manifestamente se segue que não há-de ser império da Terra, senão do Céu.

15 Contudo a sentença comum dos Santos, e recebida e seguida como certa de todos os expositores, é que este Reino e Império de Cristo e dos Cristãos profetizado por Daniel (qualquer que haja de ser) é Império da Terra e na Terra. E posto que os autores 20 desta sentença mais supõem que aprovam, nós aprovaremos e demonstraremos com os textos das mesmas visões.

Daquela pedra que representava a Cristo e seu Império, diz Daniel, na primeira visão, que cresceu 25 e se fez um monte tão grande que ocupou e encheu toda a terra. *Lapis autem qui percusserat statuam factus est mons magnus et implevit universam terram.* Infiro agora assim:

Esta pedra e este Império de Cristo, que derribou 30 os outros impérios, cresceu? Logo, não é império do

---

3-6. Trad.: *Reino que jamais será dissipado; reino que não será corrompido; reino até a consumação dos séculos; reino sempiterno.*

Céu nem depois de acabado o Mundo; porque o Reino e Império de Cristo, depois de acabado o Mundo, de nenhum modo há-de crescer nem pode crescer. Não há-de crescer nem pode crescer no
5 número dos homens, porque, depois de acabado o Mundo e depois do Dia de Juízo, não há-de haver mais homens que vão ao Céu; não há-de crescer nem pode crescer na glória dos bem-aventurados, porque, desde aquele ponto, cada um há-de receber
10 por inteiro toda a glória devida a seus merecimentos; e como se acabou o tempo de mais merecer, assim se acabou o tempo de mais alcançar. Logo, se o Reino de Cristo e dos Cristãos há-de crescer depois daquele tempo, e crescer a uma grandeza tão imen-
15 sa, segue-se que esse crescimento há-de ser neste Mundo e não no outro. Mas para que são consequências, se as mesmas palavras do texto o dizem claramente? *Factus est mons magnus et implevit universam terram*. Se a pedra, crescendo, se fez um
20 grande monte, o qual grande monte encheu e ocupou toda a Terra, e este é o Império profetizado de Cristo, bem claro se mostra que é Império da Terra e não do Céu e que na Terra e não no Céu há-de ter toda esta sua grandeza.

25 Não negamos, porém, nem podemos negar que este Reino e Império de Cristo e dos Cristãos há-de durar também com o mesmo Cristo e os mesmos Cristãos depois de bem-aventurados por toda a eternidade no Céu; mas nem por isso há-de deixar de
30 ter na Terra a grandeza que nestes textos lhe é profetizada e prometida, antes a razão de haver de ter tanta grandeza no Céu, é porque a terá primeiro na Terra, no Céu consumada e perfeitíssima, como

se deve ao estado do Céu. Desta maneira se concilia e concorda fàcilmente a opinião de Tertuliano e Teodoreto com a verdade da nossa; este é o mais ordinário sentir de todos os expositores de Daniel, os quais dizem que este Reino e Império de Cristo e dos Cristãos há-de ser incoado na Terra e consumado no Céu, mas com tanta discrepância de tempos, como veremos em seu lugar, que agora só trataremos qual seja em comum o deste Império.

Os termos da segunda visão de Daniel ainda são (se podem ser) mais evidentes. *Regnum autem et potestas et magnitudo regni, quæ est subter omne cælum, detur populo sanctorum Altissimi.* «O Reino ou Império que se há-de dar ao povo dos Santos do Altíssimo, que são os Cristãos, é o poder e grandeza de todos os reinos que há debaixo do Céu.»

Podia-se dizer cousa mais clara? Parece que estava antevendo Daniel que havia de haver quem interpretasse esta sua visão em diferente sentido do que ele a escrevia, dizendo que este Reino havia de ser no Céu e não na Terra, pois posto se entenda e saiba que não é assim, adverte e nota sinaladamente o Profeta que não é Reino do Céu, senão de debaixo do Céu: *magnitudo regni, quæ est subter omne cælum, detur populo sanctorum Altissimi.*

Nas palavras que se seguem a estas declara mais em particular Daniel (ou o Anjo por ele) quem hão-de ser os súbditos deste Império, e diz em nova confirmação do que dizemos, que serão todos os reis

---

13. Vid. *Daniel*, VII, 27.

do Mundo, os quais o hão-de servir e lhe hão-de obedecer: *et omnes reges servient ei et obedient.*

Se os reis hão-de servir e obedecer a este Império, bem se colhe que há-de ser Império da Terra e não
5 do Céu, porque no Céu não se serve, nem se obedece, nem se merece, e só se goza o prémio do que se obedeceu, do que se serviu e do que se mereceu na Terra. Da Terra é logo este Império, e na Terra é que há-de ser servido e obedecido e reconhecida
10 de todos os reis dela, como bem advertiu Cornélio, comentando as palavras *subter omne cælum,* pouco atrás citadas: *Non quæ est super, sed quæ est subter omne cælum, id est in omni terra, sive in omni plaga cælo subjecta.*

15 Responder aos seus argumentos é igualmente fácil. Ao de Teodoreto dizemos que o texto de Daniel só fala das quatro monarquias representadas nos quatro metais da estátua, as quais nem cada uma por si nem todas juntas compreenderão nunca toda
20 a grandeza da Terra; e quando se diz que ficaram desfeitas em pó e desapareceram, e foram voadas do vento, e não se achou mais o lugar onde estivessem, não quer dizer que as terras, cidade e gentes das ditas monarquias se haviam de acabar e extinguir

---

2. Trad.: *e todos os reis o servirão e lhe hão-de obedecer. Ibid., ibid., ibid.*

12-14. Trad.: *Não as coisas que são baixas, senão as que estão debaixo da extensão do céu, isto é, em toda a terra e em todo o sítio por debaixo do céu.* A Lápide, *Comment. in Prophetas Maiores, in Danielem,* Cap. VII.

totalmente (como há-de acontecer a todo o Mundo no Dia de Juízo) senão que havia de se acabar seu mando, seu poder, seu império, sua soberania, como verdadeiramente se acabou a dos Assírios pela sucessão dos Persas, e a dos Persas pela sucessão dos Gregos, e a dos Gregos pela sucessão dos Romanos, e se acabará também a dos Romanos pela sucessão do Quinto Império. E isto quer dizer em frase da Escritura — *non inventus est locus ejus* — que «se não achou mais o seu lugar», porque sucederam outros nele, como se vê no exemplo de Judas, de quem fala a Escritura pelos mesmos termos, e consta que sucedeu em seu lugar S. Matias.

Ao argumento de Tertuliano que se fundava na eternidade do Quinto Império, já temos dito que a continuação dele no Céu há-de ser verdadeiramente eterna em toda a propriedade e largueza da significação desta palavra. Mas se entendermos o texto de Daniel da duração sòmente que o Império de Cristo e dos Cristãos há-de ser neste Mundo, pela palavra eternidade não se entende rigorosamente duração sem fim, senão continuação e permanência de muito tempo, que depois veremos quanto há-de ser. Entretanto basta saber-se que a palavra *eterno* tem este mesmo sentido e limitação em muitos lugares da Escritura, como notou S. Agostinho na *Questão 31.ª* sobre o *Génesis,* e mostraremos mais largamente quando escrevermos a duração do Quinto Império.

Mas para que tiremos todo o escrúpulo aos outros, razão será não passe sem satisfação uma grande dúvida que, por ser fundada nas mesmas palavras do texto de Daniel, não só pode embaraçar a verdade da nossa sentença, mas confirmar na contrária

os autores e seguidores dela. *Aspiciebam* (diz Daniel na segunda visão) *donec throni positi sunt, et Antiquus dierum sedit; vestimentum ejus candidum quasi nix, et capilli capitis ejus quasi lana munda; thronus* 5 *ejus flammæ ignis; rotæ ejus ignis accensus. Fluvius igneus, rapidusque egrediebatur a facie ejus. Millia millium ministrabant ei, et decies millies centena millia assistebant ei; judicium sedit et libri aperti sunt,* etc. E estas palavras por todas as circunstân- 10 cias do trono, do fogo, da assistência dos anjos, dos livros que se abriram e do mesmo nome de juízo, não só parece que significam, senão que estão demonstrando o vigor e majestade do juízo final, e assim o entendem mais ordinàriamente os expositores 15 desta visão. Logo, se o Reino e Império de Cristo e dos Cristãos há-de ser depois do juízo final, claramente se convence que não é nem há-de ser Império desde Mundo, senão do outro.

Respondo que é certo falar neste lugar o Profeta 20 de juízo, e juízo de Deus, e juízo rigoroso e de grande majestade; mas digo com a mesma certeza que este juízo não é o juízo final, em que Cristo há-de vir julgar os vivos e os mortos no fim do Mundo, senão um juízo particular, em que o Padre 25 Eterno há-de tirar o Reino e Império universal do Mundo ao tirano ou tiranos que então o possuírem,

---

1-9. Trad.: *Eu estava atento ao que via, até que foram postos uns tronos e o Antigo dos dias se sentou; o seu vestido era branco como a neve e os cabelos da sua cabeça como a limpa lã; o seu trono era de chamas de fogo, as rodas deste trono um fogo aceso. Diante dele saía um rio de fogo e arrebatado; um milhão de ministros o serviam e mil milhões assistiam diante dele; assentou-se o conselho e abriram-se os livros. Daniel,* VII, 9-10.

e para meter de posse e o entregar a Cristo, seu filho, como legítimo senhor e herdeiro dele, e aos professores de sua fé e obediência, que são os Cristãos.

CAPÍTULO III

Se este Império de Cristo no Mundo é espiritual ou temporal

5 Assentado, como acabámos de resolver, que este Império de Cristo e dos Cristãos, de que falam as profecias alegadas, é principalmente o da Terra e não o do Céu, ainda nesta suposição nos resta averiguar um ponto de grande importância e de cuja 10 decisão depende o maior fundamento de todo este nosso discurso. Porque este Império de Cristo, que dizemos há-de ser na Terra, ou pode ser espiritual ou temporal: espiritual como o que hoje tem o Sumo Pontífice, cujo poder e jurdição se ordena a gover-15 nar os fiéis membros e súbditos da Igreja, a conseguir a bem-aventurança, que é o último fim do homem; temporal, como o que têm os príncipes católicos sobre os seus reinos e províncias, que se dirige a governar os vassalos por meio de leis prudentes e 20 justas, que é o fim particular de todas as comunidades humanas, dos Cristãos católicos, em quanto este fim particular e mediato se ordena ao último fim.

Isto posto, perguntamos agora se este Império de Cristo há-de ser espiritual ou temporal; e começando 25 pela conclusão em que não há resistência nem dificuldade, diremos primeiramente que este Império de Cristo (o qual não há-de ser diferente do que hoje é, senão quanto ao modo como em seu lugar vere-

mos) é império espiritual. Assim o ensinam e ensinaram sempre conformemente todos os Padres e Doutores da Igreja, todos os teólogos antigos e modernos, e todos os expositores de ambos os Testa-
5 mentos, e se demonstra com o mesmo mistério da Encarnação e fim com que Cristo veio ao Mundo, e com a doutrina e acções de sua vida e morte.

Porque, se perguntarmos aos Evangelistas (deixando o testemunho das outras Escrituras) que fez
10 Cristo e que ensinou com a palavra e com o exemplo, desde o dia em que nasceu até à hora em que expirou na cruz, dir-nos-ão que veio ensinar aos homens a ciência da saúde e salvação; que veio ser luz do Mundo e alumiar os que vêm a ele; que veio
15 lançar fogo na terra, para que se acendesse nela a claridade que tão apagada estava; que veio encher e informar a lei e animar a letra com o espírito; que veio vencer o demónio e lançá-lo do Mundo, onde reinava e se intitulava príncipe; que veio apartar
20 os pais dos filhos e os filhos dos pais, para que a graça prevalecesse contra a natureza e o amor de Deus pudesse mais que o do sangue; que ensinou o desprezo das riquezas, os interesses da esmola, o perdão das injúrias, a verdadeira amizade com
25 os inimigos, a virtude da humildade e a da castidade, uma não usada, outra não conhecida no Mundo, que pregou o Reino do Céu, a eternidade do Inferno, o rigor do juízo, o preço e imortalidade da alma; finalmente que abriu sete fontes de graça
30 ou que instituiu sete sacramentos perpétuos e ficou Ele connosco perpètuamente em sacramento; que nos lavou com o seu sangue, que morreu por nós, e que nos deixou o seu amor e o nosso contentamento.

Sendo pois estas as acções daquele Senhor a quem

antes de vir ao Mundo todos os profetas chamaram Pai, e em seu nascimento foi aclamado Rei e em sua morte intitulado Rei; e sendo todas elas ordenadas só à salvação e perfeição dos homens e dirigidas e
5 encaminhadas ao Céu, cujo reino lhes pregou e prometeu sempre, e estando até aquele tempo fechado, lho abriu e mereceu com seu sangue; que maior sentimento se pode desejar, nem que maior demonstração ou evidência de ser o Reino e Império deste
10 santíssimo e soberaníssimo Rei, Reino e Império espiritual?

Foi Reino e Império espiritual no fim e causas de sua instituição, espiritual nas leis, espiritual no governo, espiritual no uso, nas execuções e no exer-
15 cício; e suposto que dizemos há-de ser sempre o mesmo (nem é decente nem seria crível outra cousa), em qualquer tempo futuro será e há-de ser também espiritual.

Não alegamos aos autores desta doutrina, assim
20 por serem todos, como dissemos, como porque alegaremos muitos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO IV

Examina-se se o Reino e Império de Cristo é também temporal. Refere-se a opinião negativa

O império e domínio temporal é certo que de sua natureza não exclui nem implica com o temporal, de modo que um outro domínio bem pode sem repug-
25 nância alguma convir e ajustar-se no mesmo sujeito. Assim vemos que o Sumo Pontífice, tendo o domínio espiritual de toda a Igreja, é também senhor e prin-

cípe temporal do estado que chamam eclesiástico; em Alemanha, três dos eleitores do Império são príncipes eclesiásticos e senhores temporais de seus estados; e no nosso reino, o Arcebispo primaz é juntamente Bispo e Senhor de Braga.

Suposto pois que o Reino e Império de Cristo seja espiritual, como acabámos de resolver, resta examinar agora se é também império temporal. Muitos e graves teólogos seguem de tal maneira a parte negativa que exclui totalmente do Império de Cristo toda a jurdição, poder e domínio temporal, e sòmente lhe concedem ou admitem nele o puramente espiritual; bem assim como aquele que os príncipes eclesiásticos têm sobre suas igrejas ou ovelhas (posto que por modo mais sublime e excelente) mas de nenhum como aquele que os senhores e príncipes seculares têm sobre seus estados e vassalos.

Fundam primeiramente esta sua sentença em muitos lugares da Escritura e particularmente em todos aqueles com que no capítulo passado mostrámos o seu nome e título de Rei, que os Profetas davam a Cristo; e notam bem advertida e doutamente estes autores que todas as vezes que os textos da Escritura Sagrada falam no Reino, Império, domínio, poder ou principado de Cristo, sempre acrescentam alguma explicação ou limitação com que o nome geral de Rei e Senhor se distinga ou aliene da significação de poder temporal, e se limite, estreite e determine ao espiritual sòmente.

No Salmo II chama David a Cristo *Rei constituído por Deus* — *Ego autem constitutus sum rex ab eo;*.

---

31. Trad.: *Eu, porém, fui por Ele feito rei. Salmo* II, 6.

mas logo limita a significação do ofício ou dignidade, dizendo que para pregar seus preceitos — *prædicans præceptum ejus*. No Salmo XLIV descreve o mesmo Profeta as prosperidades e progressos do Reino de
5 Cristo: ...*intende, prospere procede et regna;* mas logo declara o género de armas, todas espirituais, com que há-de conquistar o Mundo: *Propter veritatem et mansuetudinem et justitiam, et deducet te mirabiliter dextera tua*. Isaías, no capítulo IX, anuncia o mesmo
10 Reino de Cristo e sua perpetuidade: ...*super solium David et super regnum ejus sedebit in eternum;* mas logo aponta os fundamentos espirituais também, de que lhe há-de vir a firmeza: *ut confirmet illud et corroboret in judicio et justitia*. Jeremias, no capí-
15 tulo XXIII, celebra o Reino e sabedoria de Cristo Rei: ...*regnabit rex et sapiens erit;* mas logo determina os efeitos dessa sabedoria que hão-de ser encaminhados todos à salvação: *In diebus illis salvabitur Juda*. Zacarias no capítulo IX descreve o triunfo de
20 Cristo aclamado por rei na entrada de Jerusalém:

---

5. Trad.: ...*entesà* [o arco] *vai pròsperamente adiante e reina. Salmo* XLIV, 5.

7-9. Trad.: *Por meio da verdade, da mansidão e da justiça, e a tua mão te conduzirá a coisas maravilhosas. Ibid., ibid.*

10-11. Trad.: ...*sobre o sólio de David e sobre o seu reino tomará para sempre assento. Isaías,* IX, 7.

13-14. Trad.: ...*para o confirmar e fortalecer em juízo e na justiça. Ibid., ibid., ibid.*

16 e 18-19. Trad.: ...*reinará o rei e será sábio* [...]. *Naqueles dias será Judá salvo. Ibid., ibid.,* 5 e 6.

Ecce Rex tuus veniet tibi; mas logo lhe chama rei e salvador justo, pobre e humilde: *Justus et salvator, ipse pauper et ascendens super asinam.* Finalmente, o mesmo Cristo — confessando a Pilatos que era rei —
5 *Tu dicis quia rex sum ego* — acrescentou logo que o seu Reino era para dar testemunho da verdade ao Mundo: *Ego in hoc veni in mundum ut testimonium perhibeam veritati.* E depois de ressuscitado, declarando aos Apóstolos com a maior majestade de pala-
10 vras que podia ser a grandeza de seu império, domínio e potestade – *Data est mihi omnis potestas in Cælo et in Terra* – a consequência que tirou deste poder tão universal foi: *Euntes in mundum universum prædicantes Evangelium omni creaturæ; qui crediderit et*
15 *baptizatus fuerit, salvus erit:* fé, bautismo e salvação dos homens. Segue-se logo que o Reino e Império de Cristo é espiritual sòmente, e de nenhum modo temporal. Sobretudo está por esta parte aquele claríssimo oráculo de Cristo: *Regnum meum non est*
20 *de hoc mundo* — o meu Reino não é deste Mundo,

1-3. Trad.: *Eis que o teu rei virá a ti* [...] *justo e salvador; ele é pobre e vem montado sobre uma jumenta. Zacarias,* IX, 9.

5 e 7-8. Trad.: *Tu o dizes que eu sou rei* [...]. *Eu vim a este mundo para dar testemunho da verdade. S. João, XVIII,* 37.

11-12. Trad.: *Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. S. Mateus,* XXVIII, 18.

13-15. Trad.: *Ide por todo o Mundo a pregar o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for baptizado, será salvo. S. Marcos,* XVI, 15 e 16.

20. Vid. *S. João,* XVIII, 36.

das quais palavras podemos dizer: *Quid adhuc egemus testibus?*

À eficácia destes textos se acrescenta a de muitas razões e argumentos, entre os quais porventura não
5 é o que tem granjeado menos votos a esta opinião errada aquela palavra *temporal*, a qual, construída com o *Império de Cristo* e pronunciada aos ouvidos mais religiosos e espirituais, parece que traz consigo alguma dureza e dissonância, por não dizer inde-
10 cência.

De que servia a Cristo (dizem) o nome ou jurdição de Rei temporal do Mundo, se ele vinha como vimos a confundir com seu exemplo o mesmo Mundo, os mesmos reis e as mesmas temporalidades?
15 Se a perfeição cristã que Cristo veio ensinar aos homens consistia em deixar tudo e seguir em pobreza e humildade a Cristo pobre e humilde, como dizia com esta renunciação de todos os bens, honras e haveres do Mundo, o domínio, o império, a majes-
20 tade de todo ele? E se esta majestade, este império e este domínio não havia de ter (como nunca teve com Cristo) uso ou exercício público, e havia de estar sempre oculto e encoberto aos homens, não seria maior autoridade, maior exemplo e ainda maior
25 circunstância de perfeição saber-se que o renunciara Cristo, podendo tê-lo, que dizer-se que o tivera e conservara, e ainda que o pedira, como alguns dizem? Com que liberdade ou com que confiança havia de aconselhar ou mandar Cristo a certo mancebo
30 que, se queria ser perfeito, deixasse o domínio das

1-2. Trad.: *De que testemunhos precisamos ainda? S. Mateus*, XXVI, 65.

suas herdades, se no mesmo tempo o mestre desta perfeição retivesse o domínio de toda a Terra? Para que se há-de admitir logo o nome deste Império temporal em Cristo, se nem para o decoro da pessoa, nem para o fim do ofício, nem para o exemplo da doutrina era necessário, e para o exercício e uso que nunca teve realmente inútil e ocioso?

Estas razões ou admirações, que não são muitas vezes as que menos persuadem, se fecham e apertam eficazmente com um discurso fundido em todos os princípios gerais de direito, com que parece aos autores desta sentença que não só estabelecem de todo a certeza dela, mas que convencem e desfazem a probabilidade de qualquer outra. Argumentam ou decorrem assim:

Se Cristo foi Rei temporal, ou foi Rei por direito natural, ou por direito divino, ou por direito humano. Por direito natural não, porque Cristo não era filho nem herdeiro de rei; e dado que fosse legítimo sucessor do Reino de Israel, como dizem menos provàvelmente alguns autores, a herança de um reino particular não lhe dava direito para o império de todo o Mundo. Por direito divino também não, porque, se houvera tal direito, constara pelas Escrituras, e posto que muitos textos da Escritura falem de Cristo como Rei e lhe dêem o nome e título de Rei, todos, como vimos, se entendem do Reino espiritual ou celeste, e quando menos se podem interpretar assim, sem nos obrigarem a que os entendamos do Reino ou Império temporal. Finalmente, por direito humano não, porque a jurdição de fazer ou eleger rei está na comunidade dos homens; e para Cristo ser respectivamente Rei universal de todo o Mundo por esta via, era necessário que todos os

homens e comunidades do Mundo se unissem em um consentimento, com que o elegessem por Rei e Senhor de todas, o que nunca houve, antes sabemos que os príncipes e povo de Judeia, que era 5 a terra onde Cristo vivia, se conjuraram contra ele e lhe tiraram a vida, só porque não tomasse o nome de Rei; e que o mesmo Senhor, na ocasião em que alguns deles lho quiseram dar, fugiu deles e do mesmo título, e se escondeu em um monte para 10 escapar daquela violência. Logo se não foi Rei temporal, nem por sucessão natural, nem por eleição humana, nem por doação ou nomeação divina, bem se conclui que o Reino e Império de Cristo, tão celebrado nas Escrituras, de nenhum modo foi nem 15 pode ser temporal, se não espiritual e sòmente qual acima dissemos.

Os Padres que isto disseram e seguiram querem alguns que sejam todos. Ao menos confessa Vasques que da doutrina dos Padres não se pode convencer 20 o contrário. O primeiro que se alega é Santo Agostinho em muitos lugares, entre os quais o mais claro (ou o que parece) é este: *Populi personam figurate gerebat homo ille, scilicet Saul; qui populus regnum fuerat amissurus Christo Domino nostro per Novum* 25 *Testamentum, non carnaliter sed spiritualiter regnaturo*. Nenhum dos outros Padres fala em termos de tanta expressão, mas alegam-se e podem-se alegar no mesmo sentido S. Ambrósio, S. Atanásio, S. João Crisóstomo, Tertuliano, Teófilo e outros, e diz o 30 doutíssimo Maldonado que esta é a sentença comum dos melhores teólogos que assim o disseram. O douto leitor julgará se são os melhores. E são estes: Hermas, Letmatio, Driedo, Castro, Bertolameu de Medina, Jansénio, Vitória, Adrião Fino, João Parisiense,

Francisco de Cristo, Melchior Flávio; e posto que também se citem por esta parte Soto, Abulense e Waldense, falam por termos tão indiferentes, que Vasques os alega (e diz que assim se devem alegar) pela parte contrária.

Advirta-se, porém, para crédito de Maldonado e nosso, que os teólogos que hoje têm maior fama nas escolas, quando ele escreveu, ainda não tinham escrito.

CAPÍTULO V

Propõe-se e dedenfe-se a opinião afirmativa

Se escrevêramos menos há de cem anos, porventura que não puséramos aqui tão confiadamente este capítulo. Mas, como disse S. Gregório, e antes dele o Sábio, quanto a Igreja mais cresce, mais se alumia, e o que nos tempos passados é duvidoso, nos futuros se sabe, a opinião do Reino temporal de Cristo e da Conceição imaculada de sua Mãe se acompanharam no mesmo tempo na mesma fortuna, e ambas ao fim, se não têm ainda triunfado, já têm vencido. Mitigou-se com os dias e com a consideração o horror daquele nome temporal; acabou-se de conhecer que com ele se não davam armas, antes se tiravam aos inimigos (porque também na Teologia se deve entender: *Omnia dat qui justa negat*); sucederam àqueles teólogos de grande espírito outros de grandes espíritos, e resolveu-se que não eram menos espirituais os que admitiam no Império de Cristo o nome de temporal.

---

13. Trad.: *Dá tudo quem nega o que é justo.*

Nem sempre é maior espiritualidade o que mais se opõem ao corpo. Os Origenistas chamavam por escárnio *pelusiotas* aos que seguiam a fé de que todos havemos de ressuscitar em nossos corpos,
5 parecendo-lhes cousa indigna, e muito contra o decoro da bem-aventurança, que houvessem de aparecer diante de Deus as nossas almas com vestidos tão indecentes como são os corpos; e diz S. Jerónimo, com outras galantarias, que não eram
10 os que pior tratavam seus corpos os que isto diziam. Não fazem menos santo a Cristo, nem querem fazer menos espiritual o Mundo, os que reconhecem em Cristo o domínio temporal dele. Porventura ofende a Deus, em quanto Deus, o ser senhor e criador de
15 todas as cousas corporais, e o ter em sua própria essência eminentemente as ideias de todas elas? Antes deixava de ser Deus, se assim não fora. Pois o domínio soberano, que é perfeição em Deus *Deus* (digamo-lo assim), porque há-de ser menos decência
20 em Deus *Homem?*

Quando chamamos Império temporal ao de Cristo, não queremos dizer que é o seu Império sujeito às mudanças e inconstâncias do tempo, nem que receba a grandeza e majestade da pompa e
25 aparato vão das cousas exteriores do Mundo, a que o mesmo Mundo quando fala com mais siso chama com razão temporalidades; e isto é só o que negam as Escrituras, isto o que não admitem os Padres, e isto o que explicou o mesmo Cristo, quando disse:
30 *Regnum meum non est de hoc mundo.*

O Império que dão ou reconhecem em Cristo os que admitem e veneram nele o nome de temporal, é um domínio soberano e supremo sobre todos os homens, sobre todos os reis, sobre todas as cousas

criadas, com poder de dispor delas a seu arbítrio, dando e tirando reinos, fazendo e desfazendo leis, castigando e premiando, com jurdição tão própria e directa sobre todo o Mundo como a que os reis
5 particulares têm sobre seus vassalos e reinos, antes com muito maior, mais perfeito e mais excelente domínio, não dependente como eles das criaturas, mas absoluto soberano, sublime e independente de todos.

10 Os teólogos que isto assentam por conclusão é S. Tomás, Soares, Vasques, e bastava ter escrito estes três grandes nomes, para dar por provada e acreditada com o Mundo uma verdade tão necessária e importante como depois veremos. Seguem a estes
15 três lumes outros muitos que o puderam ser da Teologia, se eles não foram diante. O Cardeal Toledo, o Cardeal Lugo, Molina, Valença, Salazar, Hurtado, Arriaga, Arnico, Peres, Verga, Caspense, Carçosa, Lacerda, Justiniano, Cornélio, Ludovico Tena, e os
20 dois Mendonças insignes de Portugal e Castela, dos quais este último já no ano de 1586, na Universidade de Salamanca, onde era catedrático de Scoto, excitou e defendeu galhardamente esta questão nos termos seguintes, que por serem tão particulares os quero
25 referir aqui:

Verum Jesus Christus Deus ac Salvator noster fuerit vere ac proprie Dominus et Rex totius Orbis, atque omnium rerum creatarum, secundum quod homo est, non tantum spiritualis rex ac dominus,

---

18. Não sei identificar Arnico, nem Verga, nem Carçosa.

26-29. Trad.: *Porém Jesus Cristo, Deus e salvador nosso, foi verdadeira e pròpriamente Senhor e Rei de toda a terra e de todas as criaturas, pelo facto de ser homem; e não sòmente rei e senhor espiritual, mas verdadeiro e*

sed et verus ac absolutus et proprius, atque adeo temporalis: tam vere et proprie quam Philippus 2dus temporis rex est Hispaniarum, et unusquisque hominum dominus est suarum rerum, eo quod illis in 5 *omnem usum potest citra alicujus injuriam uti.*

Este é o sentido em que falam com pouca diferença de palavras todos os teólogos referidos, como se pode ver nos lugares citados à margem, antes dos quais tinham seguido e ensinado a mesma dou- 10 trina Santo Antonino, Durando, Almaino e os três já nomeados Abulense, Scoto, Waldense, a que podemos ajuntar muitos juristas de grande nome, como o Cardeal Turrecremata, o Cardeal Hostiense, Navarro, Bacónio e outros.

15 E para que demonstremos a verdade desta nossa crença, e do império temporal de Cristo, pelos mesmos princípios e fundamentos da opinião contrária, e os vamos juntamente impugnando e desfazendo, seja o primeiro o testemunho das mesmas 20 Escrituras alegadas, em que Cristo tão repetida e expressamente é chamado Rei por boca de todos os Profetas antigos. A que podemos acrescentar o do maior Profeta da Lei da Graça, S. João Evangelista, em dois lugares do *Apocalipse*, em que chama a 25 Cristo *Príncipe dos reis da Terra* e *Rei dos reis e Senhor dos senhores*, no capítulo I, *Princeps regum terræ*, e no capítulo XIX, *Rex regum et Dominus dominantium*. Os quais textos e todos os mais se

---

absoluto e pròpriamente dito, ao mesmo tempo que temporal; tão verdadeira e pròpriamente como Filipe II rei temporal das Espanhas, e um e outro é senhor das suas coisas, por isso que delas pode tirar todo o uso, sem injúria de quem quer que seja. Alfonso Mendoça, *Qæstiones Quodlibeticæ, De univ. Christi regno.* O passo que encontrei de idêntico conceito é diferente de forma.

não podem entender própria e naturalmente senão do Reino temporal de Cristo, porque o contrário devia fazer manifesta violência à significação da palavra *Rei*, a qual em toda a Escritura Sagrada significa *Rei temporal;* e se é regra certa, como ensina S. Agostinho, que as palavras da Sagrada Escritura se não hão-de interpretar em sentido metafórico e figurativo, senão quando, se se entenderem na sua significação própria e natural, se seguisse algum grande inconveniente ou absurdo contra a doutrina da mesma Escritura recebida pela Igreja, os mesmos nomes de *Rei* e *Reino*, tantas vezes celebrados e cantados pelos Profetas, falando do Império de Cristo, nos obrigam a conceder e confessar que em toda sua propriedade significam *Rei* e *Reino temporal*, pois se não segue de assim o entendermos inconveniente algum ou dissidência contra aquela grandeza e majestade de Cristo, antes muita honra, glória e autoridade, sua e da Igreja, como neste capítulo se irá vendo, quando respondermos a estas leves objecções da parte contrária.

A esta confirmação geral da significação da palavra *Rei* acrescenta o Padre Soares outra, que é própria da pessoa de Cristo, e que eficazmente convence o sentido em que se deve tomar a mesma palavra. Porque o Reino espiritual de Cristo se distingue do Sacerdócio do mesmo Cristo, e consta das Sagradas Escrituras, como prova S. Agostinho no *Tratado XXII sobre S. João*, e nós mostraremos largamente no capítulo seguinte, que o Reino e o Sacerdócio em Cristo são dignidades e jurdições distintas. Logo, se o nome de Supremo Sacerdote significa o Reino e Império espiritual, segue-se que o de Supremo Rei significa o temporal.

Finalmente, o mesmo Cristo, antes de subir ao Céu, deixou dito e publicado ao Mundo que seu Eterno Pai lhe tinha dado todo o poder no Céu e na Terra: *Data est mihi omnis potestas in Cælo et in Terra.* E quem diz *todo,* seguindo as regras do direito, nenhuma cousa exclui. Teve logo Cristo o império espiritual, que é o que mais pròpriamente se chama império no Céu, e teve juntamente o império temporal, que é o que com toda a propriedade se chama império na Terra, porque de outra maneira se não pode dizer nem entender, sem manifesta implicação, que tivesse ou tenha Cristo todo o poder, pois lhe faltaria nesse caso o poder temporal, que é uma tão grande parte desse todo.

Estes são os textos mais eficazes e expressos com que os teólogos costumam provar a verdade do Império temporal de Cristo. E posto que baste cada um deles, tomado na propriedade e natureza de sua significação, para persuadir fàcilmente a qualquer entendimento fácil e dócil, nós, para maior demonstração da mesma verdade, sem sair das mesmas profecias e textos fundamentais desta história, não só esperamos de a confirmar eficazmente na mesma certeza, mas de lhe acrescentar com a nova luz deles nova evidência.

E, começando pela profecia de Zacarias, já vimos que a coroação de Jesu, filho de Josedec, significa a dignidade suprema do Império de Cristo. Agora pergunto porque foi coroado não com uma senão com duas coroas, e porque uma delas foi de prata e outra de ouro?

A razão, não mística senão literal, dizem comummente os expositores que foi porque Cristo não teve uma só coroa, senão duas: uma como Supremo

Sacerdote, que pertencia ao Império espiritual; e outra como Supremo Rei, que pertencia ao temporal. E por isso não eram ambas de ouro, ou ambas de prata, senão uma de prata e outra de ouro, para
5 significar a diferença e preço daqueles dois impérios ou jurdições; e que o império espiriutal significado no ouro era mais alto, mais precioso e mais sublime que o império temporal.

E quanto ao império temporal, em que só podia
10 haver dúvida, que maior prova se podia desejar que a da estátua de Nabuco, cujos metais desfez a pedra em pó e em cinza? Porque, se é certo (como é de fé) que aqueles quatro metais significavam quatro impérios sucessivos, e impérios verdadeira-
15 mente temporais, bem se segue que a pedra que os derrubou e desfez, figura do Reino e Império de Cristo, não só significa Império espiritual, senão também temporal, porque só impérios temporais se derrubam, arruínam e desfazem uns aos outros, o
20 que não faz nem pode fazer o Império espiritual.

Para um império derrubar e desfazer a outro, é necessário que tenha oposição e contrariedade com ele acerca das mesmas cousas, e esta oposição e contrariedade só se acha nos impérios temporais entre
25 si, e não entre o império espiritual e temporal, como bem tem mostrado a experiência no mesmo Império espiritual de Cristo, o qual, depois de comunicado a seus vigários os Sumos Pontífices, não desfez os impérios e reinos dos príncipes temporais, antes
30 ajudou muito e se ajudou de seus aumentos, crescendo e estabelecendo-se mais a grandeza e majestade da Igreja e dos Pontífices, quanto mais se estabelecia e crescia a dos Imperadores. E este foi o erro, ignorância e engano de que sempre os fiéis

notaram e motejaram a Herodes, cantando sobre sua loucura por boca da Igreja: *Crudelis Herodes, Deum regem venire qùid times? non eripit mortalia qui Regna dat cœlestia?* sendo pois certo que o Reino
5 e Império de Cristo derrubou ou há-de derrubar todos os impérios do Mundo, que são impérios verdadeiramente temporais, e não espirituais, ocupando e enchendo toda a Terra, donde eles antes estiveram, como expressamente se colhe que o império de Cristo
10 não é só espiritual, senão temporal!

E tudo isto se verá mais claramente, quando adiante explicarmos o tempo da ruína desta estátua e outras circunstâncias dela. Nem menos se confirma a mesma verdade com a segunda visão de Daniel
15 (Daniel VII) na qual lemos que, para Deus dar o Império ao Filho do Homem, mandou primeiro queimar a quarta besta das vinte pontas, em que era significado o Império Romano, e todos os reinos temporais que dela nasceram, o que de nenhuma
20 maneira era necessário, se o Reino e Império de Cristo fora sòmente espiritual, pois vemos que reinou antigamente Cristo espiritualmente em todo o Império Romano, e reina também hoje espiritualmente em todos os reinos que do mesmo Império Romano
25 nasceram e se dividiram, e conservam o nome de cristãos, e nem por isso deixam de ter o mesmo domínio e soberania temporal que, antes de receberem a sujeição de Cristo, tiveram. Segue-se logo com evidência que o Império de Cristo, que lhes
30 há-de tirar essa soberania temporal, não é ou há-de

2-4. Trad.: *Cruel Herodes, porque temes que venha o Deus-Rei? Não tira os reinos perecíveis Aquele que dá os celestes?*

ser o Império espiritual de Cristo, a que eles já estão sujeitos, senão o Império temporal, como melhor se entenderá pelo discurso de tudo o que diremos.

Finalmente, como consta do mesmo texto de
5 Daniel, o império do Filho do Homem ou de Cristo naquela visão é o mesmo Império universal que hão-de ter os Cristãos na Terra, no qual Império hão-de entrar e ser encorporados todos os reis e reinos do Mundo. Como se pode logo duvidar que este
10 imenso e portentoso Império, composto de todos os impérios, de todos os reinos e de todas as repúblicas temporais, posto que seja espiritual e espiritualíssimo, não haja de ser também temporal? Este é, e este o Reino e Império de Cristo, tão cantado
15 e celebrado nos oráculos dos Profetas, pelo qual se intitula com toda a propriedade *Rex regum et dominus dominantium;* e assim como a palavra *regum* e *dominantium* é sem dúvida que significa reis e senhores temporais, assim a palavra *rex* e *dominus*
20 significa rei e senhor também temporal, para não admitirmos, com manifesta violência da Escritura e repugnância do entendimento, que na mesma sentença e na mesma palavra se varia o sentido e suposição dela, e que *rex* e *dominus* têm uma signi-
25 ficação e *regum* e *dominantium* outra. E se nos lugares da Escritura alegados pelos autores da opinião contrária, e em outros que também lhes pudéramos ajuntar, parece que o domínio real de Cristo se limita e determina ordinàriamente a fins e obras espirituais,
30 de nenhum modo se enfraquece com este indício ou argumento a verdade da nossa sentença, antes com

---

16-17. Trad.: *Rei dos reis e Senhor dos senhores.*

ela se confirma e estabelece mais, porque nós não dizemos que o Reino e Império de Cristo é espiritual, senão que é espiritual e temporal juntamente, conhecendo e tendo pela maior excelência deste felicíssimo Reino, que não só em quanto espiritual, senão ainda em quanto temporal, se ordena ao fim último e sobrenatural da bem-aventurança, pois esse Reino e não outro é o que há-de ser eterno e glorioso no Céu, como dizem as palavras tão repetidas do nosso texto, e isto é ser império de Cristo e dos Cristãos; e nisto se distingue dos reinos meramente políticos e humanos, porque estes têm por fim a conservação e felicidade da Terra, e o de Cristo e dos Cristãos a do Céu.

Vindo às autoridades (como dizem) dos Padres, concedemos fàcilmente que são poucos os lugares de seus escritos em que se ache expressamente e em próprios termos o Reino temporal de Cristo, como também se não acha o da graça santificante do mesmo Cristo, distinta da união hipostática, e outras cousas de igual importância e dignidade, recebidas entre os teólogos; não porque os santos tivessem diferente parecer, mas porque em seu tempo não estavam em uso aqueles termos que depois inventou a Teologia, para maior clareza da doutrina escolástica, explicando muitos deles com palavras menos latinas (por não dizer bárbaras) qual é a palavra *temporal*. Dos quais termos se abstêm ainda hoje os que escrevem com estilo mais polido e levantado, como nos primeiros tempos da Igreja faziam aqueles santíssimos e doutíssimos Padres, para convidarem a todos a lerem de boa vontade e com gosto seus escritos, e para que nos livros dos autores cristãos se não achasse menos a propriedade e majestade

da eloquência que tanto se venera nos escritores gentios.

Desta razão, que é geral para muitas matérias, damos por testemunhas os mesmos livros dos Padres,
5 nos quais também se acharam frequentemente louvadas, inculcadas e persuadidas as virtudes que pertencem ao Reino espiritual de Cristo, não porque aqueles santos negassem à universalidade de seu Império o domínio temporal, mas porque deste não
10 quis ter exercício aquele Senhor que era juntamente Senhor e Mestre, e os principais e maiores exemplos que nos quis deixar foram do desprezo dele.

Não faltam contudo lugares muito ilustres aos Padres, em que falavam do Império temporal de
15 Cristo com termos não menos expressos que os que se alegam pela parte contrária, dos quais porei aqui os que bastem a responder a estes e confirmar a verdade da nossa.

S. Cirilo, explicando as palavras de Cristo: *Re-*
20 *gnum meum non est de hoc mundo,* no Livro XII sobre S. João, diz assim: *Regem se esse non negat, sed regni Cæsaris se non esse hostem ostendit, quia ejus regnum terrenum non est, sed cœli et terræ, ceterarunque rerum omnium.* E S. Agostinho, no *Tra-*
25 *tado XIV* sobre o mesmo Evangelista: *Erat quidem Rex non talis qualis ab hominibus fit, sed talis ut homines reges faceret.* E S. Gregório, na *Homilia VIII,* sobre os Evangelhos, ponderando o lugar do nascimento de Cristo, não próprio senão alheio:

21-24. Trad.: *Não nega que é Rei, mas mostra que não é inimigo do reino de César, porque o reino deste não é terreno, senão da terra e todas as outras coisas.*

25-27. Trad.: *Era, na verdade, rei, não tal qual este é feito pelos homens, mas tal como ele os fazia.* Não posso garantir a exacção do passo, pois o não encontrei.

Alienum, diz, *non secundum potestatem sed secundum naturam; nam secundum potestatem in propria venit.* E mais claramente que todos S. Bernardo, no Livro III *De consideratione*, escrevendo ao Papa
5 Eugénio: *Dispensatio tibi super illum credita est, non data possessio; ...Non tu ille, de quo Propheta: «Et erit omnis terra possessio ejus?» Christus hic est, qui possessionem sibi vindicat, et jure creaturæ et merito redemptionis et dono patris. Cui enim*
10 *alteri dictum est: «Postula a me, et dabo tibi gentes hæreditatem tuam et possessionem tuam terminos terræ?» Possessionem et dominium cede huic, tu curam ilius habe.*

Outras muitas sentenças semelhantes a estas se
15 vêem em outros Santos Padres da mesma e maior antiguidade, como S. Ireneu, no Livro IV, cap. XVII; S. Cipriano *Adversus Judæos*, cap. XXVI; S. Hilário sobre o Salmo II, v. V; S. Jerónimo, Lib. IV, sobre Jeremias, cap. XXII, e S. Ambrósio no
20 Livro III, sobre S. Lucas. Aos quais com razão podemos acrescentar todos aqueles autores antigos e modernos que, a título de Mãe de Cristo, reconhecem e veneram na Virgem, Senhora nossa, o império

---

1-3. Trad.: *Alheio não segundo o poder, mas segundo a natureza; porquanto, segundo o poder, veio ao que lhe pertencia.*

5-13. Trad.: *Foi-te confiada dispensação sobre isso, não te foi dada posse... Não és tu aquele de quem o Profeta: «E será toda a terra possessão sua?» Esse tal é Cristo que a reivindica para si, por direito de criatura, e pelo mérito da redenção e dádiva do Pai. Ao qual outro foi dito: «Pede e dar-te-ei os povos em herança e como tua possessão a terra até os seus confins?» Cede-lhe a posse e o domínio, e toma deste o cuidado.* S. Bernardo, op. cit., cap. III *in princípio*.

e domínio de todo o Mundo. O mesmo S. Bernardo, no Sermão sobre as palavras do *Apocalipse* — *signum: Maria* (diz) *eo quod mater Dei est, regina cælorum et domina mundi jure esse probatur.* E
5 S. Atanásio, no Sermão I *De nativitate Virginis: Quandoquidem Christus rex est qui natus est ex virgine idemque et Dominus et Deus; ea propter et mater quæ eum genuit, et regina domina et deipara proprie et vere censetur.* E S. Bernardino de Sena,
10 no Tomo I, Serm. XI, cap. I: *Virgo beatissima omnem hujus mundi meruit principatum et regnum, quia filius ejus in primo instanti suæ conceptionis monarchiam totius promeruit et obtinuit universi, sicut Propheta testatur, dicens: «Domini est terra et*
15 *plenitudo ejus, orbis terrarum et universi qui habitant in eo».*

Dos quais lugares todos e muito mais claramente destes últimos se mostra quão assentada cousa era, e quão sem controvérsia, no sentir comum dos Pa-
20 dres, o Império e Monarquia universal de Cristo, não só quanto ao Reino espiritual e do Céu, senão quanto ao temporal e da Terra. E se alguns dos mesmos

---

3-4. Trad.: *Maria, por isso mesmo que é mãe de Deus, se prova que é, por direito, rainha dos Céus e Senhora do Mundo.*

6-9. Trad.: *Uma vez que Cristo, que nasceu de uma virgem, é rei, e é ainda senhor e Deus, por isso mesmo Aquela que o gerou se deve considerar rainha, senhora e deípara.*

10-16. Trad.: *A beatíssima Virgem mereceu todo o principado e reino deste Mundo, porque seu Filho, no primeiro instante da sua concepção, bem mereceu e obteve a monarquia de todo o Universo, assim como o atesta o Profeta, ao dizer: «Do Senhor é a terra e sua plenitude, o orbe terráqueo e quantos nele habitam.»*

Santos Padres, principalmente em livros apologéticos ou tratados, parece que diziam e ensinavam o contrário (como verdadeiramente parece), deve-se advertir que falavam do Reino de Cristo, não quanto ao poder, império ou domínio, senão quanto ao aparato, grandeza e majestade exterior de rei temporal, o qual os Judeus esperavam e os Gentios desejavam em Cristo, os primeiros interpretando erradamente as Escrituras, e os segundos fingindo as propriedades de Deus humanado, conforme sua vaidade e apetite, como gente costumada a fazer deuses à sua vontade.

E como a controvérsia e disputa daqueles tempos era contra este escândalo dos Judeus e contra esta estultícia dos Gentios, que são os nomes injuriosos ou gloriosos com que uns e outros afrontavam a cruz e humildade de Cristo, por isso é tão frequente nos escritos dos Padres a diferença do seu Reino aos reinos do Mundo, não negando a Cristo Rei, como dizíamos, o domínio e império ainda temporal sobre todo ele, mas engrandecendo esse mesmo império pelo desprezo da pompa e aparato vão em que põem os reis da Terra sua grandeza e majestade.

Basta, por todos os Padres que pudéramos trazer em comprovação desta nossa advertência, um lugar de S. João Crisóstomo, em que, falando do Rei que vieram adorar a Belém os reis e da diferença humilde de seu estado, diz assim elegantemente:

Quonam pacto magi ex stella illa Judæorum regem illum esse didicerut, cum certe non istius regni ille rex esset... Nihil quippe tale monstravit, quale mundi hujus reges habere conspicimus. Neque enim hastas, neque clypeatas ostendit militum catervas: non equos regalibus phaleris insignes, non cunas auro ostroque

fulgentes; non enim istum neque alium quempiam circa se habuit ornatum, sed vilem hanc prorsus vitam egit ac pauperem: duodecim tantummodo homines, eosque despectabiles secum circumducendo.
5 Esse aparato e pompa exterior de riquezas, galas, palácios, cavalos, coches, criados, exércitos, é o que os Santos negavam no Império de Cristo, e não o império e domínio dele sobre todo o Mundo, e este é o sentido próprio e germano em que Cristo disse
10 a Pilatos: *Regnum meum non est de hoc mundo.* Como logo explicou na mesma razão que deu do que tinha dito: *Si ex hoc mundo esset regnum meum, ministri utique mei decertarent, ut non traderer Judæis.* Onde se deve notar que não disse Cristo: *Re-*
15 *gnum meum non est hujus mundi,* senão *de hoc mundo,* porque o Reino de Cristo verdadeiramente era deste Mundo e de todo o Mundo, e só não tinha os acidentes da vaidade e falsa grandeza com que se sustentam os outros reinos do Mundo.

CAPÍTULO VI

Prossegue a mesma matéria, apontam-se os títulos e razões do Reino temporal de Cristo

20 O principal fundamento dos que não admitem no Reino de Cristo o império e domínio temporal, é por não haver título, como eles dizem, ao qual compita e seja devido aquele domínio; e para que se veja

---

12-14. Trad.: «*Se o meu reino fosse deste mundo, certo que os meus ministros haviam de pelejar para que eu não fosse entregue aos Judeus.* S. João, XVIII, 36.

manifestamente a debilidade deste fundamento e tragamos à nossa sentença os mesmos autores que em seguimento deles abraçam a contrária, apontaremos e provaremos aqui, com a maior brevidade que
5 nos for possível, os títulos por que é devido e compete a Cristo em quanto homem o Império e domínio supremo, não só espiritual, senão também temporal de todo o Mundo. São estes títulos seis, todos legítimos e conforme o direito: o primeiro por natureza,
10 o segundo por herança, o terceiro por doação, o quarto por compra, o quinto por guerra justa, o sexto por eleição e aceitação de todos os homens, como iremos mostrando pela mesma ordem.

Primeiramente, é Cristo Rei e universal Monarca
15 do Mundo por natureza, porque por meio da união da divindade à humanidade, a qual se inclui essencialmente na natureza de Cristo, sem algum outro concurso ou condição extrínseca, da parte de Deus nem da parte dos homens, pertence ao mesmo Cristo
20 em quanto homem o domínio e império universal de tudo o criado, e por ela fica constituído, ou por ela (sem ninguém o constituir) é Rei e Senhor e Monarca supremo de todos os reis, de todos os reinos e de todos os impérios do Mundo. Por isso Cristo no
25 *Apocalipse* trazia o título de *Rex regum e Dominus dominantium*, escrito, como diz o texto, *in femore*, que significa *a geração humana*, para mostrar que o ser rei de todos os reis e senhor de todos os senhores lhe convinha e era seu por sua própria natureza.
30 E por isso o nome que lhe puseram na circuncisão foi de *Jesus*, que quer dizer *salvador*, e não o de *Cristo*, que quer dizer *ungido*, porque o ser ungido por Rei e universal Monarca do Mundo não lhe pertencia por imposição divina ou humana, senão por

natureza própria sua, ou por ser quem era. *Salvador* por obediência, mas *ungido* por natureza. E assim como antigamente se faziam ou consagravam os reis pelo óleo que eram ungidos, assim a união hipostá-
5 tica em Cristo foi uma verdadeira e própria unção, com que juntamente com o ser e a natureza recebeu o poder e a Monarquia do Mundo.

Este é o único fundamento do Padre Vasques, a quem geralmente seguiram todos os que depois dele
10 escreveram. Do qual Vasques diz Salazar que foi o primeiro a quem a Teologia deve os sólidos e verdadeiros princípios em que fundou o Império temporal de Cristo. E posto que Arriaga, por não faltar ao costume de impugnar tudo, não reconheceu na unção
15 da união hipostática mais que a propriedade e energia da metáfora, nós veneramos nela a autoridade de David, que assim o disse no Salmo XLIV: *Unxit te Deus, Deus tuus, oleo lætitiæ præ consortibus tuis,* e a explicação de S. Agostinho e S. Gregório Nasian-
20 zeno, e de outros grandes Padres que assim o entenderam. Porei suas palavras no capítulo seguinte pelas não repetir duas vezes.

O segundo título do Império de Cristo é por herança, porque, sendo Cristo filho natural de Deus,
25 conforme o texto de S. Paulo — *quod si filius et hæres* — lhe pertence a Cristo o título de herdeiro do domínio e império universal do Mundo, de que Deus é absoluto Senhor. Assim o disse o mesmo Deus por

---

17-18. Trad.: *Ungiu-te Deus, o teu Deus, com óleo de alegria, sobre os teus companheiros. Salmo* XLIV, 8.

boca do Profeta Rei: *Postula a me et dabo tibi gentes hæreditatem tuam et possessionem tuam terminos terræ*. E S. Paulo, fallando também de Cristo: *Quem hæredem universorum per quem fecit et sæcula*. E o
5 mesmo Cristo, na parábola da vinha: *Hic est hæres, venite et occidamus eum*. E neste título convêm todos os teólogos acima alegados, como também no seguinte:

É o terceiro título, o de doação, o qual se acha mais
10 expresso que todos, assim no Velho como no Novo Testamento, no Salmo pouco antes alegado: *Dabo tibi gentes hæreditatem tuam;* e no salmo...: *Omni subjecisti sub pedibus ejus;* as quais palavras entende S. Paulo de Cristo, no I capítulo da *Epístola aos*
15 *Hebreus*. O Anjo à Senhora, no capítulo II de S. Lucas: *Dabit illi dominus Deus sedem David patris ejus et regnabit in domo Jacob*. S. João, no capítulo III: *Sciens quia omnia dedit ei pater in manus*. O mesmo Cristo no capítulo...: *Omnia mihi*
20 *tradita sunt a Patre meo*. E no capítulo...: *Data est mihi omnis potestas in cælo et in terra*.

O título da compra, que é o quarto, parece que cai mais imediatamente sobre os homens que sobre

---

1-3. Trad.: *Pede-me, e eu te darei os povos como tua herança e porei em tua posse os confins da terra.*

3-4. Trad.: *...aquele herdeiro universal por quem fez os séculos.*

5-6. Trad.: *Este é o herdeiro. Vinde e matemo-lo.*

7-8. Trad.: *Tudo lhe sujeitaste e lhe meteste debaixo dos pés.* S. Paulo, *Ep. aos Hebreus*, cap. I, 8.

16-19. Trad.: *Dar-lhe-á o Senhor Deus o trono de David, seu Pai, e reinará na casa de Jacob... Sabendo que tudo o pai lhe pôs nas mãos.*

20-22. Trad.: *Tudo me foi entregue por meu Pai... Foi-me dado todo o poder no Céu e na terra.*

o Mundo, mas ao primeiro domínio se segue necessária e naturalmente o segundo, assim como o que é senhor do escravo fica juntamente sendo de todos os seus bens. E é conclusão certa na teologia, e de
5 grande glória não só de Cristo mas nossa, que pelo título da Redenção não só ficamos vassalos deste soberaníssimo Monarca, senão verdadeiramente escravos seus, comprados com o preço de seu sangue: *empti enim estis pretio magno* ([a]):

10 ....

O sexto e último título do Império de Cristo dizíamos que era por consentimento, aceitação e como eleição de todas as nações do Mundo. Este título é o mais natural e jurídico entre os homens, em cujas
15 comunidades, quando querem viver juntos e pollticamente, pôs Deus, como autor da natureza, o poder e jurdição suprema de eleger e nomear príncipe. Assim o tem a comum sentença de todos os juristas e teólogos, e o alcançaram e ensinaram antes deles,
20 por lume natural, Aristóteles no Livro III *das Políticas*, e Platão no *Diálogo de Regno* e nos livros — *De república*. Mas em Cristo parece que não pode ter lugar este título, porque, sendo o Monarca universal de todo o Mundo e de todos os homens, era
25 necessário que os mesmos homens conviesem todos neste consentimento, eleição ou aceitação, como acima dizíamos, e este consentimento comum nunca jamais o houve no Mundo, antes, como dizem alguns teólogos, não é possível havê-lo. Contudo digo que

---

([a]) Segue uma página em branco no manuscrito. — *(Nota de L. de A.)*

9. Trad.: *fostes comprados por alto preço*. I *Epist. de S. Paulo aos Coríntios*, VI, 20.

não faltou ao Império e Monarquia universal de
Cristo este último título do consentimento e acei-
tação universal dos homens, como agora mostrarei.
E peço licença aos que quiserem ler este discurso
5 para meditar um pouco mais nele, por ser pensa-
mento novo e matéria até agora não tratada, à qual
é necessário abrir os alicerces e lançar os primeiros
e sólidos fundamentos, prometendo aos que fizerem
esta detença não perderão o fruto do tempo que nela
10 gastarem, pois verão por grandes notícias e não vul-
gares da Antiguidade quão certa e concertadamente
concorre a novidade e verdade desta nossa conside-
ração ao maior estabelecimento do Reino de Cristo.

Alberto Pighio (para que de todo não entremos
15 neste novo caminho sem alguma guia) no Livro V
da *Hierarchia Ecclesiastica*, capítulo III, arrostando
a opinião de muitos e graves autores, os quais têm
para si que Cristo foi legítimo Rei do Reino de
Israel, o título em que funda este direito é o con-
20 sentimento, aceitação e expectação geral, com que
Cristo, verdadeiro Messias, era esperado de todo
aquele povo como seu verdadeiro Rei e Senhor,
prometido aos primeiros Patriarcas da sua nação.
Nec Pilato (diz este autor) *nec Cæsari ullum legiti-*
25 *mum jus in regnum Judæorum, sed si cuiquam*
maxime competiit Christo, quem semper expectave-
runt sibi regem fore in lege promissum. E para prova

---

16. Alberto Pighio escreveu a *Hierarchia Ecclesiastica* e não a *Monarchia Ecclesiastica*, como diz o texto de Vieira.

24-27. Trad.: *Nem Pilatos nem César tiveram qualquer legítimo direito ao reino dos Judeus, mas se a alguém màximamente ele pertencia era a Cristo, de quem sempre esperaram haver de ser o rei prometido na Lei.*

desta geral aceitação e consentimento com que todo o povo hebreu tinha recebido por seu Rei ao prometido Messias, traz o mesmo Alberto Pighio a história do *Livro I dos Macabeus,* Capítulo XIV, em
5 que se refere como os Judeus por consentimento comum elegeram por seu príncipe Simão e seus descendentes, com a cláusula, porém, que o seriam sòmente até que viesse o Messias, a cujo Reino e direito não queriam prejudicar. *Judæi* (diz o texto)
10 *consenserunt eum Simonem esse ducem suum* [...] *in æternum, donec surgat propheta fidelis.* Sobre as quais palavras conclui assim o dito autor: *Vides omnium Judæorum votis et expectatione semper expectatum Christum et Messiam in lege promis-*
15 *sum, regem sibi fore; nam ad ejus usque adventum Simoni atque ejus posteritati regnum stabilierunt, quod illi adventanti legitimo jure deberi significaverunt, velut expresse protestantes in ejus præjudicium et injuriam nihil se velle facere.*
20 De maneira que o título com que tão grande teólogo e jurista defende o direito de Cristo ao Reino de Israel é aquele geral consentimento, espectação e como eleição com que todo o povo judaico tinha

---

9-11. Trad.: *Os Judeus consentiram que fosse este (Simão) para sempre o seu chefe* [...] *até que vier o profeta fiel.* I *Livro dos Macabeus,* cap. XIV, 41.

12-19. Trad.: *Vês como sempre, nos votos e na esperança dos Judeus, Cristo, o Messias havia de ser o rei a eles prometido na Lei; na verdade, foi até o seu advento que estabeleceram a Simão e a seus descendentes o reinado que significaram ser devido ao que se vinha aproximando, assim expressamente protestando nada querer fazer em prejuízo e injúria dele.*

aceitado como seu verdadeiro Rei o futuro Messias, e como tal o esperava.

Assim explica em próprios termos esta sentença de Alberto Pighio, Alonço de Mendoça acima citado, 5 cujas palavras quero também referir aqui, porque não pareça a acomodação da dita sentença levada de algum modo por nós ao intento em que nos serve: *Alii* (diz Mendoça, referindo-se a Pighio) *alio titulo Christi regnum ab adversariis vindicant; nam dicunt* 10 *ex consensu et quasi electione populi judaici Christum fuisse illius gentis regem; nam cum ardentissime Messiam expectarent, et tenacissime crederent regem ipsum futurum temporalem, ideo publico totius gentis decreto in ipsum sua suffragia conjecerant et in* 15 *regem elegerant.*

De toda esta sentença assim entendida me não serve mais que o exemplo e o modo de dizer ou filosofar; e digo que, assim como em respeito do Reino de Israel, concorreu ou pode concorrer em Cristo o 20 título da aceitação e como eleição geral daquele povo, pela espectação, desejo e consentimento comum com que era esperado de todos por seu legítimo, supremo e verdadeiro Rei, assim concorreu e concorre o mesmo título no Reino e Monarquia

---

8-15. Trad.: *Outros com outro título defendem dos adversários o reinado de Cristo, pois dizem que Cristo foi rei daquela nação por consenso e como por eleição do povo judaico; porquanto, como ardentemente desejassem o Messias e tenacìssimamente cressem que ele havia de ser o rei temporal, por isso por pública determinação de toda a nação lhe tinham dado os seus sufrágios para rei.* Afonso Mendonça — *Quæstiones Quodlibeticæ et relectio de Christi regno et dominio*. Salamanca, 1596, pág. 609.

universal de Cristo, em respeito de todo o Mundo e de todos os homens e nações dele, nos quais houve o mesmo consentimento comum, o mesmo desejo e a mesma espectação, como logo mostraremos.

5 Nem impede ou encontra a verdade ou legitimidade deste título o ser o mesmo Rei Cristo primeiro eleito, ungido, prometido e dado por Deus, porque todas estas circunstâncias e condições concorrem no exemplo alegado (o qual não é semelhante se 10 não o mesmo) e o mesmo temos na eleições dos dois primeiros reis de Israel, Saul e Daniel, os quais por primeiro foram ungidos pelo Profeta Samuel por mandado de Deus, e depois novamente aceitos, aclamados e cada um deles ungido pelo mesmo povo, 15 como consta da História Sagrada, no I e II *Livro dos Reis*.

E que em todos os homens e nações do Mundo houvesse geralmente o mesmo consentimento comum, e o mesmo desejo, e a mesma espectação acerca do 20 Reino e Monarquia universal de Cristo sobre todos eles, que é o ponto e suposição em que fundamos este novo título, deixados outros muitos textos de menor clareza, apontarei sòmente dois, que se não podiam desejar nem ainda fingir mais expressos. 25 O primeiro é do capítulo penúltimo do *Génesis*, na bênção que lançou Jacob a seu filho Juda, no qual, falando do Messias prometido, como entendem uniformemente todos os autores católicos, e antes da vinda de Cristo, entenderam também sempre todos 30 os Hebreus, diz assim: *Non auferetur sceptrum de*

25. No texto, por equívoco, *último*, mas é no penúltimo que ocorre o passo que Vieira traduz.

Juda et dux de femore ejus, donec veniat qui mittendus est, et ipse erit expectatio gentium: «Não faltará o ceptro de Juda nem príncipe de sua descendência até que venha o que há-de ser mandado,
5 e este será a espectação das gentes.» E o Profeta Ageu, no capítulo II, falando da mesma vinda de Cristo (como é de fé que falava, porque assim o explicou S. Paulo na *Epístola aos Hebreus*, capítulo XII): *...ego commovebo cælum et terram et*
10 *mare et aridam; et movebo omnes gentes, et veniet desideratus cunctis gentibus.* Daqui a um pouco (diz Deus) «moverei o céu e a terra, o mar e todo o Mundo, e moverei todas as gentes e virá o desejado de todas elas.»

15 De sorte que, antes de Cristo vir ao Mundo, não só era Ele o desejado e esperado do povo de Israel, senão o esperado e desejado de todos os povos e de todas as gentes, porque todos o esperavam por seu Rei e natural Senhor, e não só por Rei particular
20 dos Judeus, senão por Monarquia universal de todas as outras nações e reinos do Mundo. Esta é a razão e o mistério por que os três reis do Oriente (em que se representavam, como diz a glossa, as três partes do Mundo até aquele tempo conhecido) sendo gen-
25 tios, vieram adorar Cristo e oferecer-lhe tributos.

Sobre a nação daqueles reis, e se eram só de uma ou de diferentes nações, há variedade entre os Doutores. S. Jerónimo quer que fossem da Arábia Feliz, outros os fazem da Pérsia, outros da Média, outros
30 da Etiópia. Eu tenho por mais provável que ao menos parte deles eram de regiões mais distantes, e

---

11. Vid. *in-Biblia*, profeta Ageu, II, 7.

verdadeiramente da nossa Índia Oriental, conforme a profecia de David: *Reges Tharsis et insulæ numera offerent, reges Arabum et Saba dona adducent.* Porque aquelas palavras *reges Tharsis et insulæ,* con-
5 forme a significação mais recebida, querem dizer *reis ultramarinos,* o que se não verifica sem grande impropriedade nos reis da Arábia e Sabeia com respeito da Palestina.

Mas de qualquer modo que seja, o certo e sem con-
10 trovérsia é que todos eram reis gentios. Pois se eram reis gentios, e de nenhum modo sujeitos ao domínio da república hebreia, que razão ou motivo tiveram para vir adorar um menino que eles mesmo conheciam e diziam que era Rei dos Judeus? *Ubi*
15 *est qui natus est rex Judæorum?*

A razão e motivo que tiveram foi (como bem notou Almaino) porque sabiam e criam que aquele rei dos Judeus novamente nascido não era rei particular (como os outros reis hebreus) de uma só
20 nação ou de um só reino, senão Rei, Monarca e Senhor universal de todos os reinos e de todas as nações, e por isso como o Rei verdadeiro e Senhor universal de todos os reinos e de todas as nações do Mundo, e por isso como a rei verdadeiramente
25 seu, o vinham adorar e reconhecer, e render-lhe a

2-4. Trad.: *Os reis de Társis e as ilhas lhe oferecerão dons, os reis da Arábia e de Sabá lhe trarão presentes.* Salmo LXXI, 10.

14-15. Trad.: *Onde está o rei dos Judeus que é nascido?* *S. Mateus,* II, 2.

16. Vieira refere-se a Jacob Alamain, autor de *Aurea Opuscula Moralia.*

devida obediência e vassalagem: *debitam ei seu vero eorum regi et domino prestantes obedientiam.*

5 De sorte que antes de Cristo nascer e aparecer no Mundo, e quando sòmente estava profetizado e prometido já às nações do Universo, não só a hebreia, senão as dos gentios a tinham aceitado e querido, e por certo modo de eleição segunda e humana escolhido depois de Deus para seu futuro Rei e Senhor, e como tal o esperavam todos, e era
10 desejada de todos a sua vinda: *Ipse erit expectatio gentium; veniet desideratus cunctis gentibus.*

Só vejo que podem reparar com muita razão os doutos, e arguir contra esta nossa suposição (como arguiu S. Agostinho contra este último texto) que
15 não podia ser que as nações dos Gentios, e muito menos todas elas, esperassem e desejassem o Messias antes da sua vinda; pois antes de Cristo vir ao Mundo, nem a fé ou a esperança de que havia de vir se tinha anunciado ou manifestado às nações dos
20 Gentios, senão sòmente aos Hebreus.

É tão forçoso e ao parecer tão evidente este argumento que, vencidos da força dele os maiores intérpretes da Escritura, excogitavam aos dois textos referidos as explicações que neles se podem ver, as
25 quais, quando não façam alguma violência aos mesmos textos, ao menos não enchem o sentido de suas palavras, porque aquele *erit expectatio gentium* e aquele *veniet desideratus cunctis gentibus* verdadei-

---

1-2. Trad.: *...prestando a devida obediência ao seu verdadeiro rei e senhor.*

10-11. Trad.: *Ele próprio será a espectação dos povos: virá o desejado de todas as nações.*

ramente significam própria espectação e próprio desejo, com que as nações dos Gentios todas (geral e moralmente falando) ao menos algum tempo esperassem e desejassem a vinda do prometido e futuro Rei.

Assim é e assim foi, e assim se cumpriu uma e outra profecia, e assim digo se devem entender ambas em toda a capacidade do seu sentido próprio e natural. E para que se veja que não era cousa impossível nem dificultosa ser a vinda do Messias desejada e esperada geralmente de todas as nações gentílicas, mostrarei aqui os modos e os meios mais prováveis e certos por onde o conhecimento e esperança do futuro Messias não só podia chegar, mas com efeito chegou, ou a todas ou a quase todas as nações de todo o que naquele tempo se chamava Mundo.

O primeiro meio é a tradição continuada desde Adão até Noé, cujos três filhos, Sem, Cam e Jafet foram os segundos povoadores do género humano, no qual, enquanto se conservou unido, continuou também unida a mesma tradição, e depois que na Torre de Babel se dividiram os homens e as línguas, e se começaram novas nações, que encheram o Mundo, também com elas se espalhou pelo mesmo Mundo aquela notícia e esperança recebida de seus antepassados, pois é certo que com a mudança das línguas não perderam os homens a memória nem a ciência.

Este discurso é tão natural que não havia mister autor. Mas temos para maior confirmação dele o testemunho de S. Pedro Crisólogo, no Sermão 157, o qual, declarando o meio por onde os magos puderam entender que a estrela significava o Messias e

que este havia de nascer na Judeia, diz que tinham aprendido e sabido assim por doutrina e tradição de seus maiores, derivada desde Noé. *Non chaldea arte, sed de prisca sanctorum traditione majorum; erant* 5 *isti de genere Noe*, etc. E o autor do *Imperfeito na humildade*, II, sobre S. Mateus, tomando esta tradição mais perto da fonte, e referindo-se aos tempos de Set, filho terceiro de Adão, depois de Abel, conta haver ouvido de certo livro escrito com o nome 10 do mesmo Set, o qual se conservava em uma nação das últimas partes do Oriente, junto ao mar Oceano, e que neste livro estava descrita a aparição futura daquela estrela, e os dons que se haviam levar e oferecer ao Rei nascido que ela significava, e que 15 todas estas notícias se tinham conservado entre os doutos e estudiosos daquela gente por tradição de pais a filhos. *Audivi aliquos* (diz ele) *referentes de quadam scriptura, et si non certa tamen non destruente fidem, sed potius delectante, quoniam erat* 20 *quœdam gens sita in ipso principio Orientis juxta Oceanum, apud quos ferebatur quœdam scriptura, inscripta nomine Seth, de apparitura hac stella, et muneribus ei hujusmodi offerendis, quœ per generationes studiorum hominum patribus referentibus* 25 *filiis suis habebatur deducta.*

3-5. Trad.: *Não por arte caldaica, senão por antiga tradição dos santos antepassados; eram estes da geração de Noé, etc.*

17-25. Trad.: *Ouvi alguns referirem-se a certa escritura e, mesmo que duvidosa, de modo nenhum destrutiva da Fé, antes de certo agrado, visto como se tratava de certo povo situado muito ao Oriente, perto do Oceano, entre o qual corria uma escritura, atribuida a Seth, acerca da estrela que havia de aparecer, dos presentes que*

Até aqui este autor, chamado o Imperfeito, por deixar imperfeita e não acabada a obra que começou, o qual querem muitos que seja S. João Crisóstomo. E posto que não tem por certo aquele livro, 5 de que só refere a fama, por ser de tão duvidosa antiguidade, não nega, porém, antes aprova a tradição do futuro Messias, que entre os Gentios se conservava, e da nova estrela que havia de anunciar o seu nascimento.

10 Esta é a opinião comũa dos Padres, como se pode ver em Orígenes, S. Basílio, S. Cipriano, S. Jerónimo, S. Gregório Nasianzeno, Teofilato, Eutímio, S. Ambrósio, S. Máximo, S. Anselmo, Procópio, S. Tomás e S. Leão Papa, cujas palavras citaremos 15 depois.

O outro meio por onde os Gentios puderam vir em conhecimento da vinda e império universal do Messias, que os Judeus esperavam, foi a grande comunicação que em todas as partes do Mundo tive- 20 ram sempre com os mesmos Gentios, e os mesmos Gentios com os Judeus, entre os quais era tão vulgar e celebrada aquela esperança, que o nome com que vulgarmente chamavam ao Messias era o *Esperado*, ou *o que há-de vir*, como se vê nos termos 25 por que falaram os discípulos ou embaixadores do Baptista, quando perguntavam a Cristo: *Tu es qui venturus es, an alium expectatamus?*

---

seriam oferecidos, e que, através de gerações de homens diligentes, vinha sendo transmitida de pais a filhos. Pseudo João Crisóstomo, *Opus imperfectum in Matheum*, Migne, Patrologia Grega, tomo LVI, col. 637.

26-27. Trad.: *És tu aquele que há-de vir ou é outro o que esperamos? S. Mateus*, XI, 3.

Era Jerusalém antigamente a mais formosa cidade e o maior império do Mundo, situado no meio de todo ele, que por isso se chamava *Umbellicus terræ*, e como tal concorriam a ela de todas as partes infi-
5 nitas gentes de todas as nações e ainda de todas as cores. Isto é o que tanto celebrava David naquela cidade, em cuja fundação e formosura tinha ele tão grande parte: *Gloriosa dicta sunt de te, civitas Dei. Memor ero Rahab, et Babylonis scientium me. Ecce*
10 *alienigenæ et Tyrus et populus Æthiopum hi fueruut illic. Numquid Sion dicet: Homo et homo natus est in ea, et ipse fundavit eam Altissimus? Dominus narrabit in scripturis populorum et principum, horum qui ferunt in ea.* Que gloriosas cousas se
15 contam de ti (diz David) e se escrevem nas escrituras de todos os povos, ó cidade de Deus! Em ti se acham todas as diferenças de homens, que isso quer dizer *homo et homo*, homens de todas as línguas, homens de todas as cores, homens de todas
20 as nações e partes do Mundo; em ti se acham todos os homens de África, como são os de Etiópia; em ti os da Ásia, como são os de Babilónia; em ti os da Europa, como são tantos outros estrangeiros; em ti se vêem homens brancos, como os Tírios; em ti
25 homens negros, como os Etíopes; em ti homens de

---

3. Trad.: *Umbigo da terra.*

8-14. Trad.: *Coisas gloriosas se têm dito de ti, ó cidade de Deus! Lembrar-me-ei de Rahab e de Babilónia, que me conhecem. Ali estiveram estrangeiros — Tiro e o povo dos Etíopes. Porventura não se dirá de Sião: Homem e homem nasceu nela e o mesmo Altíssimo a fundou? O Senhor na descrição dos povos e dos príncipes dirá o número dos povos que nela estiveram. Salmo* LXXXVI, 3-6.

todas as outras cores meãs, como são os asiáticos; e de todas estas gentes, que é mais, não só frequentam tuas ruas os do povo, mas também as passeiam os príncipes — *populorum et principum!* Mas o que
5 sobretudo é digno de maior memória, e o que sobretudo te faz gloriosa, ó cidade santa, é que todos estes, vindo a ti, aprendem o que dantes ignoravam, e sabem o que dantes não sabiam, porque conhecem a Cristo.

10 Este é o sentido literal das palavras *scientium me*; porque o mesmo Cristo é o que falava neste Salmo por boca de David, como dizem comummente todos os intérpretes. E se no tempo de David era tão frequentada a cidade de Jerusalém de todas as nações
15 do Mundo, que seria no tempo de seu filho Salomão, depois de edificado o templo, primeira maravilha do mesmo Mundo, se o mesmo Salomão não fora maior maravilha! Para ver e ouvir estas duas maravilhas, e muito mais a segunda, diz o Texto Sagrado no
20 *III Livro dos Reis*, cap. IV, que vinham de todos os povos e de todos os reis da Terra a Jerusalém pessoas enviadas por eles (que é certo seriam os maiores sábios dos mesmos povos e reinos) os quais, depois de ouvirem e admirarem em presença a sabe-
25 doria de Salomão, iam contar e ensinar a suas terras e príncipes o que dele tinham ouvido e aprendido. *Et veniebant de cunctis populis ad audiendam sapientiam Salomonis, et ab universis regibus terræ qui audiebant sapientiam ejus.*

27-29. Trad.: *E de todos os povos vinham pessoas a ouvir a sabedoria de Salomão, e de todos os reis da Terra vinham homens a ouvir a sua sabedoria.* III *Livro dos Reis,* IV, 34.

E quem poderá duvidar que um dos principais mistérios que Salomão ensinava naquela cadeira universal do Mundo era o da fé e esperança do futuro Messias, filho e descendente seu, e que a maior maravilha que levavam para contar em suas terras os que tinham ouvido aquele famoso oráculo era que, sendo tão admirável a sabedoria e grandeza de Salomão, ainda havia de ter o mesmo Salomão um descendente que fosse mais sábio e maior que ele, *plusquam Salomone!* Assim o dizem expressamente neste lugar ([a])..., e se conformam com o exemplo da Rainha de Sabá, que, depois de ouvir a Salomão, foi a primeira que pregou nesta fé e esperança do Messias no seu Império de Etiópia, e em sinal da mesma fé introduziu em todo ele a circuncisão, que era uma protestação pública dos que a professavam.

Mas quando nos faltavam estes testemunhos do Testamento Velho, bastava um só do nosso para abundantíssima prova das muitas nações de Gentios que vinham ordinàriamente e residiam em Jerusalém, pois só no dia de Pentecoste, ao som daquele trovão do céu, soubemos que acudiram ao convento e ouviram a primeira pregação de S. Pedro, quando menos, dezassete géneros de homens de línguas e nações diferentes — Partos, Medos, Persas, Elamitas, Mesopotâmios, Judeus, Capadoces, Pontos, Asianos, Frígios, Panfílios, Egípcios, Africanos, Cirenos, Romanos, Cretenses, Árabes e outros convertidos das gentilidades, que chamavam com nome geral *prosélitos,* que quer dizer *novos,* assim como hoje os judeus convertidos à Fé de Cristo se chamam *cris-*

([a]) Faltam no manuscrito os nomes que o autor queria citar. — *(Nota de L. de A.).*

tãos-novos. Et quomodo nos (diziam todos estes no cap. II dos *Actos dos Apóstolos) audivimus unusquisque linguam nostram in qua nati sumus? Parthi et Medi, et Ælamitæ, et qui habitant Mesopotamiam,*
5 *Judæam et Cappadociam, Pontum et Asiam, Phrygiam et Pamphiliam, et Ægyptum et partes Libyæ, quæ est circa Cyrenen, et advenæ Romani; Judæi quoque et proselyti, Cretes et Arabes, audivimus eos loquentes nostris linguis magnalia Dei.* Onde se deve
10 muito advertir que, quando isto aconteceu, já a cidade de Jerusalém e o povo e república dos Hebreus estava quase arruinada, e não conservava a quarta parte da grandeza a que nos tempos de sua maior opulência tinha chegado. E se agora era tão
15 frequentada de nações estrangeiras, que seria nos tempos passados?

Mas se importou muito para se estender a notícia do Messias por todo o Mundo a comunicação que os Gentios tinham com os Judeus em suas próprias
20 terras, muito mais ajudou e adiantou a mesma notícia a muito maior comunicação e frequência que os mesmos Judeus tinham e continuaram sempre nas terras dos Gentios, desde que nasceu e começou no Mundo a nação hebreia, que foi em Abraão,
25 primeiro tronco e pai de toda ela. Revelou Deus por

1-9. Trad.: *E como é que os temos ouvido nós falar cada um na nossa língua, em que nascemos? Partos e Medos e Elamitas e os que habitam a Mesopotâmia, a Judeia e a Capadócia, o Ponto e a Ásia, a Frígia e a Pampília, o Egipto e várias partes da Líbia, que é comarcã a Cirene, e os que são vindos de Roma. Também Judeus e prosélitos, Cretenses e Arábios, todos temos ouvido falar nas nossas línguas as maravilhas de Deus. Actos dos Apóstolos,* II, 8-11.

três vezes sucessivamente a Abraão, Isaac e Jacob a vinda do Messias, prometendo-lhes que em sua descendência seriam abençoadas todas as nações do Mundo: *Benedicentur in semine tuo omnes gentes* 5 *terræ;* e no mesmo tempo pôs a Providência divina aqueles três Patriarcas em diferentes nações e províncias: a Abraão em Canaan, a Isaac em Gerara, a Jacob em Mesopotâmia, para que fossem três pregadores daquele primeiro Evangelho, ou como três 10 evangelistas que anunciassem às gentes a boa nova da mercê grande que Deus tinha prometido fazer a todas. E porque ao número dos três Evangelhos não faltasse o primeiro, permitiu a mesma Providência que por extraordinários caminhos fosse José levado 15 ao Egipto, e que aí por mandado do rei, como diz David, pusesse escola de sua sabedoria, onde tivesse por ouvintes todos os príncipes e sábios egiptianos: *Ut erudiret principes ejus sicut semetipsum, et senes ejus prudentiam doceret.* Assim trouxe Deus naquele 20 tempo pelo Mundo estas quatro testimunhas de suas promessas de reino em reino e de nação em nação, como notou o mesmo Profeta: *Et pertransierunt de gente in gentem, et de regno ad populum alterum.*

Ajuntou depois disto a fome em Egipto os doze 25 irmãos, filhos de Jacob e cabeças dos tribos; entraram livres, continuaram cativos, saíram vencedores. Mas no tempo daquele comprido cativeiro não havia

---

4-5. Trad.: *Serão abençoados em tua semente todos os povos da terra. Génesis,*, XXII, 18.

18-19. Trad.: *Para instruir os príncipes assim como a ele mesmo e a seus anciãos ensinar a prudência.*

22-23. Trad.: *E passaram de povo em povo e de reino em reino a outro povo.*

casa no Egipto em que o cativo não fosse mestre do senhor. As maravilhas que depois viram nos Egípcios é certo que acrescentariam fé às esperanças dos Hebreus, porventura até aquele tempo mal cridas, e já pode ser que a crueldade de Faraó, como a de Herodes, se não fundasse tanto no receio de sua multidão que no medo de suas profecias.

Passados, enfim, à Terra de Promissão, onde permaneceram até verem o cumprimento delas em Cristo, concorreram e floresceram no mesmo tempo os quatro impérios ou monarquias dos Assírios, dos Persas, dos Gregos e dos Romanos, que senhoreavam o Mundo, e com todas elas tiveram grande comunicação os Hebreus, e algumas vezes mais estreita do que quiseram.

Todas as histórias sagradas estão cheias de embaixadas, de confederações, de entradas, de guerras, de pazes, de presentes e de outros tratos e correspondências políticas, que passaram entre as quatro nações imperantes e o reino ou povo hebreu. Com os Assírios notemos de Ezequias, de Acáz, de Oseas, de Joaquim e do sacerdote Eliacim, que concorreram com Berodac, com Salmanasar, com Ful, com Nabucodonosor e com Baltasar, como consta do *IV Livro dos Reis* e da história de Judite. Com os Persas, em tempo de Jeconias, de Zorobadel, de Esdras, de Neemias, que concorreram com Ciro, com Dario e com Assuero, como consta do I e II *Livro de Esdras* e da *História de Ester*. Com os Gregos, em tempo do Sumo Sacerdote Jado, de Matatias, de Judas Macabeu, de Simão e Jónatas, que concorreram com Alexandre Magno, com os dois Antíocos, com Demétrio, Heliodoro, Ptolemeu e Trifon, como consta do I e II *Livro dos Macabeus*.

Finalmente, com os Romanos, em tempo de Judas Macabeu, de Simão e Jónatas, que concorreram com diversos cônsules de Roma, de que se nomeia na Escritura Sagrada sòmente Lúcio, como consta das
5 mesmas capitulações feitas entre uma e outra nação, mandadas pelos Romanos à Judeia, escritas em tábuas de bronze, como lemos nos mesmos *Livros dos Macabeus.*

E não só com estes quatro estendidíssimos impé-
10 rios, mas com todas as nações do Mundo, tiveram muito particular trato e comunicação os Judeus, concorrendo Deus para este fim com disposições de mui particular providência. A primeira foi dar-lhes muitos filhos e pouca terra. Prometeu Deus a Abraão
15 que multiplicaria sua descendência como o pó da terra e como as estrelas do céu, e foi assim que de doze netos de Abraão se formaram os tribos e destes cresceu e se multiplicou a mais numerosa nação que jamais houve no Mundo de um só sangue. A terra,
20 porém, que Deus deu e repartiu aos doze tribos para sua habitação foi a terra chamada de Promissão, cuja largura e comprimento, tomada em sua maior extensão, não chegava a oitenta léguas da nossa medida. E a razão desta providência foi para que,
25 crescendo e multiplicando-se a nação hebreia, e não cabendo nos estreitos limites da sua própria terra, se espalhasse e estendesse por todas as nações do Mundo, e levasse a elas a primeira luz da fé de Deus e da esperança de Cristo: e este é o mistério ou a
30 energia de primeiro se haverem de multiplicar como pó e depois como estrelas, para que o alumiassem no meio das trevas em que todo estava.

Com o mesmo fim ordenou a sabedoria e justiça divina que os maiores e mais gerais castigos daquela

nação fossem desterros e cativeiros, com que eram levados e transmigrados a terras e regiões estranhas, cousa poucas vezes vista em nações inteiras, para que por este meio ficassem castigados os Judeus, e 5 juntamente instruídos e alumiados os Gentios. Assim lemos no cap. VIII dos *Actos dos Apóstolos* que se levantou uma grande perseguição na igreja de Jerusalém, por ocasião da qual se dividiram e espalharam os Cristãos por todas as regiões e terras de 10 Judeia e Samaria: *Facta est in illa die persecutio magna in ecclesia, quæ erat Jerosolymis, et omnes dispersi sunt per regiones Judæ et Samariæ.* E notam comummente os Padres e expositores que ordenou ou permitiu a Providência divina este desterro ou 15 dispersão geral de todos os cristãos de Jerusalém pelas cidades e lugares daquelas províncias, para que, juntamente com eles assim espalhados ou semeados por aquelas terras, se plantasse nelas a Fé, e depois, por este meio tão natural e ao parecer não 20 pretendido, ficasse tão crescida e arreigada.

O primeiro e principal desterro e cativeiro, não falando no do Egipto, de que já dissemos, foi o de Salmanasar, no tempo de El-Rei Oseas, como adiante largamente contaremos, no qual foram levados os 25 dez tribos desde Judeia até as terras dos Medos e dos Assírios, que estavam bem no coração de toda a Ásia; e posto que o maior corpo daquela gente teve o sucesso que depois se verá, é certo, como escreve Paulo Orósio, Severo Sulpício e outros auto- 30 res latinos e hebreus, que muitos deles se dividiram

---

10-12. Trad.: *Naquele tempo se moveu uma grande perseguição na igreja que estava em Jerusalém e foram todos dispersos pelas regiões da Judeia e da Samaria. Actos dos Apóstolos,* VIII, 1.

por todas as terras orientais daquela vastíssima parte do Mundo, penetrando até as províncias de que então nem muitos anos depois houve notícia, de que é bom exemplo a China, onde em nossos tempos
5 depois de 2300 anos, como escreve o Padre Trigantio nas suas *Relações da China*, se achavam judeus daquela transmigração com todos os sinais dela.

O segundo foi no tempo de Nabucodonosor, em que os dois tribos que haviam ficado foram tam-
10 bém cativos, em tempo de El-Rei Joaquim, e levados a Babilónia. E destes temos o testimunho da Sagrada Escritura no cap. XVI do *Livro de Ester*, que, sendo aquele império dividido em 127 províncias, em todas elas e em todas suas cidades estavam
15 espalhados os Judeus, e com eles a fé do verdadeiro Deus, que professavam, como se vê nas palavras do edicto de El-Rei Assuero ou Artaxerxes, com que mandou revogar a sentença de morte, que por malícia e vingança de um mau e soberbo privado —
20 Aman — contra a mesma nação se tinha mandado executar. *Nos autem* (diz o edicto) *a pessimo mortalium Judæos neci destinatos, in nulla penitus culpa reperimus, sed e contrario justis utentes legibus, et filios altissimi et maximi semperque viventis Dei,*
25 *cujus beneficio et patribus nostris et nobis regnum est traditum, et usque hodie custoditur.* Nas quais

---

5. Vieira refere-se ao jesuíta Nicolau Trigantio, que escreveu sobre o Japão e a China.

21-22. Trad.: *Nós, porém, aos Judeus destinados pelo pior de todos os mortais a ser mortos, em culpa absolutamente nenhuma os encontrámos, antes pelo contrário, regidos por leis justas e como filhos do Deus vivo, altíssimo e supremo, por cujo benefício o reino foi dado a nossos pais e a nós próprios, e até hoje foi guardado.*

palavras, cheias todas de fé, conhecimento, honra e sujeição ao verdadeiro Deus que os Judeus adoravam, se vê claramente quão grande fruto faziam com sua presença nas terras onde estavam cativos e 5 desterrados, não só entre a gente popular mas nos maiores ministros e príncipes, e nos mesmos imperadores supremos, qual era Assuero ou Artaxerxes, que firmou aquele edicto.

E aqui se entenderá o mistério com que um dos 10 anjos custódios da nação hebreia, que falava com o Profeta Daniel (como se lê no cap. X de suas visões), orando ele apertadamente pela liberdade do povo, lhe deu por causa da dilação daquele despacho a resistência que fizera por muitos dias diante 15 de Deus o Anjo Custódio do reino dos Persas, onde os mesmos Hebreus estavam cativos. *Princeps autem regni Persarum restitit mihi viginti et uno diebus.* E a razão desta resistência, como neste lugar notam todos os expositores modernos, era o grande proveito 20 espiritual que os gentios persas conseguiam com a presença e comunicação dos Judeus, pela fé e conhecimento das cousas divinas que de sua conversação e doutrina (ainda sem particular estudo) se lhes pregavam.

25 Nem se deve passar em silêncio a cobiça natural dos Judeus, ou desejo de adquirir riquezas, e o génio, indústria e inclinação tão particular que teve sempre

---

16-17. Trad.: *Porém o príncipe do reino dos Persas resistiu-me por vinte e um dias. Daniel,* X, 13.

esta nação ao comércio e mercancia, como filhos
alfim daquele pai que, comprando e vendendo, fez
sua fortuna, e com tão pouco cabedal como uma
escudela de lentilhas soube adquirir por indústria o
5 que lhe tinha negado a natureza, e fazer-se patrão
e senhor do maior morgado do Mundo.

Desta inclinação dos Judeus se serviu a Providência divina para os levar suavemente às terras e
regiões mais remotas, e os introduzir e misturar com
10 todas as nações, metendo-lhes em casa, sem uns nem
outros o pretenderem, as drogas do Céu entre as
mercadorias da Terra. Cuidava Benjamim que só
levava trigo no seu saco, e levava nele o trigo e mais
o cálix de José. Assim saíam de Judeia os mercadores, e nos fardos de mercadoria que levavam, metia
15 também a sua o Salvador do Mundo, que era esse
o nome de José no Egipto: *Vocabit eum lingua egyptiaca Salvatorem Mundi.* E já pode ser (se o pensamento me não engana) que fosse este o intento
20 de Deus naquela lei do cap. XXIII do *Deuteronómio: Non fœnerabis fratri tuo ad usuram* [...] *sed alieno,*
na qual se permitia (posto que não se justificava)
para com as nações estrangeiras, para que esta maior
liberdade ou impunidade de adquirir ou multiplicar
25 fazenda fora de sua pátria os convidasse a sair dela

17-18. Trad.: *Chamou-lhe em língua egípcia* Salvador do Mundo. *Génesis,* XLI, 45.

21. Trad.: *Não emprestarás com usura a teu irmão* [...] *mas só ao estrangeiro. Deuteronómio,* XXIII, 19 e 20.

e os arrebatasse voluntàriamente às terras estranhas, onde com eles se transplantasse a verdadeira fé, que era droga naquele tempo que só nascia em Judeia.

E que seria se a este título justificasse Deus as
5 usuras que permitia aos Hebreus nas outras nações, como direitos ou gabelas daquela mercadoria? Não me atreverei a o afirmar assim, mas sei que não é cousa nova em Deus, quando quer passar a religião de um reino a outros, meter neles a Fé às costas do
10 interesse. Quando os deuses de Tróia passaram a Itália, Anquises levava os deuses na mão, e Eneias levava às costas a Anquises. Os pregadores levam a Fé aos reinos estranhos, e o comércio leva às costas os pregadores.

15 E em quantas províncias achou o Evangelho fechadas as portas e, depois que o comércio bateu a elas, as teve abertas e francas? O primeiro rei de Portugal que se intitulou *rei do comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia* foi o que introduziu a Fé na
20 Índia, na Pérsia, na Arábia e na Etiópia. Se não houvesse mercadores que fossem buscar a umas e outras Índias os tesouros da terra, quem havia de passar lá os pregadores que levam os do Céu? Os pregadores levam o Evangelho, e o comércio leva
25 os pregadores. S. Tomé, que levou do Brasil à Índia o Evangelho, quando não havia comércio, houve de caminhar (como é tradição) por cima das ondas, porque não teve quem o levasse; e o segundo Após-tolo do Oriente, querendo pregar na China, traçou
30 que o pregador entrasse como negociante, para que a Fé tivesse lugar como mercadoria.

Assim começou Deus a espalhar o conhecimento de sua Fé pelo Mundo, e assim deu princípio àquele admirável comércio em que depois, tomando de nós

o que tínhamos na Terra, nos enriqueceu com o que trazia do Céu.

Naaman Siro trouxe de Damasco as suas azêmolas com carga de ricos presentes para oferecer a
5 Eliseu e levou-as carregadas de terra de Israel, porque era santa aquela terra. Assim entravam os negociantes hebreus em Judeia ricos e acrescentados com as drogas mais preciosas de todo o Mundo, e o que principalmente levavam de Judeia para o mesmo
10 Mundo, se não era a terra de Israel, era uma droga que só se dava então naquela terra, que era a Fé e conhecimento de Deus. Isto levaram as frotas celebradas del-Rei Salomão quando navegavam a terras de Ofir, ou fosse Ofir a Índia, ou fosse a América,
15 ou fosse, como muitos querem, a nossa Espanha, império famosíssimo já naquela idade pela riqueza e opulência de suas minas. Isto vinha buscar a cobiça, e aquilo vinha trazer a Providência, sendo certo então o que depois vimos nas frotas das nossas
20 Índias, que muito mais ricas iam do que voltavam. Quando voltavam, traziam ouro, prata, pérolas, diamantes, rubis; quando iam, levavam a Fé de Cristo, a esperança do Céu, as verdades do Evangelho, os sacramentos, a graça, a salvação.

25 De maneira que o comércio, os desterros e a estreiteza da terra própria foram as três ocasiões principais por que os Judeus se saíam e Deus os derramava por todas as terras e nações do Mundo. Josefo, no Livro XI de suas *Antiguidades*, diz que a nação
30 hebreia tinha cheia toda a redondeza da Terra: *orbem terrarum replevit*. E Filo Hebreu, naquele memorial ou livro que intitula *De Legatione ad Caium*, diz que a maior parte de todas as ilhas e terras firmes marítimas e mediterrâneas da Ásia, da África e da

Europa eram habitadas de Judeus: *Itaque si exorat mea Patria tuam clementiam præpter ipsam, alias civitatis demereberis plurimas, sitas in diversis orbis tractibus, Asia, Europa, Africa, insulares, maritimas,*
5 *mediterraneas.*

E se estes dois autores, posto que tão alegados e seguidos de todos os que escrevem, por serem da mesma nação, parecerem a alguém suspeitosos e dignos de menos crédito, saiba que os mesmos tes-
10 timunhos se leram nas Escrituras Sagradas ainda com palavras mais universais e de maior encarecimento. No edicto que passou Assuero para que morressem todos os Judeus sujeitos às terras de seu Império, diz assim a Relação ou Relatório de suas
15 culpas: *In toto orbe terrarum populum esse dispersum, qui novis uteretur legibus, et contra omnium gentium consuetudinem faciens, regum jussa contemneret, et universarum concordiam nationum sua dissensione violaret. Quod cum didicissemus, viden-*
20 *tes unam gentem rebellem adversus omne hominum genus perversis uti legibus, nostrisque jussionibus contraire, et turbare subjectarum nobis provinciarum pacem atque concordiam, jussimus* etc., nas quais palavras se diz votada e expressamente que o povo
25 hebreu naquele tempo estava espalhado por todo o Mundo:*In toto orbe terrarum populum esse dispersum*; e que com a novidade de suas leis perturbavam a paz de todas as gentes e de todas as nações:

1-5. Trad.: *E assim, se a minha Pátria implora a tua clemência, além dela outras e muitas cidades merecerás, situadas em diversas regiões do orbe — Ásia, Europa, África — insulares, marítimas, mediterrâneas.* Filon Judeu, *Lucubrationes omnes,* ed. de 1557, p. 861.

omnium gentium et universarum nationum; e que desobedeciam os mandados dos reis e eram rebeldes contra todo o género humano: *adversus omne genus humanum.* E estas culpas assim relatadas que vêm a ser senão um testimunho público e autêntico de tudo o que imos provando? Porque não só consta delas estarem os Judeus espalhados por todo o Mundo, mas se mostra também com a mesma clareza que os efeitos dessa dispersão era ser pública e notória a todas as nações e reis e a todo o género humano a nova lei e nova Fé diferente de todas as outras que os mesmos Judeus professavam.

No I capítulo dos *Actos dos Apóstolos* temos outro testimunho sagrado igualmente universal e por termos, se pode ser, ainda mais notáveis: *Erant autem in Hierusalem habitantes judæi viri religiosi ex omni natione quæ sub cælo*: «Havia em Jerusalém (diz S. Lucas) muitos judeus moradores da mesma cidade, homens religiosos de todas as nações que cobre o céu;» para cuja inteligência se deve supor que todos os hebreus que viviam longe de Judeia em diferentes nações, reinos ou cidades populosas, tinham em Jerusalém suas sinagogas particulares e distintas, as quais sinagogas não eram pròpriamente igrejas como as nossas (porque o templo era um só e comum a todos, nem podia ser mais que um conforme a lei), mas eram umas casas grandes e públicas, onde se ajuntavam principalmente aos sábados, e ali se tinham as pregações, os conselhos, as disputas, e todas as outras conferências das cousas espirituais ou eclesiásticas, como se conta no capítulo XVII dos *Actos* o fazia ou costumava fazer S. Paulo: *Secundum consuetudinem autem Paulus introivit ad eos, et per sabbata tria disserebat eis de*

Scripturis. E no capítulo VI do mesmo livro se faz expressa menção das sinagogas diferentes que dizíamos: *Surrexerunt autem quidam de Synagoga, quæ appellatur libertinorum, et Cirenensium et Alexandrinorum, et eorum qui erant a Cilicia et Asia;* mas no qual texto, como advertiu S. Crisóstomo e outros Doutores, não se há-de entender que uma só sinagoga fosse dos Libertinos, Cirenenses, Cilicianos, Asiáticos e Alexandrinos, senão que cada uma das comunidades dos Judeus pertencentes a estas províncias tinham a sua sinagoga própria, separada e particular. Era Jerusalém naquele tempo (e muito mais antes daquele tempo) a corte dos rei, a universidade das letras, o assento dos tribunais, e sobretudo era a cabeça da Igreja da Lei Velha, como hoje é Roma da Nova, à qual estavam sujeitos todos os Judeus e professores da mesma Fé, ainda que vivessem em outros reinos, como se vê das provisões de S. Paulo, as quais ele foi buscar a Jerusalém contra os Judeus de Damasco, que era terra de gentios sujeitos a El-Rei Arctas; e assim como todos os reinos e repúblicas da Cristandade têm seus embaixadores, agentes requerentes e igrejas particulares em Roma, e ainda hospitais da mesma nação, assim e muito mais se observava o mesmo uso entre os Judeus, gente por natureza tenacíssima dos seus costumes e ritos.

E era tanto o número destas sinagogas em Jerusalém, que quando ùltimamente foi destruída aquela cega cidade por Tito e Vespasiano, se acharam nela, como refere Lorino, quatrocentas e oitenta sinagogas, cada uma de diferente nação, província, reino, corte ou povo notável, onde houvesse tanto número de Judeus, que só o que deles assistiam em Jerusalém pudessem formar corpo e comunidade distinta.

Daqui se tira o novo e eficaz argumento de quão espalhados e multiplicados estavam os Judeus por todas as partes do Mundo. E estes eram aqueles a quem S. Pedro, no *Sermão de dia de Pentecoste*, cha-
5 mou *judeus de longe: Vobis enim est repromisio et filiis vestris et omnibus qui longe sunt.*

Vivendo pois os Judeus tão misturados e travados com todas as nações dos gentios, desta companhia se lhes pegara, como dizíamos, o conhecimento
10 da Fé de Deus e esperança de Cristo, e não só pelo trato, comunicação e exemplo, senão também por indústria e estudo particular de alguns judeus mais zelosos, os quais com desejo de aumentar a sua religião e o culto do verdadeiro Deus, ensinavam e afei-
15 çoavam a ela os gentios.

Desta verdade temos em prova (que não é só suspeita ou conjectura nossa) o testimunho e autoridade do mesmo Cristo no capítulo XXIII de S. Mateus, onde, repreendendo a hipocrisia dos escribas
20 e fariseus, diz assim: *circuitis mare et aridam, ut faciatis unum proselytum: et cum fuerit factus, facitis eum filium gehennae duplo quam vos.* «Cercais o mar e a terra para converter um gentio à Fé, e depois que está convertido, ensinai-lhes tais doutrinas,
25 que o fazeis mais filho do Inferno do que vós sois.» Na qual sentença de Cristo se vê principalmente como os Judeus rodeavam mar e terra, isto é, peregrinavam e navegavam por todas as terras e mares do Mundo, e juntamente se prova que com estas

---

5-6. Trad.: *Para vós, na verdade, é a promessa, e para vossos filhos e para todos os que estão longe. Actos dos Apóstolos*, II, 39.

suas peregrinações e navegações levavam pelo mesmo Mundo a Fé do verdadeiro Deus, e o davam a conhecer aos Gentios, dos quais convertiam alguns; e finalmente que não se fazia isto acaso e por ocasião do trato, se não por zelo e cuidado particular da Religião, posto que depois a viciavam os escribas e fariseus do tempo de Cristo com a má doutrina e exemplo que lhes ensinavam; nem faltavam em diversas partes do Mundo padrões desta mesma verdade, levantados entre as gentes mais políticas e celebradas da Gentilidade. Tal era aquele altar que S. Paulo achou em Atenas, consagrado ao *Deus não conhecido* — *Ignoto Deo* — o qual Deus não conhecido, como logo lhes declarou o mesmo Apóstolo, era o verdadeiro Deus, criador do Céu e da Terra.

Destes altares havia outros, como escreve o Cardeal Barónio, na Arábia, nas Gálias, na nossa Espanha e em outras províncias nobres da Ásia e da Europa, e que estes monumentos de Religião e este conhecimento de *Deus não conhecido* se tivesse derivado aos Gentios da doutrina e trato com os Judeus, provam-no agudamente alguns autores, com o mesmo título de *não conhecido*. Porque os deuses dos Gentios eram conhecidos pelos seus nomes particulares de Júpiter, Saturno, Marte; mas o Deus dos Judeus não era conhecido de nome, porque lhes estava proibido tomarem na boca o nome de Deus, e por isso se chamava *Inefável,* isto é, nome *que se não podia falar nem dizer. Vere tu es Deus absconditus, Deus absconditus et Salvator* — dizia Isaías a Deus, aludindo a esta proibição: «Verda-

---

30. Vid. *Actos dos Apóstolos,* XVII, 23.

deiramente, Senhor, vós sois um Deus escondido, mas Deus que escondido e desconhecido salvais.» E Josefo, no Livro II de suas *Antiguidades*, vindo a tratar do nome de Deus, passou-o em silêncio e disse
5 que lhe não era lícito pronunciá-lo: *De quo mihi dicere non est fas.*

Conheciam, porém, os Gentios, ensinados pelos Judeus, que este *Deus desconhecido* a quem não sabiam o nome era o Deus que criara todas as cousas,
10 e este foi o mistério daquela erudita ignorância, com que, descrevendo Ovídio a criação do Mundo, não o nomeou nem determinou o Deus que o criara, dizendo-o só absoluta e incertamente: *Quisquis fuit ille deorum* — «quem quer que foi o Deus» que o
15 criou.

Mas nesta mesma incerteza com que falou no Deus criador do Mundo, este poeta declarou ser ele o Deus que adoravam os Judeus, ao qual os Gentios chamavam *Deus incerto*, porque não tinha nome par-
20 ticular com que fosse conhecido e se distinguisse dos outros deuses. Assim o disse Claudiano, também poeta latino e gentio, chamando aos Judeus os adoradores de Deus incerto: *Cultrix incerti Judæa Dei.* E estes foram os primeiros rudimentos da Fé que os
25 Judeus semearam entre os Gentios, introduzindo-se o verdadeiro Deus nas outras nações e andando nelas como disfarçado, conhecido debaixo do nome de *incógnito*, e crido com o sobrenome de *incerto*.

13-14. Ovídio, *Metamorphoseos*, Liv. I, I.
21. Não encontrei o passo em Claudiano.
23. Trad.: *A Judeia adoradora do Deus incerto.* Claudiano...

E para que concluamos este discurso com uma advertência em tal matéria digna de muito reparo, no capítulo XXXII do *Deuteronómio* diz Moisés que, quando Deus, na confusão da Torre de Babel, dividiu a todos os filhos de Adão em diversas nações e línguas, fez aquela divisão conforme o número dos filhos de Israel, respondendo a cada um deles uma nação: *Quando dividebat Altissimus gentes, quando separabat filios Adam, constituit terminos populorum juxta numerum filiorum Israel.* No qual número alude Moisés aos filhos de Israel, que entraram no Egipto, os quais consta do capítulo X do mesmo livro e do capítulo XLVIII dos *Génesis*, que foram setenta almas: *Omnes animæ domus Jacob, quæ ingressæ sunt in Ægyptum, fuere septuaginta.* Assim entendem este lugar todos os Padres e intérpretes, os quais também concordam em que as línguas e nações em que Deus dividiu os homens (como se colhe do capítulo X do *Génesis*, em que se referem as famílias dos descendentes de Noé) foram setenta e duas. Destas, se se tirarem a hebreia e egípcia, que já estavam unidas e se comunicavam, ficam pontualmente setenta.

Agora pergunto: E que mistério ou que intento teve a Providência Divina em igualar o número de todas as nações ao dos primeiros hebreus e não em outro tempo ou ocasião, senão quando a primeira vez se ajuntaram com os Gentios? O mistério e razão desta providência foi sem dúvida porque tinha Deus destinado aos Judeus para mestres da Fé dos Gen-

---

14-15. Trad.: *Todas as almas da Casa de Jacob que entraram no Egipto, foram setenta.*

tios naquela primeira Igreja. E era conveniente e necessário para este soberano fim que fossem tantos os mestres quantas eram as nações.

Temos a confirmação deste pensamento na mesma
5 Providência Divina, que sempre é semelhante a si mesma em casos semelhantes. Tratou Cristo de dispor a pregação do Evangelho e conversão do Mundo, e, depois de nomeados os doze Apóstolos, em correspondência também dos doze filhos de Jacob e dos
10 doze tribos de Israel, elegeu sinaladamente setenta e dois. E dois discípulos, como escreve S. Lucas no capítulo X, que mandou diante de si: *...designavit Dominus et alios septuaginta duos et misit illos binos ante faciem suam, in omnem civitatem et locum, quo*
15 *erat ipse venturus*. E se buscarmos nos expositores sagrados o mistério e proporção deste número, responde S. Jerónimo, e com ele a sentença comum dos intérpretes, que foram setenta e dois estes novos precursores e embaixadores de Cristo, por serem
20 outras tantas (como dizíamos) as nações do Mundo, que o Senhor, por meio da sua pregação e doutrina, queria trazer (como trouxe) ao conhecimento da Fé. De maneira que, assim como Cristo, no princípio da Lei da Graça, igualou o número dos seus
25 discípulos ao das nações e gentes do Mundo, para que levassem por todo ele o conhecimento de Deus e a nova de que o Messias era já vindo, assim Deus, no princípio da Lei Escrita, mediu o número dos filhos de Israel, que são os Hebreus, com o de todas
30 as outras nações e gentes do mesmo Mundo, porque

12-15. Trad.: *...designou o Senhor ainda outros setenta e dois, e mandou-os adiante de si de dois em dois, para todas as cidades aonde tivesse de ir. S. Lucas,* X, 1.

eles eram os que haviam de levar e semear entre todas elas o conhecimento do verdadeiro Deus. E a nova e promessa de que o Messias havia de vir é explicação admirável de outros setenta e dois intér-
5 pretes da divina palavra, os quais, em lugar de — *juxta numerum filiorum Israel* — tresladaram — *juxta numerum Angelorum Dei* —, chamando neste lugar aos filhos de Israel *anjos* ou *embaixadores de Deus*, porque esse era o fim e ofício para que foram
10 destinados a todas as nações e tomados e repartidos conforme o número delas.

O terceiro meio de providência particular com que pôde chegar fàcilmente e chegou naquele tempo aos Gentios o conhecimento da fé e esperança de Cristo,
15 foram as Escrituras Sagradas. O primeiro livro que viu o Mundo foi o *Pentateuco*, de Moisés, e não faltam grandes conjecturas para se crer que Moisés foi aquele prodigioso Mercúrio a quem os Antigos celebraram com o nome de *Trimegisto*. Este livro
20 foi o que fez aos Caldeus mestres da Ásia, aos Egípcios da África e aos Gregos da Europa. Com razão chamou Clemente Alexandrino a Platão o *Moisés de Atenas* — *Moyses Atticus* — porque de Moisés foram tirados todos aqueles lumes que deram a Pla-
25 tão em suas obras nome de *divino*. Deste *rústico*, que assim lhe chamou Aristóteles, tomou este soberbo e ingrato filósofo a sabedoria mais sublime que o fez o maior da Grécia. Aos livros de Moisés se seguiram os outros sagrados; os dos Profetas, que são
30 entre todos quase os últimos, ainda vencem em anti-

4-5. Vieira refere-se aos 72 tradutores da Bíblia para grego, feita em Alexandria, em 282 ou 283 antes de Cristo. Chama-se-lhe vulgarmente a *Versão dos Setenta*.

guidade os mais antigos filósofos e escritores gentios. *Tempore nostrorum prophetarum* (diz S. Agostinho) *philosophi gentium nondum erant.* E como só estes livros havia no Mundo, só estes se liam em todo
5 ele, dispondo-o assim a Providência, que tudo governa, para que mais se estendessem por toda a parte e fossem mais celebradas suas notícias.

Não lhes podia suceder então às Escrituras divinas o que depois lhes aconteceu com Jerónimo, quando
10 as deixou pela suavidade de Túlio, porque ainda não tinha gostado sua doçura. Elas só eram o estudo dos sábios, elas o entretenimento dos curiosos, elas o desvelo dos entendidos. Esse foi um dos mistérios de Deus, em as fazer escuras, para que, tendo sempre
15 que entender, fossem uma e muitas vezes lidas.

Quem quiser saber fàcilmente quão estudadas eram dos Gentios as Escrituras, leia com atenção os livros dos seus filósofos, dos seus historiadores e ainda dos seus poetas, e verá o que delas tomaram, delas imi-
20 taram e sobre elas fingiram; verá quanto as não largavam das mãos. «Tudo o que compôs o estilo dos vossos escritores — dizia Tertuliano aos Gentios — a substância, a matéria, a origem, a ordem, as histórias das gentes e das cidades insignes, e ainda
25 as mesmas cidades e algumas das gentes; as causas e memórias do que escreveram e até a forma das letras e imagens dos caracteres, e os vossos mesmos deuses (e não digo nisto mais senão menos) os vossos templos, os vossos oráculos, os vossos sacrifícios,
30 tudo vencem em muitos séculos de antiguidade os livros de nossas profecias, e tudo foi tomado do

---

2-3. Trad.: *No tempo dos nossos Profetas ainda não existiam os filósofos dos Gentios.*

tesouro das escrituras judaicas, que são também as nossas»: *Omnes itaque substancias, omnesque materias, origines, ordines, venas veterani cujusque styli vestri, gentes etiam plurasque et urbes insignes, historiarum causas et memoriarum, ipsas denique effigies literarum indices custodesque rerum, et (puto adhuc minus dicimus) ipsos, inquam, Deos vestros, ipsa templa, et oracula, et sacra unius interim prophetæ scrinium, sæculis vincit, in quo videtur thesaurus collocatus totius Judaici Sacramenti, et inde etiam nostri*... Até aqui Tertuliano.

É certo que, se os versados nas divinas Escrituras considerassem diligentemente a matéria delas e a traça e harmonia com que foram ditadas pelo Espírito Santo, achariam fàcilmente que não só foram escritas pela lei e observância dos Hebreus, senão também para lição e estudo de todas as outras nações; porque, sendo um só o Povo de Deus, e os autores que escreveram aqueles livros todos do mesmo Povo, a que outro fim se faz neles tão frequente memória de todas as outras nações do Mundo e seus sucessos? Assim temos os Cananeus, os Amorreus, os Fereses, os Eveus, os Eteus, os Jebuseus, os Filisteus; assim os Ismaelitas, os Amonitas, os Moabitas, os Madianitas, os Gabaonitas, os Amalecitas; assim os Assírios, os Medos, os Caldeus, os Persas, Sírios, os Tírios, os Sidónios, os Egípcios, os Etíopes, os Gregos, os Macedónios, os Romanos. E não havia antes de Cristo província conhecida ou cidade de grande nome no Mundo, de cujos sucessos se não achasse alguma memória no Testamento

---

11. Vid. Tertuliano, *Adversus Gentes*, 273.

Velho, assim dos passados nas histórias, como dos futuros nas profecias.

Não falo já de Daniel, que falou universalmente de todos os maiores impérios; mas só em nove capí- 5 tulos de Isaías lemos sinaladamente as profecias de onze nações diferentes, chamadas cada uma por seu nome a ouvir a sentença e a saber da boca de Deus o que lhe estava por vir. E que nação destas haveria que não lesse com grande atenção e cuidado os orá- 10 culos daquele famoso profeta, onde estavam conhecendo seus nomes e lendo suas fortunas? Bastava só para mover a curiosidade universal de todas as gentes à lição dos Livros Sagrados, serem só eles os que revelaram e descobriram ao Mundo o segredo de 15 seu primeiro princípio, tão ignorado entre todos os sábios, a origem das línguas, o nascimento das nações, a divisão das terras, a ordem e cronologia dos tempos, do que tudo houvera perpétua ignorância nos homens, se não estivera revelado nas Escri- 20 turas.

Mas quando nenhum destes tesouros houvera depositado e encerrado nelas, falando sòmente do que pertence à história, que livros se escreveram jamais, não digo dos que professam verdade, mas dos fin- 25 gidos e fabulosos, que igualem em grandeza e variedade de casos admiráveis a menor parte ou sombra do que se refere nas histórias sagradas?

Narraverunt mihi iniqui fabulationes, sed non ut lex tua, dizia Daniel, e mais ainda não tinha sido 30 o que depois dele se escreveu. Que gigantes fabulosos filhos da terra se atreveram a edificar uma torre

---

28-29. Trad.: *Os iníquos contavam-me fábulas, mas nada como a tua Lei.*

como a de Babel, nem arrimaram escadas ao céu, sem pôr monte sobre monte, como a de Jacob? Que metamorfoses ou transformações fingiram como a de Nabucodonosor, convertido em bruto, a da mulher
5 de Lot em estátua, a da vara de Moisés em serpente, comendo serpentes, e depois de serpente convertida outra vez em vara?

Descreveram as fábulas o dilúvio, mas não tiveram fantasia para meter todo o Mundo em uma arca,
10 nem confiança para o salvar nela. Qual poeta se impôs ou traçou jamais uma comédia como a de Job, uma tragédia como a de Aman, uma novela ou enredo como a de José? Em que teatro dos Gentios se representaram aparências de tanto artifício
15 como um paraíso terreal sumido no meio do Mundo, um Enoc desaparecido de repente, um Datão e Abiron tragados da terra, e um Elias voando pelos ares em um carro de quatro cavalos, o carro, as rodas e os cavalos tudo de fogo? Que semelhança
20 tiveram aquelas máquinas que se levantaram com nome de maravilhas do Mundo com a portentosa grandeza das que lemos nas Escrituras? Que estátua como a de Nabuco, que carroça como a de Ezequiel, que coluna como a do Deserto, que jardins como os
25 de Assuero, que palácio encantado como o templo de Salomão, edificado de seus fundamentos sem nele se ouvir o golpe de martelo? Um pavilhão que de dia cobria do sol seiscentas mil famílias, uma tocha que de noite as alumiava, já dissemos que se cha-
30 mava coluna.

Que disse a Gentilidade da cítara de Orfeu, que se iguale com a harpa de David, de que fugira o Inferno? Que disse das respostas duvidosas do seu Apolo, que se pareça com os oráculos sempre certos

do propiciatório? Que disse das vozes de Eudimião, também ouvidas da Lua, que não exceda uma só voz de Josué, obedecida da Lua e do mesmo Sol? O caduceu tão celebrado do seu Mercúrio que comparação teve com os poderes da vara de Moisés, que dividia os mares, parava os rios, fazia caminhar os montes? Onde se lê tal agravo de omnipotência como no tenente daquela vara em quem foi culpa tirar fontes de um penhasco com dois golpes, porque o podia fazer com uma palavra?

Não digo nada dos documentos da Escritura, porquanto trato do doce e não do útil, só do que leva o apetite e não do que move a razão. Que se podia inventar de maior pasmo aos ouvidos, que ouvir falar um jumento com Balaão e uma serpente com Eva? Que se podia fingir de maior lisonja e admiração ao gosto, que comer em uma iguaria todos os banquetes e gostar em um só maná todos os sabores? Que se podia imaginar de maior suspensão e assombro à vista, que ver o monstro marinho engolir a Jonas, ver levá-lo consigo ao fundo e desaparecer, e ver dali a três dias surgir a baleia, desembarcá-lo a fera vivo nas praias de Nínive?

Como estes são os prodígios que se encontram a cada página nos Livros Sagrados. Mas que direi das façanhas e cavalarias que, ainda conhecidas por falsas, deleitam e suspendem tanto a curiosidade dos homens? Que desafio como o de David, com uma funda e um cajado contra o gigante coberto de ferro?

---

12. *Dulce et utile* são as duas qualidades da obra literária que Horácio, na *Arte Poética*, considera como as que, harmoniosamente ligadas, lhe dão a primazia:
Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci.

Que batalha como a de Gedeão, só com trombetas e luzes em cântaros de barro? Que bateria como a dos muros de Jericó, derrubados com os instrumentos dos músicos do templo! Que emboscada como a de Abimelec, em que os bosques e as sombras caminhavam juntamente e os soldados com eles? Que vitória como a de Jónatas, em que um só capitão com um só soldado, pôs em fugida e desbarato o exército inumerável dos Filisteus? Que triunfo como o da galharda Judite, quando entrou pelas portas de Betúlia com a cabeça de Olofernes, em que degolou de um golpe todo aquele seu exército?

Mas passando nós a encontros de maiores forças em que pelejaram os braços e não a indústria, que Hércules Tebano como Sansão, aquele que, atado sete vezes, de uma só rompeu as cordas e nervos como se foram teias de aranha; aquele que, preso dentro da cidade de Gaza, quebrou com as mãos os ferrolhos e lançou às costas as portas; aquele que, levado ao templo dos Filistinos, lançou a mão direita e esquerda a duas colunas, dando com o templo em terra, sepultou debaixo dele todos os idólatras; aquele que, com uma queixada de um jumento, matou, em campo aberto, mil de seus inimigos e ainda matara mais, se não fugiram todos?

Teve sede Sansão, cansado de matar, e, arrancando um dente da mesma queixada, fez brotar dela uma fonte. Assim obedecem os elementos a quem assim triunfa dos homens. Todas estas forças tinha este bizarro mancebo em sete cabelos, porque dedicou todos a Deus, desde seu nascimento.

Segundo Sansão, foi Sangar capitão do mesmo povo depois de juiz, e juiz depois de lavrador, mas lavrador que, fazendo montante do arado, matou

com ele em um dia seiscentos filisteus, e deixou semeando com seus corpos o campo que andava lavrando. Fique à trombeta da fama Josué, vencedor de trinta e um reis, e o fortíssimo Macabeu, restau-
5 rador vítima da sua pátria. Paremos no valente Eleásaro, que, metendo-se intrèpidamente com a espada debaixo de um elefante armado, primeiro foi matador de sua sepultura, e depois ficou ali não sei se diga morto, se mortalmente oprimido do peso
10 de tamanha vitória.

Mas deixando a guerra, o sangue e o estrondo das armas, que história tão admirável como a da casta Susana? Que sacrifício tão lastimoso como o da filha de Jepta, e tão venturoso como o de Isaac posto já
15 sobre o altar, e de entre a lenha e a espada escapando vivo? Que caso tão bem tecido como o de Moisés infante, já entregue à fúria do Nilo na barquinha ou naufrágio de vimes, tomando posto nos braços da Princesa do Egipto, encomendado com maior
20 ventura à própria mãe para que o criassem a seus peitos? Que maravilha como a da sarça verde e sem arder no meio das chamas, a dos meninos de Babilónia tomando fresco na fornalha, a de Daniel comendo e não comido no lago dos leões, e a da ser-
25 pente do Deserto dando vida aos mordidos só com olharem para ela? Que prudência como a de Salomão em mandar partir o menino para conhecer a mãe verdadeira? Que engenho como o de Jacob em meter as cores pelos olhos das mães, para pintar os cordeiros
30 antes de nascerem? Que indústria como a de Daniel em semear de noite o templo de cinza, para mostrar de dia nas pegadas dos sacerdotes e seus filhos que eles e não o ídolo eram os que comiam as ofertas? Que subtilezas de Estado tão bem entendidas como

as dos *Livros dos Reis*, que [...] ([a]) como as de David com Saul e as de Cusai com Aquitofel?

Tudo nas divinas Escrituras é divino, tudo raro, tudo maravilhoso, e fora matéria imensa de prosse-
5 guir e impossível de compreender querer levar por diante os princípios deste não intentado discurso.

Bastem estes poucos exemplos, mais aludidos que contados, para que deles possa entender o leitor (que é o que só lhe pretendemos persuadir) quão fraca
10 seria a todas as nações dos Gentios a lição dos Livros Sagrados quando chegassem a suas mãos, e como este foi o altíssimo conselho da Providência Divina, no estilo e disposição das escrituras do Testamento Velho (tão diversas nesta parte das do Testamento
15 Novo) temperando a alteza e majestade de seus mistérios com o sabor de tantas verdades gostosas e com a variedade de tantas maravilhas tão novas e tão notáveis, para que, convidados com o cevo da curiosidade os que ainda não deviam àqueles livros
20 outros melhores respeitos, aprendessem por eles a Fé de Deus e juntamente as esperanças de Cristo.

E quão impossível cousa seja poderem ler os Gentios as Escrituras Sagradas, sem beberem daquelas fontes esta esperança, vê-se clara e naturalmente da
25 matéria das mesmas Escrituras, que, como todas, foram ordenadas à vinda de Cristo, e de Cristo em quanto Rei e Senhor do Mundo, apenas se acha

---

([a]) Aqui palavras ininteligíveis no manuscrito. — *(Nota de L. de A.)*.

2. Cusai e Arquitofel eram os dois conselheiros de Absalão, filho de David, na luta contra seu pai. Cusai foi superior a Arquitofel em prudência, como David o fora a respeito de Saul. Vid. II *Livro dos Reis*, cap. XVII.

cláusula em muitas delas que não esteja anunciando esta vinda e este Reino.

Três partes da Escritura, disse Cristo aos discípulos que falavam mais particularmente na sua
5 vinda ao Mundo: os Profetas, os Salmos e os livros de Moisés: *Necesse est impleri omnia, quæ scripta sunt in lege Moysi et prophetis et psalmis de me.* E deixando àparte os lugares mais escuros (que esses não os entendiam os Gentios sem intérprete) como
10 se viu no eunuco da rainha Cândaces, de Etiópia (se bem havia muitos hebreus, como dissemos, entre os Gentios, a quem estes podiam perguntar a interpretação quando quisessem) o cap. 2, o 9, o 11, o 35, o 52, o 53, o 54, o 65 e o 66 de Isaías, e muitos
15 outros de todos os Profetas, que homem os podia ler com juízo e entendimento, ainda que fosse sem fé, que não visse e conhecesse que era prometido naquelas palavras um Rei futuro, e não Rei como os que costumava ver no Mundo, de uma só ou algumas
20 nações, senão de todas as gentes e reinos do Universo? E quando todas as outras profecias tivessem alguma escuridade que eles não pudessem entender ou interpretar por si mesmos, os dois textos de Daniel, fundamentais desta nossa História, em que
25 o Reino universal daquele futuro Monarca está ex-

6-7 Trad.: *É necessário que seja cumprido tudo o que sobre mim foi expresso na Lei de Moisés, ou pelos Profetas ou pelos Salmos.*

10. Cândaces, foi rainha da Etiópia, segundo os *Actos dos Apóstolos,* VIII. Aí se conta que um seu eunuco foi convertido por S. Filipe, discípulo de Cristo. Mas o nome *Cândace* não é próprio, antes significa genèricamente a majestade real.

presso e declarado com palavras tão vulgares e tão significativas, e com termos que não admitem outro sentido nem interpretação, que gentio havia de haver, por bárbaro e ignorante que fosse, que não fizesse
5 conceito do que diziam?

Mas basta ao nosso intento que o fizessem os doutos e os entendidos. Nos Salmos de David, como ele era a quem tão de perto tocava aquela felicidade e a quem particularmente estava prometida, é cousa
10 maravilhosa a frequência com que está repetido, a clareza com que está apregoado e a pompa e majestade de palavras com que está engrandecido o Reino de Cristo. O Salmo II, o Salmo IX, o Salmo XLI, o Salmo XLV, XLVI e XLVII, o Salmo LVIII,
15 LXVII e LXXXVIII, o Salmo XCII, XCV, XCVI, XCVII, o Salmo CII, todos estes catorze salmos têm por principal assunto o Império do Messias.

E porque não duvidassem os Gentios que eles, as suas terras e as suas coroas, eram as que haviam de
20 ser sujeitas a este grande Império, vinte nove vezes lhes repete e inculca o mesmo Daniel esta gloriosa sujeição, falando com eles nomeadamente, e não por termos enigmáticos ou metatífisicos, senão clara e distintamente pelo seu próprio nome de Gentios. Que
25 gentio podia haver tão rude, tão alheio do lume da razão e tão gentio, que lendo no Salmo II: *Dabo tibi gentes hæreditatem tuam et possessionem tuam terminos terræ;* e no Salmo XXI: *Adorabunt in conspectu ejus universæ familiæ gentium, quoniam*

26-29. Trad.: «*Dar-te-ei os povos como tua herança e os confins da terra como tua propriedade. Adorarão na tua presença todas as famílias dos povos, porque do*

Domini est regnum; e no Salmo XCVIII: *Dominus in Sion magnus, et excelsus super omnes populos;* e no Salmo XCV: [*Dicite*] *in gentibus quia Dominus regnavit, etenim correxit orbem terræ;* e no
5 Salmo LXXI: *Adorabunt eum omnes reges terræ, omnes gentes servient ei;* que gentio, digo, podia ler estes textos ou ouvir estes pregões tão expressos e declarados do domínio daquele futuro Rei sobre todos os Reis e nações do Mundo, que, se não cresse
10 aquela Fé, ao menos não conhecesse aquela esperança?

Deixo de ponderar mais lugares de David, porque o faremos muitas vezes, em toda esta *História.*

Finalmente, os livros de Moisés (que era a 3.ª ale-
15 gação de Cristo), posto que sejam principalmente históricos e não proféticos, não só têm por ocasião da mesma história muitas profecias e promessas desta esperança, mas tão dirigidas e encaminhadas todas as nações, nomeadamente dos mesmos Gentios,
20 que não podiam deixar de ser lidas deles com grande advertência e recebidos com grande aplauso. No capítulo XII, do *Génesis,* a primeira vez que Deus apareceu a Abraão e o mandou sair da pátria, lhe prometeu que seriam abendiçoadas nele todas as
25 nações da terra: *In te benedicentur universæ cognationes terræ;* e no capítulo XVIII torna a referir Deus esta mesma promessa: ...*cum benedicendæ sint in illo omnes nationes terræ;* e no capítulo XXII, em

---

Senhor é o reino. O Senhor é grande em Sião e excelso sobre todos os povos. Dizei entre as gentes que o Senhor reina, porque firmou a redondeza da terra. Adorá-lo-ão todos os reis da Terra, todos os reis o hão-de servir.

25-26, 27-28. Trad.: *Em ti serão abençoadas todas as nações da Terra. ...pois que todas as nações da Terra hão-de ser benditas nele.*

prémio da resolução e obediência com que Abraão não duvidou de sacrificar seu filho, lhe prometeu Deus terceira vez a mesma bênção, com declaração que não seria na sua pessoa, senão na de um seu des-
5 cendente: *Benedicentur in semine tuo omnes gentes terræ*. A qual promessa tornou Deus a ratificar quarta e quinta vez em Isaac, filho, e em Jacob, neto do mesmo Abraão, sempre pelas mesmas palavras. Em Isaac, no capítulo XXVI: *Benedicentur in semine*
10 *tuo omnes gentes terræ;* e em Jacob, no capítulo XXVIII: *Benedicentur in semine tuo cuntæ tribus terræ;* finalmente, no capítulo XLIX do mesmo livro dos *Génesis* está o famoso texto já referido, um dos dois em que fundamos todo este discurso:
15 *Non auferetur sceptrum de Juda, donec veniat qui mittendus est, et ipse erit expectatio gentium.*

De sorte que em um só livro de Moisés tinham os Gentios seis profecias claras e que claramente fala-vam com eles, nas quais se lhes prometia por boca
20 de Deus que seriam abendiçoadas em um homem da descendência de Abraão, que era o esperado Rei e Messias do Mundo. Assim que, lendo os Gentios como liam as Escrituras, e particularmente os livros de

---

5-6. Trad.: *Na tua semente serão benditas todas as nações da Terra.*

9-10. Trad.: *Na tua semente serão benditas todas as tribos juntas da terra.*

15-16. Trad.: *Não será tirado o ceptro de Juda, até que venha Aquele que deve ser enviado, e Ele próprio será a expectação das gentes.*

Moisés, os dos Salmos e os dos Profetas, não podiam deixar de vir em conhecimento, e tal conhecimento de Cristo, que todos o desejassem e esperassem todos.

O quarto e último meio e mais imediato da Providência Divina, com que as nações gentílicas puderam conhecer, e com efeito conheceram, o prometido Messias, foram muitas revelações particulares daquele mistério com que Deus em diferentes tempos alumiou por si mesmo a vários homens e mulheres de toda a Gentilidade. Seja o primeiro exemplo desta luz aquele grande varão mais conhecido pelo testemunho da paciência que pelo lume da profecia, Job.

Era Job verdadeiramente gentio, idumeu de nação, natural da terra de Hus, e foi insigne profeta de Cristo, a quem conheceu por universal Redentor: *Et scio quod Redemptor meus vivit;* e em quem esperou ver a Deus vestido de carne: *In carne mea videbo deum meum;* e esta esperança, como ele diz, trazia sempre guardada no seio: *Reposita est hæc spes mea in sinu meo». Similiter et Job* — diz Santo Agostinho — *eximius prophetarum, et in carne mea videbo Deum meum, quod de illo tempore prophetavit quia Christi deitas habitum nostræ carnis induta est.*

Os amigos de Job também eram gentios de outras províncias vizinhas, e também alumiados da mesma fé e confirmados na mesma esperança, como consta

---

16-24. Trad.: *E sei que o meu Redentor vive. Na minha carne verei o meu Deus. Tenho guardada esta esperança no meu seio. Semelhantemente também Job, eximio entre os Profetas — «e na minha carne verei o meu Deus» — porque desde aquele tempo profetizou que a divindade de Cristo se vestiu com a forma da nossa carne.*

da mesma história e do que eles disseram nela; e como todos fossem reis e senhores de suas terras (assim lhes chama o Texto Sagrado no capítulo I de Tobias) com aquela suprema autoridade e com o
5 conhecimento e sabedoria que tinham do Céu, já se vê quão ensinados teriam nela a todos seus vassalos, e quão pública seria entre eles a esperança de Cristo.

Balaão (cujo espírito profético é tão vulgar que
10 não tem necessidade de provas) não só foi gentio, senão mau gentio. Dele diz S. Máximo: *Nemo* [...] *miretur nativitatem dominicam agnovise Chaldæos, quam utique, si revelante Deo prænuntiare potuit; potuit Gentilis agnoscere.* Este Balaão,
15 este gentio, (o qual não duvidou de se chamar a si mesmo *auditor sermonum Dei, qui novit doctrinam Altissimi et visionem Omnipotentis vidit)* profetizou claramente de Cristo e de seu império naquele texto tão celebrado no capítulo XXIV
20 dos *Números: Videbo eum, sed non modo; intuebor illum, sed non prope: orietur stella ex Jacob, et consurget virga de Israel, et percutiet duces Moab, vastabitque omnes filios Seth.* Quer dizer: «Vê-lo-ei, mas não agora; olharei para ele, mas não de perto; nas-
25 cerá a estrela de Jacob, e levantar-se-á o ceptro de Israel; vencerá todos os capitães dos Gentios e sujei-

---

11-14. Trad.: *Não surpreenda a ninguém que os Caldeus tenham tido conhecimento do nascimento do Senhor, pois se, por revelação divina, o Pagão a pôde anunciar, também a pôde conhecer.* S. Máximo, *Opera omnia, Homilia XXVI, De Epiphania Domini,* X.

16. Trad.: *Auditor das palavras de Deus, que conheceu a doutrina do Altíssimo e viu a visão do Omnipotente.*

tará todas as nações do Mundo.» As quais palavras foram sempre entendidas, assim pelos Hebreus, como pelos Gentios, de um Rei descendente da casa de Jacob, que em tempos futuros havia de imperar no
5 Mundo e havia de sujeitar a seu domínio todas as nações dele.

E digo que não só os Hebreus entendiam assim este lugar, mas também os Gentios, por ser muito célebre entre eles a notícia deste oráculo, e muito
10 famosa, ou difamada (como diz S. Leão Papa), a memória desta profecia, pela qual memória ou notícia (diz o mesmo santo) informados os Reis Magos, puderam arguir do aparecimento da nova estrela o nascimento do novo Rei: *...ad intelligendum mira-*
15 *culum signi potuerunt Magi etiam de antiquis Balaam prænuntiationibus commoveri scientes alim esse prædictum et celebri memoria diffamatum.* Notem-se bem estas últimas palavras, de que se vê fàcilmente quão notória era no Mundo e quão pública entre os
20 Gentios esta esperança.

14-17. Trad.: *Para entender o milagre do sinal puderam também os Magos ser movidos por antigos anúncios de Balaão, sabendo que outrora fora predito e difamado com célebre memória.* S. Leão Magno, *Opera Omnia*, Serm. XXXIII, cap. II. O texto de S. Leão Papa pondo o sinal : depois de *diffamatum*, acrescenta: *Orietur stella ex Jacob et exurget homo ex Israel et dominabitur gentium*, o que altera a versão corrente do texto dos *Numeros*, XXIV, 17: *Orietur stella ex Jacob, et consurget virga de Israel et percutiet duces Moab, vartabitque omnes filios Seth: Nascerá uma estrela de Jacob e levantar-se-á uma estrela de Israel; e ferirá os capitães de Moab e destruirá todos os filhos de Set.*

Das Sibilas (profetizas também da Gentilidade) diz assim Xisto Betuleu, nas *Anotações* que fez sobre o original grego dos oráculos sibilinos: *Sic prorsus sentio Deum totius universitatis opificem et adminis-* 5 *trum æternum, suum votum et totam illam futuram seriem præsertim ad salutem mortalium spectantem, sicut Israeli per prophetas, ita gentibus per Sibyllas ostendere voluisse per idem numen fatidicum.*

Quer dizer este autor (e o confirma com o que 10 disseram das Sibilas Lactânio Firmiano e S. Agostinho) que comunicou Deus o espírito de profecia a estas famosas mulheres, porque, assim como os Hebreus tiveram os seus Profetas, tivessem também os Gentios os seus, por cujo meio a uns e outros fossem 15 manifestos os conselhos divinos, principalmente aqueles que para a salvação universal do Mundo eram necessários, conforme a ordem e disposição eterna de sua providência.

E se alguém perguntar curiosamente a quem e por 20 cuja boca falou Deus mais claramente, se aos Hebreus pelos Profetas, ou aos Gentios pelas Sibilas, respondo que em muitas cousas particulares, principalmente das que pertencem a Cristo, falaram com termos de maior clareza as Sibilas do que os Profe- 25 tas, como se pode ver fàcilmente de uns e outros livros. De muitos lugares e exemplos que pudera trazer desta diferença, porei sòmente aqui dois,

---

4-8. Trad.: *Assim firmemente creio que Deus, criador e administrador de tudo, atentando principalmente na salvação dos mortais, quis mostrar a sua promessa tanto a Israel, pelos Profetas, como aos Gentios, pelas Sibilas, pelo mesmo divino poder profético.*

para que se veja quão fácil era aos Gentios o conhecimento de Cristo pelos livros ou oráculos das Sibilas, antes quão impossível cousa era lerem eles, como liam, aqueles livros, e não terem notícia do Messias
5 e da esperança e promessa de sua vinda, formando ao menos um conceito comum, e conceito de um Rei e de um Império futuro, debaixo do qual se havia de renovar e restaurar o Mundo. No fim do *Livro II* diz a Sibila Eritrea estes versos:

10 *Sed postquam Roma Ægyptum reget imperioque*
Frænabit, summi tum summa potentia regni
Regis inextincti mortalibus exorietur.
Rex etenim sanctus veniet, qui totius orbis
Omnia sæculorum per tempora sceptra tenebit.

15 Não se podia descrever com maior clareza o tempo e circunstâncias do nascimento de Cristo, a soberania de seu supremo poder e a Monarquia Universal de seu Reino sobre todos os ceptros e coroas do Mundo. Diz que nasceria este Rei e daria princípio a seu
20 Império quando Roma dominasse e governasse o Egipto; e assim foi, porque depois da vitória de Augusto César, em que venceu a Marco António e Cleópatra no Egipto, e acabou de dominar o Império Romano, as últimas relíquias de poder em que
25 se conservava o Grego não passaram mais que

10-14. Trad.: *Mas depois que Roma reger o Egipto e refrear o Império, nascerá então aos Mortais o sumo poder do supremo império do Rei inextinto. Virá, na verdade, o Santo, o qual sustentará todos os ceptros, através dos séculos.* Vid. *Sibylina oracula*, Paris, 1593, p. 218.

doze anos, até o nascimento de Cristo, como consta da... ([a]).

No *Livro VIII* (que é o último) tem a mesma Sibila outros versos mais notáveis do género daque-
5 les que os Gregos chamaram acrósticos, cujo artifício é lerem-se pelas primeiras letras, e formar-se com elas alguma sentença, nome ou inscrição particular. Os versos, pois, são trinta e cinco e a sentença é esta:

Jesus Christus, Dei filius, servator Crux

Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador cruz.
10 Estes versos estão em toda a sua propriedade no texto grego, e não se poderão traduzir na língua latina com o motivo daquelas letras sem alguma variedade. S. Agostinho, no *Livro XVIII De Civitate Dei,* cap. XXIII, diz que a primeira versão que
15 chegou a suas mãos deste acróstico era em versos mal latinos, e que se não podiam ter em pé: *Versibus male latinis et non stantibus;* tão galante é a frase com que o Santo declara o mal falado e mal medido daqueles versos. Depois diz que o Procônsul
20 Flaviano lhe mostrou outros mais conformes às leis da gramática e da poesia, os quais copia este naquele lugar, e nós deixamos de os pôr aqui, porque não guardam a ordem das letras iniciais, propriedade que falta em muitas outras versões latinas. A de João
25 Bongro, traduzida por Xisto Betuleu, compreendeu e cumpriu felizmente com todas estas dificuldades, sem tomar outra licença mais que a de desatar a

([a]) Lacuna no original. — *(Nota de L. de A.)*.

última letra em duas, e fazer de um X, C e S. É a seguinte: ([a])

Judicii metuet sudans presagia tellus
Et Rex æternus magno descendet Olympo
5 *Sublimis carnem mundumque ut judicet omnem.*
Unum suscipient numen pravique bonique
Summum, supremo cum Sanctis tempore mundi.
Carnifer ille homines judex inquiret in omnes,
Horrida terra vias cæli spinæque tenebunt.
10 *Rejicient simulacra viri, gazamque repostam.*
Ille domus cæcas et Ditis claustra refringet.
Sanctior a mortis jam nexu libera lucem
Turba hominum cernet, scelerosos flamma piabit
Ultrix perpetuum: mala quæ quicumque patravit

([a]) Texto confuso e certamente muitas vezes incorrecto no ms. Estes versos, que constituem o acróstico, e que o autor provàvelmente extraiu de alguma cópia manuscrita, não concordam com a tradução de Sebastião Castalio *(Sibyllina Oracula ex vett. codd. aucta, renovata, et notis illustrada a D. Johanne Opsopœo Brettano,* Paris, 1599), nem com qualquer das quatro variantes na obra *De Sibyllis earumque oraculis dissertationis,* de Servatus Gallius, Amsterdam 1688. Também os outros trechos alegados das Sibilas se não encontram em nenhum daqueles livros. — *(Nota de L. de A. É exacta).*

3-14. Tentativa de tradução: *A terra, coberta de suor, temerá os presságios da sentença e o Rei eterno descerá do grandioso Olimpo e julgará, sublime, a carne e todo o mundo. Os bons e os maus, com os Santos, aceitarão um só e supremo Deus, até a consumação dos séculos. Aquele juiz vestido de carne inquirirá a todos os homens. A terra tenebrosa e os espinhos cobrirão os caminhos do Céu. Os homens rejeitarão os ídolos e o tesouro sepultado. Ele derrubará as casas fechadas e os claustros de Plutão. Uma turba de homens mais santa e já liberta do laço da morte, distinguirá a luz; a chama para sempre vingadora castigará os criminosos. Os males que cada um praticou*

Sontica suppressitque diu, producent in auras
Deteget et turbis Deus obsita corda tenebris;
Erumnæ et stridor dentis regnabit ubique;
Ipsum deficiet solis decus, astra colore
5 *Fusco obducentur, argentea luna peribit,*
Insurgent valles, consident ardua montis,
Luxus sublimis mortales deseret oras.
Immensos colles æquabunt marmora campi.
Velivago nulli cernentur in æquore nautæ.
10 *Succendet terram fulmen, vaga lympha vapore*
Solis arescet ripis, fontesque dehiscent:
Et tuba de cælo tristis clangore sonabit
Raucisono mundi clades pereuntis acerbas;
Vastum terra chaos stygio monstrabit hiatu,
15 *Atque Dei solio sistetur judicis omnis*

---

sob aparências que os desculpavam, e por muito tempo ocultou, manifestar-se-ão a toda a luz, e Deus arrancará às trevas os corações mergulhados na confusão. Por toda a parte reinará a inquietação e o ranger de dentes; ao próprio Sol faltará o esplendor, os astros se velarão de sombra, desaparecerá a Lua prateada, elevar-se-ão os vales, abaixar-se-á a cumeada da serra, o luxo sublime abandonará a pátria dos mortais. Os campos, horizontais como pavimentos de mármore, nivelarão com as colinas imensas. Nauta algum será visto nos mares habituados à navegação. O raio abrasará a terra, a vagabunda linfa, ao calor do sol, secará nos leitos. E de som triste e rouco, uma trombeta fará ressoar, desde as alturas, as trágicas catástrofes do mundo que perece. A Terra, como na infernal caverna, mostrará um vasto caos e a turba dos chefes e dos reis toda se encontrará no sólio do divino Juiz;

Turba ducum regumque; pluet tum sulphure et igni
Omnibus extabunt ligni vexilla verendi,
Robur et auxilium populo exoptata fideli:
Certa pio generi vita, ast offensa malignis,
5 *Rore bonos lustrans bisseni fontis ab unda:*
Virgaque qua pecori dat ferrea jura magister
Carminis auspiciis qui crimina morte piabit
Servator Rex æternus Deus ipse patescit.

Destes mesmos versos faz menção Eusébio Cesa-
10 riense na *Vida de Constantino Magno*, e Marco Túlio, que morreu cinquenta anos antes do nascimento de Cristo, no livro II *De Divinatione*. O sentido dos versos, em suma, é a vinda de Cristo a julgar o Mundo, com todas as circunstâncias de
15 grandeza, majestade e horror que pertencem ao aparato e execução do juízo.

O mistério da encarnação está com tanta e maior clareza no Livro I dos mesmos oráculos das Sibilas:

20 *Tunc ad mortales veniet, mortalibus ipsis*
In terris similis, natus Patris omnipotentis
Corpore vestitus.

---

choverá então enxofre e fogo e por sobre tudo o mais se elevarão as bandeiras do lenho venerando, fortaleza e auxílio que são o anelo do povo fiel; vida segura para os piedosos, porém desgraça para os maus, lustrando os bons com orvalho espargido do caudal da velha fonte. E [será patente] a vara com que dá ao rebanho as rígidas leis aquele Senhor que expiará os crimes pela morte, segundo as profecias, e o rei que nos conserva se revelará o próprio Deus.

20-23. Trad.: *Então, vestido de corpo, o filho do Padre Omnipotente virá para junto dos mortais, a eles próprios semelhante na terra.*

Não falou com palavras mais claras S. Paulo, quando disse: *In similitudinem hominum factus et habitu inventus ut homo.* E mais abaixo se lê a pregação do Baptista, quase pelas mesmas palavras 5 de S. Mateus:

Verum cum quædam vox per deserta locorum
Nuncia mortales veniet, quæ clamet ad omnes
Ut rectos faciant calles, animosque repurgent
A vitiis, et aqua lustrentur corpora cuncta,
10 *Ut nunquam deinceps peccent in jura, renati...*

A embaixada do Anjo à Virgem com o mesmo nome de Gabriel descreve a Sibila no Livro VIII por estas palavras:

E cælo veniens mortales induit artus.
15 *Ac primum corpus Gabriel ostendit honestum*
Nuncius, hinc tali affatur sermone puellam:
Accipe, Virgo, Deum premio intemerata pudico.
Sic ait: ast illam cælestis gratia molli
Leniit affatu: tum virginitatis amatrix
20 *Perpetuæ magno subito correpta stupore*
Atque metu trepida pressit formidine mentem.

2-3. Trad.: *Foi feito à semelhança do homem, afeiçoado em forma humana.*

6-10. Trad.: *Porém quando certa voz anunciadora vier através dos desertos, clamando para que os mortais tornem rectas as veredas, arranquem as almas dos vícios, e todos os corpos por eles se purifiquem, para que nunca mais os renascidos pequem contra o direito...*

14-21. Trad.: *Vindo do Céu, revestiu-se das articulações mortais e em primeiro lugar Gabriel, que o anunciou, mostrou a nobre presença, dirigindo-se à Virgem nestes termos: «Aceita a Deus, ó Virgem sem mácula, no ventre pudico.» Asim disse. A celeste graça, porém, acalmou-a com a suavidade do discurso. Então, enamorada de virgindade perpétua, perturbada de grande e súbito espanto e trepidante de medo, apertou, temerosa, a cabeça.*

E pelo mesmo estilo vai prosseguindo a história da encarnação, segundo as leis da história. E porque não faltasse com todas estas circunstâncias, até o presépio de Belém, alegria e pasmo dos pastores, 5 aparecimento da estrela e adoração dos Reis. O nome da Virgem, assim como tinha declarado o do Anjo, diz no mesmo lugar:

Et brevis egressus Mariæ de Virginis alvo
Exorta est nova lux.

10 Finalmente, resumindo todas as obras de Cristo, assim da vida santíssima, como da sua Paixão, até lhe pôr a coroa (como se esta fora o fim e assunto do seu poema) conclui com estes versos:

Ergo ad judicium veniet dicti memor hujus,
15 *Persimilem formam portans in Virginis alvum,*
Collustrans lympha manibus senioribus (?) omnes
Cuncta jubens faciet morboque medebitur omni.
Placabit ventos dicto sternetque profundum
Insanum, placidis pedibus calcando, fideque,

8-9. Trad.: *E do ventre da Virgem Maria, de breve espaço, saiu uma nova luz.*

14-19. Trad.: *Virá, pois, a juízo, lembrado deste dito, trazendo ao seio da Virgem forma muito semelhante, a todos a linfa banhando com mãos antigas (?), tudo fará, impondo o seu comando, e remediará a todo o mal. Acalmará os ventos por sua palavra, prostará aquele que*

Ad virosa genas præbebit sputa prudentes
Verberibusque sacrum tradet proscindere tergum
[Viriginem enim castam tradet mortalibus ipse.]
Perque feret tacitus cotaphos ne forte sciatur
5 *Quis sit, cujus, mortalibus unde locutum*
Venerit, horrentemque feret de vepre coronam.

Até aqui a Sibila, compreendendo admiràvelmente em tão poucas regras o nascimento virginal de Cristo, o sacramento do baptismo, que instituiu
10 e administrou, depois que teve (como ele diz) maiores as mãos, o império que exercitou sobre todas as criaturas, as enfermidades que curou milagrosamente, os mares que pisou andando plàcidamente sobre as ondas, a sujeição com que lhe obedeceram
15 os ventos, a paciência e humildade com que sofreu ser cuspido, açoutado e afrontado com mãos sacrílegas em seu próprio rosto, e coroado por escárnio com coroa de espinhos, dissimulando debaixo de tantas injúrias a grandeza, poder e majestade de
20 quem era e de quem o mandara ao Mundo.

Tanta como esta é a clareza com que falaram de Cristo as Sibilas, qual se não acha maior nem ainda igual nos Profetas. Sendo a razão desta providência (como bem notou Castálio) a rudeza e ignorância
25 das cousas divinas em que viviam os Gentios, aos

é o abissal Insano, calcando-o com pé seguro e com fé; oferecerá as faces prudentes aos escarros nojentos, permitirá aos açoites lhe rasguem o sagrado dorso e ele próprio deixará aos mortais a casta virgem . E sofrerá calado as bofetadas, para que se não saiba quem é, de quem seja, de onde tenha vindo falar aos mortais, e suportará uma coroa de espinhos.

quais era necessário se falasse com maior clareza do que aos Hebreus, nascidos e criados entre os resplandores da Fé e conhecimento de Deus, tendo também estes ali tantos mestres que os pudessem alu-
5 miar e ensinar, e carecendo aqueles de toda a luz e doutrina.

Se já não foi (como considera o mesmo autor e o prova com Isaías) que a escuridade dos Profetas, por permissão ou castigo, se acomodou à cegueira
10 com que os Judeus haviam de negar a Cristo, e a claridade das Sibilas à fé com que os Gentios o haviam de crer. *Nonne* (são as palavras de Castálio) *quæ de Christo gentibus prædicta sunt ea clariora esse oportuit, quod Mose et cetera disciplina care-*
15 *bant, quæ eis ad Christi lumen quasi proluceret: ut quod hic durat, id oraculorum perspicuitate compensaretur? Accedit eo quod (quemadmodum scitur ex Isaia) voluit Deus Judæis obscuriorem esse Christi adventum, ut in eum obscurarent atque ita suæ per-*
20 *tinaciæ pœnas darent, quod idem de gentibus dicere non licet.*

Por meio destes oráculos das Sibilas, que andavam nas mãos de todos, principalmente dos sábios, como se vê em Platão e Aristóteles, era tão vulgar
25 e famosa entre os Gentios a esperança daquele novo

12-21. Trad.: *Pois não é verdade que tudo quanto de Cristo foi predito aos Gentios conveio que fosse mais claro. por carecerem do ensino de Moisés ou qualquer outro que lhes fosse como luz que os encaminhasse a Cristo, de modo que esta persistência fosse compensada pela claridade? Acresce a isto que, segundo de certo modo o ensina Isaías, quis Deus que fosse mais obscuro para os Judeus o advento de Cristo, a fim de que eles mais o obscurecessem e assim se punissem da sua pertinácia, o que não é lícito dizer dos Gentios.* Não pude consultar a obra que insere o texto, de que portanto não garanto a exactidão.

Rei e da idade dourada que havia de trazer ao Mundo com seu felicíssimo Reino, quanto a lemos elegantemente profetizada na IV Égloga de Virgílio, que morreu treze dias antes do nascimento de
5 Cristo, e cita nela os oráculos da Sibila Cumea:

Ultima Cumæi venit jam carminis ætas,

para que entendêssemos que as Sibilas foram as Musas Sicélides que exercitaram cousas maiores, e que destas fontes bebeu aqueles levantados espíritos,
10 e não nas de Aganipe ou Hipocrene.

Eusébio Cesareense, no já citado livro da *Vida de Constantino Magno,* é de opinião que esta quarta Égloga de Virgílio é toda alegórica, e que debaixo da metáfora de Asínio, filho de Polion, foi verda-
15 deiramente escrita e dedicada a Cristo, filho do Eterno Padre, encobrindo e envolvendo o vigilantíssimo Poeta a verdade desta sua fé e pensamento

---

6. Trad.: *Já chegou a última idade do vaticínio de Cumeia.* Esta sibila anunciara em quinto lugar a idade que havia de ser precedida pelas idades de ouro, de prata, de bronze e de ferro.

7. As Musas Sicélides, ou Sículas, são as da Sicília, a ilha italiana em cuja capital — Siracusa — nasceu Teócrito (perto de 3 séculos A. de C.), o criador do género bucólico.

10. *Aganipe* e *Hipocrene* são duas fontes de cujas águas se cria que inspiravam os poetas. A primeira corria junto do monte Hélicon, e, segundo o mito, nela tinha sido metamorfoseada a filha do rio Permesso; a segunda, também chamada a *Fonte do Cavalo* (é o que querem dizer em grego os dois nomes *hipo* e *crene)* era assim designada, porque o cavalo alado — *Pégaso* — com uma patada a tinha feito rebentar.

com as figuras e metáforas daquele seu Mecenas, para que o não condenasse a superstição romana como violador da divindade dos deuses. *Intelligimus autem* (diz Eusébio) *dicta hæc manifeste simul et* 5 *obscure per allegorias prolata iis, qui carminum horum sensum altius sub conspectum divinitatis Dei scrutantur, innuere quomodo Poeta, ne quis eorum qui in regio orbe denominabantur, culpare posset quod contra patrias leges scriberet, et quæ jam olim* 10 *inde a majoribus de diis credita fuissent, rejiceret, veritatem occuluerit.*

Desta mesma opinião de Eusébio são outros muitos autores, os quais constantemente se persuadem que o sujeito da IV Égloga virgiliana não foi outro 15 senão Cristo, conhecido pelos oráculos das Sibilas, e certo são tão extraordinàriamente grandes as cousas que o príncipe dos poetas diz naquele poema bucólico, que nem ainda do mesmo César se puderam dizer sem nota de demasiada adulação e indigna 20 de um tão eminente juízo como o de Virgílio, talhado verdadeiramente para poeta de Cristo.

Quem tiver curiosidade de ver a alegoria de toda a Égloga aplicada e explicada de Cristo, veja nos Antigos ao mesmo, e dos Modernos ao P.ᵉ Lacerda,

---

3-11. Trad.: *Entendemos, porém, que estas palavras, de modo a um tempo manifesto e oculto, alegòricamente proferidas para aqueles que perscrutam o sentido mais alto dos vaticínos, sob o conspecto de Deus, deixam adivinhar de que modo o Poeta tenha ocultado a verdade, a fim de evitar que qualquer dos que dominavam nas esferas reais pudesse culpar o que escrevia contra as leis pátrias, e rejeitava quanto já antigamente tinha sido acreditado a respeito dos deuses.*

e sobre todos o ([a]) ... que de versos de Virgílio teceu e compôs felizmente toda a vida de Cristo ([b])......
....

As razões mais fundamentais e sólidas com que
5 se persuade e converte a verdade deste império temporal de Cristo são as que imediatamente se tiram dos mesmos títulos que acabamos de declarar. E assim a primeira e mais relevante de todas se funda na união hipostática com que a humanidade sagrada
10 de Cristo está unida ao Divino Verbo, posto que esta mais se pode chamar natureza que razão; outra é o merecimento infinito de Cristo, inseparável a todas as suas acções, pelo qual lhe eram devidas todas as dignidades e grandezas humanas, sem ex-
15 clusão de poder, autoridade e soberania alguma, em consequência do qual merecimento se ajuntou a ele a vontade eficaz divina, que foi o princípio efectivo donde manou e se derivou a Cristo a comunicação liberalíssima, e como investidora absoluta
20 desta suprema e universal potestade; assim que as razões fundamentais do império temporal de Cristo são três: o ser quem é, o seu merecimento e a vontade divina, que é razão de si mesma.

Estas razões capitais se podem ajudar e revestir
25 de várias congruências, que fàcilmente se consideram muito convenientes todas ao decoro e majestade de Cristo; o qual, como cabeça dos homens que são compostos de carne e espírito, não era justo que

---

([a]) Lacuna no original. — *(Nota de L. de A.)*.
([b]) Seguem-se duas laudas em branco. — *Nota de L. de A.)*.

tivesse sobre eles o domínio partido, senão inteiro, assim sobre as cousas e acções concernentes ao espírito, como as que pertencem ao corpo; antes, por Cristo ser verdadeiro e inteiro homem, composto não
5 só de espírito, se não de carne, foi muito conveniente que não só tivesse o Império espiritual que pertence às almas, se não também o temporal que é próprio dos corpos: *...ut sicut ipse e corpore et spiritu compositus erat, ita eum (Pater) et regem*
10 *spirituum et corporum etiam fecerit, ut tam late ipsius regnum et imperium pateret quam ipsius Dei*, como doutamente disse Stuniga, comentando o capítulo IX, v. 9, do Profeta Zacarias.

Se os Trajanos e outros imperadores e príncipes
15 do Mundo deram seus impérios e reinos inteiros aos estranhos que adoptaram por filhos, como havemos de crer nem imaginar que desse Deus só uma parte de seu império e domínio a Cristo, que não só em quanto Deus, se não ainda em quanto homem, é
20 seu filho natural e verdadeiro e unigénito? Se quis e não pôde (como em semelhante caso argumentava Agostinho) foi fraqueza; se pôde e não quis, foi inveja, e um ou outro pensamento fora blasfêmia contra o omnipotente amor de tão divino Pai.

25 A Adão deu Deus o império universal do Mundo com sujeição e obediência a todas as criaturas dele,

---

8-11. Trad.: *...para que, assim como Ele próprio era composto de corpo e espírito, assim também o Padre a Ele o fez rei dos espíritos e dos corpos, por que tão abertamente se patenteasse ser o reino e o império tanto dele como do próprio Deus.*

só por ser feito a sua imagem e semelhança: *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram, ut præsit piscibus maris, et volatilibus cæli, et bestiis terræ.* Como negaria logo Deus este mesmo poder,
5 não digo já àquele segundo Adão que veio restaurar as ruínas do primeiro, senão àquele que é imagem e retrato perfeitíssimo de sua sustância: *Ipse est enim imago Patris et figura substantiæ ejus?* Haverá quem se atreva a dizer ou presumir que foi menor o poder
10 de Cristo no Mundo que o de Adão ou que teve Adão poder que faltasse a Cristo? A carne de Adão que tomou Cristo não foi de Adão pecador, senão de Adão inocente, porque, como advertiu o Apóstolo, tomou a carne e não contraiu o pecado. E se
15 Cristo não foi filho de Adão escravo, se não de Adão senhor, porque não reteria ao menos o que não perdeu em seu Pai?

A geração de Cristo escrita por S. Mateus começa em David, e por S. Lucas em Adão; e se, por filho
20 de David, melhor que Salomão lhe foi devido o ceptro de Israel, por filho de Adão, melhor que Caim e Abel, porque se lhe há-de negar o do Mundo?

Finalmente, é princípio geral e recebido de todos os teólogos, que se deve conceber e admitir na sobe-
25 rana pessoa de Cristo todos aqueles atributos de poder, grandeza e majestade, que sem implicação nem indecência se podem considerar nela, porque

---

1-4. Trad.: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, para presidir aos peixes do mar, às aves do céu e aos animais da terra. Génesis,* I, 26.

7-8. Trad.: *Ele próprio é, na verdade, a imagem do Rei e a figura da sua substância...*

todos lhe são infinitamente devidos; e tão fora está
deste perigo o império e domínio temporal que admi-
timos em Cristo, que antes da falta dele se podem
arguir conhecidos inconvenientes, e ainda alguma
5 consequência indigna e de menos decoro. Porque o
império espiritual de Cristo, por supremo e univer-
sal que seja, só tem poder e jurdição indirecta
sobre as cousas e acções temporais, enquanto estas
se ordenam ou subordinam ao fim e conservação
10 das espirituais: e no caso ou suposição em que Cristo
sòmente fosse Rei espiritual, segue-se (como douta-
mente infere o Padre Soares) que, se Cristo qui-
sesse mandar a um homem ou a um anjo uma acção
meramente temporal alheia (ainda que fosse para
15 obrar um milagre), que o não poderia fazer livre
e absolutamente a seu arbítrio e sem licença do dono
dela (se còmodamente o pudesse fazer de outra
sorte): *Indignum autem videtur* (conclui o grande
Doutor) *hæc et similia de Christi potestate sentire.*
20 Sendo logo este sentimento indigno do poder e majes-
tade de Cristo e da soberania de sua pessoa, neces-
sàriamente havemos de dizer e confessar, em boa
teologia, que não é sòmente espiritual o império e
domínio que Cristo tem sobre o Mundo, se não
25 também temporal, e que espiritual e temporalmente
lhe são todos os homens e todas as cousas sujeitas.

E quanto ao reparo da pobreza e desprezo das
cousas temporais que Cristo veio ensinar ao Mundo,
nós nos contentaremos com que os autores deste
30 escrúpulo, por santos e espirituais que sejam, se con-

18-19. Trad.: *Parece, porém, indigno sentir estas e coi-
sas semelhantes do poder de Cristo.*

tentem com o que se contentou este Monarca temporal do Mundo: imitem a pobreza de Cristo, pobre no nascimento, pobre na vida, pobre na morte, e pobre sobretudo na eleição de pais pobres, e não
5 queiram mais pobreza, nem mais exemplo em Cristo. Muitos há que querem parecer pobres; alguns que o querem ser; mas quem queira ser e parecer filho de pobres: *Quis est hic et laudabimus eum?* Só Cristo e quem tem muito de Cristo.

10 O domínio universal que Cristo tinha do Mundo era o que mais subiu de preço os quilates de sua pobreza. Não ter uso das cousas do Mundo quem não tem ou teve domínio delas, virtude pode ser, mas virtude que parece fortuna ou necessidade;
15 porém senhor absoluto de tudo quanto há e pode haver no Mundo, e ter menos uso do mesmo Mundo do que os bichinhos da terra, e poder dizer com verdade: *Vulpes foveas habent et volucres cæli nidos; filius autem hominis non habet ubi caput reclinet,*
20 oh! que pasmo, oh! que exemplo, oh! que confusão para os homens, ainda os mais desprezadores do Mundo!

Mas replicam a esta resposta os autores da contrária opinião, e dizem que a pobreza evangélica,
25 de que Cristo professou ser mestre, não consiste só na mortificação ou temperança do uso das cousas temporais, se não principalmente na renunciação do domínio delas; logo, no desprezo e abdicação deste

---

3-4. Trad.: *Quem é esse e o louvaremos?*
18-19. Trad.: *As raposas têm covas, e ninhos as aves do céu; o Filho do Homem, porém, não tem onde reclinar a cabeça. S. Mateus,* VIII, 20.

domínio é que devia Cristo dar-nos o exemplo da perfeita pobreza. E pois é certo que foi Cristo consumadíssimo exemplar de todas as virtudes, e muito particularmente desta, segue-se que não só não teve
5 o uso das cousas temporais, se não que também careceu do domínio de todas.

Primeiramente digo que, para Cristo ser perfeitíssimo mestre e exemplar de todas as virtudes, não era necessário exercitar todos os actos particulares
10 delas, ainda que os tivesse ensinado. Não era menos mestre nem menos exemplar Cristo da paciência do que o foi da pobreza, e sendo uma das mais altas proposições de sua doutrina na matéria do sofrimento, *cum te percusserint in una maxilla, præbe illi*
15 *et alteram,* sabemos contudo que, quando deram a Cristo a bofetada em presença do Pontífice Caifás, não ofereceu o Senhor a outra face, antes acudiu à calunia de que falsa e sacrìlegamente o arguiam.

Mas deixada esta estrada geral, porque não é
20 nosso intento divertir o argumento, senão desfazê-lo, digo outra vez que na pobreza de Cristo, quanto a renunciação do domínio, havia outra razão mais forçosa e necessária, que era ser este acto incompatível com a natureza e essência do mesmo Cristo.
25 Porque aquele domínio supremo e universal de todas as cousas fundava-se imediatamente, como dissemos, na união hipostática, e era não só propriedade inseparável, senão parte intrínseca dela; e assim como Cristo não podia renunciar nem abdicar de si a pró-
30 pria natureza, assim (diz o Padre Vasquez) não

14-15. Trad.: *Quando te baterem numa face, apresenta-lhe a outra.*

podia renunciar nem demitir de si o direito àquele soberano domínio. O que podia só fazer Cristo era privar-se do uso dele, e assim o fez tão perfeita e perfeitìssimamente como sabemos. Quanto mais que, 5 ainda no caso em que fora possível na pessoa de Cristo a renunciação do domínio temporal de todas as cousas, porventura que era mais conveniente ao mesmo exemplo do Mundo conservar o domínio sem o uso, que renunciar o uso e mais o domínio; porque 10 Cristo, como mestre e exemplar da perfeição evangélica, não só devia dar exemplo aos religiosos que professam renunciar o domínio dos bens temporais, senão também aos prelados e bispos, e ao supremo bispo e supremo prelado, cujo estado, sendo de 15 maior perfeição, conserva o domínio e administração dos bens e só periga ou pode perigar na imoderação ou excesso do uso deles. Foi logo convenientíssimo que em Cristo se ajuntasse o sumo domínio e o sumo desprezo e abstinência das cousas do Mundo, para 20 que no mesmo exemplar aprendessem os religiosos a mortificação do uso e os prelados a moderação do domínio.

Finalmente, para que ponhamos o selo à confirmação desta nossa sentença e acabemos de desfazer 25 as razões ou admirações, como dizíamos da parte contrária, provemos demonstrativamente a causa pelos efeitos, a potência pelos actos, a jurdição pelo exercício, e o direito (do modo que pode ser) pela posse. Temos neste ponto contra nós não só os ini-30 migos, senão também os amigos. Resolvem os defensores da opinião contrária, e também muitos da nossa, que Cristo em toda a sua vida, não teve exercício algum do império temporal, nem em quanto Rei, nem em quanto Senhor, porque nem fez acto que

fosse próprio da dignidade real, nem se serviu de cousa alguma do Mundo, como quem teve só o domínio e senhorio dele. E daqui inferem, não todos mas só os que impugnam a nossa sentença, que vinha
5 a ser totalmente ocioso este império temporal que consideramos em Cristo, e por conseguinte nulo, conforme aquele princípio vulgar da filosofia: *Frustra est potentia quæ non reducitur ad actum*

Mas começando pela forma desta consequência,
10 ou colhe demasiadamente ou nada. Porque tão boa consequência é esta: Cristo não teve exercício de rei, logo não teve poder real; como esta: Cristo não teve exercício de juiz, logo não teve poder judicial. E nesta segunda consequência, sendo de Fé a
15 premissa, é contra a Fé a conclusão. A premissa é de Fé, porque lemos no capítulo XII, de S. Lucas, que, pedindo dois irmãos a Cristo que julgasse certa dúvida que tinham entre si, o Senhor lhes respondeu: *Quis me constituit judicem super vos?*
20 E a conclusão é contra a Fé, porque nega contraditòriamente o texto de S. Paulo: *Pater non judicat quemquam, sed omne judicium dedit filio, quia filius hominis est.* Antes daqui se forma novo argumento em confirmação da verdade da nossa
25 sentença, porque a potestade judiciária em Cristo foi consequência da dignidade real, como expressamente ensina S. Tomás na Questão LIX, Art. IV,

---

7-9. Trad.: *É frustrada a potência que se não reduz a acto.*

19. Trad.: *Quem me constitui juiz sobre vós?*

21-23. Trad.: *O Pai não julga quem quer que seja; todo o julgamento é dado ao Filho, porque é filho do Homem.*

ad. I: *Potestas judicis secuta est in Christo regiam dignitatem.* E a razão desta ordem natural é, posto que o Santo Doutor a não exprima, porque o ofício de julgar é parte da dignidade de Rei, conforme
5 o texto de David: *Et nunc, Reges, intelligite: erudimini qui judicatis terram.* Por isso o mesmo Cristo, descrevendo o supremo e último acto de juízo em que há-de sentenciar o Mundo, se chama nomeadamente Rei: *Tunc dicet Rex his qui a dexteris ejus erunt* etc.
10 E se é certo e de Fé que Cristo tem esta parte da jurdição e dignidade real, porque havemos de ser tão estreitos de coração que lha não concedamos toda?

Os que admitem ou veneram connosco em Cristo
15 o título e domínio de rei e concedem contudo que não teve exercício dele, dizem muito douta e consequentemente que, ainda que a dignidade e jurdição real em Cristo não tivese acto ou exercício algum em sua vida, nem o haja de ter em outro tempo,
20 nem por isso se deve julgar aquele poder por baldado e ocioso, porque serve, como falam os filósofos, de ornar e mais aperfeiçoar o sujeito. Bem assim como na humanidade do mesmo Cristo é certo que houve alguma potência, que nunca teve nem havia
25 de ter acto (qual é a potência que há nos indivíduos para a conservação da espécie); e contudo ninguém

---

1-2. Trad.: *O poder de juiz seguiu-se em Cristo à dignidade régia.*

5-6. Trad.: *E agora, ó Reis, entendei: aprendei, visto que julgais a terra.*

9. Trad.: *Então dirá o Rei àqueles que estiverem à sua direita.*

a nega nem pode negar em Cristo, porque é perfeição natural da Humanidade.

Persistindo na mesma suposição, se pode também dizer, não indouta nem indiscretamente, que, ainda
5 que o domínio temporal de Cristo não teve aqueles actos ou exercício positivo que costuma ter nos reis e príncipes da terra, teve porém um acto excelentíssimo e um exercício contínuo, nunca visto até então no Mundo, a que podemos chamar negativo,
10 que foi o não querer usar Cristo do mesmo domínio. E ter o domínio para poder e não querer usar dele (que é um acto heróico de humanidade e modéstia, o qual necessàriamente supõe o mesmo domínio) não é tê-lo ocioso, se não mui gloriosamente exer-
15 citado, de maneira que neste sentido (que nem é vulgar nem violento) podemos dizer que não careceu Cristo do uso do domínio temporal que nele consideramos, e que o uso que teve daquele domínio foi a privação do mesmo uso, ou não querer usar dele.
20 E se não, perguntemos a S. Ambrósio para que quis e mandou Cristo aos Apóstolos que comprassem espadas, ainda que fosse a preço das mesmas túnicas com que andavam cobertos, se lhes havia de mandar que as deixassem estar na bainha? e res-
25 ponde o grande Doutor que foi para mostrar Cristo que se podia defender e vingar de seus inimigos, mas não queria. Para este uso ou desuso quis Cristo a procuração das espadas, porque muitas vezes o mais nobre e o mais generoso uso do poder é não
30 querer usar dele. E se aquelas espadas só para este uso não foram ociosas, porque o seria o domínio de Cristo, ainda que não tivesse outro uso mais que não querer o poderosíssimo Senhor usá-lo, para maior exemplo e doutrina nossa? Onde mais bem empre-

gado e aplicado o domínio, que para poder dizer, depois do maior acto de humildade: *Si ergo ego dominus et magister?*

Desta maneira respondem (e podem responder) 5 os que seguem que Cristo não teve exercício algum do império e domínio temporal; porém nós, ponderando devagar a história evangélica, temos por certo o contrário; pelo que respondemos negando a suposição, e por última confirmação da nossa opinião 10 mostraremos, por actos próprios de jurdição e domínio, como foi Cristo Rei e Senhor temporal do Mundo, não só em acto primo (como diz a frase dos Teólogos) senão em acto segundo; e não só quanto a jurdição e domínio, senão quanto ao uso 15 e exercício dela; não porque pública e continuadamente o professasse Cristo, como fazem os reis da Terra, mas porque exercitou alguns actos particulares de império e domínio, que eram próprios só do legítimo Rei e verdadeiro Senhor do Mundo, como se 20 vê claramente em muitos lugares e exemplos do Evangelho.

O primeiro seja mandar Cristo, tanto que entrou neste Mundo, chamar os Reis do Oriente pela estrela, para que o viessem reconhecer e adorar por Rei, 25 como eles mesmos disseram: *Ubi est qui natus est Rex Judæorum? Vidimus enim stellam ejus in Oriente et venimus adorare eum.*

2-3. Trad.: *Se pois eu senhor e mestre?*
25-27. Trad.: *Onde está o que nasceu rei dos Judeus? Vimos, na verdade, a sua estrela no Oriente e vimos adorá-lo. S. Mateus*, II, 2.

Item em receber os tributos que lhe ofereceram os mesmos Reis em reconhecimento da soberania suprema de sua majestade, não só em quanto Deus, se não em quanto Rei. Nesta conformidade entendem
5 todos os Padres o mistério das três espécies de ouro, incenso e mirra, que os Reis ofereceram: o incenso como a Deus, a mirra como a homem, e o ouro como a rei, e assim cantou Arato, poeta cristão da primeira Igreja, naquele verso que tão bem pareceu
10 a S. Jerónimo:

Aurum, thus, myrrham regique hominique Deoque.

E a Igreja, no Hino da Epifania:

Thus, myrrham et aurum regium.

E muito antes David, no Salmo que começa: *Deus,*
15 *judicium tuum Regi da, et justitiam tuam filio Regis*. Este Salmo se entende literalmente do Reino de Cristo, conforme a explicação de S. Jerónimo, S. Agostinho, S. Ambrósio, e o comum consenso de todos os Padres e da mesma Igreja; e não só do
20 Reino de Cristo absolutamente, se não do Reino e Império temporal, como larga e eruditamente prova Alonço de Mendoça, na sua *Relatio Theologica de universali Christi Regno*. E em comprovação deste Reino de Cristo, alega David profèticamente no
25 mesmo Salmo a adoração e tributos dos Reis do

---

11. Trad.: *Ouro, incenso e mirra para o rei, para o homem e para Deus.*
12. Trad.: *Incenso, mirra e ouro régio.*
14-16. Trad.: *Deus, dá o teu juízo ao Rei e a tua justiça ao filho do Rei. Salmo,* LXXI, 2.

Oriente: *Reges Tharsis et insulæ numera offerent, Reges Arabum et Saba dona adducent, et adorabunt eum omnes Reges terræ, omnes gentes servient ei.*

Finalmente, a entrada dos mesmos reis em Jerusalém, perguntando pùblicamente: *Ubi est qui natus est Rex?* que outra cousa foi, se não um pregão público e um *Real! Real!* por Cristo Rei do Mundo, com que o mesmo Rei se mandou apregoar na praça mais universal de todo ele, que era Jerusalém, e no meio do mesmo Mundo, que era o lugar onde aquela cidade estava situada?

A mesma publicação fizeram os Anjos nos montes e campos de Judeia, quando anunciaram aos pastores: *Quia natus est vobis hodie salvator qui est Christus dominus, in civitate David;* respondendo toda a milícia do Céu: *Gloria in altissimis Deo et in terra paz hominibus!* Nas quais palavras todas não só apregoaram o nascimento e chegada ao Mundo do novo Rei, mas declararam também por todas as circunstâncias de salvador, de ungido por Deus, de descendente de David, e da paz que trazia consigo, ser ele o Rei prometido aos Patriarcas e anunciado dos Profetas, que havia de salvar e dominar o Mundo; da qual publicação foram os mesmos

---

1-3. Trad.: *Os reis de Tarsis e as ilhas oferecerão presentes, os reis dos Árabes e de Sabá trarão oferendas e todos os reis da terra o hão-de adorar, todos os povos servir. Salmo* LXXI, 10.

5-6. Trad.: *Onde está o que é nascido rei? S. Mateus,* II, 2.

14-15. Trad.: *Porque nasceu-vos hoje o Salvador, que é Cristo, Senhor, na cidade de David. S. Lucas,* II, 11.

16-17. Trad.: *Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens. S. Lucas,* II, 14.

pastores os terceiros pregoeiros, que divulgaram por toda a parte o que tinham visto, como se colhe claramente do texto de S. Lucas: *Et omnes qui audierunt mirati sunt, et de his quæ dicta erant a pastoribus ad ipsos.* Que acto pois mais próprio e positivo de rei, que mandar-se publicar por tal, nas cortes e aldeias, nas cidades e nos campos, aos grandes e aos pequenos, com quatro pregões tão públicos e tão notáveis, de estrelas, de anjos, de reis, de pastores, e receber adorações e tributos dos mesmos reis, e ùltimamente desobrigá-los da palavra que tinham dado a El-Rei Herodes, como senhor supremo de todos, e mandá-los como súbditos e novos embaixadores seus, assinalando-lhes o caminho por onde haviam de ir?

Mas passemos do nascimento de Cristo aos dias mais chegados à sua morte, para que vejamos como, entrando e saindo do Mundo, se mostrou e publicou Rei e senhor de todo ele ([a]). ....
....

CAPÍTULO VII

Conclui-se que o Reino de Cristo é espiritual e temporal juntamente

Recolhendo tudo o que tão largamente temos disputado (que foi necessário ser tão largamente) e reduzindo a concórdia quanto pode ser as opiniões

---

4-5. Trad.: *E todos os que ouviram se admiraram, e também do que lhes haviam dito os pastores. S. Lucas,* II, 18.

([a]) Meia lauda em branco no manuscrito. — *(Nota de L. de A.)*.

de todos os Doutores, posto que alguns pareçam entre si contrários, diremos por última conclusão que o Império de Cristo é juntamente espiritual e temporal, e que, segundo estas duas jurdições, ambas
5 supremas, se compõem a coroa de Cristo, Sacerdote Supremo, e outra coroa de universal Senhor e Legislador *in temporalibus,* segundo a qual se chama pròpriamente Supremo Rei.

Este é o Reino universal que Daniel veio dar ao
10 Filho do Homem (que é Cristo), e este o Reino que Nabucodonosor também tinha visto encher o Mundo, posto que não viu nem lhe foi mostrado a quem se havia de dar. Este é o que viu mais distintamente que todos Zacarias na sua terceira visão;
15 porque Nabucodonosor viu sòmente o Reino e sua grandeza, Daniel viu o Reino e a pessoa que o havia de dominar, e Zacarias viu o Reino e a pessoa, e o número e distinção das coroas.

Torno a repetir o texto e suponho a história, pois
20 fica contada no I Livro ([a]). ....

....

Para maior inteligência desta matéria havemos de supor que, deste tempo da Lei da Natureza, andou sempre o morgado temporal unido com o sacerdócio,
25 e um e outro vinculado aos primogénitos. Estas eram aquelas bênçãos tão celebradas e tão pleiteadas que os Patriarcas davam a seus filhos, como foi a que Abraão deu a seu primogénito Isaac, e a que Isaac quis também dar a seu primogénito Esaú, e
30 por indústria de Rabeca foi dada a Jacob. Conforme

([a]) Meia lauda em branco no manuscrito. — *(Nota de L. de A.).*

a este direito de sucessão, havia de dar também Jacob a seu primogénito Ruben a mesma bênção, mas, em castigo da irreverência que tinha cometido contra o tálamo de seu pai, foi privado dela, como
5 lhe disse o mesmo Jacob: *Ruben, primogenitus meus, tu fortitudo mea et principum doloris mei, prior in donis, major in imperio, effusus es sicut aqua; non crescas, quia ascendisti cubile patris tui et maculasti stratum ejus.*

10 Desde este tempo se dividiram estas duas dignidades que haviam de estar juntas no morgado ou maioria de um só império *(major in imperio)* e o reino e o sacerdócio, que havia de andar encabeçado no primogénito de Ruben, se repartiu em dois
15 filhos do mesmo Jacob, que foram Judá e Levi, ficando em Judá a bênção do reino, e em Levi a do sacerdócio, como depois se cumpriu, porque na instituição do Tabernáculo, que precedeu ao Templo, foi ungido por sumo sacerdote Arão, que era
20 do tribo de Levi, e na instituição do reino, depois de o perder Saul, foi ungido por rei de Israel David, que era do tribo de Judá.

Nestas duas descendências de Arão do tribo de Levi, e de David do tribo de Judá, se conservou sem-
25 pre o reino e sacerdócio, até que a tiara e a coroa, ou estas duas coroas, se uniram outra vez em Cristo, Supremo Sacerdote e Supremo Rei, e de ambos se compõe o império (assim o natural como o figu-

---

5-9. Trad.: *Ruben, meu primogénito, tu eras a minha força e a principal causa da minha dor; o primeiro nos dons, o maior no império. Derramaste-te como a água. Não cresces, porque subiste ao leito de teu pai e manchaste a sua cama. Génesis,* XLIX, 3.

rativo) que Ruben tinha perdido, *prior in donis, major in imperio*. Daqui se entende maravilhosamente o mistério da ascendência e primogenitores de Cristo, os quais, como consta do I capítulo de
5 S. Mateus e do III de S. Lucas, foram reis e sacerdotes, unindo-se por verdadeira geração no sangue santíssimo de Cristo e sua mãe o tribo real de Judá e o sacerdotal de Levi, como gravemente notou e expressamente disse S. Agostinho no livro II *de Con-*
10 *sensu Evangelisarum*, capítulo II. *Cum autem evidenter dicat Apostolus Paulus: ex semine David secundum carnem Christum, ipsam quoque Mariam de stirpe David aliquam consanguinitatem duxisse dubitare utique non debemus. Cujus feminæ quo-*
15 *niam nec sacerdotale genus tacetur, insinuante Luca, quod cognata ejus esset Elisabeth, quam dicit de filiabus Aaron. Firmissime tenendum est, carnem Christi ex utroque genere propagatam, et regum et sacerdotum, in quibus personis apud illum populum*
20 *Hebræorum etiam mystica unctio figurabatur...*

De maniera que ordenou a Providência Divina que na generação e ascendência de Cristo se tecesse

---

10-20. Trad.: *Visto que o Apóstolo Paulo expressamente diz ser Cristo «da semente de David, segundo a carne», não podemos duvidar que também Maria algum parentesco tenha com a estirpe de David. Nem desta mulher se cala a geração sacerdotal, insinuando Lucas que ela era parenta de Isabel, a quem diz «das filhas de Aarão». É preciso sustentar firmemente que por uma e outra geração a carne de Cristo foi transmitida através de reis e sacerdotes, pessoas em quem entre aquele povo hebraico era figurada uma mística unção.* Os passos a que Santo Agostinho alude são da *Epístola de S. Paulo aos Romanos*, I, 3, e do *Evangelho de S. Lucas*, I, 5.

o tribo sacerdotal de Levi com o tribo real de Judá, e que a tela de que se havia de vestir o Verbo, quando se desposou com a natureza humana, fosse lavada de coroas e de tiaras, para que visse o Mundo 5 que, ainda a título de generação natural, era ele o herdeiro legítimo do reino e do sacerdócio, como direito descendente daqueles sacerdotes e daqueles reis que só eram feitos por Deus; o qual mistério (para maior propriedade e majestade dele) se obser- 10 vou até nos escritores da mesma genealogia de Cristo, porque dos quatro animais do carro de Ezequiel, que significavam os quatro evangelistas, a S. Mateus, que escreveu a geração real, pertence o homem, que é o rei dos animais; e a S. Lucas, que escreveu a 15 geração sacerdotal, pertence o boi, que é o animal do sacrifício, como, depois de S. Jerónimo e S. Gregório Papa, notam comummente todos os Doutores.

O nome de *Cristo* e de *Messias*, com que o mesmo Senhor foi chamado e conhecido, antes e depois de 20 vir ao Mundo, foram duas firmas ou assinados públicos de um e outro império sacerdotal e real, temporal e espiritual, entre si unidos. Porque *Messias*, que é nome hebreu, e *Cristo*, que é nome grego, ambos têm a mesma significação, como diz S. João no 25 capítulo I; e referindo as palavras de S. André a S. Pedro: *Invenimus Messiam (quod est interpretatum Christus)* e esta foi uma das erudições em que a Samaritana se mostrou tão letrada: *Scio quia Messias venit, qui dicitur Christus*. Um e outro nome,

---

26-27. Trad.: *Encontrámos o Messias (que quer dizer o Cristo). S. João*, I, 41.

28-29. Trad.: *Sei que veio o Messias, que é chamado Cristo. S. João*, IV, 25.

assim o de Cristo como o de Messias, quer dizer *ungido*, e chama-se Cristo *ungido*, porque foi ungido por Rei e Sacerdote Supremo.

Três ofícios achamos na Escritura Sagrada, que
5 se davam com a cerimónia da unção: o de rei, como *ungido*, e chama-se Cristo *ungido*, porque foi ungido Arão, e o de Profeta, como foi ungido Eliseu, e com todas estas unções foi ungido Cristo. Da unção de profeta já dissemos no capítulo VII do I Livro.
10 A de Rei e a de Sacerdote Supremo, que eram as duas maiores, são aquelas por que Cristo principalmente se chama *ungido*, não porque fosse ungido com aquela cerimónia exterior com que os reis e sacerdotes eram ungidos por mãos dos homens, senão
15 pela unção interior, com que o mesmo Deus o ungiu na união da divindade com a humanidade, como acima dizíamos.

E agora poremos aqui as autoridades dos Padres, que para este lugar reservamos: S. Agostinho no
20 livro e capítulo pouco antes citado: *Firmissime tenendum est carnem Christi ex utroque genere propagatam et regum et sacerdotum, in quibus personis illum populum Hebræorum etiam mystica unctio figurabatur, id est, chrisma, unde Christi nomen elucet*
25 *tanto ante etiam illa evidentissima significatione prænuntiatum* ([a]) ....
....

([a]) Segue-se o terço de uma lauda e mais duas em branco.

24-26. Vid. nota da pág. 57. O que este texto acrescenta traduz-se: *isto é, crisma, pelo que brilha o nome de Cristo, anunciado tanto antes daquela evidente significação.*

Resolve-se quando começou este Império de Cristo e propõe-se acerca dele uma grande dificuldade

Demonstrado como agora fizemos [b] ....
....

(b) Termina o ms. Dispersos entre os restantes papéis se encontram fragmentos, muito plausìvelmente para entrarem a seu tempo nesta mesma obra, mas que por não terem ligação imediata com estes capítulos deixam de se transcrever. — *(Nota de L. de A.)*.

PLANO DA HISTÓRIA DO FUTURO

História do futuro; Esperança de Portugal, Quinto Império do Mundo ([a])

LIVRO PRIMEIRO

Nome, verdade e fundamento deste Império

QUESTÃO 1.ª

Se na Sagrada Escritura está revelado algum Império, que se deva chamar o V.? Resp. afirm.

QUESTÃO 2.ª

Se o dito Império é diverso e totalmente distinto do IV Império do Mundo, que foi o Romano? Resp.
5 afirm.

QUESTÃO 3.ª

Se o Império Romano há-de durar até a vinda do Anticristo? Resp. afirm.

QUESTÃO 4.ª

Se no Capítulo I de Daniel é significado o Império do Anticristo na figura do chamado — *Cornu parvulum?* ou o do Anticristo, ou o do Turco? Resp.
10 afirm.

([a]) Cópia do Ms. da Biblioteca Nacional *Maquinações de António Vieira jesuíta,* tomo II, p. 89.

QUESTÃO 5.ª

Se na suposição que o Império Romano há-de durar até o Anticristo, pode haver no Mundo outro Império que se chame o Quinto? Resp. afirm.

LIVRO SEGUNDO

Definição do V Império, e declaração dele

QUESTÃO 1.ª

Que Império seja este, a que chamamos o Quinto?
5 Resp.: Até o de Cristo.

QUESTÃO 2.ª

Se o Império de Cristo, que dizemos ser o Quinto, é o Império do Céu ou da Terra? Resp. que da Terra.

QUESTÃO 3.ª

Se o Império de Cristo na Terra é espiritual ou temporal? Resp. que é espiritual e temporal junta-
10 mente.

QUESTÃO 4.ª

Se no dito Império espiritual e temporal de Cristo se distingue o domínio, posse, exercício? Resp. afirm.

QUESTÃO 5.ª

Qual seja o dito domínio do Império de Cristo, e quando começou? Resp., que é, que tem sobre todo
15 o Mundo e sobre todos os homens, e começou desde o primeiro instante da sua encarnação.

QUESTÃO 6.ª

Em que consiste a posse do dito Império? Resp. que consiste em ser conhecido por fé e obedecido.

QUESTÃO 7.a

Quando começou, e como se continuou a dita posse? Resp. que começou desde os primeiros que creram em Cristo, e vai continuando em todos os que têm a mesma fé.

QUESTÃO 8.a

5 Se teve Cristo exercício do dito Império em quanto espiritual? Resp. afirm.

QUESTÃO 9.a

Se teve Cristo exercício do dito império em quanto temporal? Resp. problem.

QUESTÃO 10.a

Se tem Cristo hoje exercício do dito império tem-
10 poral e espiritual, e qual seja? Resp. que tem o exercício, imediato não, mas o mediato.

QUESTÃO 11.a

Por que pessoa ou pessoas tem Cristo o exercício mediato do império espiritual? Resp. que pelo Sumo Pontífice e mais ministros da Igreja.

QUESTÃO 12.a

15 Por que pessoa ou pessoas tem Cristo o exercício mediato do império temporal? Resp. que pelos príncipes temporais cristãos.

QUESTÃO 13.a

Se há-de Cristo ainda ter alguma hora o exercício do dito império, assim espiritual como temporal, por

sua própria pessoa, ou se é possível? Resp. que é possível, mas que nunca há-de ter o dito exercício pessoal.

LIVRO TERCEIRO

Grandeza e felicidades do dito Império

QUESTÃO 1.ª

Se este Reino e Império de Cristo há-de continuar
5 sempre no estado presente, ou há-de ter outro e mais perfeito? Resp. que há-de ter outro estado mais perfeito, completo e consumado.

QUESTÃO 2.ª

Como se prova este estado mais perfeito e consumado do Império de Cristo? Resp. que pelas Escri-
10 turas, por autoridade e por razão.

QUESTÃO 3.ª

Porque a opinião do dito estado não é comum de todos os Padres e Doutores? Resp. que por muitos fundamentos.

QUESTÃO 4.ª

Quanta haja de ser a grandeza do Império de
15 Cristo no dito estado? Resp. que universal, sobre todas as gentes e sobre todos os reinos.

QUESTÃO 5.ª

Se a dita grandeza há-de ser simultânea e permanente ou sucessiva? Resp. que simultânea e permanente.

QUESTÃO 6.ª

Se hão-de ser todos cristãos no dito estado? Resp. afirm.

QUESTÃO 7.ª

Se hão-de ser todos pela maior parte justos no dito estado? Resp. afirm.

QUESTÃO 8.ª

5 Se há-de haver no dito estado paz universal? E em todo o Mundo? Resp. afirm.

LIVRO QUARTO

Causas, meios e instrumentos com que se há-de conseguir o estado consumado do dito Império

QUESTÃO 1.ª

Se o primeiro meio da consumação do dito estado seja a conversão universal de todos os homens à Fé de Cristo e a extirpação de todas as heresias do 10 Mundo? Resp. afirm.

QUESTÃO 2.ª

Como se prova em especial a conversão de todos os Gentios e a extirpação da idolatria? Resp. que pelas Escrituras e Doutores.

QUESTÃO 3.ª

Como se prova em especial a conversão, a extinção do Turco, a extirpação da seita de Mafona? 15 Resp. que pelas Escrituras e Doutores.

QUESTÃO 4.ª

Como se prova em especial a conversão de todos os hereges, e a extirpação de todas as heresias? Resp. que pelas Escrituras e Doutores.

QUESTÃO 5.ª

Como se prova em especial a conversão dos Judeus
5 e a extirpação do Judaísmo? Resp. que pelas Escrituras e Doutores.

QUESTÃO 6.ª

Se nesta conversão dos Judeus hão-de entrar também os Dez Tribos perdidos? Resp. afirm.

QUESTÃO 7.ª

Se convertidos universalmente os Judeus hão-de
10 ser restituídos à sua Pátria? Resp. afirm.

QUESTÃO 8.ª

Se podem os Judeus lìcitamente esperar esta restituição mediante a Fé de Cristo? Resp. afirm.

QUESTÃO 9.ª

Se é conveniente ao bem da Igreja que a opinião da dita esperança se pratique? Resp. afirm.

QUESTÃO 10.ª

15 Se por meio da dita conversão universal se há-de consumar a união dos dois povos, gentílico e o judaico? Resp. afirm.

QUESTÃO 11.ª

Se então se cumprirá a profecia do texto — *et erit unum ovile et pastor?* — Resp. afirm.

QUESTÃO 12.ª

Se a causa principal eficiente da dita conversão universal será o Eterno Padre? Resp. afirm.

QUESTÃO 13.ª

Se concorrerá para a dita conversão o Espírito Santo com especial e nova unção da divina graça? 5 Resp. afirm.

QUESTÃO 14.ª

Que parte terá nesta obra a autoridade e intercessão de Cristo e da Virgem Santíssima? Resp. que muito grande.

QUESTÃO 15.ª

Se o instrumento principal humano da dita con- 10 versão será o sumo pontífice santo e muitos pregadores evangélicos? Resp. afirm.

QUESTÃO 16.ª

Se concorrerá para a dita conversão algum príncipe temporal, com a sua autoridade, o seu poder e as suas armas? Resp. afirm.

QUESTÃO 17.ª

15 Se este príncipe temporal será imperador e monarca universal do Mundo? Resp. afirm.

QUESTÃO 18.ª

Se o dito imperador universal se poderá chamar Vigário de Cristo no temporal? Resp. afirm.

LIVRO QUINTO

Tempo, duração e ordem do dito Império

QUESTÃO 1.ª

Se o estado consumado do Quinto Império há-de ser antes ou depois do Anticristo? Resp. que antes.

QUESTÃO 2.ª

Qual dos dois povos se há-de converter primeiro universalmente, para a consumação do dito Império,
5 se o gentílico, se o judaico? Resp. que o gentílico.

QUESTÃO 3.ª

Quanta seja a duração do dito Império, depois de consumado? Resp. que até o fim do Mundo.

QUESTÃO 4.ª

Quando há-de começar a dita consumação do Império de Cristo? Resp. que na extinção do Impé-
10 rio turco.

QUESTÃO 5.ª

Se do tempo presente até o da vinda do Anticristo pode e há-de correr um grande número de séculos? Resp. afirm.

LIVRO SEXTO

Terra em que se há-de fundar o dito Império em quanto temporal, e qual há-de ser a cabeça dele

QUESTÃO 1.ª

Se o dito Império temporal há-de ser na Europa
15 ou em alguma das outras quatro partes do Mundo? Resp. que há-de ser na Europa.

QUESTÃO 2.ª

Em que província da Europa se há-de fundar o dito Império temporal de Cristo? Resp. que em Espanha.

QUESTÃO 3.ª

Em que reino de Espanha se há-de fundar o dito
5 Império? Resp. que em Lisboa.

LIVRO SÉTIMO

Pessoa que será o primeiro Imperador instrumento temporal do dito Império

QUESTÃO 1.ª

Se a dita pessoa que seja imperador será o imperador de Alemanha? Resp. negativ.

QUESTÃO 2.ª

Se a dita pessoa há-de ser El-Rei Cristianíssimo de França? Resp. negativ.

QUESTÃO 3.ª

10 Se a dita pessoa há-de ser El-Rei Catòlico de Espanha? Resp. negativ.

QUESTÃO 4.ª

Se a dita pessoa há-de ser o Sereníssimo Rei de Portugal? Resp. afirm .

QUESTÃO 5.ª

Se o Rei de Portugal há-de ser El-Rei D. Sebas-
15 tião? Resp. negativ.

QUESTÃO 6.ª

Se o dito Rei de Portugal há-de ser El-Rei D. João IV? Resp. problem.

QUESTÃO 7.ª

Se o dito Rei de Portugal há-de ser El-Rei D. Afonso ou o Infante D. Pedro? Responde-se:

5 *Vejo subir um Infante*
No alto de todo o lenho.

Bandarra

Estes são os livros e questões de que consta o livro intitulado *Clavis Prophetarum*.

Apêndice

CLAVIS PROPHETARUM

Tradução
feita por Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira, estudante baiano, do

Resumo
que dela escreveu o P.^e Carlos António Casnedi, S. J.

NOTA DO EDITOR

O ms. do Fundo Geral da Biblioteca Nacional n.º 1741, de que foi copiada a presente tradução, tem o seguinte título: *Resumo do Clavis Prophetarum feito pelo Padre Carlos Antônio Casnedi, da Companhia de Jesus, de ordem do Eminentíssimo Cardeal da Cunha, Inquisidor Geral dos Reinos de Portugal. Autor o incomparável Padre Antônio Vieira, da Companhia de Jesus.* Tradu-lo do latim em português Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira, *estudante baiense,* que dedica o seu trabalho a D. Marcos de Noronha e Brito, Conde dos Arcos, etc., etc., que era então governador no Brasil.

No Prólogo, o tradutor afirma que as proposições que se contêm na obra foram censuradas pelo Tribunal da Inquisição de Coimbra, «*quando a emulação e rivalidade levou aos seus cárceres ao nosso Autor, o incomparável (e até o presente não imitado) Padre Antônio Vieira, pelos anos de 1666 e 1667*».

Lembra a defesa de Vieira, *no papel que ofereceu ao Santo Ofício, e em que mostrou que esta opinião não era*

sua e sim de gravíssimos autores, dos quais citou pelos seus nomes trinta, em cujo número se compreendem muitos santos canonizados e todos sábios.

A Alexandre VII, que tinha aprovado as censuras, sucede Clemente X, que, informado do que *se tinha praticado com o Padre Vieira na Inquisição de Coimbra,* expediu logo o Breve *Dilecte Fili,* que o isenta de qualquer jurisdição que não seja a da Sé Apostólica. E acrescenta: «*...por sua morte se lhe acharam 33 cadernos que ele tinha escrito — «De Regno Christi in terris consummato», e, por outro nome, «Clavis Prophetarum». Correu a notícia, e por ordem régia foram remetidos todos os seus manuscritos para Lisboa e entregues ao Eminentíssimo Cardeal da Cunha, Inquisidor-Geral dos Reinos de Portugal, o qual escolheu ao Padre Carlos António Casnedi, bem conhecido em Itália, Espanha e Portugal, e por seus escritos em todo o Mundo, para o informar da qualidade e merecimento da obra, e a informação é a que se segue, resumindo nela os pontos da mesma obra, declarando o seu merecimento e até algumas suas proposições. Foi mandada a dita obra a Roma, onde foi examinada pelo Padre Mestre Fr. Jacinto de Santa Romana, doutor na sagrada Teologia, examinador sinodal da Nunciatura de Espanha, da Ordem dos Pregadores, pelos P.P. M.M. Frei Mário Diana e Fr. Pedro Platumone, da mesma Ordem, e pelo P. André Semiri, jesuíta, que lhe fizeram grandes elogios e declararam que se podia imprimir, o que aconteceu no mês de Agosto de 1715, e por extenso se podem ver as censuras dos ditos Padres, no «Livro da vida do nosso Vieira», dito Livro V, p. 628 até p. 631 nos números 212, 213, 215 e 216.*»

Lembra o autor que nas censuras a esta última obra foi unânime o elogio, e cita do Padre Mestre D. José Barbosa, cronista da Casa de Bragança, examinador das Três Ordens Militares e sinodal do Patriarcado, académico-censor da Acadèmia Real, o seguinte juízo crítico: «*Maior dano experimentarão os sábios em ficar imperfeita a grande obra «Clavis Prophetarum», porque é certo que ninguém terá o atrevimento de a pretender concluir, porque para esse fim é necessário outro António Vieira, e só Deus sabe quando lhe dará semelhante, para se fazer senhor da grande e imensa ideia daquela obra, que, para*

ser admirável, basta que fosse concebida na vastíssima compreensão, nos dilatados estudos e na profundíssima erudição sagrada daquele homem verdadeiramente incomparável.»

E conclui o tradutor com esta nota, que faz do seu entusiasmo de panegirista um caso vulgar na época: tendo solicitado havia perto de três anos a obra em Portugal, soube que a possuía o convento dos Capuchos. Pediu uma cópia, mas «tem sido tal o concurso de pretendentes ao mesmo fim, e a copiar pedaços dela, que, tendo-se principiado a nossa cópia em Abril de 1813, ainda até o presente Março de 1818 se não pôde concluir...»

Segue-se a este *Prólogo* do tradutor o *Prefácio* do P.e Casnedi ao seu resumo. Dele extraímos, por mais significativo, o seguinte: Vieira, pela memória que tudo fielmente conservava, pela eficácia persuasiva com que alegava os textos, pela óptima maneira como sabia exemplificar, era um *Herói Superior a todo o louvor e aplauso humano. Aquilo que os outros Heróis de primeira grandeza desprezavam como estéril e inútil, e o que não entenderam como envolto nas trevas da obscuridade, tudo o Padre Vieira tem mostrado abundante de mistérios, de modo que parecem sempre novas as suas opiniões e que diz cousas que não vêm nas Sagradas Páginas, não sendo contudo senão cousas antigas, ocultas no mesmo Texto Sagrado e de que os outros não fizeram caso ou não entenderam* [...]. *Por esta razão é que o incomparável Autor, assim como se deveria pôr inferior a todos os intérpretes, se dissesse cousas que se não contivessem no Sagrado Texto, assim se deveria elevar acima de todos, por ter descoberto com a perspicácia do seu engenho e ter publicado cousas que estavam ocultas no Tesoiro da Sagrada Escritura.*

O juízo do P.e Casnedi sobre a eficácia da exegese que Vieira fez dos Profetas, *revelando o que neles se ocultava*, é esta perfeita adesão ao seu pensamento: «*Parece, pois, justo que o Reino de Cristo, Senhor nosso, na terra, seja perfeitamente consumado antes da vinda do mesmo Senhor como Juiz. De sorte que disto se segue que, fundado nas profecias que ainda se não completaram e expondo-as literalmente, prognostique muitas cousas que hão-de acontecer na Igreja Militante, e conceba o*

Reino de Cristo, Senhor nosso, na terra tal qual pode convir ao mesmo Senhor, que há-de vir não como Redentor, mas como Juiz.

De novo no prefácio se louva a *luz*, a *erudição*, a *enfática energia de razões*, a *harmónica consonância*, a *extensão do espírito* com que expõe *literal e não misticamente* o que as profecias anunciam sobre o futuro estado da Igreja, e termina com estes informes sobre o livro:

Divide-se este estupendo volume do Reino de Cristo, Senhor nosso, consumado sobre a terra, em três livros, como o declara o seu mesmo Autor no princípio da sua obra: No 1.º trata da natureza e qualidade do Reino de Cristo, Senhor nosso; no 2.º da consumação do mesmo Reino sobre a terra; no 3.º do tempo em que se há-de consumar e o tempo que deve durar depois da consumação.

Segue-se o texto integral da tradução:

Da imperfeição física da obra

Não falo da imperfeição moral da obra, porque demonstrarei depois que nenhuma pode haver; falo, sim, da sua imperfeição física, como a tenho na minha mão, porque se não sabe se ela é fìsicamente imper-
5 feita, como a têm os outros. Da mesma sorte ignora-se se o Autor a deixou imperfeita; assim mo certificam algumas pessoas que viveram nos últimos meses antes da sua morte e nos primeiros depois.

Falarei portanto da sua imperfeição física como
10 está na minha mão e como me foi confiada pelo Eminentíssimo Cardeal da Cunha, da Santa Igreja Romana, Inquisidor Geral de todos os Reinos sujeitos ao Rei de Portugal. Quanto a mim, depois de a ter lido terceira vez, acho que é sumamente desordenada
15 e muito confusa, mutilada e imperfeita.

Ora ainda que se possam fàcilmente pôr em ordem os primeiros cadernos, porque não só os capítulos

como os parágrafos estão distintamente numerados, contudo não se pode fazer o mesmo aos outros cadernos pertencentes ao 2.º e 3.º livros.

Da primeira imperfeição moral ou teológica da obra tirada do pecado filosófico

Duas imperfeições teológicas ouço que se imputam
5 a este grande varão: uma sobre o pecado filosófico e outra a respeito dos sacrifícios da Lei antiga, que se hão-de restabelecer antes do fim do Mundo. Uma e outra explicarei em poucas palavras, a primeira neste parágrafo e a segunda explicarei nos seguintes.
10 No tratado da pregação universal do Evangelho, no segundo caderno do Autor, pág. 2, leio na margem as seguintes palavras:

«Estas opiniões acerca do pecado filosófico já em outro exemplar foram riscadas por causa do Decreto
15 de Alexandre VIII, que as condenou muito depois que elas foram escritas pelo Autor.»

Com permissão, porém, do que notou a dita margem, digo que este tal imprudentemente se alucina, querendo inferir que a opinião do Padre Vieira, na
20 qual defende o pecado puramente filosófico entre os bárbaros americanos, vulgarmente chamados Tapuias, dos quais a maior parte passam todo o decurso da sua vida em uma invencível ignorância de Deus, querendo inferir, digo, que esta opinião do Autor
25 tem semelhança com a que foi condenada por Alexandre VIII, no ano de 1690.

Eis aqui, pois, a opinião condenada: o pecado filosófico ou moral é um acto que disconvém à natureza racional; o teológico, porém, e o mortal é a transgres-
30 são livre da divina Lei. O filosófico, ainda que

grave, naquele que tem ignorância de Deus, ou não cogita actualmente do mesmo Deus, é pecado grave, na verdade, mas não é ofensa feita a Deus, nem pecado mortal que faça apartar a sua amizade, nem digno de pena eterna. Esta, portanto, foi a opinião condenada.

Se bem se examinar, ver-se-á que Alexandre VIII condena a opinião que defende não ser ofensa feita a Deus, nem remover a sua amizade, nem digno de pena eterna o pecado, ainda que grave, cometido contra a razão por aquele que não tem conhecimento de Deus (não diz conhecimento *invencível*) ou que nada cogita actualmente do mesmo Deus.

E pelo contrário, defende o Padre Vieira que o pecado, ainda que grave, cometido contra a razão por aquele que tem ignorância *invencível* de Deus, não é ofensa a Deus.

Ora quanto dista a asserção daquele que diz que o pecado feito por ignorância *invencível* de Deus, não é pecado grave contra Deus, nem desfaz a sua amizade, nem é digno de pena eterna, da do que afirma que não é pecado grave contra Deus, nem tira a sua amizade, nem é digno de pena eterna o delito feito por ignorância (não *invencível*) de Deus; quanto dista, digo, a asserção de um da do outro, tanto dista a proposição do Padre António Vieira da condenada por Alexandre VIII.

Vejamos agora a diferença destas duas opiniões, para do mesmo modo podermos inferir a discordância

24. No Ms. da B. N. e no latim correspondente dos dois códices citados — 1735 e 2674 — ocorre *vencível ou invencível*. O *in* está evidentemente a mais. Resultou o ilogismo da confusão de *aut=ou*, com *haud=não*.

que tem entre si a opinião do Padre Vieira da que foi condenada.

1.º — É pecado grave contra Deus e ofensa do mesmo Deus e faz apartar a sua amizade e é digno 5 de pena eterna, quando qualquer delito é cometido por aquele que, não cogitando actualmente de Deus, contudo implícita e virtualmente o reconhece pela mesma razão natural, que proíbe qualquer maldade.

2.º — Não é ofensa feita a Deus o pecado come- 10 tido por aquele que nunca teve conhecimento de Deus, antes do mesmo Deus sempre teve uma ignorância invencível.

A mesma repugnância que há entre estas proposições há também entre a opinião do Padre António 15 Vieira e a que foi condenada. Logo, sem motivo no exemplar que foi para Roma se riscou a proposição do Padre António Vieira, como coincidente com a condenada, quando dela dista sumamente. Confirmo, portanto, a opinião antecedente com esta outra que 20 tem entre si uma paridade irrefragável. E digo que imerecidamente se chamaria herética esta proposição: — Não peca contra a lei quem, ignorando-a invencìvelmente, a quebranta. Não peca contra a lei quem, ignorando-a, a viola. Logo, sem razão 25 nenhuma se chama condenada esta proposição do Autor: — Não peca contra Deus quem do mesmo Deus tem uma ignorância invencível — porque foi condenada esta outra: Não peca contra Deus quem o ignora. Pois pode muito bem ser que tenha de 30 Deus uma ignorância vencível, que o não livra certamente do pecado.

---

30. O tradutor escreve *cujo o não livra*... Como é estudante, não pode constituir paradigma...

Acresce ainda mais que, sendo assim, todo o II livro do Autor, que se funda na asserção do pecado filosófico cometido por aquele que tem ignorância invencível de Deus, deveria ser anulado. Logo que não foi, segue-se portanto que inconsequentemente se reprova a proposição e não todo o livro, ou inconsequentemente se admite o livro segundo, e não a proposição.

Ninguém poderá portanto duvidar da discordância que tem a proposição do Autor com a que foi condenada, mas sim tão sòmente escrupulizar se é verdadeira a proposição em que ele quer admitir entre muitos dos Americanos, por todo o decurso das suas vidas, uma invencível ignorância de Deus.

Que é verdadeira, prova ele com solidíssimas razões, e tão sòmente o poderá negar aquele que dos Americanos quiser julgar da mesma sorte que julga dos Europeus, entre os quais de algum modo se dá a conhecer o verdadeiro Deus no mesmo ídolo que invocam, veneram, a quem sacrificam e em cuja presença suplicam vénia dos seus delitos. Quando, contudo, quisermos falar dos Tapuias americanos como verdadeira e realmente são, devemos afastar deles toda a espécie de deus e de ídolos que os teólogos reconhecem em todos os homens geralmente, e substituir em seu lugar outras espécies muito diversas, como próprias e acomodadas à incomparável estupidez de que são possuídos. Porque muitos há que não só não conhecem o verdadeiro Deus, porém também não se ocupam com religião alguma, nem ainda falsa, como seja cultivando ídolos, invocando-os, sacrificando-lhes e pedindo-lhes vénia. Além do que, depois de um grande trabalho que tiveram os missionários em os catequizar, apenas escassa-

mente entendem os mistérios da Fé santa. São tão estúpidos, que apenas muitos só podem contar até 3 e tudo o mais que excede a este número chamam eles *muitos*. E assim vivem sem saber nem poder dizer 5 quantos anos têm, nem quantos dedos contêm suas mãos, nem quantos os seus pés, e para poderem comunicar aos nossos confessores o número dos seus pecados, trazem um cordel, no qual dando tantos nós quantos são os pecados, o entregam deste modo 10 ao confessor.

Além disto, observa o Autor em muitos destes Tapuias, entre os quais por muito tempo viveu, não só uma ignorância invencível de Deus, por todo o decurso das suas vidas, mas também ignorância de 15 todo o Direito Natural. Pois a educação que dão os pais aos filhos, ainda na mais tenra idade, é induzi-los para os furtos, homicídios e tomarem vingança, e se nutrirem de carne humana, e a se exercitarem em tudo quanto é obscenidade.

20 E tão longe estão de serem punidos por estas suas maldades, que antes o são, se as deixam de cometer. Se, porém, algum, pelo mesmo lume da razão, vem no conhecimento que estes crimes são dissonantes ao Direito Natural e contudo os puser em execução, 25 então assevera o Autor que neste caso o delito deste bárbaro cometido contra a sua razão natural, tendo ele ignorância invencível de Deus, é pecado puramente filosófico, e não deve ser punido com pena eterna, nem é ofensa de Deus, não tendo ele conhe-30 cimento algum do mesmo Deus verdadeiro, nem de ídolos, pois que está bem patente que, não tendo ele conhecimento do mesmo Deus verdadeiro, nem de ídolo algum que invoque, necessàriamente não poderá também ter religião alguma; e o mesmo não

acontecerá a qualquer europeu ou idólatra, que sem dúvida venera a alguma divindade.

Já tenho assaz provado quanto julgo ser bastante, para justificar o Autor e escusá-lo da opinião con-
5 denada que se lhe imputa, nem me devo mais demorar. E com isto finalmente concluo que a opinião condenada fala do pecado filosófico cometido por aquele que tem conhecimento de Deus e da sua Graça, o que impede que seja puramente filosófico,
10 e é pois teológico, porque o mesmo Deus verdadeiro sempre de algum modo brilha no mesmo lume da razão daqueles que algum tanto o reconhecem, ainda que implìcitamente, de donde se segue que nestes repugna o pecado puramente filosófico, e não nos
15 Tapuias, que nada absolutamente cultivam, e por este mesmo título se vê que a proposição condenada não vem ao caso. Porém, a esse respeito, falarei mais a baixo.

Da segunda imperfeição teológica da obra, que trata dos sacrifícios da Lei antiga, que se hão-de restabelecer

O parecer do Autor a este respeito é que na consu-
20 mação da Igreja, ou no seu 3.º estado, quando todos abraçarem a Lei de Cristo, Senhor nosso, se hão-de restabelecer os sacrifícios da Lei antiga. É, pois, este parecer tão mal entendido por alguns, que por isto julgam indigna de ser publicada aquela admirá-
25 vel obra do Autor, que trata do Reino de Cristo, nosso Senhor, consumado na Terra.

Eu, porém, lendo-a uma e outra vez e certamente antes com o ânimo de reprovar do que aprovar, no

tratado *De templo Ezechielis,* no qual copiosamente disputa a respeito dos sacrifícios que se hão-de restabelecer, nada absolutamente acho digno de censura, mas antes a moderação e limitação com que
5 fala o Autor. A este respeito dá a entender que estas mesmas cousas de que fala são dignas de admiração e louvor, como constará mais plenamente na minha *Sinopse* pertencente a este trabalho.

O que para provar com suma eficácia supõe o
10 Autor, com autoridade de todos os teólogos, primeiramente, que os sacrifícios, sacramentos da Lei antiga, se revogaram; em segundo lugar, que estes se instituíram por multiplicados fins, os quais são o culto de Deus, e para que os Hebreus se afastassem da ido-
15 latria; para prefigurarem os Sacramentos da Lei nova, o sacrifício cruento da Redenção e o incruento da Eucaristia, e para que por meio desses sacrifícios de ovelhas e novilhos aprendessem os Hebreus a consagrar a Deus as paixões das suas almas; em terceiro
20 lugar, supõe que estes fins são de tal sorte separáveis, que um possa existir sem outro.

Estabelecidos estes fins, assevera o Autor que, por dispensação de Deus ou da Igreja, se hão-de restabelecer na consumação da mesma Igreja os sacrifícios
25 da Lei antiga, não como prefigurativos dos sacramentos e sacrifícios da nova Lei, pois que estes já estão presentes, porém retido o outro fim, ou como demonstrativos do sacrifício e Sacramentos da mesma nova Lei, ou como moralmente significativos da imo-
30 lação interior da nossa alma, e tudo isto para que

---

13. O tradutor escreve: *cujos são...*

os Hebreus (dos quais dez tribos estão dispersas por todo o Mundo, e ainda se ignora aonde estejam), sendo tenacíssimos aos seus ritos, mais fàcilmente se reduzam à Fé de Cristo na consumação da sua Igreja.

E prova este restabelecimento de tantos modos, já com textos da Sagrada Escritura, já com excepcionais autoridades dos Santos Padres, e com tão poderosas razões, que apenas se pode negar, e de nenhuma sorte censurar, excepto se houver de censurar também a dispensação da Igreja nascente.

Certamente consta que a Lei mosaica que proìbia a comida sanguinolenta e sufocada, se conservou na maior parte das províncias da Cristandade por dispensa da Igreja, nos primeiros três séculos do seu estado. Consta mais que a lei da circuncisão foi revogada por S. Pedro e outros Apóstolos, e que S. Paulo, apesar de seguir a mesma doutrina e ter impugnado em Antioquia a sua necessidade a favor dos Gentios, contudo, por causas urgentes, circuncidara a S. Timóteo, nascido de pai gentio. E além disto, consta também que na Igreja grega, e entre os Abissínios, ainda se conserva no seu vigor a permissão de receber-se a circuncisão depois do baptismo, não como necessária para a salvação, porém sim como carácter de antiquíssima nobreza, derivada de Abraão e Salomão.

Depois, o uso destas cerimónias legais tirado pelos Apóstolos, como desnecessário, assim mesmo conservou o seu vigor em muitas províncias convertidas à Fé, e agora mesmo está em uso na Igreja grega; por que razão na perfeitíssima consumação da Igreja, quando não só todas as gentes, porém também todos os Hebreus dispersos por toda a Terra houverem de

abraçar a Fé de Cristo, Senhor nosso, não poderá a Igreja, ao menos no Templo hierosolomitano que se há-de reedificar, permitir o uso destes sacrifícios? não como necessários ou prefigurativos, porém como moralmente significativos da imolação interior da nossa alma, significada por meio das vítimas exteriormente imoladas, ou como demonstrativos dos Sacramentos da nova Lei que prefiguravam, e certamente só por este altíssimo fim, para que os Hebreus mais fàcilmente se convertam à Fé de Cristo, e deles e de todas as gentes, tanto as convertidas, como as que se houverem de converter, se venha a fazer um só rebanho e um só pastor.

Na verdade, é tanta a moderação com que o Autor fala neste uso dos *legais,* que, podendo-os estender a várias províncias e reinos, fundado na claríssima e excelentíssima exposição dos Santos Padres e nas muitas razões tiradas da dispensa da Igreja, contudo ele põe limites no seu dizer e só afirma que este uso se há-de restabelecer ùnicamente no Templo jerosolomitano.

Ora, quem fala desta sorte, sem ser por defeito dos divinos Textos, porque alega muitos que clarìssimamente mostram que este uso se há-de restabelecer; quem assim restringe o seu dizer, sem para isto ser obrigado pela contrariedade dos Santos Padres, porque, não tendo nenhum contra si, refere em seu favor muitos e claríssimos textos tirados deles; quem desta sorte modera a sua proposição, sem ser por falta de razões, porque alega inumeráveis, fundado nas histórias eclesiásticas, que referem quanto os Sumos Pontífices têm dispensado com muitas nações acerca dos ritos dos Hebreus; quem, digo, assim patenteia o seu parecer, a sua sentença,

ignoro eu que seja digno de censura ou que possa haver cousa alguma repreensível que se possa objectar contra semelhante sentença.

É verdade que pode parecer nova a alguém esta sentença, e portanto ser digna de censura; porém prova-se, pelo contrário, primeiramente que não pode parecer novo um parecer fundado nas Sagradas Escrituras e nos Santos Padres, senão para aqueles a quem do mesmo modo estas mesmas cousas parecem novas; em segundo lugar, se toda a novidade se deve desterrar, devem também ser desterrados todos os antiquíssimos pareceres, exceptuando-se os primeiros a quem eles se opuseram; em terceiro lugar, ouçamos a S. Antonino, 3 p. *História,* n.º 33, § 2, que diz de S. Tomás o seguinte: «No ler era inventor de novos artigos, e de tal sorte produzia nas determinações as suas razões, que ninguém, ouvindo-o, poderia duvidar de o ter Deus ilustrado com raios de nova luz.»

Eis aqui pois quantas *novidades* traz S. Antonino de S. Tomás: era inventor de *novos* artigos e de *novas* conclusões; produzia *novas* razões; parecia ilustrado com raios de *nova* luz; tinha *novo* modo de definir. E não podemos duvidar que muitos, determinando-se a cavar nos tesouros da Sagrada Escritura e dos Santos Padres, passam em silêncio cousas que outros com mais profundidade e meditando-as deram à luz.

LIVRO I

Este livro, que está perfeitíssimo, consta de 11 cadernos divididos em 12 capítulos e trata do poder de Cristo, Senhor nosso, como Rei.

SINOPSE

No I capítulo prova com muitas razões a existência
5 do Reino de Cristo, Senhor nosso: 1.º) porque já desde o princípio do Mundo foi figurado; 2.º) porque foi prenunciado nos Salmos; 3.º) porque foi vaticinado pelos Profetas; 4.º) porque foi declarado no Novo Testamento.

10 No II, prova que Cristo, Senhor nosso, como homem não só tem um reino no Céu, como também na Terra. Dá e explica aquelas palavras do Senhor: «Que o seu reino não é deste Mundo» — dizendo que Cristo, Senhor nosso, disse que não era Rei deste
15 Mundo, porque não viera com aquela ostentação e majestade dos reis do Mundo.

No III, afirma que, suposto que o Reino de Cristo, Senhor nosso, seja no tempo posterior às quatro monarquias, pois que começou no dia em
20 que nasceu, portanto pela ordem sucessiva do tempo seja o 5.º Império do Mundo, contudo, na ordem da dignidade, é superior a todos os reis e reinos da Terra.

No IV, defende que o Reino de Cristo, Senhor nosso, é não só espiritual, mas também temporal; e o
25 pensava assim pelas Escrituras e Santos Padres, como, também, pela razão da união apostólica; e porque seria grande absurdo o julgar que Cristo, Senhor nosso, não teve tanto domínio quanto teve Adão. E passando depois a desfazer o argumento
30 tirado do Papa, como vigário de Jesus Cristo, ter

direito de propriedade em todos os reinos do Mundo, se acaso Cristo, Senhor nosso, tivesse semelhante Reino temporal, diz que, assim como Cristo, Senhor nosso, não deu ao seu Vigário todo o poder espiritual
5 que ele tinha, pois que o Pontífice não pode instituir sacramentos, nem santificar almas sem sacramentos, assim muito menos lhe devia confiar todo o poder temporal que ele tinha, servindo este muito de embaraço ao poder espiritual. Finalmente, conclui o
10 mesmo capítulo IV, dizendo que o Reino de Cristo, Senhor nosso, não é só espiritual, mas também temporal.

No V, examina os títulos pelos quais Cristo, Senhor nosso, tomou para si o Reino espiritual e temporal.
15 Diz que pela razão da união apostólica, pelo título de Redentor e dos seus merecimentos, pelo título de aquisição ou herança, como herdeiro de Adão inocente e não pecador, pelo título de eleição, quando antes da sua vinda foi eleito pelos povos e desejado
20 por Rei, o que tudo prova com admirável engenho.

No VI, examina quando começará o Reino de Cristo, Senhor nosso; e, expondo os pareceres dos que dizem ter começado no dia em que foi concebido ou no dia em que foi crucificado, decide admiràvel-
25 mente que o Reino de Cristo, Senhor nosso, pelo título da união apostólica, de direito hereditário e de doação e por ser filho de Adão inocente e de eleição por todas as gentes, teve princípio no dia em que foi concebido; com os títulos, porém, de redenção
30 de merecimentos, de aquisição e de vitória, do dia em que foi crucificado.

No VIII, examina se Cristo, Senhor nosso, foi legítimo e próprio Rei dos Judeus. Parece, pois, que não, pela razão de que a Virgem Santíssima não

gozou de direito algum de rainha, e portanto Cristo, Senhor nosso, em quanto seu Filho, não teve direito algum para ser Rei dos Judeus. Ao que responde com suma agudeza que, tendo Deus prometido a David
5 e a sua Família não só o reino de Israel, como que o Messias nasceria da sua família, segue-se que, descendendo a Virgem Santíssima da família de David, e nascendo dela o mesmo Messias, o reino de Israel pertencia a Cristo, Senhor nosso, tanto pela natural
10 descendência de David, como pela eleição divina, que prometera ao Messias o reino de Israel.

No VIII, discute excelentemente as qualidades do Reino temporal e espiritual de Cristo, Senhor nosso. Decide admiràvelmente que as qualidades do Reino
15 espiritual consistem na suprema dignidade sacerdotal, porquanto não só se ofereceu a si mesmo, por si mesmo, como por nós, fundando um Reino espiritual, e instituindo leis e meios próprios ao culto divino e à salvação da alma.

20 Acrescenta de mais que este poder espiritual de Cristo, Senhor nosso, chama-se *real,* porque, como todo o poder temporal que excede a todos os mais se chama *real,* do mesmo modo como o poder espiritual de Cristo, Senhor nosso, excede, sem compara-
25 ção, a todos os outros poderes, por isso se chama *real,* porque não só é poder de dar, sacrificar e santificar algum povo, o que tudo compete a qualquer sacerdote, mas também é poder de instituir república espiritual, sacramentos, leis, prémio para remunerar
30 o bem que se obra, e pena para castigar os delitos ou maldades, pelos quais se poderá corromper a mesma república espiritual. Diz ao depois que as qualidades do Reino temporal consistem em ter Cristo, Senhor nosso, um directo e absoluto domínio

sobre todos os reinos da Terra, determinando-os e livrando-os como e quando quer, e que o domínio de Cristo, Senhor nosso, sendo sòmente inferior ao do Padre Eterno, excede sempre a todos os mais.

5 No IX, examina se Cristo, Senhor nosso, exerceu no Mundo um e outro poder espiritual e temporal. É de fé que Ele exerceu o espiritual, porque, diz, santificou ao Baptista, chamou aos magos e aos pastores, repeliu os demónios e ofereceu-se em sacrifício a seu
10 eterno Pai. Do temporal diz que, ainda que não o exerceu com aquele fasto com que o costumam exercer os reis do Mundo, porque quis ensinar a humildade e misturá-la com o poder régio, contudo exerceu-o sem este fasto, usando do juramento como
15 seu, secando a figueira, lançando do templo os mercadores, destruindo as mesas dos banqueiros, permitindo que os reis o adorassem e que os povos o aclamassem Rei. Acrescenta que muitas vezes Cristo, Senhor nosso, exercera um e outro poder, espiritual
20 e temporal, como se vê do caso da adúltera, a qual absolvendo, mostra o poder espiritual e, perdoando-lhe a pena de ser apedrejada, estabelecida por Moisés, mostra o poder temporal.

No X, pergunta se Cristo, Senhor nosso, exerce no
25 Céu o poder espiritual. Diz que sim, porque exerce o ofício sacerdotal, oferecendo-se a si mesmo a seu Pai por mãos de qualquer sacerdote, porque, pela boca do sacerdote, diz que oferece o seu corpo. Torna a rogar por nós e assiste a todos os pastores das
30 almas. Demonstra, além disso, excelentemente, que Cristo, Senhor nosso, exerce no Céu o seu poder espiritual, não só sobre todos os infiéis, iluminando-os, ajudando-os, substituindo-lhes ministros espirituais, mas também sobre todos os homens em geral, tanto

fiéis como infiéis, reina e exerce o seu poder espiritual. Acrescenta, além disto, que Ele o exerce também sobre todos os condenados como juiz espiritual. Conclui, dizendo que Cristo, Senhor nosso, exerce o
5 seu poder espiritual sobre os condenados como membros podres, sobre os infiéis como membros mortificados, e sobre os justos como membros reunidos.

Na XI, pergunta se Cristo, Senhor nosso, exerce no Céu o poder de Rei temporal. Diz que sim, porque
10 Cristo governa o Mundo, tanto pelo que toca às cousas espirituais, como temporais, do mesmo modo que o Verbo Divino, com a diferença sòmente de que o poder de governar do Verbo Divino é inato a si mesmo, o de Cristo, porém, como homem, é um po-
15 der participativo.

Por isto diz a Escritura que o Pai deu todo o juízo ao Filho, tanto de julgar como de governar o Mundo, e portanto Cristo, Senhor nosso, muda reis e repúblicas, e por meio dos anjos e dos homens exerce no
20 Céu o poder do Reino temporal.

No XII, pergunta curiosamente se Cristo, Senhor nosso, há-de governar visìvelmente por espaço de 1.000 anos e que há-de haver duas ressurreições; que na primeira ressuscitarão todos os justos, que cheios
25 de bens temporais reinarão com Cristo, Senhor nosso. Mas o P.e Vieira o refuta òptimamente, porque seria cousa indecente que Cristo, Senhor nosso, deixasse o Céu para reinar na Terra com abundância de bens temporais, e que nem é necessário que para fazer
30 guerra ao Anticristo e destruí-lo, que Ele desça à Terra a reinar e a pelejar com ele.

Eis o que se contém no I Livro, que é admirável, erudito e razoável.

Da perfeita consumação do Reino de Cristo, Senhor nosso, na Terra

Este II Livro é sumamente imperfeito, porquanto não tem senão o primeiro capítulo, e dos sete cadernos falta o segundo. Se os mais tratados que não estão ordenados por capítulos partencem ao II ou III
5 Livros, só pelo contexto da matéria se poderá reconhecer.

SINOPSE

Nesta *Sinopse* julguei não dever proceder pelos capítulos, porque, excepto o I, faltam todos os mais; porque, se bem todos os tratados tenham seu título,
10 contudo faltam todos os capítulos. Mas devemo-nos regular pelos cadernos do mesmo, suposto falta o II.

Diz, portanto, no 1.º caderno que, tendo explicado no I Livro o poder e domínio de Cristo, Senhor nosso, como Rei, é justo que neste II Livro expo-
15 nha as pessoas acerca das quais Cristo, Senhor nosso, exerce na Terra este poder. Ora, tendo só a Igreja Militante o Império e o Reino espiritual de Cristo, Senhor nosso, na Terra, porque a Igreja Triunfante não é o seu Reino na Terra, mas sim no Céu, e con-
20 sistindo a sua perfeitíssima consumação não na Fé, porém na união de Deus, não na Esperança, porque nesta nada resta que esperar, porém no amor beatífico, segue-se que ele fala tão sòmente da Igreja Militante, que é o Reino de Cristo, Senhor nosso, na
25 Terra.

Suposto, portanto, que o Reino espiritual de Cristo, Senhor nosso, seja na Terra não só a comunidade dos Fiéis, que se chama Igreja Militante perfeita, formada, actual, enquanto fundada na fé, esperança e

caridade, como também a comunidade de todos os homens que estão fora da Igreja que se chama Igreja Militante, informe, potencial e imperfeita; pergunta em que consiste a consumação e perfeição do
5 Reino de Cristo, Senhor nosso, na Terra, ou da Igreja Militante ou imperfeita, prometida por Deus nas Sagradas Páginas, para que com toda a certeza se faça um só rebanho e um só pastor?

É incrível quanto este admirável Autor excede a si
10 mesmo, para assim dizer, a fim de provar a sua conclusão: — que o Reino de Cristo, Senhor nosso, então será consumado e perfeito, quando todos os homens, ou judeus ou infiéis, abraçarem a Fé de Cristo, Senhor nosso, e segundo a Lei antiga e nova se formar
15 um só rebanho e um só pastor.

Do segundo caderno nada me corre dizer, porque falta. Contudo, pelo que pude coligir do 3.°, 4.°, 5.°, 6.° e 7.°, parece-me que a intenção do Autor é provar, fundado em muitos Doutores, Santos Padres, figuras
20 e textos, que ainda que haja hoje na Terra muitos infiéis que são como uma parte informe da Igreja Militante, contudo todos absolutamente se hão-de converter e passar para a parte da Igreja Militante, formada e aperfeiçoada pela Fé, pela Lei de Cristo,
25 Senhor nosso, e que nesta conversão geral de todos os homens consiste a perfeita consumação do Reino de Cristo, Senhor nosso, sobre a Terra ou da Igreja Militante. Não me posso demorar em referir as engenhosíssimas e muito especiais reflexões que ele forma
30 sobre os sagrados textos, profecias e figuras, para provar o seu intento e como para pôr à vista a veracidade da sua proposição.

Tratado da santidade do último estado da Igreja e de que todos os homens neste tempo hão-de ser justos e se hão-de salvar

SINOPSE

Este tratado consta de 3 cadernos. Primeiramente diz que ele dividirá este tratado em 3 pontos, que vêm a ser: se neste tempo haverá pecados, se todos serão justos, e se todos se salvarão.

5 No I caderno prova que no último estado da Igreja ou na perfeitíssima consumação do Reino de Cristo, Senhor nosso, não haverá pecado algum, segundo o que diz Isaías, não se ouvirá falar na Terra de iniquidade alguma, o que não se tendo ainda com-
10 pletado em algum estado da Igreja, se há-de completar no terceiro estado dela. Depois, prova também pela profecia do Arcanjo Gabriel feita a Daniel, que o pecado achará fim e que a maldade será riscada do Mundo. Logo, não se tendo ainda comple-
15 tado esta profecia, há-de-se completar no último estado da Igreja, e por isso acrescenta ainda o Arcanjo Gabriel — *para se cumprir a profecia e se ungir o Santo dos Santos* — sobre as quais palavras, diz o Autor, *será ungido o Santo dos Santos com a ter-*
20 *ceira e última unção,* a qual como representada nas três unções de David, já nós distinguimos no cap. 2.º deste livro, tratando do Reino de Cristo sobre a Terra.

---

8. Vid. *Isaías,* LX, 18.

Confirma o seu dito com o Salmo XCV, que é todo a respeito das conversões dos povos: *Toda a Terra se comove na sua presença, porque o Senhor reinou, porque estabeleceu o orbe da Terra de sorte que se* 5 *não moverá*. Eis aqui, diz o Autor, que Cristo, Senhor nosso, reinará então perfeitìssimamente sobre a Terra, quando o Mundo ficar livre de todo o pecado. Traz também todo o texto do *Apocalipse,* que ele interpreta com admirável engenho.

10 Depois disto, pergunta de que modo se extinguirão todos os pecados? Responde: primeiro pela conversão de todos os infiéis; segundo, pela morte antecipada de todos os pecadores que se não quiseram converter.

No II caderno, pergunta se no Reino de Cristo per- 15 feitìssimamente consumado na Terra, serão todos justos? Responde que sim, porque, tirada a culpa de necessidade, há-de só reinar a graça. Expõe depois o capítulo LX de Isaías, no qual, depois destas palavras: — *Já se não ouvirá falar de violência na tua* 20 *terra* —, acrescenta imediatamente estas: — *Todo o teu povo será um povo de justos* — as quais palavras, se concordarmos com o texto de Isaías e outras profecias, devem aplicar-se à Igreja Militante.

O Autor continua no mesmo assunto no II caderno, 25 em que ele pergunta se então todos se salvarão? Deixou contudo este ponto por acabar, suposto que do definido pelo Autor no 1.° e 2.° ponto se siga evidentemente que todos se salvarão.

Tratado da Paz do Messias

SINOPSE

Contém este tratado três cadernos, no I dos quais, antes de decidir se as profecias a respeito do estado do Messias estão já completas, diz que, se estivermos pela experiência da guerra que tem havido por todo
5 o século, parecem não estar ainda completas; e, depois de mostrar o erro dos Anabaptistas, em que caiu antes destes o mesmo Tertuliano, os quais negam ser lícita a guerra, o que é contra o Direito Natural, que manda cada um defender-se como pode, traz diversas
10 interpretações. Primeira é que as profecias falam da paz que reina entre os Bem-aventurados, a qual ele não admite. A outra é que falam de paz espiritual, que também não admite. A 3.ª é que falam da paz da Igreja e que neste tempo se completarão as profecias,
15 o que destrói com muitos argumentos. A 4.ª é que falam da paz que houve no Império Romano tão sòmente no tempo de Augusto, a qual ele refuta, tanto porque não foi de modo algum uma paz segura, como porque foi limitada só a este império; e a paz
20 prometida não foi antes do Messias e da sua vinda, como foi a de Augusto. A 5.ª é que, depois da vinda de Cristo, Senhor nosso, a paz é muito maior, porque as guerras são menores do que dantes, a qual ele também reprova, tanto porque é muito duvidoso se
25 as guerras foram maiores antes do que depois da vinda de Jesus Cristo, como porque, se as guerras e os instrumentos bélicos de que usamos, se compararem com aqueles de que usaram os Antigos, fàcilmente se pode supor que são mais sanguinolentas as

guerras de hoje do que as anteriores a Cristo, Senhor nosso. A 6.ª é que, se os Cristãos observarem a Lei de Cristo, haverá maior paz entre eles. Refuta esta interpretação, porque não concorda com os textos que afirmam que as nações não tomarão armas contra nações, que a Terra será isenta de guerras. A 7.ª é que, quando Cristo, Senhor nosso, promulgou a sua Lei, que toda é de paz, deu paz; reprova, porque se não promete lei de paz, porém sim paz perfeitíssima.

Finalmente, no II caderno, pág. 6, diz que a paz perfeitíssima prometida pelos Profetas ainda se não completou, porém, que se há-de completar no último estado da Igreja, isto é, no Reino de Cristo, Senhor nosso, consumado na Terra.

Prova pelo que diz St.º Agostinho — ainda não vimos o texto completo —: *Levando as guerras até os fins do Mundo*. É suposto seja verdade que a vinda de Cristo, Senhor nosso, aumentará a paz, porque entre os príncipes cristãos se guardarão com mais fidelidade os tratados de paz firmados com juramentos, do que entre os Infiéis, e ainda que muitos infiéis, convertendo-se à Fé, tenham deposto o bárbaro costume de se comerem e pelejarem uns com os outros, contudo ainda se não completou a paz geral de todo o Mundo, que há-de ser tão segura, que qualquer poderá descansar sem susto e temor de guerra.

Primeiramente, porque esta paz, como diz Isaías, está prometida à pregação do Evangelho; logo, que se o Evangelho ainda não está espalhado por todo o Mundo, não está também ainda completa a paz prometida. Segundo, porque não se há-de consumar o Reino de Cristo, Senhor nosso, na Terra, senão quando todo o Mundo se converter à Fé e se unir perfeitìssimamente a Cristo, Senhor nosso; logo, não havendo

ainda a paz prometida, há-de ser muito mais viva a mesma, com a sua luz infundirá um veemente desejo, e sem esta perfeitíssima sujeição, fé e obediência para com Cristo, Senhor nosso, não se há-de ainda
5 conceder a paz prometida, e só se completará quando todo o Mundo se resolver a seguir inteiramente a Cristo, Senhor nosso. Refere a este assunto muitos textos, expostos literalmente e com admirável engenho.

10 No III caderno, desfazendo este argumento — que parece incrível que só a Fé seja capaz de conseguir esta perfeita paz — responde mostrando ele neste II Livro que a Fé deste 3.º estado da Igreja é amor à paz. Além de que diz Isaías que o Espírito
15 Santo fará todos os seus filhos instruídos pelo Senhor, e depois conduzirá uma grande abundância de paz — e porque finalmente então haverá um só coração e uma só alma e todos viverão na graça do Senhor.

No mesmo III caderno suscita esta objecção: A paz
20 é um dos principais sinais da vinda do Messias; logo que esta não está ainda completa, ainda não chegou também o Messias. Responde engenhosamente que os sinais da vinda do Messias, uns são antecedentes, e estes se haviam de cumprir antes da sua vinda, con-
25 forme o texto que diz que *o Messias não viria até que se não tirasse o ceptro de Judá* — o que na verdade aconteceu, porque então apareceu ele, quando o ceptro de Judá já tinha passado ao poder de Herodes; outros são concomitantes, como a sua santidade, po-
30 breza, sua paixão e pregação; outros subsequentes, que se não haviam de verificar e completar senão depois da sua ascensão ao Céu, como a pregação evangélica por todo o Mundo e a paz geral. Por isso diz David que Cristo, Senhor nosso, *depois que se*

assentasse à direita de Deus Padre, poria a seus pés todos os seus inimigos.

Continua a mostrar a paz prometida por Deus e diz que, assim como na arca de Noé, que foi a figura da 5 Igreja, os leões e os lobos formaram aliança e paz com os cordeiros e ovelhas, assim no 3.º estado da Igreja ou na última consumação do Reino de Cristo, Senhor nosso, sobre a Terra, os homens que forem opostos entre si em leis, ritos e costumes, gozarão 10 de uma paz seguríssima e firmíssima.

Tratado da pregação universal do Evangelho Último estado da Igreja e consumação do Reino de Cristo, Senhor nosso

Deste tratado não há capítulo algum, excepto um que não está enumerado, pelo que, para maior inteligência e clareza, disporei a *Sinopse* pela série dos dez cadernos.

SINOPSE

15 No I e II cadernos examina se o Evangelho tem sido pregado por todo o Mundo. Pela parte afirmativa traz para prova o Apóstolo, dizendo aos Romanos: *A vossa Fé será levada por todo o Mundo*—e o mesmo afirma aos Colossenses; e pela parte negativa, que ele 20 segue, traz muitos argumentos e com curiosa erudição discorre excelentemente pelos 17 séculos da Igreja, citando os templos em que o Evangelho foi recebido em vários reinos do Mundo, o que prova que ele não foi publicado por todo o Mundo no tempo dos Após-25 tolos. Eis aqui a razão por que os intérpretes de S. Paulo explicaram o texto — *de todo o Mundo* —

entendendo o mundo romano e outros o mundo então habitado e conhecido.

Depois disto, o Autor demora-se muito em expor o texto: *Para toda a Terra saiu o som das suas vozes* — e com admirável e engenhosa agudeza de espírito diz que uma cousa é *sair* e outra *chegar*. Concede que a voz dos Apóstolos tenha saído para todo o Mundo, porém, nega o ter chegado a todas as terras. Do mesmo modo que (diz) se saírem do porto de Lisboa duas naus, uma para o Brasil, outra para Goa, que é verdade terem ambas saído do porto ao mesmo tempo, mas que é falso o terem chegado ambas ao mesmo tempo, porque a que foi para o Brasil chegou primeiro.

Persuade, porém, que o Evangelho se há-de pregar por todo o Mundo por muitos textos da Sagrada Escritura, que dizem claramente que o Evangelho se há-de pregar por todo o Mundo. Logo, se em todo o Mundo se há-de pregar, a voz dos Apóstolos, apesar de ter saído para todo o Mundo, ainda não chegou a todo o Mundo.

Finalmente, na 5.ª questão do II caderno expõe, com a mesma agudeza de engenho, os diversos modos da pregação evangélica. A um chama mudo, que vêm a ser as mesmas criaturas irracionais, as quais, se se considerarem, são bastantes para que os Gentios entendam a unidade de Deus; seriam além disto bastantes para também perceberem a Trindade das Pessoas e a Encarnação do Verbo, se não estivessem cegos pelos seus pecados e pelos seus doutores, os quais como que prendem no cárcere a verdade, segundo a expressão do Apóstolo aos Romanos: *Prendem a verdade de Deus na injustiça.*

Outro modo de pregação evangélica são as vozes

e a fama. Tudo isto trata o Autor com esquisita erudição no I e II cadernos do tratado.

No III caderno examina o Autor com grande esforço esta muito árdua questão: Se aqueles que não crêem no Evangelho, porque não o ouviram, devem ser condenados? Porque, sendo certo que tanto aqueles que ouviram o Evangelho se hão-de salvar, como os que o ouviram e não obedeceram se hão-de perder, deve-se determinar, diz ele, se aqueles que não obedeceram, porque não o ouviram, se condenarão ao Inferno para sempre.

Defende o Autor: primeiro, que em muitos bárbaros americanos se dá o pecado puramente filosófico e não o teológico, enquanto ele parece precisamente contra a razão natural, e não contra Deus, pois que padecem uma invencível ignorância de Deus. Segundo, afirma que se dá também em muitos bárbaros invencível ignorância do Direito Natural, porque muitos têm o furto como uma cousa sumamente gloriosa, e por isso se aplicam a ele desde meninos, nutrem-se da carne dos seus inimigos, e de mais, comem os seus próprios filhos e cometem outras obscenidades, sem que se lhes ensine o contrário, antes pela sua omissão são repreendidos e castigados.

Um e outro assunto prova o Autor com a autoridade dos historiadores os mais fiéis que estiveram entre os Tapuias, e que foram encarregados de os civilizar; os quais têm tão rombo entendimento, que muitos não são capazes de aprender mais que três números. Por esta razão diz o Autor: se os teólogos da Europa (que negam ser possível a ignorância de Deus e do Direito Natural totalmente invencível) praticassem com estes bárbaros, cederiam da sua opinião.

Suposto, portanto, pelo Autor, naqueles bárbaros,

o pecado puramente filosófico, porque padecem invencível ignorância de Deus, examina se, porque cometem ou cometeram o pecado mortal puramente filosófico, deverão ser castigados com a pena eterna.

Nega. E, continuando largamente a mesma matéria no 3.º caderno, na 1.ª e 2.ª página do 4.º o prova desta maneira: Todo o motivo por que se impõe a pena eterna ao pecado mortal, é porque ele é ofensa de um Deus infinito; dando-se, porém, muitos bárbaros que não ofendem este Deus infinito, porque ignoram invencìvelmente a sua existência, segue-se que não são dignos da pena eterna, mas só sim devem ser castigados com uma pena temporal e arbitrária.

Pelo que deve haver algum lugar onde se devem punir aqueles que cometem o pecado puramente filosófico. E porque não admire a novidade da opinião, pergunta em que lugar se há-de punir aquele bárbaro que morreu sem baptismo, só com o pecado venial?

Não deve ser no Purgatório, porque este lugar é só para aqueles que morreram em graça e que hão-de gozar da presença de Deus. Não no Inferno, porque este lugar é destinado aos que morreram em actual pecado mortal teológico; não no Limbo, porque este estado é para aqueles que morrem só com o pecado original, sem pecado venial. Portanto, assim como para aqueles que morreram sem baptismo com um pecado venial, está determinado o lugar próprio em que devem ser punidos com a pena dos sentidos, assim para aqueles que morrem com o pecado mortal puramente filosófico, deve-se destinar um lugar próprio, que não seja nem o Limbo, nem o Purgatório, nem o Inferno, onde devem ser punidos.

Considerando eu estas cousas, nunca acabo de

admirar como alguém se atreva a riscar deste tratado a opinião do pecado puramente filosófico, como condenado por Alexandre VIII. Primeiramente, pergunto eu se são equivalentes estas duas proposições: o pecado filosófico, por mais grave que seja naquele que *ignora invencìvelmente* a existência de Deus, não é ofensa de Deus nem merece uma pena eterna; o pecado filosófico, por mais grave que seja naquele que *ignora Deus,* não é ofensa de Deus nem digno de pena eterna? Por certo que não. Logo, sem razão alguma foi riscada do tratado do Autor a doutrina do pecado filosófico naquele que ignora *invencìvelmente* a existência de Deus.

Demais, se se extinguir a doutrina do pecado filosófico, dever-se-ia também extinguir quase todo este tratado da universal pregação do Evangelho, visto estar fundado no pecado filosófico. Porque é cousa muito singular neste Autor, ver a coerência que têm as cousas que diz com as que há-de dizer, de modo que as derradeiras estão fundadas sobre as primeiras e se ligam umas às outras. Nada portanto se pode tirar deste, que se não perca todo o tratado. Logo, para que nada se destrua do que ele tem feito por muitos cadernos cheios de erudição e engenho, fundado ùnicamente no pecado filosófico, nada se deve tirar dele.

Da mesma sorte digo que, de negar nos Cristãos e nos Idólatras o pecado filosófico, não se segue que se deva também negar nos Bárbaros americanos. E a razão é porque, nos Cristãos e nos Idólatras, não há *invencível ignorância de Deus,* porque adoram alguma cousa. E ainda que os Idólatras errem no seu culto, contudo na mesma luz natural da razão que lhes proíbe alguma cousa, sempre resplandece, ao

menos implìcitamente, um Deus a quem adoram; no Bárbaro americano, porém, que nada absolutamente adora, não existe na sua mesma razão Deus algum, pois que padece uma ignorância invencível da exis-
5 tência de um Deus, qualquer que seja; logo, o pecado dos Cristãos e dos Idólatras contra a razão natural não é puramente filosófico, mas é também teológico; e, pelo contrário, o pecado dos Bárbaros, que não adoram divindade alguma, cometido contra a razão
10 natural, é puramente filosófico; dos quais e nos quais o Autor defende o pecado puramente filosófico.

No IV caderno pergunta o Autor se Deus ministra a todos os bárbaros adultos os meios suficientes para a sua salvação? Afirma com S. Tomás, a quem de
15 boamente concede que os exemplos referidos por ele — de S. Pedro enviado a Cornélio, S. Paulo aos Macedónios —, provam que Deus manda pregadores àquele que faz o que está na sua parte; contudo, querendo mostrar que estes exemplos não vêm ao
20 caso, diz que de dois casos raríssimos não se pode inferir universalmente que Deus conceda a graça da pregação àqueles que fazem o que está na sua parte.

Depois suscita esta grande dúvida e pergunta que meios tiveram os Americanos em 1.300 anos depois
25 da pregação do Apóstolo S. Tomé (pois que este foi o tempo que mediou entre a pregação do Apóstolo e a entrada dos Europeus na América) que meios, digo,

---

12. O conteúdo deste caderno, como o da pág. 138, que insere o passo de Castálio, interessa muito ao juízo a formar sobre o conceito seiscentista de Deus e sua providência.

tiveram para conseguirem a sua salvação? Porque eles não tiveram nem um nem outro meio, isto é, nem a agudeza do engenho pela qual pudessem conhecer a Deus naturalmente, pelas cousas criadas,
5 e nem pregadores que os tirassem da sua estupidez; logo, não tiveram meio algum de salvação eterna.

Dizer, porém, diz o Padre Vieira, que Deus deu o seu conhecimento a todos os adultos antes da morte, para que, pecando mortalmente, pudesse condená-los,
10 é cousa duríssima e contrária à piedade de Deus, que Ele condenasse a uns homens tão estúpidos e que não tiveram pregadores por espaço de 1.300 anos. Eis aqui os apertos em que se viram aqueles que negam o pecado puramente filosófico, porque con-
15 denam a todos estes. Pelo contrário, admitindo-se o pecado puramente filosófico e outro lugar além do Céu e do Inferno em que padeçam a pena temporal aqueles bárbaros que têm invencível ignorância de Deus e que pecam gravemente contra a razão natu-
20 ral, nada se diz nem se segue que pareça cruel, nem contra a piedade de Deus.

Para, portanto, desfazer esta dúvida, que ao Autor causa suma admiração, diz que Deus, não providenciando, providenciou àqueles bárbaros. E para pro-
25 var isto, supõe que em Deus, além da ciência absoluta, se dá também a condicionada, pela qual Ele vê o que fariam aqueles bárbaros, se se lhes desse um entendimento agudo ou se se lhes mandassem pregadores. Conhecendo, porém, que eles haviam de abu-
30 sar tanto de um como de outro meio, cometendo o pecado mortal teológico, e que seriam condenados à pena eterna; e que, negando-lhes um e outro meio, não seriam punidos com a pena eterna, porém com a temporal, tão sòmente depois da sua morte, Deus,

que é tão cheio de piedade, negando-lhes primeiro outro meio de salvação, não os providenciando, providenciou-os.

Medite, portanto, o leitor que, abolindo-se a doutrina do pecado filosófico, se deverá também abolir quase todo o tratado, pois tudo o que se afirma no IV caderno, se funda no pecado filosófico.

Acrescenta o Autor das utilidades que daí se tiram, que vêm a ser: que Deus, não providenciando, providenciou os dois meios de salvação àqueles bárbaros, isto é, não lhes dando nem agudeza de engenho, nem pregadores por onde conhecessem a Deus.

Diz que daí se seguem duas utilidades: Primeira, que, ignorando invencìvelmente a Deus, nunca poderão cometer o pecado mortal teológico; segunda, que, cometendo só o pecado mortal filosófico, estão livres da pena eterna.

Confirma primeiramente com S. Paulo e S. Timóteo, os quais, como diz S. Lucas, querendo pregar a Fé de Deus na Ásia, foram proìbidos pelo Espírito Santo; porque, como explica Beda, sabia que os Asiáticos haviam de desprezar a palavra de Deus, a qual cousa, não sendo providência, é providência de Deus, enquanto ela livrará da pena eterna dos sentidos a todos aqueles que invencìvelmente O ignoram, o que certamente não sucederia, se acaso O conhecessem. E sabendo Ele que os Asiáticos haviam de resistir à sua Lei, se acaso a conhecessem, e a Ele mesmo, não providenciando, os providenciou, proìbindo que se lhes fosse pregar.

Prova, em segundo lugar, com o Salmo XVII, que fala do Padre Eterno, onde se lê *das salvações de Seu Filho Jesus Cristo*. Não diz *da salvação*, mas sim *das salvações;* porque são dois os mo-

dos de salvação: o primeiro é perfeito, providenciando a Fé e bons costumes com que se adquira a vida eterna; e outro é imperfeito, admitindo que vivam numa infidelidade inculpável, e salve ou livre
5 da pena eterna dos sentidos aqueles que morrem em invencível ignorância de Deus.

Acrescenta mais do Salmo XXXV estas palavras: *Salvarás, Senhor, os homens e os jumentos.* Chama *homens* aos fiéis que crêem e obram bem e que se
10 salvam pelas boas obras, e *jumentos* aos infiéis, que estão entre os homens e os brutos, porque, vivendo na sua invencível ignorância de Deus, se salvam da pena eterna dos sentidos.

Confirma, em terceiro lugar, pelo preceito que
15 impôs Cristo, Senhor nosso, a S. Paulo, logo depois da sua conversão: *Apressa-te* — disse — *e sai já de Jerusalém, porque não receberão o testimunho das minhas palavras.* Eis aqui Cristo, Senhor nosso, prevendo que os Judeus não se haviam de converter;
20 por isso mandou a S. Paulo que saísse de entre eles e os deixasse na sua ignorância, para que fossem menos maus, não ouvindo a S. Paulo, e não se fizessem dignos da pena eterna.

No mesmo caderno, junto do fim, pág. 8 até
25 pág. 9, examina os meios pelos quais se pode alcançar a conversão de todo o Mundo à Fé de Cristo: primeiro, pela eficácia da pregação, isto é, dando tão grande eficácia às palavras dos pregadores, que os Infiéis não lhes poderão resistir; segundo, pelos
30 milagres; terceiro, pelas inspirações interiores, sem auxílio dos homens, e isto o prova elegantìssimamente por causa da impossibilidade moral de irem os pregadores a todas as regiões dos Infiéis.

Depois, continua a declarar os instrumentos de que

Deus há-de usar para a conversão de todo o Mundo. Primeiramente, diz que o melhor instrumento será o mesmo Cristo, do qual se lêem no *Salmo II* estas palavras: *Eu, porém, fui estabelecido por Ele Rei, a fim de intimar os seus preceitos.* Não diz — diz o Autor — *Rei pregador,* porém sim *Rei que prega;* porque Cristo, Senhor nosso, nunca se absteve de pregar. Em segundo lugar, diz que serão os homens santos, porque, se Cristo, Senhor nosso, fundou o seu Reinado por meio de homens santos, com muito mais razão se servirá deles para aperfeiçoá-lo. Em terceiro lugar, diz que será o socorro dos príncipes seculares. Porque — diz o Autor — assim como as almas não serão governadas pelos bispos, estando separadas do corpo, mas sim unidas a ele, assim também entre os príncipes seculares e os eclesiásticos deve haver esta união, e por isso Deus, no *Velho Testamento,* dividiu entre os dois irmãos, isto é, Moisés e Aarão, o poder secular e sacerdotal, para que entendêssemos que se deviam unir entre si no amor fraternal. Traz para este fim muitas histórias, e o que diz Isaías no cap. XLIX, falando sobre a Igreja: *Serão os reis os teus curadores, e as rainhas as tuas amas.*

No V caderno, pergunta se antes do fim do Mundo todos serão cristãos e, refutando o que diz o Padre Soares, — que, ainda que a Igreja se dilatará por todo o Mundo, nega contudo que todos se converterão — o Autor afirma que totalmente hão-de ser cristãos, porque a Sagrada Escritura diz que *todas as gentes, pátrias e famílias de nações o adorarão* — isto é, a Jesus Cristo, acrescentando a mesma Escritura que até cada um dos indivíduos o há-de adorar. Logo, por consequência, deve vir tempo em que se

convertam não só as nações, pátrias e famílias, mas ainda mesmo cada um dos homens.

No VI caderno, trata do tempo em que de uma vez, ou dos tempos em que por partes se há-de completar a conversão de todo o Mundo à Fé, e diz que todos os intérpretes querem que esta conversão de todo o Mundo à Fé não se completará senão depois da morte do Anticristo por Elias, que converterá os Judeus, e por Henoc, que converterá aos Gentios, segundo o que disse Cristo, Senhor nosso, por S. Marcos, cap. IX: *Quando vier Elias restituirá todas as cousas.* O Autor, porém, segue outro parecer, ensinando que não há-de haver uma só conversão, porém que são duas as conversões gerais de todo o Mundo: a primeira, pelos sucessores dos Apóstolos, antes da morte e destruição do Anticristo, e o prova: primeiro, porque o fim por que Cristo, Senhor nosso, mandou aos Apóstolos, foi a conversão de todo o Mundo, porque diz: *Pregai o Evangelho a todas as criaturas;* logo, não se tendo ainda alcançado este fim, algum dia se alcançará. Segundo, porque, sendo certíssimo tanto que antes do dia de juízo todo o Mundo se deve converter à Fé, como que, desde a morte do Anticristo até o dia de juízo, não se hão-de passar mais que 45 dias, é impossível que em tão breve tempo todos os homens geralmente se possam converter à Fé de Cristo por meio de dois homens, Henoc e Elias; logo, deve preceder a vinda do Anticristo outra conversão geral de todo o Mundo. Terceiro, porque, se antes da vinda do Anticristo todo o Mundo não fosse cristão, o Articristo não seria o Anticristo, porque Anticristo é aquele que se opõe aos Cristãos; logo, antes da vinda do Anticristo, todo o Mundo deve ser cristão.

Confirma, além disto, o seu dito pelas referidas palavras de Cristo, que não diz: *Elias, quando vier, converterá tudo,* porém, sim,—*restituirá tudo*—que quer dizer que aqueles que por causa de tormentos e
5 enganos do Anticristo se tiverem afastado da Fé, serão restituídos a ela; logo, se os restituir à Fé, segue-se que já tinham sido antes cristãos.

Ajunta muitas dificuldades desta conversões. As principais são: que a conversão precedente à vinda
10 do Anticristo será feita pelos sucessores dos Apóstodos sem mudança de hábito, que terá por fim a conversão de todos aqueles que, ou por malícia ou por erro invencível, não tiverem abraçado a Fé de Cristo, Senhor nosso; que esta conversão, antecedente
15 à vinda do Anticristo, começou no nascimento de Cristo, Senhor nosso, e, pelo contrário, a subsequente à vinda do Anticristo principiará por Henoc na Lei da Natureza e por Elias na Lei Escrita, e começará outra vez por eles e durará tão sòmente 45 dias;
20 que o fim desta conversão é reduzir à Fé tão sòmente aqueles que pelos enganos e tormentos do Anticristo tiverem apostatado da Fé de Cristo, Senhor nosso; que Henoc e Elias hão-de pregar, vestidos de saco. Depois disto examina se neste tempo tão sòmente se
25 completará o oráculo de Cristo, Senhor nosso: — *Haverá um só rebanho e um só pastor.* Afirma, porém, contra a opinião de quase todos os intérpretes: porque Cristo, Senhor nosso, diz: — *Tenho outras ovelhas e é justo que eu as guie, e ouvirão a minha voz e se*
30 *fará* (não diz — *e se fez um só rebanho e um só pastor,* porém, *se há-de fazer) um só rebanho...* Segue-se que ainda não está completo este oráculo de Jesus Cristo.

Daí, passando o Autor ao tempo e à ordem por que

se há-de formar este rebanho ou congregação de ovelhas, diz que os *Hebreus se hão-de unir com os Hebreus e os Gentios com os Gentios, e ambos se unirão com os mais.* Prova, além disto, a geral conversão de todos os homens a Cristo, Senhor nosso, e à sua Fé, tanto pelo cap. XXXI de Jeremias, que diz: *todos me conhecerão, desde o mais pequeno até ao maior,* como pelo cap. XI, de Isaías: *Será cheia a Terra do conhecimento do Senhor, assim como as águas do mar cobrirão a mesma Terra,* ou como outros: *Bem assim como as águas cobrem o mar.* E segundo diz o profeta Habacuc: *A terra se encherá, assim como as águas cobrem o mar, para que todos conheçam a glória do Senhor.* Sobre as quais palavras diz o Autor engenhosamente que, assim como as águas podem cobrir o mar, o conhecimento do Senhor há-de ser tão grande, que inundará o Mundo, do mesmo modo que o dilúvio inundou a Terra.

Depois disto, nota a diferença que há entre o dilúvio de Noé e este, cuja figura foi a de Noé; porque, assim como o dilúvio de Noé inundou a Terra, assim também a inundará o conhecimento do Senhor, com a diferença sòmente de que aquele a inundou para destruí-la, este porém é para vivificá-la com o dilúvio do baptismo.

No IX caderno, supõe ser tradição antiga, derivada de Adão e tida por certa entre os mesmos Antigos, que o Mundo não há-de exceder do espaço de 6.000 anos; porque dizem que, se todo o Mundo se completou em seis dias, os dias porém na presença de Deus são 1.000 anos; por consequência não há-de durar mais de 6.000 anos; de sorte que os dois primeiros 1.000 anos são da Lei da Natureza, os dois intermédios são da Lei Escrita e os dois últimos da Lei da

Graça. Todavia o Autor deixou por acabar todo o IX caderno — o do tempo em que se há-de acabar o Mundo.

No I, examina se os homens viverão mais tempo naquele em que se consumar na Terra o Reino de Cristo, Senhor nosso. Afirma que sim, fundado na profecia de Isaías, cap. LXV, onde se lêem as seguintes palavras: «*Não se verá mais ali menino que viva poucos dias, nem velho que não cumpra o tempo da sua vida; porquanto aquele que for menino morrerá de 100 anos e o pecador de 100 anos será maldito.*» Da mesma sorte diz Isaías: «*Edificarão casas e as habitarão; plantarão vinhas e comerão o seu fruto.*»

Sendo, portanto, certo por todos os intérpretes que estas palavras se devem entender a respeito da Lei da Graça, sendo também certo que, desde que Cristo, Senhor nosso, subiu ao Céu, ninguém viu menino nem velho que cumprisse os seus dias e anos, e acontecendo, de ordinário, que aquele que fabrica não habita a casa que construiu nem come o fruto das árvores que plantou, segue-se necessàriamente que esta profecia se completará um dia, quando o Reino de Cristo, Senhor nosso, se consumar sobre a Terra, e tanto mais pelo que se lê no *Apocalipse* a respeito de Cristo, Senhor nosso: *Eis aqui faço tudo novo,* isto é, renovando as idades passadas.

Será, porém, perfeitamente consumado o Reino de Cristo, Senhor nosso? Com a última evidência, diz o Autor, e acrescenta que tem tudo provado, quando todo o Mundo abraçar a Fé de Cristo, Senhor nosso, e quando houver um só rebanho e um só pastor.

Diz também que este Reino durará perfeitamente completo por espaço de 1.000 anos, porque está escrito: *Viverão e reinarão com Cristo pelo espaço*

de 1.000 anos; e no Reino de Cristo, Senhor nosso, perfeitamente consumado, ou quando todos forem cristãos, os homens viverão muitos anos, ainda que todos não vivam os mesmos, porque alguns morrerão de 100 anos, e nesta idade se chamarão ainda meninos, outros de duzentos, outros de muitos séculos, outros finalmente, que tiveram uma vida mais santa, viverão 1.000 anos, para combaterem com o Anticristo e triunfarem dele.

Dificuldades dos sacrifícios e cerimónias legais

Objecta o Autor que, sendo sentença constante ser a Lei antiga não só morta, mas ainda mortificada, e que jamais deve ser de novo suscitada, segue-se portanto que a visão de Ezequiel a respeito dos sacrifícios legais não pode ser literalmente exposta sem o perigo da Fé.

Para desfazer, porém, a sua objecção, supõe, em primeiro lugar, que o antigo sacerdócio e as cerimónias do antigo sacrifício foram revogadas. Em segundo lugar, que os antigos sacrifícios foram instituídos, não só para o culto de Deus e para que os Hebreus fossem retraídos da idolatria, como também para significar o futuro sacrifício de Cristo, Senhor nosso; o que suposto — diz o Autor — não sendo os sacrifícios legais intrìnsecamente maus, porque, sendo-o, nunca seriam lícitos pela dispensação de Deus ou da Igreja, bem poderão segunda vez ser restituídos.

Prova o Autor a primeira parte da sua proposição por meio da dispensação de Deus e servindo-se do Salmo L, em que se distinguem três tempos e três

géneros de sacrifícios: O primeiro tempo é o da antiga Sinagoga; o segundo é o da Igreja presente; e o terceiro é o da Igreja futura, quando a Sinagoga se unir à Igreja e entregar-se totalmente à mesma Fé,
5 pois por meio destas palavras: *Livrai-me dos sangues, ó Deus, ó Deus da minha salvação!* se indica o tempo da Igreja passada ou da Sinagoga, e os sacrifícios cruentos desta mesma Igreja, dos quais David se desejava livrar como de sacrifícios que não
10 conferiam graças.

E por meio destas outras palavras: *Porque, se tu tivesses desejado um sacrifício, eu não teria faltado a to oferecer, mas tu não terás por agradável os holocaustos,* se indica o tempo e a Igreja presente,
15 no qual cessarão os antigos sacrifícios da Sinagoga. E ùltimamente por meio destas: *Então é que tu receberás com agrado os sacrifícios de Justiça, as oblações e os holocaustos, então é que te oferecerão os novilhos sobre o teu altar,* se indica o tempo e a
20 Igreja futura, no qual se há-de reedificar o templo de Jerusalém e se hão-de restabelecer as oblações, etc., não como significativas do sacrifício incruento ou da eucaristia como futura, porém sim do sacrifício eucarístico como presente. Portanto, diz o Autor, enten-
25 dendo literalmente a expressão de David, segue-se que o Templo se há-de restabelecer no tempo da Igreja futura, em que os Judeus e todas as gentes se hão-de reduzir à Fé de Cristo, Senhor nosso.

Prova a segunda parte por meio da dispensação
30 da Igreja, dizendo primeiramente que todo o legislador pode ser também dispensador nas suas mesmas leis e que, portanto, não sendo o uso das cerimónias legais da antiga Lei proìbidas por lei divina, mas meramente pela Igreja, poderá dispensar e permitir

que se restabeleçam as mesmas cerimónias no seu 3.º estado.

Depois disto, passa a expor as causas mais graves por que a Igreja há-de dispensar estes ritos no seu 3.º estado. A principal é a inata tenacidade dos Judeus para com os seus votos; porque, diz ele, se os Apóstolos, por causa desta tenacidade dos Judeus, dispensaram às duas tribos, no tempo da primitiva Igreja, o poderem conservar alguns dos seus ritos, como é constante (disse duas tribos, porque se ignora por onde se espalharam as demais), segue-se portanto que poderá a Igreja ainda com maior razão dispensar os Judeus que se houverem de converter no fim do Mundo, o poderem usar os seus ritos, ao menos no templo de Jerusalém, não para alcançarem por meio deles a salvação, como diz Beda, porém para preencherem as profecias daqueles sacramentos.

Logo, satisfazendo aos argumentos do Padre Soares, mostra, primeiramente, que a necessidade, utilidade, piedade e outras cousas que o mesmo Padre Soares julga suficientes para a dispensa da lei, estas mesmas podem concorrer para que a Igreja conceda aos Judeus que se hão-de converter o uso dos seus ritos no templo de Jerusalém.

Em segundo lugar, traz aquele memorável exemplo dos ritos mistos-arábicos, permitidos na Espanha, em alguns templos, pelo Pontífice, por cuja permissão os Árabes abraçaram a Igreja Romana, como se vê nas catedrais toletana e granatense, que têm capelas públicas, nas quais se celebram as missas com o rito chamado moçarábico ou misto-arábico.

Em terceiro lugar, ajunta com esquisita erudição todos os ritos permitidos pela Sé Apostólica aos Gregos, Rutenos e aos outros cismáticos, para que

deste modo pudéssemos unir as Igrejas Orientais à Romana. Permite, diz ele, aos seus sacerdotes o sacramento do matrimónio, o poderem consagrar em pão fermentado e comungar em ambas as espé-
5 cies, o uso da carne aos sábados, ainda na Quaresma, e a observância dos mesmos sábados juntamente com os domingos. E todas estas cousas lhes concede, não para conformá-las com a observância judaica, porém para que se confundissem os herejes simoníacos nas-
10 cidos no Oriente, que diziam não ter Deus criado o Mundo, porque descansava ao sábado, como adverte o Padre Turriano (Livro VII) nos *Cánones dos Apóstolos*. Além disto a circuncisão, que é o principal sacramento dos Judeus, aí se permite aos Cristãos,
15 não como culto religioso, porém como carácter ou sinal e brasão da antiga nobreza derivada de Abraão e Salomão, do mesmo modo com que se esculpem nos sepulcros os brasões das famílias iguais da sua nobreza, como notou Guilherme Reginaldo no seu
20 livro contra Calvino, Livro II, cap. 9, dizendo que os Abexins cristãos baptizam os infantes e logo os circuncisam, em sinal da sua antiga nobreza, sem respeito algum ao merecimento e confiança judaica. Logo, diz o Autor, se por benignidade da Sé Apos-
25 tólica se uniram em alguns reinos os domingos com os sábados e o baptismo com a circuncisão, por fim honesto e ainda político, por que razão não será então

---

12. O título exacto da obra de Padre Francisco Turriano, publicada em 1573, é *Pro Canonibus Apostolorum, et Epistolis, Decretalibus Pontificum Apostolicorum.*

19. O título da obra referida é *Calvino-Turcismos, id est, Calvinisticæ perfidiæ, cum mahumetana Collatio.*

lícito à Igreja Nova o permitir que se una o sacrifício da Eucaristia com as cerimónias naturalmente legais?

Outras muitas provas refere o autor, as quais passo em silêncio.

Termina aqui a tradução manuscrita do Códice da Biblioteca Nacional adiante inserto. Damos a seguir a tradução por nós próprios tentada, da parte que o tradutor baiano omitiu:

5 Prossegue, ponderando a utilidade máxima de tal permissão e em sua confirmação aduz o recente testemunho do que em 1594 se passou com a Lituânia. Com efeito, quando, por ordem de Clemente VIII, reuniu o sínodo para trazer os Rutenos à Fé Católi-
10 ca, foram nele apresentados os pedidos dos seus bispos respeitantes tanto à Fé como aos ritos, em cuja observância são tenazes. Respondeu-lhes o Núncio,

---

4. *Nota do Tradutor a este capítulo dos sacrifícios e cerimónias legais* — No Livro II dos Macabeus, cap. II, onde se acham várias particularidades sucedidas ao tempo da transmigração dos Judeus para Babilónia, se lê o seguinte, desde o vers. 4.º até 7.º:

«Continha-se outrossim no mesmo escrito como este Profeta, por ordem particular que tinha recebido de Deus, mandou que levassem com ele o Tabernáculo e Arca, até que chegasse ao monte a que Moisés tinha subido, e do qual ele viu a Herança do Senhor.

E tendo ali chegado, Jeremias achou uma caverna, onde meteu o Tabernáculo, a Arca e o altar da incensadora, e tapou-lhe bem a entrada. Alguns dos que o tinham seguido se chegaram para notar este lugar, e não puderam achá-lo.

O que tendo Jeremias sabido, os repreendeu e disse: Que aquele lugar ficaria incógnito, até que Deus tornasse a ajuntar o seu povo disperso e lhe fizesse misericórdia.»

Tradução de Pereira.

antes que os pedidos fossem levados a Roma, que, assim como a Igreja Romana é inexorável em tudo o que respeita à integridade da Fé, assim tem tolerado dispensas naquilo que é determinado pelo direito humano e eclesiástico. Portanto, poderá a Igreja permitir alguns ritos aos Judeus, que tão dificilmente consentem em abandonar os ritos dos seus maiores.

Em segundo lugar, afirma poder dizer-se que Ezequiel pretende que os sacrifícios legais se hão-de restabelecer, como significativos não de Cristo futuro, senão de Cristo presente, do mesmo modo que a Igreja diz de S. João Baptista que não profetizou Cristo, Senhor nosso, como havendo de nascer, senão que o mostrou já existente. Consequentemente, os sacrifícios que então puderem ser permitidos, não serão prefigurativos de futuro sacrifício eucarístico, mas indicativos da presença do mesmo sacrifício, que primeiro eles tinham prefigurado.

Estabelece a este propósito uma comparação com uma representação teatral a que na nossa Casa professa assistiu em Roma, no entrudo de 1650: Em baixo, o templo de Salomão, com os seus sacerdotes sacrificando no rito nacional; em cima, o pão eucarístico, a que era dirigida a adoração dos Fiéis.

Eis que nada melhor ilustra — diz o Autor — a concepção do templo de Ezequiel e seus sacrifícios legais; tal como no teatro romano estavam presentes a figura e o figurado, a Eucaristia e os muitos sacrifícios que a figuravam, assim no templo de Ezequiel serão simultâneos os sacrifícios legais que prefiguram a Eucaristia, a par do que a mostra. Também das Sagradas Páginas aduz, ao propósito, texto engenhosamente apropriado.

Diz, em terceiro lugar, que os sacrifícios legais indicados por Ezequiel, rejeitado todo o significado figurativo, poderão ser admitidos como demonstrativos. Tiveram eles, na verdade, segundo Santo Agostinho, além da significação figurativa, um sentido moral, porquanto pela imolação das vítimas aprendiam os Hebreus a imolar a Deus o corpo e a alma (como ensina o Apóstolo); e com agudeza diz Orígenes: «Temos dentro de nós várias vítimas que imolamos: se vences a soberda do corpo, imolas a Deus um vitelo; se a ira, um carneiro, se a libidinez, um bode; se lúbricos arrebatamentos dos pensamentos, uma pomba ou uma rola.»

Que, em verdade, não foi o sacrifício material a principal finalidade dos sacrifícios, admiràvelmente o prova com o Salmo L.: «*Porque, se tivesses querido um sacrifício, de qualquer modo eu o teria oferecido; não te deleitarás com holocaustos; o sacrifício a Deus é o espírito atribulado; não desprezarás, meu Deus, o coração contrito e humilhado.*»

Eis em Deus — diz o Autor — duas vontades que parecem opostas: não quer a carne do animal que se sacrifica, quer o coração do homem, que é o que no sacrifício do animal é sacrificado. O mesmo se exprime no Salmo XLIX: «*Porventura hei-de comer carne de touros e beber sangue de bodes? Imola a Deus o sacrifício do louvor.*»

O mesmo se lê em Isaías: «*Não ofereças mais sacrifícios vãos; abomino o incenso ... . Lavai-vos, sede limpos ... deixai de cometer perversidades; aprendei a bem-fazer.*» Eis pois que Deus não quer o sacrifício puramente material, senão o moral por ele significado. Consequentemente, com toda a probabilidade se pode afirmar que, no templo de Eze-

quiel, haverá os sacrifícios materiais significativos do sacrifício moral que Deus ordena.

Desenvolve isto eloquentemente, advertindo que Deus ensina os homens por meio de símbolos exte-
5 riores; assim mandou a Oseas que tomasse como mulher uma meretriz infame que lhe desse filhos, para deste símbolo compreenderem os Hebreus a injúria feita a Deus; e mandou a Isaías que caminhasse nu pelas praças, para que por sua nudez
10 fosse entendida a nudez espiritual do Egipto e da Etiópia; e isto desenvolve em outros exemplos, como o das parábolas evangélicas de que Cristo se serviu para ensinar o povo. É pois muito provável que os antigos sacrifícios e cerimónias, que foram como
15 parábolas por que se exprimia a vontade divina, muitos dos quais os Judeus não entenderam, de novo se hão-de estabelecer, não só para que os Judeus, que se hão-de converter, atinjam a sua significação, como também para que se convertam.

É, na verdade, vulgar, diz o insigne Autor, ins-
20 truir o militar ou o nauta por instrumentos apropriados a um e a outro; assim também, para que, na derradeira conversão do Mundo, os Hebreus se instruam na Fé Cristã, nada mais adequado do que o uso dos sacrifícios legais, a par do uso do sacri-
25 fício evangélico que moralmente indicaram.

Confirma São Gregório com um bem claro dito e feito, como se lê no Livro IX, *Registri Epistolarum:* perguntado por Augustino, primeiro bispo dos Ingleses, como lhe cumpriria proceder com eles para
30 dos ritos profanos os chamar a Deus, escreve o santo: *Esforça-te por que não destruam os templos, mas sòmente os ídolos, a fim de que mais fàcilmente concorram aos lugares costumados, aí adorando a*

Deus, para que não mais imolem animais ao Diabo; mantém-nos segundo o seu uso em louvor de Deus e ao Dador de tudo refiram as graças em sociedade, de modo que, enquanto se manifestem os prazeres 5 próprios da vida exterior, na vida íntima outros possam ser permitidos. Assim Deus se deu a conhecer ao povo israelita no Egipto, mas aqueles sacrifícios que costumava prestar ao Diabo reservou-os para Si próprio, mandando-lhes imolar animais em seu sacri-10 fício; até certo ponto o alterando, dele abandonavam e retinham alguma coisa, e posto que fossem os mesmos animais que costumavam oferecer, contudo, imolando-os a Deus e não a ídolos, já não eram os mesmos sacrifícios.»

15 Isto escreveu São Gregório, o qual, aproveitando o próprio exemplo de Deus, inventou um modo pelo qual os povos, tenazmente aferrados aos seus ritos, em parte os conservassem, em parte os perdessem e, mudando o uso e o culto dos sacrifícios, 20 não fosse defraudada a alegria que deles recebiam.

Assim também, diz o Autor, mudando o culto dos sacrifícios antigos e a fé judaica, o povo que deve ser afastado do uso das suas cerimónias legais, não será privado da alegria que delas recebia, ingénitas 25 e inveteradas como eram.

*

Tratado sobre se é lícito perscrutar os tempos das coisas futuras e delas assentar alguma coisa

Este caderno parece ser único e nada tem que pertença ao Livro III, porque apresenta o título do I Capítulo. Como, portanto, o livro primeiro e

segundo têm seu primeiro capítulo, deve este pertencer ao III Livro. Isto ainda porque, além disso, o Autor diz no I Capítulo: «Parece-me ver no limiar deste livro...» Portanto, como o Livro I e II tenham
5 seus princípios, segue-se que é neste capítulo que começa o

LIVRO III

Toda a dificuldade consiste em saber se os tratados *Da Conversão do Mundo, Da paz do Messias, Do templo de Ezequiel,* pertencem ao *Livro III,*
10 porque, no final deste caderno, diz o Autor: tudo isto *cumprirá demonstrar no seu lugar*... Não — diz *está demonstrado*. Consequentemente, se tudo depois deste caderno deve ser demonstrado, devem aqueles tratados ser colocados depois dele.
15 Quis notar isto e daqui se deve concluir que, por mais que quem quer que seja aplique seu engenho, é muito difícil saber se os ditos tratados pertencem ao II ou ao III Livro.

SINOPSE

Examina o Autor no Capítulo I, além do qual
20 outro não há, se é lícito procurar saber em que tempo se realizarão as coisas profetizadas e assentar qualquer coisa sobre tais questões, e nega-o com razões persuasivas: 1) Porque Cristo, Senhor nosso, diz: «*Não vos pertence conhecer o tempo nem o*
25 *momento que o Pai estabeleceu em seu poder*», texto que ilustra com a autoridade dos Santos Padres. 2) Porque, se a cronologia dos tempos pretéritos é tão incerta entre os Autores, que dificilmente um

concorda com o outro, pois que da criação do Mundo à Incarnação do Verbo afirmam uns terem decorrido cinco mil anos, outros seis, outros sete mil, muito mais incerta é a cronologia do tempo futuro. 3) Porque, se os Autores discordam acerca do tempo do Dilúvio, do fim das Monarquias e da duração do Templo, que acordo se pode esperar na determinação do tempo futuro? 4) Porque se na *História Sagrada* os meses e os anos são referidos pelas suas próprias designações, não sucede assim nas profecias, nas quais apenas encontramos figuras e enigmas, como se lê no *Génesis,* em que sete bois gordos e sete espigas cheias, depois de sete bois magros e sete espigas secas, significam sete anos de fertilidade e sete anos de esterilidade. E quem, na verdade, se Deus o não houvesse revelado, teria entendido que os sete bois e as sete espigas queriam dizer anos? Portanto, só muito tènuemente das profecias se pode precisar o tempo futuro. 5) Porque nada mais óbvio na Sagrada Escritura do que o tempo representado por horas, dias, semanas, anos e séculos, e com tudo isto nada mais obscuro, pois frequentemente a hora não significa hora, nem o dia dia, nem os anos anos, como o Autor o mostra com textos dela extraídos. Portanto, é grande temeridade procurar nos textos Sagrados e precisar mais ou menos quando será consumado na terra, com a máxima perfeição, o Reino de Cristo, Senhor nosso.

Para o Autor poder tudo isto resolver sem qualquer dúvida, expõe pouco a pouco o seu pensamento, dizendo: 1) Que, quando Deus faz qualquer revelação e revela ao mesmo tempo quando ela se há-de cumprir, então com certeza pode ser prognosticado tanto o acontecimento futuro como o tempo em que

se realizará, como se deixa ver na própria ressurreição de Cristo, Senhor nosso, revelada como devendo dar-se ao terceiro dia. 2) Que, se Deus alguma coisa revela e simultâneamente o tempo, não por dias e anos, mas por circunstâncias e sinais, então sobre sinais e circunstâncias se pode prognosticar o tempo futuro da coisa revelada, como acontece no advento do Messias, que só devia surgir depois que o ceptro da Judeia houvesse sido transferido a outra nação, ou seja a Herodes, que não era hebreu. 3) Que, se Deus revela alguma coisa futura em tempo não determinado, é louvável investigar em que tempo ela se realizará. Prova-o com o louvor que S. Pedro dá aos Profetas: «*que fizeram profecias sobre a graça em vós, perscrutando em que tempo e qual tempo ela se manifestaria*», (I, 10-11); de maneira que, assim como entre os homens é digno de louvor resolver os seus enigmas, assim também o é, tratando-se dos enigmas de Deus: 4) Que também é louvável investigação o tempo do acontecimento futuro, mesmo quando Deus declara que se não pode saber; na verdade, postoque isso determinadamente se não pode saber, quanto ao dia e ano, pode contudo moralmente prognosticar-se, com maior ou menor aproximação. Aduz geralmente o Autor o dito de Cristo, Senhor nosso: «*Quanto ao dia e à hora ninguém os sabe, nem os Anjos do Céu.*»

Ora Cristo, Senhor nosso, — diz o Autor — ùnicamente nega poder saber-se o determinado dia do Juízo Final; não nega, porém, que, sem precisar dia nem hora, se possa moralmente indicar com probabilidade, dentro de maior ou menor espaço de tempo. E prova este seu asserto, em primeiro lugar, com a resposta dada por Cristo, Senhor nosso, aos

Apóstolos que o interrogavam sobre o Dia de Juízo: «Dizei-nos quando acontecerão essas coisas e qual o sinal da vossa vinda e da consumação do século»; neste caso Cristo, Senhor nosso, calou o tempo deter-
5 minado, mas deu contudo os sinais que mostravam que tal tempo não era distante. Portanto, se bem ninguém possa saber em que tempo preciso se deva consumar na terra o Reino de Cristo, Senhor nosso, ou aquele em que o Mundo se acabará, é contudo
10 possível concluir-se de sinais o tempo aproximado, tal como o médico, sem prognosticar o dia certo da morte, pode com frequência predizê-lo com probabilidade, com maior ou menor aproximação. Prova o mesmo asserto, em segundo lugar, com copiosos
15 textos dos Santos Padres, que conjecturando próximos o Dia de Juízo e o fim do Mundo, uns os concebem anunciados por pestes, outros por guerras, outros por sedições, outros por outros sinais. Todos eles, se bem tenham errado nos prognósticos, contudo
20 mostraram com seu exemplo digno de louvor a conjectura. Portanto, se a eles isso foi lícito, posto que tanto distassem do fim do Mundo, muito mais a si próprio, diz o Autor, o pode ser, visto que não é a tão grande distância de tal fim.

25 Resolve os argumentos opostos, dizendo que aquilo que algum tempo é inútil, pode não o ser noutra ocasião. Quando Cristo disse aos Apóstolos: *Não nos pertence saber o tempo,* então era-lhes inútil, até mesmo pernicioso saber o que havia decretado
30 acerca do reino israelítico; se dissesse que nunca mais seria restabelecido, ou que o não seria senão depois da última conversão dos Hebreus à Fé Cristã, teriam ficado imensamente tristes; e por isso, assim como Cristo, Senhor nosso, aos dois filhos de Zebe-

deu, que lhe pediam participação no reinado, respondeu: «*Não me pertence o dar-vos*», assim aos discípulos: «*Não vos pertence conhecer o tempo.*»

Admiràvelmente responde ao argumento da paridade da cronologia dos tempos pretéritos com a que ele deduz. Afirma, na verdade: Os Autores são nela discordes, porque são em discordância quanto à computação dos anos desde o começo do Mundo até o Dilúvio, do Dilúvio a Moisés, de Moisés à edificação do Templo; portanto, não é de admirar — conclui — que seja muito incerta a cronologia do tempo passado.

Pelo contrário, não o é a do tempo futuro, porque ele não começa desde a criação do Mundo, para deste saber o fim, antes procede retrogradando, ou seja, desde o fim do Mundo até o advento do Anti-Cristo, e à propagação do Evangelho a todos os povos e conversão dos Hebreus à Fé Cristã, e deste modo algum tanto se pode prognosticar com muita probabilidade e maior segurança a respeito do fim do Mundo.

Eis, por suas mesmas palavras, a admirável cogitação do Autor: «*Nós, pelo contrário, encontrando caminho novo procedendo do fim para o princípio (para desde já começar o meu raciocínio), seguiremos do fim do Mundo até o Anticristo, do Anticristo até a universal pregação e aceitação do Evangelho, regressando até a nossa idade, e em tríplice meta estabelecida ao longo dos tempos futuros, sem fazer tropeçar o leitor, vamos para Cristo, ao mesmo tempo que tudo iremos demonstrando em seu lugar. Baste por agora tudo apontar com o dedo, para que a força da argumentação não detenha suspenso o leitor.*»

Note-se: *tudo iremos demonstrando,* não *tudo é demonstrado.* Assim, pois, os tratados *Da paz do Messias, Da conversão universal do Mundo, Do templo de Ezequiel,* ou não pertencem ao II Livro, 5 pois então escreveria — *tudo é demonstrado* —, ou cumprirá dizer que o Autor, para conjecturar sobre o fim do Mundo, regressa a tratados já expostos no mesmo Livro II.

Conclui o Cap. I dizendo: «*Mas entremos desde* 10 *já, guiados pelo verbo do Senhor, no Capítulo I.*» E este I Capítulo termina, sem que se lhe sigam quaisquer outros.

FIM. LOUVOR A DEUS

Damos a seguir o original latino de Casnedi, utilizando para a sua reconstituição os dois originais existentes nos Reservados da Biblioteca Nacional.

DE PHISICA OPERIS IMPERFECTIONE

Non loquor de morali operis imperfectione, nam nullam dari paulo post ostendam, sed loquar de phisica operis imperfectione, et quidem ut sub mea manu est; nam an opus ut sub aliena manu est, sit phisice imperfectum, ignoro. Similiter ignoro an author opus hoc imperfectum reliquerit; imperfectum reliquisse testantur mihi aliqui qui ultimis ante authoris obitum annis et primis proximis mensibus adsistererunt.

Loquar igitur de operis ut sub mea manu est, imperfectione phisica, seu ut illud ab Eminentissimo Sanctæ Romanæ Ecclesiæ Cardinali de Acunha, Generali Regnorum omnium Lusitano regi subjectorum Inquisitore, meæ fidelitati commissum est, quod esse summe inordinatum, extreme confusum, defectuosum, mutilatum et imperfectum mihi post trinam totius operis lectionem certissimum est.

Et si enim quaterniones primi libri facile coordinari possint, eo quia tum capita, tum paragraphi distincto numerorum ordine notantur, reliqua tamem quaternionum ad secundum aut tertium librum spectantium multitudo coordinari nequit; primo, quia secundus liber non habet nisi caput primum, imo, quod vehementer dolendum, deest secundus quaternio, in quo author suam mentem exponit; secundo, quia reliqui quaterniones se habent ut scopæ dissolutæ, quia nullum capitis titulum et numerum habent; sunt enim diversi tractatus sine capitum divisione, puta de paci Messiæ, de Evangelio ubique prædi-

cando, de templo Ezechielis et sacrificiis, qui et alii tractatus nullo capitis titulo et numero insigniuntur; tertio, quia tertius liber, nec quidem titulum libri tertii in fronte gerit, sed præcise dicit — *Caput Primum* —; quarto, quia dicti soluti libri, seu diversi tractatus in capita non divisi, æque ad secundum ac ad tertium, et e contra ad tertium æque ac ad secundum librum dici possunt pertinere, eo quia plura quæ continent, sunt utrique libro communia; quinto, quia plura adsunt incepta et non absoluta et aliqua vix descripta, ex quibus plane constat opus hoc, ut mihi traditum est, esse phisice valde imperfectum, defectuosum et inordinatum, imo inordinabile.

Quare ego, ut mirabili huic operi aliqualem conferrem ordinem, ter, saltem maxima qua potui attentione totum volumen evolvi et revolvi, sperans, vel ex ipso authoris contextu, vel ex ejusdem ad a se dicta, aut dicenda, testimonio, vel ex ipsius materiæ serie, aliquem consequi ordinem; at revera tam modica mihi affulsit lux, et tam æquivoca, ut tandem desperans me per capitum divisionem et per materiæ naturam desideratum assequi ordinem sive redigendi tractatus solutos ad proprium cujusque librum, sive quemlibet librum ad ordinata per numeros capita; tandem, inquam, in hoc, post diligens quaternionum studium, eorumque inter se collationem, totus incubui, primo ut juxta materiæ qualitatem et conexionem pro meo captu eos quaterniones dirigerem; secundo, ut concisam cuique tractatui et capiti, ubi hæc adsunt, synopsim præmitterem; tertio, ut indicarem locum quoties adest authoris textus ad quem tractatus referrem.

Hoc saltem emolumenti, lector, ex meo labore hauriet, tum quod si harmonicam totius operis molem comprehensurus non sit, cum plurima quasi decapitata sint, saltem concepturus sit, quam supra hominum conditionem author operis elevetur, cujus solutæ omni ordine luces etsi in unum corporis unius solem non coeant, sed et pro tractatuum numero multiplicentur, tot soles habiturus sit, quot tractatus.

DE PRIMA MORALI SEU THEOLOGICA IMPERFECTIONE EX PECCATO ORIGINALI DESUMPTA

Duplicem theologicam imperfectionem huic maximo viro objectam audio: unam de peccato philosophico, alteram de sacrificiis veteris Legis ante mundi finem reddituris. Utramque mihi paucissimis diluere mihi animus est, primam hoc, alteram sequenti paragrapho.

In tractatu de universali Evangelii prædicatione, in secundo authoris quaternione pagina secunda, lego in margine adjecta hæc verba: «Hæc de peccato philosophico expuncta jam sunt in alio exemplari ob decretum Alexandri Octavi hujusmodi opinionem damnantis, multo post hæc scripta ab authore». At bona venia ejus qui marginem addidit, dico eum turpiter alucinari, dum ex eo quia, Pater Vieira in Barbaris americanis, vulgo Tapuyanis, quorum plerique toto suæ vitæ decursu invencibili Dei ignorantia laborant, tuetur peccatum pure philosophicum — infert authoris opinionem cum damnata ab Alexandro Octavo coincidere, quæ damnata fuit anno 1690:

Peccatum philosophicum, seu morale, est actus disconveniens naturæ rationali et rectæ rationi; theologicum et mortale est transgressio libera divinæ legis. Philosophicum, quantumvis grave, in illo, qui Deum, vel ignorat, vel de Deo actu non cogitat, est grave peccatum, sed non est offensa Dei nec peccatum mortale dissolvens amicitiam Dei, nec pœna æterna dignum: Hæc damnata si recte perpendatur, constabit, quod Alexander damnet opinionem tuentem peccatum quantumvis grave contra rationem commissum ab eo, qui Deum, vel ignorat (non dicit invencibiliter) vel de Deo nihil cogitat, non esse Dei offensam, nec amicitiam Dei solvere, nec dignum pœna æterna. E contra, Pater Vieira asserit, quod peccatum quantumvis grave contra rationem commissum ab eo qui Deum invencibiliter ignorat non esse Deo offensam; quantum ergo distat asserens, non esse peccatum grave contra Deum nec Dei amicitiam solvere, nec dignum pœna æterna quod fit ex invencibili Dei ignorantia, ab asserente, non esse peccatum grave contra Deum nec solvere ejus amicitiam, nec dignum pœna æterna, quod fit ex

ignorantia vencibili, haut invencibili, Dei, tantum distat assertio Patris Vieira ad assertione damnata.

Similiter quantum distat assertio, quod sit peccatum grave contra Deum ejusque offensa et Dei amicitiam solvens et dignum pœna æterna, quod fit ab eo qui actu de Deo non cogitat, quem tamen implicite et virtualiter cognoscit, in ipsa ratione naturali tale opus vetante, ab assertione, quod non sit peccatum contra Deum, si fiat ab eo qui nunquam Deum cognovit, sed semper invencibiliter ignoravit, tantum distat assertio Patris Vieira ab assertione damnata; ergo immerito assertio Patris Vieira expuncta fuit ab scripturis Romam missis, quasi coincidens cum damnata a qua longissime distat.

Confirmo, paritate irrefragabili: immerito hæc propositio: *Non peccat contra legem, qui eam invencibiliter ignorans violat* diceretur hœretica ex eo quia hæc: *Non peccat contra legem, qui eam ignorans violat* — est hœretica; *ergo, immerito dicitur damnata hæc propositio authoris* — *Non peccat contra Deum, qui eum invencibiliter ignorat* — eo quia est damnata hæc assertio — *Non peccat contra Deum, qui eum ignorat:* potest enim vencibiliter ignorare.

Accedit quod textus, seu totus secundus Authoris liber, qui in assertione de peccato philosophico admisso in eo, qui Deum invencibiliter ignorat nititur, expungendus foret: ergo vel inconsequenter expungitur assertio, et non totus liber, vel inconsequenter admittitur liber secundus et non assertio.

Nullus igitur potest esse prudens scrupulus de ea incidentia cum damnata, sed tantum an assertio Patris Vieiræ quod in pluribus Americanis detur totæ vitæ decursu invencibilis ignorantia Dei sit vera. Esse veram solidissime probat, et ille dumtaxat hoc dubitare potest qui de americanis loqui vult, ut loquitur de Europeis, quibus Deus verus aliquo semper modo illuscessit, uelut loquitur de Idolatris, quibus quoque Deus aliqualiter in ipso idolo quod invocant, quod colunt, cui sacrificant, a quo veniam petunt innotescit.

Cum tamen si de Tapuyanis Americanis et ut in re sunt, loqui velimus, abigendæ a theologis sint omnes species Dei, aut idoli, et aliæ summendæ, pro Americanorum imponderabili hebetudine. Plurimi enim sunt, qui

non tantum Deum verum non cognoscunt sed omni etiam ficta religione carent, nullum colendo idolum, nullum invocando, nulli sacrificando, a nullo veniam petendo, quin, post ingentem Missionariorum in illis dedolandis laborem, vix crassissime fidei mysteria intelligunt, immo plures adeo hebetes sunt, ut non nisi tres numeros inumerare possint et quiquid tres numeros excedit, vocant *plura*. Ita nec sciunt nec dicere possunt quot annos habent, quot digitos in manu, quot in pedibus et ut peccatorum numerum nostris confessoribus exponant, funiculum trahunt cui tot nodi inserti, quot peccata, et id confessoribus tantummodo tradunt.

Præterea author non tantum invencibilem Dei ignorantiam in pluribus ex his Tapuyanis, inter quos diutius vixit toto eorum vitæ decursu, tuetur, sed invencibilem totius juris naturæ ignorantiam, nam a teneris annis filii a genitoribus erudiuntur ad furta, ad himicidia, ad vindictas, ad esum carnis humanæ, ad obscena quæque; et tantum abest, ut ob ea corripiantur, si ea scelera committant, quod si quis rationis summere cognoscat ea esse juri naturæ dissona et ea exequatur, tunc Author asserit, eum barbarum ob illud delictum non esse pœna æterna puniendum, quatenus non est Dei offensa, cum Deum nec verum nec fictum unquam noverit; nam nec Deum, nec idolum aliquod invocant, et veniam petunt, cum omni religione careant, non ita ullus Europeus, aut Idolatra, qui aliquam deitatem veneratur.

Hoc satis pro purgando authore a damnata ei imputata: nec mihi immorandum est damnatam loqui de peccato phisolophico commisso ab illis qui Deum noverunt et ejus gratiam, quod implicat ut non sit pure philosophicum, est enim thelogicum, cum in ipso rationis lumine impliciter semper in illis, qui Deum aliquando noverunt, refulgeat Deus: unde in his repugnat peccatum pure philosophicum, non in Tapuyanis, qui nihil omnino colunt; atque adeo etiam ex hoc ipso titulo damnata non venit ad rem. Sed de hoc infra.

DE ALTERA THEOLOGICA OPERIS IMPERFECTIONE, NEMPE EX SACRIFICIIS VETERIS LEGIS REDITURIS

Authoris sententia est, quod in consummatione Ecclesiæ, seu in tertio ejus statu, quando omnes legem Christi Domini amplexuri sunt, Legis Antiquæ sacrificia redditura sunt.

Hæc sententia tam male ab aliquibus auditur, ut ab hoc mirabile Authore de regno Christi in terris consummato opus publica luce indignum judicent. Ego tamen lecto et relecto, et quidem non cum animo approbandi, sed potius reprobandi, tractatu de templo Ezechielis, in quo de sacrificiis redituris copiose disserit, nihil prorsus inveni censura dignum, si moderatio et limitatio, cum quæ author loquitur præ oculis habeantur, quin omnia summa admiratione et laude digna, ut ex latiore mea ad dictum tractatum synopsi plenius constabit.

Quod ut invicta efficacia probet, supponit author cum omnibus theologis, primo quod antiquæ Legis sacrificia et sacramenta sublata fuerint; secundo, quod ea ob multiplicem finem instituta sint, puta ob Dei cultum et ut Hebroei ab idolatrando retraherentur et ut futura novæ Legis sacramenta, et sacrificium cruentum Redemptionis et incruentum Eucharistiæ præfigurarent et ut per ea arietum et vitulorum sacrificia Hebroei erudirentur suas animi passiones Deo immolari; tertio, quod illi fines sint separabiles ita ut unus possit sine alio existere.

His suppositis, author asserit quod Deo, vel Ecclesia dispensante, sint in Ecclesiæ consummatione reditura antiquæ Legis sacrificia, non ut præfigurativa sacramentorum et sacrificii novæ Legis, cum hæc jam sint præsentia, sed retento alio fine, velut moraliter significativa interioris immolationis animæ, ad hoc ut Hebroei, quorum decem tribus sunt per orbem distributæ et dispersæ et ignorantur ubi sint, suorum rituum tenacissimæ, ad Christi Domini fidem in Ecclesiæ consumatione facilime reddeant.

---

(1) O códice 2674 acrescenta: *contra rationis jus commissum Deo invencibiliter ignorato peccare pure philosophice.*

Probat hoc tam multiplici Sacræ Scripturæ textu, tam singulari Sanctorum Patrum authoritate, tam potenti rationum pondere ut vix negari possit multominus censurari, nisi Ecclesiæ nascentis dispensatio censuranda sit.

Etenim constat quod Lex moysaica abstinendi a sanguinis et suffocatorum esu ab Apostolis, in exordio Ecclesiæ sublata, primis trecentis Ecclesiæ annis, in plerisque Ecclesiæ provinciis viguerit et ex Ecclesiæ dispensatione ea abstinentia permissa fuerit. Constat quod circuncisionis lex a Divo Petro et aliis Apostolis sublata fuerit, simulque constat, quod Divus Paulus, qui ingenti quoque conatu contra necessitatem circuncisionis in favorem gentilium peroravit, Divum Thimoteum ex patre gentili natum graves ob causas circunciderit.

Constat quoque quod in Ecclesia græca, interque Abyssinos adhuc hodie viget permissio, post susceptum baptisma, circuncisionis, non ut ad salutem necessariæ, sed ut caracter antiquissimæ nobilitatis ab Abrahano et Salomone derivatæ. Si ergo harum cæremoniarum legalium usus ab Apostolis sublatus tanquam non necessarius in pluribus Provinciis ad fidem conversis viguit et modo in Ecclesia græca viget, cur in perfectissima Ecclesiæ consummatione, quando non solum gentes, sed omnes Hebrœi per omnem terram dispersi Christi Domini fidem amplexuri erunt, non poterit Ecclesia, saltem in templo Hyerosolimitano reedificando, eorum sacrificiorum usum permittere, non ut necessaria, nec ut præfigurativa, sed ut moraliter significativa interioris immolationis per externas immolatas victimas significatæ, velut demostrativa sacramentorum novæ Legis, quæ præfigurarunt? Et quidem ex eo altissimo fine, ut Hebrœi ad fidem Christi tunc facilius veniant et ex illis, et gentilibus tam conversis quam convertendis fiat unum ovile et unus pastor.

Sane author præter clarissimam sacrorum textuum et selectissimam Sanctorum Patrum expositionem et præter fundatas in Ecclesiæ dispensatione rationes, tanta moderatione loquitur, ut ad solum Hyerosolomitanum templum eum redditurum usum limitet. Cum ergo nec ob divinorum textuum defectum (plures enim recitat, qui redditurum hunc usum clarissime indicant), nec ob sanctos Patres, et eorum contrarietatem, (plures enim selectissimos et clarissimos textus ex Sanctis Patribus in sui favo-

rem adducit et nullum contra se), nec ob rationum penuriam, (robustissimas enim, nixus historiis ecclesiasticis referentibus, quid a pontificibus circa Hebrœorum ritus compluribus nationibus dispensatum, prolixe tradit), ignoro quid contra hanc ejus sententiam objici possit censura dignum.

Quod, siquis censetur sententiæ novitatem, contra est: primo, quia sententia in Sacra Scriptura et S.S. P.P. clare, et sine ulla violentia fundata, nequit censeri nova, nisi ab illis quibus hæc de novo refulgent; secundo, si omnis novitas eliminanda, eliminandæ etiam erunt omnes antiquissimæ sententiæ, exceptis primis quibus illæ opponuntur; tertio, audiatur S. Antoninus, tertia parte *Histor., Titul. 3, § 2.º* qui hæc habet de Sancto Thoma: *Erat in legendo novos articulos adinveniens* [1] *et novas producens in determinationibus rationes, ut nemo ipsum audiens dubitaret, quin ipse Deus novi Luminis radiis illustraret.*

En quot novitates Divus Antoninus trahit ex Sancto Thoma: *novos articulos, novas determinationes, novi luminis radios, novum determinandi modum;* sæpe enim evenit, ut thesauri alti in Sacra Scriptura aut Sanctis Patribus defossi, a plerisque prætereantur, quos alter, profundius effodiens, publicæ lucis facit.

LIBER PRIMUS

Undequaque perfectus constat undecim quaternionibus, in duodecim capita distributis, tractat de Christi Domini ut regis potestate.

Synopsis

In primo capite multis probat existentiam regni Christi Domini; primo, quia a Mundi exordio fuit præfiguratum; secundo, in Psalmis prænunciatum; tertio, a Prophetis vaticinatum; quarto, in Novo Testamento declaratum.

In secundo, probat Christum ut hominem habere regnum, non solum in cœlo, sed in terris. Deinde solvit

---

[1] O códice 2674 acrescenta: *novumque modum determandi inveniens.*

Christi Domini dictum, quod suum regnum non sit de hoc Mundo, dicens Christum Dominum non negare se esse Mundi regem, sed se non esse regem de hoc Mundo seu mundanum regem, quatenus non venit cum ea ostentatione et majestate qua mundani veniunt reges.

In tertio, asserit quod et si Christi Domini regnum sit tempore posterius quatuor monarchiis, quatenus incepit die, quo natus est atque adeo ordine successionis temporis sit quintum Mundi Imperium; atamen ordine dignitatis est superius omnibus regibus et regnis terræ.

In quarto tuetur quod Christi Domini regnum sit non tantum spirituale, sed etiam temporale. Suadet tum ex Sacra Pagina et Sanctis Patribus, tum ratione unionis hipostaticæ, tum quia est summe absurdum sentire quod Christus Dominus non habuerit tantum dominii, quantum Adamus. Deinde, solvit argumentum ex eo quod Papa, cum sit Christi Domini Vicarius, haberet jus proprietatis in omnia bona regnorum terrenorum; solvit, inquam, dicendo, quod, sicut Christus Dominus non contulit suo vicario omnem spiritualem potestatem, quam ipse habebat, non enim Pontifex potest sacramenta instituere, nec animas sine sacramento santificare, ita multo minus conferre debuit Pontificibus omnem potestatem temporalem, quam habebat, cum hæc potestas temporalis valde officeret potestati spirituali.

Demum concludit idem caput quartum, dicendo regnum Christi esse simul temporale et spirituale.

In quinto, examinat titulos ob quos Christus Dominus sibi comparavit regnum temporale et spirituale; dicit quod ratione unionis hipotasticæ; dicit quod titulo redemptoris, suorumque meritorum; dicit quod titulo aquisitionis; dicit quod tamquam hæres Adami innocentis, non Adami peccatoris; dicit quod titulo electionis, cum ante suum adventum fuerit a gentibus electus et desideratus ut Rex quæ omnia mirabili ingenio ostendit.

In sexto examinat, quando Christi Domini regnum inceperit et, relatis sententiis eorum, qui dicunt cœpisse die, qua conceptus est, aut die, qua crucifixus est, mirabili discursu resolvit, quod Christi Domini regnum titulo unionis hipotasticæ, jure hereditario, eo quod sit filius Adami innocentis, donationis et electionis ab omnibus gentibus desideratæ, inceperit die, qua conceptus est;

titulis vero redemptionis, meriti acquisitionis et vitoriæ die, qua crucifixus est.

In septimo examinat, an Christus Dominus fuerit legitimus et proprius Judeorum Rex. Videtur enim quod non, eo quia, cum Virgo sanctissima nullo reginæ jure gauderet, Christus Dominus, quatenus ejus filius, nullum jus habuit, ut esse Judeorum Rex. Respondit acutissime, quod cum Deus promisserit tum regnum Davidi, et ejus familiæ, tum Messiam ex Davidis familia oriturum, sequitur, quod cum Virgo sanctissima ex familia Davidi descenderit et ex Virgine Sanctissima ipse Messias, sequitur hinc, quod Isrælicum regnum pertinebat ad Christum Dominum tum ob naturalem descendentiam ex Davide, tum ob electionem divinam quæ regnum israeliticum promisit Messiæ.

In octavo egregie discutit regni spiritualis et temporalis Christi Domini qualitates; resolvit stupendo ingenio regni spiritualis qualitates consistere, in suprema sacerdotali dignitate, quia non tantum se ipsum pro se ipso, sed etiam se pro nobis Deo obtulit, fundando spirituale regnum et leges instituendo et media cultui divino et animarum saluti proficua.

Addit hanc spiritualem Christi Domini potestatem appellari regalem; ut omnis potestas potestates temporales excedens, vocatur regalis, ita, quia spiritualis Christi Domini potestas omnes alias spirituales potestates longissime vincit, vocatur regalis; nam non solum est potestas orandi sacrificandi et sanctificandi populum aliquem, quod totum cuique sacerdoti convenit, sed est potestas instituendi spiritualem Rempublicam, Sacramenta, leges, prœmia, pœnas, proemiando, aut puniendo omne bonum, aut omne malum, quo infici potest Respublica spiritualis. Deinde dicit, quod qualitates regni temporalis consistant in hoc quod Christus Dominus habeat directum et absolutum dominium supra omnes reges et regna temporalia, determinando et tolendo pro suo libitu reges, et quod Christi Domini dominium, solo Dei dominio inferius sit, ceteris vero omnibus superius.

In nono discutit num Christus Dominus utramque regiam spiritualem et temporalem potestatem in Mundo exercuerit. Spiritualem exercuisse de fide est, nam ait, santificavit Joanem, vocavit Magos et Pastores, ejecit Dæ-

mones, seque in sacrificium Patri obtulit. De temporali, inquit, quod et si non exercuerit eam eo fausto, quo reges Mundi, quatenus voluit cum regia potestate humilitatem dispensare et docere, eam tamen sine eo fausto exercuerit, utendo jumentum, ac si suum foret, exsicando arborem ficis, ejiciendo a templo negociatores et mensas nummulariorum evertendo, cum permisit et voluit, ut reges eum adorarent, ut populi eum in regem aclamarent. Addit quod sæpe Christus Dominus utramque simul potestatem spiritualem et temporalem exercuerit, ut constat in casu adulteræ, quam absolvendo ostendit spiritualem, et pœnam lapidationis a Moyse statutam condemnando, ostendit temporalem potestatem.

In decimo, quærit an Christus Dominus in cœlo exerceat potestatem regiam spiritualem. Affirmat, nam exercet officium sacerdotale, offerendo se ipsum Patri per manus cuiuslibet sacerdotis; dicit, quod, offerens suum corpus, rursus pro nobis rogat, et omnibus animarum pastoribus assistit, quin magno doctrinæ apparatu demonstrat, quod Christus Dominus in cœlo exerceat suam potestatem spiritualem, etiam in omnes infideles, eos illuminando, eos juvando, illis spirituales ministros substituendo, atque adeo supra omnes omnino homines, tam fideles, quam infideles, in cœlo regnans, suam potestatem spiritualem exercet. Addit eam quoque in damnatos ut spiritualem judicem exercere. Concludit, dicendo, quod Christus Dominus etiam, in damnatos, tamquam in membra putrida, in infideles, tamquam in membra infirma, in peccatores, tamquam in membra mortificata, in justos, tamquam in membra unita, suam spiritualem potestatem exerceat.

In undecimo quærit an Christus Dominus in cœlo exerceat potestatem regis temporalis? Affirmat, quia eodem modo Christus gubernat Mundum quoad spiritualia et temporalia, quomodo Divinum Verbum, cum hoc tamen discrimine: quod potestas gubernativa Verbi est innata ipsi Verbo, potestas vero gubernativa Christi Domini ut hominis sit potestas participata, ideo Scriptura dicit quod Pater omne judicium dedit Filio, non solum quoad dicendam sententiam, sed etiam quoad Mundi gubernationem; atque ideo Christus Dominus in cælo mutat reges, respublicas prœmiatur, nunc mediate per Angelos, nunc imme-

diate, per Angelos aut homines regni temporalis potestatem exercentes.

In duodecimo curiose quærit an Christus Dominus gubernaturus sit visibiliter Mundum. Refert opinionem aliquorum affirmantium, quod Christus Dominus visibiliter mille annis gubernaturus sit, quodque duplex resurrectio futura sit, et quod in prima resurgent omnes justi, qui bonis temporalibus affluentes regnabunt cum Christo Domino. At Pater Vieira optime negat eo quia indecentissimum foret, quod Christus Dominus cœlum desereret, ut bonis temporalibus affluenter regnaret in terra, nec ut bellum Anti-christo intentet et eum perimat, necesse sit ut ad terras regnaturus et cum eo militaturus descendat.

Hæc, enim, in primo libro, qui ad stuporem eruditus et rationalis est.

LIBER SECUNDUS

De Christi Domini Regni in Terris perfecta cunsummatione

Hic secundus liber est summe imperfectus, nam non habet nisi caput primum, et deficit ex septem quaternionibus secundus. Hinc, an reliqui soluti tractatus, nullo capitum numero notati, ad secundum, an ad tertium librum spectent, ex sola materia connexione hauriendum est.

Synopsis

In hac synopsi mihi procedendum est, non per capita, quia excepto capite primo, reliqua omnia capita desunt (tractatus enim omnes et si suum habent titulum, atamen omni capite carent) sed per quaterniones ejusdem capitis primi, et si secundus desit, incedendum est.

Ait igitur quaternione primo, quod cum explicuerit libro primo potestatem et dominium Christi Domini ut regis, debeat in hoc libro secundo exponere personas circa quas Christus Dominus exerceat in terris hanc potestatem suam. Cum vero sola Ecclesia Militans sit spirituale Christi Domini in terris regnum, nam Ecclesia Triunphans non est spirituale Christi Domini in terris, sed in cœlo regnum, huiusque consummatissima perfectio non in fide,

sed in Dei visione, non in spe, quia in ea nihil super est sperandum, sed in amore beatifico consistens, consequitur quod de sola Ecclesia militanti, quæ est Christi Domini in terris regnum, libri sermo sit.

Supposito itaque quod spirituale Christi Domini in terris regnum sit, non solum communitas fidelium, quam vocat Ecclesiam Militantem perfectam formatam, actualem, quatenus fide, spe, et caritate formatam, sed etiam sit communitas omnium hominum qui sunt extra Ecclesiam, quam comunitatem vocat Ecclesiam Militatem informem, potentialem et imperfectam; quærit in quo consistat consummatio et perfectio regni Christi in terris, seu Ecclesiæ Militantis, sive imperfectæ a Deo in Sacra Pagina promissa, ut fiat unum ovile et unus pastor.

Incredibile est quantum mirabilis hic author se ipsum, ut ita dicam, in hoc libro excedeat, ut probet suam hanc conclusionem, quod tum Christi Domini in terris regnum erit consummatum, et perfectum, quando sive Judai, sive infideles Christi Domini fidem amplexuri sunt, et ex veteri et nova Lege, unum complebitur ovile et fiet unus pastor.

De secundo quaternione nihil mihi occurit dicendum, cum desit; atamen quantum ex tertio, quarto, quinto, sexto et septimo quaternione colligere potui, authoris intentum videtur esse, allegatis ad litteram et [...] plurimis doctoribus, quin profusa plurium S. S. P. P. authoritate, nec non figuris Veteris Testamenti, et textu multiplici Psalmorum et Prophetarum, quin Novi Testamenti figuris; authoris, inquam, intentum est ex citatis doctoribus, S. S. P. P. figuris et textibus evincere, quod et si hodie in terra sint plurimi, qui non credunt, et si sunt quasi pars informis, potentialis et imperfecta Militantis Ecclesiæ, atamen omnes omnino convertendi sunt, et transituri ad partem Ecclesiæ Militantis per fidem et legem Christi Domini formatæ et perfectæ et in hac omnium omnino hominum ad Christi Domini fidem conversione consistere regni Christi in terris seu Militantis Ecclesiæ consummatam perfectionem.

Nequeo me detinere in indicandis ingeniosissimis et a longe petitis super sacros textus, prophetias, figuras, reflexionibus, quibus intentum suum ob oculos ponit.

TRATATUS DE SANCTITATE ULTIMI STATUS ECCLESIÆ ET AN OMNES EO TEMPORE FUTURI SINT JUSTI ATQUE A DEO SALVANDI.

Videtur quod hi tres quaterniones ad librum secundum spectent, ut colligitur ex tertio quaternione de pace Messiæ; pagina prima, in qua habetur: «sed recollendum memoria est, quidquid toto hoc libro secundo, de tertio Ecclesiæ statu ejusque dotibus et præexcellentiis diximus...». Ergo, cum nulla inter eas eminentior sit, quam sanctitas, præsens tractatus ad secundum librum pertinet et non ad alios.

Synopsis

Continet tres quaterniones. In primo, ait, se divisurum hunc tractatum in tria puncta, nempe: an tunc peccabitur? an omnes erunt justi? an omnes salvabuntur?

In primo quatertione probat quod in ultimo Ecclesisæ statu seu regno Christi Domini perfectissime in terris consummato nullum peccatum erit; primo ex Isaias dicente — *non audietur ultra iniquitas in terra* — quod cum in nullo præterito Ecclesiæ statu completum sit, implendum est in tertio Eçclesiæ in terris statu; deinde, ex prophetia Archangeli Gabrielis facta Danieli — *quod finem accipiet peccatum, et quod delebitur iniquitas terræ* — ergo cum hæc prophetia non fuerit completa, complenda est in ultimo Ecclesiæ statu, et ideo Gabriel addit — *ut impleatur prophetia et ungatur Sanctus sanctorum,* super quæ verba author dicit — *unguetur sanctus Sanctorum tertia et ultima unctione* — quam ex typo Davidis semel, bis et tertio uncti in regno Christi, ex capite secundo hujus libri jam distrinximus.

Confirmat ex psalmo 95 qui totus est de conversione gentium — *Commoveatur a facie ejus universa terra: Dicite in gentibus quia Dominus regnavit. Etenim correxit orbem terræ qui non comovebitur: judicabit populos in æquitate* — Ecce, ait Author, quod Christus Dominus, tunc erit perfectissime regnaturus in terris, quando orbis terræ ab omni peccato corrigatur. Adduxit quoque textum ex Apocalypsi, quem miro ingenio glosat.

Post hæc quærit quomodo omnia peccata tunc tolentur? Respondet: primo, quod omnium impiorum conversione;

secundo, omnium peccatorum, qui converti nolunt, antecipata morte.

In secundo quaternione disquirit num in regno Christi Domini in terris perfectissime consummato, omnes erunt justi? Affirmat quia, sublata omni culpa, subintrat gratia. Deinde refert Isaiam cap. 60, quia post hæc verba — *Non audietur ultra iniquitas in terra* immediate subdit: *populi tui erunt omnes justi* — quæ verba, si stemus Isai textui et allis prophetiis, applicanda sunt Militanti Ecclesiæ.

Idem intentum prosequitur author in tertio quaternione, in quo quærit an omnes tunc salvabuntur? Hoc tamen punctum reliquit imperfectum, etsi ex primo et secundo puncto ab Authore definito, evidenter sequatur, quod omnes tunc salvabantur.

Tractatus de pace Messiæ

Videtur quod hi tres de pace Messiæ quaterniones pertinent ad librum secundum, in quo author tractat de regno Christi Domini in terris consummato. Colligitur, quia ut in hoc tertio quaternione, author pag. prima vers. *sed recollendum memoria est quidquid in toto hoc libro secundo* [...] ergo hic tractatus de pace Messiæ ad secundum librum spectat. Ecce secundum, quod quidquid author dicit de excellentiis tertii status Ecclesiæ, pertineat quoque ad librum secundum jam antea dictum.

Synopsis

Tres numerantur quaterniones, in quorum primo, antequam decidat, an prophetiæ de Messiæ statu sint completæ, ait, quod, si stemus experientiæ bellorum omni sæculo florentium, videatur quod prophetiæ impletæ et completæ non sunt; et, relato Anabaptistarum errore, cui ante eos adhæsit ipse Tertulianus, negantium bellum licere, qui error contra naturale jus est, quo quilibet se defendere potest, adducit diversas interpretationes. Prima quod prophetiæ loquantur de pace, quæ inter beatos est perfectissima, quam tamen interpretationem rejicit; altera est, quod loquantur de pace spirituali, quam quoque refutat; tertia quod loquantur de pace Ecclesiæ ejusque tem-

pore prophetias complendas, quam etiam enervat; quarta quod de pace Augusti, quam debellat tum quia ea fuit limitada ad solum Imperium Romanum, tum quia minime secura: pax autem, quæ promittitur, est illimitata et securissima et promittitur futura post, non ante Messiæ adventum, ut fuit pax Augusti; quinta quod post Christi Domini adventum pax est longe maior, quia bella minora, quam antea erant, quam impugnat tum quia est valde incertum, an bella fuerint maiora, ante quam post Christi Domini adventum; tum quia si bellica instrumenta, quibus in bellis utimur, conferantur cum illis quibus Antiqui usi sunt, facile conjicitur magis sanguinolenta esse bella moderna, quam ad Christum Dominum anteriora; sexta est quod, si Christiani legem Christi Domini servarent, maior foret inter eos pax. Abjicit illam, quia interpretatio non concordat cum textibus asserentibus, quod gens contra gentem non summet gladium, quod auferet bella ab omni terra; septima est, quod cum Christus Dominus tulerit legem, quæ suadet pacem, dedit pacem. Confutat illam, quia non promittitur lex pacis, sed pax perfectissima.

Tandem in secundo quaternione, pagina sexta, dicit, quod pax perfectissima promissa a Prophetis, nondum sit completa sed complenda in ultimo Ecclesiæ statu; id est in regno Christi Domini in terris consummato.

Probat ex sancto Augustino, dicente: *Nondum videmus completum textum auferens bella usque ad finem terræ;* etenim, etsi verum sit quod adventus Christi Domini auxerit pacem, quia inter Christianos principes pacis fœdera juramento firmata magis custodiuntur, quam inter infideles, et quamvis verum sit, quod plures infideles ad fidem conversi suos ferinos se invicem commedendi et pugnandi mores abjecerint, atamen pax universalis totius Mundi, et a Deo secura ut quilibet sine belli timore dormire possit, nondum completa est.

Primo, quia hæc pax (ut ait Isaias) promittitur predicationi evangelicæ; ergo cum Evangelium non sit ubique promulgatum, pax promissa compleri non potuit; secundo quia regnum Christi Domini in terris consummatum non erit, nisi totus Mundus universaliter ad fidem conversus et Christo Domino perfectissime parens sit: ergo cum pax promissa fuerit huic perfectissimæ subjec-

tioni per fidem et obedientiam totius Mundi erga Christum Dominum, adduc non detur, nec adhuc dum datur pax promissa, et tunc tantum hæc prophetisata pax complebitur, quando totus Mundus post Christum Dominum abiturus erit. Adducit in hunc fidem author plures textus eosque litteraliter miro ingenio exponit

In tertio quaternione solvit hoc argumentum, videri incredibile, ut sola fides hanc perfectam pacem consequi possit. Respondet quod cum hoc secundo libro ostenderit, quod fides tertii status Ecclesiæ futura sit longe excellentior, sua luce adducet amorem pacis vehementem.

Insuper quod Spiritus Sanctus, ut ait Isaias, universos filios suos doctos a Domino, et multitudinem pacis, tunc eis ducturus sit — et quia tunc erit cor unum et una anima, et omnes in gratiam vitam traducent. Omitto pulchras expositiones dicentes, quod tunc omnes reges, quibus inest jus belli, non nisi ad Dei cultum impellentur atque a Deo tunc pax securissima haberi poterit. Addit pagina tertia, vers. quod tunc omnes reges uni Supremo Monarchæ subdentur, de quo puncto infra spondet se disputaturum.

In eodem tertio quaternione movet hanc objectionem: Pax est unum ex præcipiis signis adventus Messiæ; ergo cum ea nondum sit completa, nondum venit Messias. Ingeniose respondet quod signa adventus Messiæ alia sunt antecedentia, et hæc ante ejus adventum complenda erant: exempli gratia, quod non nisi postquam sceptrum Judæ ad Hærodis manus devolutum fuit; alia sunt concomitantia, ut sunt ejus sanctitas, ejus paupertas, ejus passio et prædicatio; alia subsequentia, quæ non nisi post ejus in cœlum ascensionem verificanda et complenda erant, ut sunt evangelica per totum orbem predicatio, et pax universalis; et ob hoc dixit David, quod Christus Dominus postquam ad Patris dexteram sedisset, ad ejus pedes ejus hostes ponendi erant. Prosequitur et promovet magnibus ingenii lucibus ostendere pacem, quam Deus promisit et ait quod, sicut in arca Noe, quæ fuit Ecclesiæ typus, leones et lupi cum agnis et ovibus uno pacis fœdere pungebantur, ita in tertio Ecclesiæ statu, seu in postrema regni Christi in terris consummatione homines inter se legibus, ritibus et moribus oppositi amicissima et imperturbabili pace fruentur.

Tandem in hoc ipso tertio de pace Messiæ quaternione, postquam probavit prophetias de imperturbabili pace completas nondum esse, atque ideo in tertio Ecclesiæ statu complendas, et postquam addit de se hæc verba — «*sic ergo trigesimo abhinc anno cogitare cœpi post longam Scripturarum perscrutationem* certe magno et pertinaci studio veritatis indagandæ Prophetarum libros sæpe, et diu, eorumque interpretibus diligenter evolutis — *nunquam tamen et nusquam inveniens ubi requiesceret, sicut Columba noetica, donec tandem iste ramus olivæ mihi affluit*, quem puto, ut cum Paulo loquar, naturalem esse, id est verum, genuinum et legitimum sensum illius pacis quæ a Prophetis promittitur»; post hæc, inquam, trahit rationes, cur hanc interpretationem præ aliis elegerit: «prima est quia hæc interpretatio est expedita simplissima et litteralis; secunda, quia est integra, nihil tolens de magnitudine rei promissæ et, omissis aliis rationibus, ait quia certa regula interpretandi Prophetas est ut si facta cum dictis conveniant de præterito, vel præsenti intelligantur; quod si non conveniant, expectentur futura tempora quibus infalibiliter complebuntur, sicut facit, inquit, mea interpretatio.»

Tractatus de Universali Evangelii prædicatione ad Ultimum Ecclesiæ Statum et regni Christi Consummatione prævia.

Videtur manifestum, quod hic tractatus, etsi sine nullo capitum numero, spectat ad secundum librum, tum quia si hæc universalis prædicatio vocatur ab Authore prævia ad ultimum Ecclesiæ statum, eo ipso librum tertium precedere debet, tum quia cum in secundo libro regni Christi in terris consummationem consideret et hanc asseret consistere in conversione totius Mundi ad Evangelium; recte hic tractatus, in quo universalem Evangelii prædicationem ponderat, ad librum secundum reducitur.

Non levis tamen mihi se offert scrupulus de sexto quaternione, incipiendo a pagina prima, nam tractatus constat decem quaternionibus; an sextus quaternio incipiendo a pagina octava spectare debeat ad secundum, an ad tertium librum, ratio dubitandi est, quia cum in totius operis exordio Author dicat se in libro primo acturum de

existentia regni Christi Domini, in secundo de ejusdem regni Christi in terris consummatione, in tertio quando perficietur et quantum durabit; hinc dubitari potest, an sextus quaternio hujus tractatus, in quo a pagina octava agit de tempore, in quo simul, vel quibus temporibus universalis totius Mundi ad fidem conversio implenda sit, tribuendus sit tertio libro; at ego reliquendo hoc dubium indecisum, prosequar synopsim coherenter eodem in tractatu unitam.

Præterea in pluribus ex his quaternionibus summa phisica imperfectio datur, nam in octavo proponit hunc titulum — *Satisfit objectionibus* — et, nulla adducta, plures paginas interserit: rursus in quaternione nono quærit, quando mundus habiturus sit finem. Totumque imperfectum relinquit.

Synopsis

In hoc tractatu nullum est caput, excepto uno, quod omni numero caret; quare pro maiori intelligentia et claritate juxta seriem decem quaternionum disponam synopsim.

In primo et secundo quaternione examinat an Evangelium sit in toto mundo, et fuerit prædicandum? Pro parte affirmativa adducit Apostolum ad Romanos primo dicentem: *Fides vestra annunciatur in universo Mundo* qui ad Colossenses primo idem repetit. Pro parte negativa, cui adhæret, adducit plura, et summe curiose eruditione discurrit per septem decem Ecclesiæ sæcula, citando tempora, quibus in varia gentium regna Evangelium peragrasset; ergo non fuit tempore Apostolorum in toto mundo publicatum. Hinc Interpretes Divi Pauli textum de *universo mundo* explicuere de mundo Romano, alii de mundo tunc cognito.

Post hæc author valde se diffundit in expositione ejus textus — *in omnem terram exivit sonus eorum*. Et mire ingenioso mentis acumine dicit aliud esse exire, aliud pervenire; concedit, quod apostolorum vox in omnem terram exiverit, negat, quod ad omnem terram pervenerit. Eo modo, quo, inquit, si duæ naves simul ab Ulissiponensi portu solvant, una Brasiliam versus, alia Goam verum est dicere ambas a portu solvisse eodem tempore, falsum ambas eodem tempore pervenisse, nam quæ Brasiliam

petiit prius pervenit. Quod vero in omni terra sit prædicandum suadet multiplici Scripturæ textu, qui aperte dicunt, quod Evangelium sit in universo mundo prædicandum: ergo, si in toto mundo prædicandum est, Apostolorum vox, quamvis pro toto mundo exiverit, adhuc ad universum mundum non pervenit.

Tandem quæstione quinta quaternionis secundi eodem eminenti ingenio diversos refert modos prædicationis evangelicæ: unum vocat mutum; nempe per ipsas irrationales creaturas, quæ si considerentur, satis sunt, ut gentiles Dei unitatem intelligant; quin, et satis forent ut personarum Trinitatem et Verbi Incarnationem perciperent, nisi ab eorum peccatis, quin, et ab eorum Doctoribus qui veritatem, quasi in carcere, detinent, juxta illud Apostoli ad Romanos — *Veritatem Dei in injustitia detinent;* alter evangelicæ prædicationis modus sunt voces et fama. Hæc exquisita eruditione et miro ingenio laudatissimus author primo, et secundo ejus tractatus quaternione promovet.

In tertio quaternione valde arduam prolixo conatu examinat quæstionem an qui non credidere Evangelio, quia non audierunt, damnandi sunt. Cum, enim, certum sit, quod qui audiere et non paruere, damnati sint, determinandum inquit, est, an qui non paruerunt, quia non audierunt, damnati in æternum sint?

Fateor, quod in toto mirabili opere nulla parte magis ingenium, eruditio sacra et profana, et theologia tanto splendore micant, nisi alucinor, quam in hoc tractatu...

Defendit author primo, quod in pluribus Barbaris americanis detur peccatum mortale pure philosophicum et nullo modo theologicum, quatenus videtur præcise contra rationem naturalem et nullactenus contra Deum, quatenus invencibili Dei ignorantia laborant. Secundo affirmat in pluribus Barbaris dari quoque invencibilem juris naturalis ignorantiam, etenim plures tanquam in opera summe gloriosa feruntur a primis unguibus ad furta, ad nutriendos pro esu inimicos, quin et proprios filios, et ad obscena, quæque absque eo quod dedoceantur. quin ob omissionem corripiuntur. Utrumque assertum probat Author authoritate fidelissimorum historicorum, qui inter Tapuyanos vixere et illis dedolandis incubuere, quorum hebetudo tam crassa est, ut plures capaces non sint aprehendere, nisi tres numeros. Hinc inquit Author,

si theologi europei, qui negant omnimodam Dei invencibilem ignorantiam, quin et totius juris naturæ possibilem esse, eos barbaros praticarent, a sua opinione recederent.

Supposito igitur ab authore in barbaris illis peccato mortali pure philosophico, eo quia laborant invencibili Dei ignorantia, examinat num qui peccatum mortale pure philosophicum commisere, aut commissuri sunt, sint pœna æterna puniendi?

Negat idque fuse prosequitur quaternione tertio, et prima et secunda pagina quaternionis quarti. Probat, quia tota ratio, cur mortali infligitur pœna æterna, est, quia peccatum est contra Deum infinitum: ergo cum plures Barbari Deum invencibiliter ignorent, contra Deum non peccant: ergo non merentur pœnna æterna puniri, sed tantum pœna temporali ad Dei libitum.

Quapropter dicit aliquem dari debere locum quo, qui peccatum pure philosophicum committunt puniendi sunt et, ne opinionis novitas terreat, quærit, quo loco puniatur Barbarus sine baptismo, cum solo veniali decedens? Non in Purgatorio, quia hic locus est pro illis, qui in gratia mortui sunt, et Dei visione fruituri sunt. Non in Inferno, quia hic locus destinatus est illis, qui decedunt in mortali theologico actuali. Non in Limbo, quia statutus est pro illis, qui cum solo originali, sine peccato veniali moriuntur. Ergo sicut decedentibus sine baptismo cum uno veniali determinandus est locus proprius, quo puniendi sine dubio erint pœna sensus, ita quoque decedentibus cum peccato mortali pure philosophico destinandus est proprius locus a Limbo, Purgatorio et Inferno diversus, quo puniendi erunt.

Hæc ergo considerans non satis miror, quomodo aliquis ab hoc tractatu ausus sit opinionem de peccato philosophico expurgare, tamquam damnatam Alexandro Octavo; primo quia rogo, an hæc propositiones sint æquipolentes: — *peccatum philosophicum quantumvis grave in eo qui Deum invencibiliter ignorat non est offensa Dei nec pœna æterna dignum* — *peccatum philosophicum quantumvis grave in illo, qui Deum ignorat non est offensa Dei nec pœna æterna dignum.* Sane æquipolentes non sunt; ergo immerito ab authoris tractatu doctrina de peccato philosophico in eo, qui Deum invencibiliter ignorat, expuncta fuit.

Addo quod si doctrina de peccato philosophico expungatur, totus fere hic tractatus de universali Evangelii prædicatione, utpote de peccato philosophico nixus, foret expungendus. Hoc enim in hoc Authore singularissimum, nempe summa, inter se et a se dicta et a se dicenda artificiosa coherentia, ita ut posteriora in prioribus assertis fundentur, quæ priora si nutent, nutabunt et posteriora. Nihil igitur ab eo detrahi potest, sine totius tractatus jactura; ne ergo quidquid per plures quaterniones exquisita eruditione et ingenio fecundo ornatissimos, nixus peccato philosophico adstruit, destruatur...

Similiter addo, quod ex eo quod in Christianis immo Idolatris negetur peccatum philosophicum, male inferatur non dari illud in pluribus barbaris americanis. Ratio patet, quia in Christianis et in Idolatris non datur invencibilis Dei ignorantia, nam aliquid colunt, et si Idolatræ in colendo errent, atque adeo in ipso naturali rationis lumine aliquid vetante, refulget semper implicite saltem Deus quem colunt; at in Barbaris americanis nihil prorsus colentibus in ipsa ratione naturali, non refulget ullus Deus, cum omnen Deum invencibiliter ignorent. Ergo peccatum Christianorum Idolatrarum contra rationem naturalemn non est pure philosophicum, sed est simul theologicum; e contra, peccatum barbarorum nullum numen colentium patratum contra rationem naturalem, est pure philosophicum, de quibus et in quibus Author peccatum pure philosophicum tuetur.

In quarto quaternione quærit an Deus omnibus barbarorum adultis media sufficientia et ad salutem necessaria sufficienter provideat. Affirmat cum Sancto Thoma, cui gratis concedit, quod exempla ab eo adducta de Petro ad Cornelium et Paulo misso ad Macedones probent, quod Deus facienti quod est in se mittat prædicatores, ac tamen, ostedens ea exempla non esse ad rem, inquit, quod ex duplici casu rarissimo non inferatur universaliter quod Deus facienti, quod in se est, non neget gratiam prædicationis.

Deinde stupendum movet hoc dubium, et quærit, quod medium Americani mille trecentis post divi Thomæ Apostoli prædicationem annis (hoc enim temporis spatium elapsum est inter Apostoli prædicationem et Europaeorum in Americam ingressum) quod, inquam, medium pro con-

sequenda salute æterna habuerint. Utroque enim medio caruerunt, nempe ingenii acumine quo possent Deum naturaliter per creaturas cognoscere, et prædicatoribus, qui hebetes docerent. Ergo omni salutis æternæ medio caruere.

Dicere autem, inquit Pater Vieira, quod Deus cuique adulto dederit sui notitiam, antequam moriretur, ut, peccando mortaliter, possit eum damnare, est res durissima et contra Dei pietatem, quod eos rudissimos homines, omni prædicatore carentes per mille trecentos annos, damnarit. Ecce in quas angustias, ait Pater Vieira, conjiciant se qui negant peccatum pure philosophicum; hos enim omnes damnant. E contra, admisso peccato philosophico et alio loco præter Cœlum et Infernum, in quo Barbari illi invencibili Dei ignorantia laborantes simulque graviter contra rationem peccantes, pœnas sciant per tempus, nihil durissimum, nihilque contra Dei pietatem dicitur.

Ut ergo hoc dubium, quod juxta Authorem omnem excedit admirationem, solvat, dicit quod Deus illis Barbaris providit, non providendo. Hoc ut probet, supponit quod in Deo, præter scientiam absolutam, detur conditionata, qua videt quid illi barbari facturi essent, si illis daret vel mentem acutam, vel prædicatores mitteret, cognoscens, autem, quod utroque medio abusuri essent, peccando mortaliter theologice et damnarentur pœnna æterna. Utrumque vero medium negando, non destinarentur ad pœnam æternam, sed duntaxat, post eorum obitum, ad temporalem. Piissimus Deus, utrumque medium salvationis negando, providit, non providendo illis duplex medium salutis æternæ.

Ponderet lector quod notavit: nempe, quod, si expugatur doctrina de peccato philosophico, expungendus erit fere omnis tractatus, cum quæ hic in quarto quaternione asserit, mittantur peccato philosophico.

Addit duplicem inde sequi utilitatem, nempe: quod Deus providet, non providendo, negando barbaris duo salutis media, videlicet ingenii acumen, aut predicatores, quo et quibus Deum cognoscerent. Duplicem, inquit, sequi utilitatem: prima, quod, ignorando invencibiliter Deum, nunquam potuerunt peccare mortaliter theologice; altera, quod, peccando mortaliter philosopice, liberi erunt

a pœna æterna. Confirmat primo e Divo Paulo et Divo Thimotheo, qui, ut ait S. Lucas, volentes Dei fidem in Asia prædicare, prohibiti ab Spirito Sancto fuere, quia, ut glosat Beda, *sciebat Asiaticos Dei verba contempturos*, quod fuit providentia, quatenus ignorantes Deum, Deus eos a pœna æterna sensus liberabit, quam, absque dubio, incurrissent, si Deum novissent. Noverat enim Deus Asiaticos ejus legi resisturos, si Deum, et ejus legem novissent.

Confirmat secundo ex Psalmo XXVII, in quo de æterno Patre dicitur quod sit *protector salvationum Christi sui*. Non dicit — *salvationis*, sed *salvationum* — quatenus duplex est salvationis modus: primus perfectus, providendo fidem et bonos mores, quibus acquiratur gloria æterna; alter imperfectus, permittendo ut in inculpabili infidelitate vivant et cum invencibili Dei ignorantia moriantur; liberat illos ab æterna pœna sensus.

Addit ex Psalmo XXXV — *Homines, et jumenta salvabis, Domine. Homines* sunt fideles recte credentes et agentes, qui per bona opera salvantur: *jumenta* sunt infideles, jacentes inter homines et bruta, quia in sua invencibili ignorantia viventes salvantur a pœna æterna sensus.

Confirmat secundo ex præcepto, quod Christus Dominus Divo Paulo recenter converso dedit, dicens — «*Festina, et exi velociter ex Jerusalem, quoniam non recipiant testimonium tuum de me*. Ecce Christus Dominus providens Judeos non convertendos, præcipit Divo Paulo, ut eos deserat, et relinquat in sua ignorantia, ut minus mali forent non audiendo Divum Paulum, nec pœna æterna digni.

In eodem quarto quaternione, pagina octava, circa finem, ad paginam nonam exclusive quaternionis quarti, examinat media [quibus] conversio totius mundi ad Christi Domini fidem obtineri potest: primo, per efficaciam prædicatorum, dando tam efficacia prædicatoribus verba, quibus infideles resistere nequibunt; secundo, per miracula; tertio, per inspirationes internas, sine hominum auxilio, et hoc eloquentissime probat ob moralem impossibilitatem prædicatorum adeundi omnes regiones infidelium. Deinde progreditur ad declaranda instrumenta quibus Deus pro conversione totius orbis usurus est. Primo,

ait quod excellentius instrumentum erit ipse Christus Dominus, de quo in Psalmo II legitur: — *Ego autem constitutus sum rex ab eo, prædicans præceptum ejus.* Non dicit, ait Augustinus author, *Rex prædicator* — sed — *Rex prædicans,* quia Christus Dominus nunquam a prædicando abstinuit. Secundo ait quod homines sancti; si enim Cristus Dominus per viros sanctos suum fundavit regnum, multo magis illos adhibebit, ut illud perficiat. Tertio, ait quod favor principium sæcularium; et in hunc finem adducit Divum Gregorium, monentem Episcopos, ut amice vivant cum sæcularibus principibus. Ut enim, inquit Author, animæ ab episcopis gubernatæ non sunt a corpore separatæ, sed ei unitæ, ita inter principes sæculares et ecclesiasticos necessaria est hæc unio, et ob hoc Deus in Veteri Testamento divisit inter duos fratres, nempe Moysem et Aaron, potestatem sæcularem et sacerdotalem, ut intelligeremus debere inter se fraternitatis amore uniri. Allegat quoque plures historias hunc in finem et Isaiæ cap. XLIX, qui, loquens de Ecclesia, ait: *Erunt reges nutriti tui, et reginæ nutriciæ tuæ.*

In quinto quaternione quærit num ante finem Mundi omnes erunt christiani, et, impugnato Patre Soares, docente, quod, et si Ecclesia per totum orbem dilatanda sit, negat tamen quod omnes convertentur, Author affirmat omnes omnino futuros esse christianos. Etenim Sacra Pagina dicit quod — *Adorabunt eum* (scilicet Christum) *omnes gentes adorabunt eum, omnes patriæ et familiæ gentium* (immo dicit) *adorabunt eum singuli.* Ita ut sicut in una gente sunt multæ patriæ, in una patria plures familiæ, in una familia plura individua, consequenter venire debet tempus in quo singuli homines convertentur.

In sexto quaternione agit de tempore, quo simul, aut temporibus, quibus divisim totius Mundi ad Fidem conversio perficienda est. Ait, omnes interpretes velle quod hæc totius Mundi ad Fidem conversio non nisi post Anti-Christi occisionem per Eliam, qui Judeos, et per Enoch, qui gentes convertet, complenda sit, juxta illud dictum Christi Domini per Marcum, *IX: Elias cum veniret restituet omnia.* Author tamen novam viam ivit, docens non unam, sed duas totius Mundi universales conversiones futuras: primam per Apostolorum sucessores, ante Anti-

-Christi adventum; secundam, per Enoch et Eliam, post Anti-Christi occisionem.

Probat primo, quia finis a Christo Domino per Apostolos pertensus fuit totius Mundi conversio. Ait enim: *Prædicate Evangelium omni creaturæ.* Ergo cum hic finis nondum obtentus sit, complendus aliquando est. Secundo, quia cum certissimum sit, tum quod ante judicii diem Mundus totus debeat ad fidem converti, cum quod ab Anti-Christi morte ad judicii diem transituri sint nisi quadraginta-quinque dies, improbabile est quod hoc brevissimo spatio per duo homines Enoch et Eliam omnes omnino homines ad Christi fidem converti possint. Ergo Anti-Christi adventum alia universalis totius Mundi conversio præcedere debet. Tertio, quia, si ante adventum Anti-Christi Mundus totus non est christianus, Anti--Christus non foret Anti-Christus, quia Anti-Christus est, qui Christianis opponitur. Ergo ante Anti-Christi adventum Mundus totus debet esse christianus. Confirmat ex relato Christi Domini dicto, qui non dicit — *Elias cum venerit convertet omnia,* sed — *restituet omnia,* id est eos qui ob Anti-Christi tormenta et fraudes a Christi Domini Fide recesserunt, eos *restituet* ad Fidem Christi Domini; ergo, si eos *restituet* ad Fidem Christi, erant jam antea christiani.

Subdit quaternione septimo plures differentias harum universalium ad Fidem conversionum. Præcipua sunt quod conversio Anti-Christi adventum præcedens fiet ab Apostolorum sucessoribus, sine mutatione habituum, quod pro fine habebit convertere omnes, qui sive ex malitia, sive ex errore invencibili Christium Dominum amplexi non sunt, quod hæc antecedens Anti-Christi adventum conversio incipiet post Christi Domini nativitatem, e contra subsequens Anti-Christi occisionem universalis conversio, incipiet ab Enoch in Lege Naturæ et ab Elia in Lege Scripta, et iterum incipiet ab illis et solis quadraginta quinque diebus durabit, quod hujus conversionis finis sit ad Fidem reducere eos tantum, qui ob fraudes et tormenta Anti-Christi a Fide Christi Domini apostatarunt, quod Enoch et Elias saccis inducti prædicaturi sint.

Post hæc, examinat an hoc tantum tempore complebitur oraculum Christi Domini — *Fiet unum ovile et unus pastor.* Affirmat, autem, contra fere omnes interpretes,

quia Christus Dominus dixit — *Alias oves habeo, et illas opportet me adducere et vocem meam audient et fiet* (non dicit — *factum) unum ovile et unus pastor* — Si autem *fiet unum ovile*, sequitur, quod hoc Christi Domini oraculum nondum sit completum.

Deinde, descendente Authore ad tempus et ordinem quo hoc ovile, seu ovium congregatio, formandum est, ait, quod Hebrœi cum Hebrœis, Gentiles cum Gentilibus uniendi sint et utrique cum cœteris unientur.

In octavo quaternione iterum probat universalium omnium omnino ad Christi Domini fidem conversionem, tum ex Jeremia cap. XXXVIII — *Omnes cognoscent me a minimo eorum usque ad maximum* — tum ex Isaia cap. XI — *Repleta est terra scientia Domini, sicut aquæ maris operientes* — vel ut alli legunt — *aquæ operientes mare* — juxta prophetiam Habacuc — *Replebitur terra ut cognoscant gloriam Domini quasi aquæ operientis mare* — super quæ verba Author ingeniose dicit, quod sicut mare potest terram operire, ita aquæ possunt operire mare, ita ut scientia Domini tanta sit futura, ut totum Mundum inundet mare, eo modo quo diluvium. Post quæ notat discrimen inter diluvium noeticum et hoc diluvium, cujus figura fuit diluvium Noe. Ut enim diluvium omnem terram inundavit, ita scientia Domini; cum hoc discrimine: quod illud inundavit terram, ut eam destrueret; hoc, ut eam diluvio baptismorum vivificet.

Post modum opponit hunc titulum: *Satisfit objectionibus* — et nullam trahit, quin plures interserit paginas, nullo atramento tinctas.

In nono quaternione, supponit esse traditionen antiquam ab Adamo derivatam, et inter antiquos certam, quod Mundus sex milium annorum spatio excessurus non sit. Dicunt enim, quod, si totus Mundus sex diebus absolutus est, dies autem penes Deum sunt mille anni; consequenter non duraturus sit nisi sex mille annis, ita ut duo primi millenarii sint Legis Naturalis, duo intermedii millenarii sint Legis Scriptæ, duo postremi millenarii sint Legis Gratiæ. Atamen totum nonum quaternionem, et tempus quo Modus finietur Author imperfectum reliquit.

In decimo, examinat an homines eo tempore, quo Christi Domini in terris regnum sit consummatum, sint victuri diutius?

Affirmat, fundatus in Isaiæ prophetia, cap. LXV, in qua legitur: *Non erit ibi infans dierum, et senex qui non impleat dies suos, quoniam puer centum annorum morietur et peccator centum annorum male ductus erit.* Similiter Isaias dicit — *Ædificabunt domos et habitabunt eas; plantabunt vineas et commedent fructus earum.* Cum ergo, inquit Author, certum ex omnibus interpretibus sit, quod dicta verba de Lege Gratiæ intelligenda sint, et cum certum quoque sit, quod, ex quo Christus Dominus ascendit in Cœlum, nemo viderit infantes centum annorum, visum quidem est, quod tam infantes, quam senes suos non impleverint annos; et cum ordinario contingat, ut qui fabricat, non incolat domum a se constructam, nec fructus arborum a se plantatarum comedat, necesse est, ut hæc prophetia aliquando compleatur, quando Christi Domini regnum erit perfectum, eo magis quod de Christo Domino legitur: *Ecce nova facio omnia* — renovando præteritas ætates.

Perficitur autem ultima manu Christi Domini regnum, inquit Author, et addit se probasse, quando totus Mundus Christi Domini Fidem amplexurus erit et fiet *unum ovile et unus pastor.*

Addit quoque hoc regnum omnino perfectum mille annis duraturum. Legitur enim: — *Et vixerunt, et regnaverunt cum Christo mille annis.* — Atque adeo in Christi Domini regno ex omni parte consummato, seu quando omnes futuri sunt christiani, vivent homines pluribus, et si in æqualibus annis, quia aliqui morientur centum annorum, et erunt ejus ætatis infantes, alii ducentis annis, alii pluribus sæculis, alii demum nempe sanctioris vitæ homines vivent mille annis, ut cum Anti-Christo certent, et de eo triumphent.

Hæc est synopsis decem quaternionum, quorum plures sunt phisice imperfecti.

Tractatus de Templo Ezechielis et ejus Interpretatione litterali

Hic tractatus pertinere videtur ad librum secundum, cum enim tractetur de sacrificiis quæ ad sanctitatem, atque adeo ad tertium Ecclesiæ statum pertinent; consequenter ad librum secundum, in quo res est de sanctitate

Ecclesiæ in sua consummatione, hic tractatus reducendus est. Agit in hoc tractatu de Legis Antiquæ sacrificiis et quærit an in fine Mundi redditura sint.

Synopsis

Tractatus præsens tribus quaternionibus constat, in quo Author valde arduam aggreditur, quæ occasionem dedit, (ut a persona omni fide maiori mihi ab urbe romana, instante enim Domino Cardinali de Acunha, responsum fuit), ne *Clavis Prophetarum* publicam lucem prodiret, eo quia Author docet Veteris Legis sacrificia redditura in tertio Ecclesiæ statu. At hoc cum tanta docet cautella, ut qui circunstantias ab Authore additas ponderat, dissentire non possit, qui negligit, dissentire debeat. Ego, ut rem a pluribus laudatam et a pluribus censuratam clare oculis subjiciam, copiosiorem do synopsim.

In primo quaternione ponderat, quam difficilima sit templi Ezechielis interpetratio, ut testatur sanctus Jeronimus et sanctus Gregorius, qui, difficultate opressi, fatentur se ab eo interpetrando abstinuisse. Refert Author tria mirabilia, quæ Ezechiel de hoc templo narrat: primum, quod ab hoc Hyeosolimitano templo egressuræ sunt aquæ, quæ Mare Mortuum dulcificabunt; secundum, quod Mare Mortuum, in quo nulli sunt pisces et piscatores, piscibus et piscatoribus abundabit; tertium, quod juxta littora fluminis ab aquis emergentibus formata, jacebunt ex utraque parte arbores, quæ singulis mensibus fructus daturæ sunt, earumque foliis, morbi et ægritudines sanabantur.

His positis, dicit Author contra omnes, quod hæc omnia litteraliter intelligi possint, sive hoc naturali fiet virtute, sive Deo supernaturaliter concurrente. Probat, primo, quia scitur, quod vi naturali plures fontes et flumina noviter a terra et montibus erruperit; secundo, quia scitur quod fontibus diversa sanativa virtus naturaliter insit; tertio, quod in America, si vites singulis quoque mensibus putentur, singulis quoque mensibus uvas germinent; quarto, quod foliis corticibus et radicibus insit virtus medicinalis, Ergo hæc omnia sine miraculo fieri possunt.

Quod si, inquit Author, hæc sine miraculo fieri posse aliquis neget, non negabit quod cum miraculo. Longe enim plus est mel de petra miraculosa eductum, ut Hebrœi saciarentur, mare illis appertum Jordaneum retrorsum conversum, quam relata ab Ezechiele de Templo. Ergo non cogimur a litterali interpetratione recedere.

DEFFICULTAS DE SACRIFICIIS ET COEREMONIIS LEGALIBUS

Objicit Author, quod, cum constans sententia sit Legem Veterem non tantum mortuam, sed mortiferam, seu nunquam iterum suscitandam, quo posito, sequitur quod visio Ezechielis de sacrificiis legalibus non possit sine Fidei periculo litteraliter exponi.

Ut solvat, supponit: primo, antiquum sacerdotium, et ejus sacrificii antiqui cæremonias esse sublatas. Secundo, antiqua sacrificia fuisse instituta, tum ut Deus coleretur, tum ut Hebrœi ab idolatrando retrahentur, tum ut significarent futurum Christi Domini in cruce sacrificium. Tertio, hos tres fines esse ad invicem separabiles, adeoque unum sine altero existere posse, ut de facto contingit. Cessavit enim, post Christi Domini adventum, significatio Messiæ venturi, et post Messiæ mortem cessavit significatio utriusque sacrificii cruenti et incruenti, quantumvis penes primos Christianos a judaismo conversos eadem sacrificia legalia materialiter perseveraverint. Quarto, sacrificia antiqua, et significativa mysteriorum Novæ Legis, quam præfigurabant, non posse iterum reviviscere; continerent enim mendacium, cum significarent venturum Christum Dominum, qui jam venit. Quinto, ea legalia sacrificia non esse intrinseca mala. Sexto, ea sacrificia, nec a Jure Divino Naturali, cum in se mala non sint, nec a Jure Divino Positivo, cum Scriptura hæc non vetet, sublata fuisse, sed tantum a Jure Ecclesiastico.

Ait itaque, quod, cum sacrificia legalia non sint intrinsece mala, nunquam enim fuissent licita, potuerunt, vel ex Dei, vel ex Ecclesiæ dispensatione, iterum reddiri.

Primam partem ex Dei dispensatione probat præcipue ex Psalmo L, in quo tria tempora et tria sacrificiorum genera distinguntur. Primum, est antiquæ Sinagogæ; secundum, Ecclesiæ presentis; tertium, Ecclesiæ futuræ,

quando Sinagoga cum Ecclesia, eamdem omnino fidem credendo jungentur. Nam per ea verba — *Libera me de sanguinibus Deus, Deus salutis meæ* — indicatur tempus Ecclesiæ præteritæ, seu Sinagogæ ejusque cruenta sacrificia a quibus David, salvatorem Deum invocans, liberari desiderat, tanquam a sacrificiis quæ gratiam non conferebant. Per ea verba — *Quoniam si voluisses sacrificium dedissem utique holocaustis, non delectaberis,* indicatur tempus, et Ecclesia præsens, in qua cessarunt vetera sacrificia Sinagogæ. Per ea verba — *Tunc acceptabis sacrificium justitiæ, oblationes et holocausta tunc imponent super altare tuum vitulos* — indicatur tempus et Ecclesia futura, in qua templum Hyerosolimitanum iterum ædificandum est, et redditura oblationes, et holocausta, et vituli sacrificabuntur, non ut significativa sacrificii incruenti, seu Eucaristiæ, ut futuræ, cum jam adsit, sed sacrificii Eucaristici ut præsentis. Ergo, inquit, ex Davide, litteraliter intellecto, sequitur Templum reedificandum et sacrificia reditura pro tempore Ecclesiæ futuræ, in qua Judœi et gentes credent in Christum Dominum.

Alteram partem, quod Ecclesia dispensare poterit, ut Veteris Legis sacrificia reddeant, probat Author, me judice, efficacissime. Primo, quia omnis legislator potest in sua lege dispensare; ergo, cum usus cæremoniarum legalium Veteris Legis non sit a Jure Divino, sed tantum ab Ecclesia vetitus, poterit Ecclesia in suo tertio statu permittere ut reddeat. Secundo, quia certum est Apostolos in primo Ecclesiæ exordio dispensare in lege quam tulerant, ne Gentiles ad Fidem conversi circunciderentur, immo (quod valde notandum est) ipse Divus Paulus, qui acriter pugnavit ne Gentiles circunciderentur, justa de causa dispensavit, cum Divo Thimotheo ex patre gentili nato, eum circuncidendo.

Similiter certum est quod lex a Moyse lata, ut Hœbrœi a sanguine et suffocatis abstinerent, sublata fuerit ab Apostolis, et tamen ea abstinentia ab esu sanguinis et suffocatis hodie viget in Ecclesia Græca, quin primis trecentis annis in Ecclesia Latina viguit pluribus in provinciis ad Fidem conversis.

Si ergo primitiva Ecclesia usum cœremoniarum legalium, quem prohibuerat justissimis de causis in diversis

provinciis ad Fidem conversis, tunc permisit, ut Author selectissimis et irrefragabilis Divi Augustini, Divi Gregorii, Tertuliani et Bedæ textibus probat, cur Ecclesia in tertio suo statu non poterit plura cæremonialia permittere, non minus ac Apostoli primæ Ecclesiæ parentes Judœis ad Fidem conversis permisere, ut ab esu sanguinium, et suffocatorum abstinerent.

Deinde adducit causas longe graviores, ut Ecclesia in suo tertio statu dispenset, permittendo cœremonias Legis Antiquæ, quam et quas Ecclesia in suo ortu habuit, ut cum Judæis ad Fidem conversi dispensaret, permittendo in aliquibus Provinciis earum usum.

Præcipua est innata et pertinax Judæorum erga proprios ritus tenacitas. Si ergo Apostoli, ob hanc eorum tenacitatem, cum duarum tantum tribuum Judœis in primitiva Ecclesia dispensarunt (dicit duarum, quia quo cætera tribus dispersæ sint ignorantur), ut aliquos suos ritus retinerent, longe magis hæc ratio urgebit cum Judœis in fine Mundi convertendis, ut saltem uno in loco, nempe in templo Hyerosolomitano, suos ritus exerceant, non ob adipiscendam salutem, ait Beda, sed ob commendandam sacramentorum illorum prophetiam.

Argumentis Patris Soares opinantis oppositum, Author ad oculum satisfacit; primo, ostendendo, quod omnes causæ pro legis dispensatione sufficientes, quas refert Pater Soares, nempe necessitas, utilitas, pietas et aliæ, concurrere possint ut Ecclesia tunc dispenset cum Judœis, tum convertendis, permittendo suorum rituum in templo Hyerosolomitano usum; secundo, adducit memorabile familiare exemplum ex usibus mixti-arabicis in Hispania a Pontifice in aliquo tempore permissis, quo ritu permisso Arabes ad Romanam Ecclesiam conversi sunt, ut videre est in cathedrali Toletana et Granatensi, quæ publica habent sacella, in quibus missæ ritu (ut vocant) mosarabo, seu mixto-arabico celebrantur; tertio, magna et exquisita eruditione colligit ritus Græcis, Ruthenis, aliisque schismaticis a Sede Apostolica permissos, ut Ecclesias orientales Romanæ unirent. Etenim eorum sacerdotibus permisit matrimonium, et ut in fermentato consacrent, et communionem sub utraque specie, et esum carnium die sabbati, etiam in Quadragesima, et observationem sabbaticam die dominica, et hoc non ex observatione judaica,

sed ut confundarentur Heretici simoniaci in Oriente nati, qui negabant Deum creasse Mundum, quia die sabbati requievit, ut advertit Pater Turrianus, in libro septimo in *Canon. Apotolorum,* quin circuncisio, quæ est præcipuum Judaeorum sacramentum, ibi Christianis permittatur, non ut religiosus cultus, sed ut caracter et nota, stemma nobilitatis antiquæ ab Abraham et Salomone derivatæ, eo modo quo in sepulcris gentilia stemmata inciduntur in nobilitatis signum, ut notavit Guilhelmus Reginaldus, in suo *Calvino Libro, III,* cap. IX, dicens: *Abissini christiani infantes baptisant, et circuncidunt titulo nobilitatis antiquissimæ, nullo meriti, aut judaicæ fiduciæ respectu.*

Si ergo, inquit Author, ex sedis Apostolicæ benignitate, dominica et sabbata, baptimus et circumcisio ex fine honesto, immo et politico, et in aliquibus regnis uniuntur, cur Eucharistiæ sacrificium cum cœremoniis materialiter legalibus ex novæ Ecclesiæ permissione conjungere tunc non licebit?

Prosequitur, ponderando utilitatem maximam talis permissionis et in hujus rei confirmationem adducit recens testimonium ex Lithuania, anno 1594. Cum enim ibi, jussu Clementis Octavi, fuisset indictus synodus pro oriendis Sedi Apostolicæ Ruthenis, fuere in synodo proposita Ruthenorum episcoporum postulata, spectantia, tum ad Fidem, tum ad proprios ritus, quorum tenacissimi sunt. Quibus Nuntius, antequam ea Romam mitterentur, respondit quod, sicut Ecclesia Romana in his quæ ad Fidem integritatem spectant, est prorsus inexorabilis, sic in his quæ a jure humano, ecclesiastico pendent sæpe benegnissime dispensavit; ergo, si Judœi tam ægre ferunt a patriis ritibus discedere, poterit tunc Ecclesia aliquos ritus illis permittere.

Ait, secundo, posse dici Ezechielem velle, quod sacrificia legalia tunc redditura sint, non ut significativa Christi Domini futuri, sed præsentis; eo modo quo Ecclesia de Sancto Joane Baptista dicit, quod non prophetavit Christum Dominum nasciturum, sed demonstravit et prophetavit presentem. Ergo ea sacrificia, quæ tunc permitti poterunt, non erunt præfigurativa sacrificii Eucharistici futuri, sed prophetica et indicativa sacrificii Eucharistici præsentis, quod olim præfigurabant.

Ingeniosam hunc in finem refert paritatem ex theatro quod Romæ anno 1650 vidit. Ait, enim se in nostra domo professa triduo Baccanalium vidisse insigne theatrum, quod in inferiori parte Salomonis templum ritu patrio, cum suis sacerdotibus sacrificantibus representabatur, in superiori vero panis eucharisticus, cui soli a fidelibus adoratio dirigebatur.

Ecce, ait Author, nihil illustrius pro Ezechielis templo concipiendo, ejusque sacrificiis legalibus; ut enim in romano theatro aderat figura et figuratum, multa sacrificia Eucharistiam figurantia et Eucharistia ab illis figurata, ita in templo Ezechielis simul erunt Eucharistia figurata per sacrificia legalia, eruntque sacrificia legalia Eucharistiam, quam figurant, demonstrantia et demonstrativa. Alium quoque ingeniosissimum ex Sacra Pagina textum adducit.

Ait, tertio, quod sacrificia legalia ab Ezechielis indicata saltem ob moralem significationem, rejecta omni significatione figurali, etiam demonstrativa admitti poterunt. Est enim certum ex Divo Augustino, quod sacrificia legalia, præter significationem figuralem, habuerint moralem, nam per immolationem victimarum Hebrœi docebantur suum corpus et animam Deo immolare (ut docet Apostolus) et acute Origines, dicens: *Intra nos habemus plures victimas quas immolamus. Si superbiam corporis tui vincas, immolas Deo vitulum; si iracundiam, arietem, si libidinem, hircum; si vagos et lubricos cogitationum volatus, columbam et turturem.*

Quod vero principalis sacrificiorum finis non fuerit sacrificium materiale, speciosissime probat ex Psalmo L: «*Quoniam, si voluisses sacrificium, dedissem utique; holocaustis non delectaberis: sacrificium Deo spiritus contribulatus, cor contritum et humiliatum, Deus, non despicies*» — Quæ verba interpetrans Divus Augustinus in Psalmo L ait — *Intueamur quemadmodum, ubi dicit Deum nolle sacrificium, ibi Deum ostendit velle sacrificium; non vult ergo sacrificium trucidati corporis, sed vult sacrificium contricti cordis.* Ecce, inquit Author, duplex in Deo volitio quasi opposita: non vult carnem animalis, quod sacrificatur, vult cor hominis, quod per animalis sacrificium moraliter significatur. Idem in Psalmo XLIX exprimitur: *Nunquid manducabo carnes tauro-*

rum, aut sanguinem hircorum potabo? Immola Deo sacrificium laudis.

Idem per Isaiam legitur: *Ne offeratis ultra sacrificium frusta, incensum abominatio est mihi* [...] *Lavamini, mundi estote* [...]; *quiescite agere perverse, discite benefacere.* Ecce Deus non vult sacrificium pure materiale, vult morale per materiale significatum. Ergo valde probabiliter asseri potest quod in templo Ezechielis erunt sacrificia materialia, ut significativa sacrificii moralis a Deo voliti.

Dilatat eloquenter hoc, advertendo Deum per exteriora symbola docere homines; ita præcepit Oseæ, ut haberet mulierem meretricem et infamem, ut ex ea filios crearet, ut ex hoc symbolo Hebrœi intelligerent injuriam Deo illatam, deserendo illum, ut colerent idola. Ita Isaiæ præcepit, ut nudus per plateas incederet, ut per nuditatem illius intelligeretur spiritualis nuditas Ægipti et Æthiopiæ, quod aliis exemplis dilatat, adductis evangelicis parabolis, quibus Christus Dominus usus est, ut plebem erudiret. Ergo valde probabile est, quod sacrificia antiquæ et cæremoniæ, quæ fuerunt veluti parabolæ significantes moraliter Dei voluntatem per ea sacrificia intenta, quorum plura Judœi non intellexerunt, iterum redditura sint, tum ut Judœi convertendi eorum significationem moralem assequantur, tum ut facilius convertantur.

Etenim vulgare est, ait Author insignis, militem aut navarchum aut quemlibet alium moraliter instruere per instrumenta militi aut navarcho propria; ergo ut, in postrema Mundi conversione, Hebrœi in Fide christiana instruantur, nihil magis ad rem, quam usus sacrificiorum legalium traductus ad legem et sacrificium evangelicum, quod moraliter indicarunt.

Confirmat Sancti Gregorii præclaro dicto et facto, ut legitur Libro IX *Registri Epistolarum,* qui, rogatus ab Augustino, primo Anglorum episcopo, qualiter se habere cum Anglis, ut eos profanis ritibus ad Deum vocaret, ait Sanctus Gregorius, scribens: *Milita quod templa non destruantur, sed tantum idola, ut ad loca consueta facilius concurrant, Deum ibi adorando, nec Diabulo jam animalia immolent, sed ad laudem Dei in suo usu animalia occidant, et Donatori omnium de sacietate sua gratias referant ut, dum ad aliqua exterius gaudia reservantur,*

ad interiore gaudia consentiri facilius valeant. Sic israelitico populo in Egipto Dominus se quidem innotuit, sed tamen eos sacrificiorum usus quos Diabulo solebat exhibere, in cultu proprio reservavit, ut eis in sacrificio suo animalia immolare præcipiat, quatenus commutantes aliud de sacrificio amitterent, aliud retinerent, ac etsi ipsa essent animalia, quæ offerre consueverant, verumtamen Deo hæ et non idolis immolarent, jam sacrificia ipsa non essent.

Hæc [scripsit] Sanctus Gregorius, qui, sumpto ab ipso Deo exemplo, modum invenit quo gentes, ritibus suis tenaciter additæ, partim eos retinerent, partim amitterent, et mutato sacrificiorum usu et cultu, non fraudaretur lætitia, quam ex illis percipiebant. Ita quoque, inquit Author, mutato veterum sacrificiorum cultu et fide judaica, convertenda gens ex suarum legalium cœremoniarum usu, non defraudetur lætitia ex suarum cœremoniarum usu, sibi ingenita et inveterata.

Tractatus an liceat futurarum rerum tempora scrutari, et de hoc aliquid statuere

Videtur quod hic quaternio unicus tantum est, nec alium habet, quod ad librum tertium pertineat, quia capitis primi titulum proponit. Ergo cum liber primus et secundus suum primum caput habeat, hoc primum caput ad librum tertium pertinere debet. Præterea, quia in hoc capite primo Author dicit: *Videre mihi videor in limine hujus libri...* Ergo, cum liber primus et secundus suis principiis gaudent, sequitur quod ab hoc capite incipiat.

LIBER TERTIUS

Tota difficultas est an tractatus *De totius Mundi conversione, De pace Messiæ, De Templo Ezechielis* pertineant ad librum tertium, quia ad huius quaternionis finem Author dicit: *Quæ omnia suis locis demonstranda...* Non dicit *demonstrata*. Ergo, si post hunc quaternionem demonstranda, post hunc illi tractatus ponendi sunt. Hoc notare volui ut inde colligatur, quod quantumcumque

quisquis ingeniose laboret, arduum est valde ordinare dictos solutos tractatus num ad secundum, num ad tertium librum pertineant.

Synopsis

Examinat Author in capite primo, præter quod nullum est aliud, num futurarum rerum tempora investigare et aliquid de hoc statuere liceat, et pro negativa parte proponit valido conatu rationes. Primo, quia Christus Dominus ait: *Non est vestrum nosse tempora, vel momenta, quæ Pater posuit in sua potestate,* quem textum authoritate Sanctorum Patrum illustrat. Secundo, quia si chronologia temporum præteritorum est inter authores tam incerta, ut vix unus altri consentiat, aliqui enim volunt a Mundi creatione ad incarnationem Verbi annos quinque milia, alii sex milia, alli septem milia præterisse; longe incertior erit temporis futuri chronologia. Tertio, si adeo discordant authores circa tempus Diluvii et finem Monarchiarum, et Templi durationem, quæ concordantia sperari potest in futuri temporis discissione? Quarto, quia etsi in Sacris Historiis menses et anni suo proprio nomine referantur, non ita in prophetiis, in quibus non nisi figuræ et ænigmata, ut legitur in *Genesi,* in qua septem boves pingues et septem spicæ plenæ, insuper septem boves macilenti, et septem spicæ exsuccæ recensentur, quarum primæ septem fertilitatis, aliæ septem sterilitatis annos significant. Ecquis vero, nisi Deus revelasset, per septem boves et per septem spicas, septem annos intellexisset? Ergo, non nisi tenere ex prophetis deduci potest tempus futurum. Quinto, quia nihil magis in Sacra Scriptura obvium, quam tempus per horas, dies, hebdomadas, annos et sæcula numerare, cum tamen toto hoc nihil magis obscurum, cum sæpe hora non significet horam, nec dies diem, nec anni annos, ut Author, relatis Scripturæ textibus, demonstrat; ergo summa temeritas est ex Sacris Textibus investigare tempus et definire plus, minusve, quando Christi Domini regnum consummabitur perfectissime in terris.

Ut Author hæc indubitanter resolvat, mentem suam pedetentim exponit, et ait: primo, quod, quando Deus aliquid futurum revelat, simulque tempus, quo illud futu-

rum est, tunc certo prognosticari possit, tum res futura, tum ejus tempus quo futura est relevantur, ut videre est in ipsa resurrectione Christi Domini, revelata et tertia die futura. Ait, secundo, quod, si Deus aliquid revelat, simulque tempus, non per dies et annos, sed per circunstantias et signa, tunc quoque ex signis et circunstantiis certo prognosticari possit tempus futurum rei revelatæ, ut contingit in Messiæ adventu, qui non nisi postquam Judæ sceptrum ad aliam nationem devolutum est, nempe ad Herodem, qui hebrœus non erat, venire debebat. Ait, tertio, quod si Deus revelat aliquam rem futuram nullo tamen designato tempore, laudabile sit investigare ejus tempus, quo futura est. Probat ex laude quam Divus Petrus dat Prophetis: *Qui de futura in vobis gratia prophetaverunt, scrutantes in quod vel quale tempus significaret* (I, 10-11); deinde, sicut inter homines laudabile est eorum ænigmata solvere, ita quoque ænigmata Dei. Ait, quarto, laudabile quoque esse investigare tempus rei futuræ, etiam quando Deus declarat hoc sciri non posse et si enim hoc determinate, quoad diem et annum, sciri non possit, potest tamen plus vel minus moraliter prognosticari. Adducit hunc in finem Author Christi Domini dictum: *De die autem illa et hora nemo scit, nec Angeli Cœlorum.* Ecce, inquit Author, Christus Dominus unice negat quod determinatus judicii finalis dies et hora sciri possit, non tamen negat, quod, non quin determinato die nec hora, sed determinato moraliter, seu plus aut minus, maiori aut minori aliquo temporis spatio, hoc possit probabiliter determinari.

Probat, primo, hoc suum assertum ex responsione Christi Domini data Apostolis interrogantibus de die Judicii: *Dic nobis quando hæc erunt et quod signum adventus tui et consummationis sæculi;* quo casu Christus Dominus tacuit tempus determinatum; dedit tamen signa simul, ex quibus indicabatur quod tempus non distabat. Ergo, licet determinatum tempus, quo Christi Domini in terris Regnum consummandum sit, seu Mundus finietur, scire nemo possit, potest tamen ex signis plus vel minus colligi tempus, quo futurum est, eo modo quo medicus, etsi nequeat certum mortis diem sæpe prognosticare, potest tamen in certo die probabiliter, plus vel minus, mortem prognosticare. Probat, secundo, copiosis Sanctorum Pa-

trum textibus, quorum aliqui ex peste, aliqui ex bellis, alii ex seditionibus, alii ex aliis signis conjecturaverunt diem Judicii et Mundi finem proximum esse; qui, quamvis in prognosticando errarint, tamen laudabilem esse conjecturam suo exemplo ostenderunt; ergo, si illis hoc licuit, etsi longe a Mundi fine distarent, multo magis sibi, inquit Author, licebit, cum a Mundi fine non tantum distet.

Argumenta opposita solvit, dicens, quod id quod pro aliquo tempore inutile est, potest pro alio utile esse; propter hoc Christus Dominus Apostolis: *Non est vestrum nosse tempora.* Quia tunc erat illis inutile, quin perniciosum erat illis scire, quod Deus circa Isræliticum regnum decreverat; si enim dixisset quod nunquam erat restituendum, aut, quod non nisi post ultimam Hebreorum ad Christi Domini Fidem conversionem, contristati valde fuissent, et ideo sicut Christus Dominus duobus filiis Zebedei petentibus regnare cum illo, respondit: *Non est meum dare vobis,* ita discipulis: *Non est vestrum nosse tempora.*

Valde mirabiliter respondet paritati temporum præteritorum choronologiæ deductæ; ait enim, ideo authores esse in ea discordes, quia non concordant in computatione annorum a Mundi exordio ad Diluvium, a Diluvio ad Moysem, a Moyse ad Templi ædificationem; ergo, mirum non est, inquit, quod temporis præteriti choronologia sit adeo incerta. Contra, futuri temporis choronologia non est incerta, quia, inquit, se non incipere a Mundi creatione, ut sciat finem Mundi, sed retrograde procedere, nempe a fine Mundi ad Anti-Christi adventum, ad prædicationem evangelicam in toto Mundo ad omnium Gentilium et Hebrœorum conversionem ad Christi Domini Fidem, et ideo aliquid se posse valde probabiliter et magis secure quando Mundi finis erit prognosticare.

En mirabilem Authoris cogitationem per sua formalia verba: *Nos contra novum aliquod iter retrorsum versus invenientes (ut jam cogitationem meam incipiam) aperirimus a fine Mundi ad Anti-Christum, ab Anti-Christo ad Evangelium ubique prædicatum et receptum ubique gentium; et a gentibus universaliter conversis ad nostram ætatem regressi, ac veluti triplici meta in medio futurorum constituta, sine offendiculo ipso lectori, Christo et ibimus et præveniemus, quæ omnia suis in locis demonstranda*

sunt. Nunc sufficit digito indicare, ut (?) vis illius argumentationis suspensum lectorem detineat.

Notetur vero: *demonstranda sunt;* non ait *demonstrata.* Ergo *Tractatus De pace Messiæ, De totius Mundi conversione, De templo Ezechielis,* vel non pertinent ad librum secundum, nam diceret: *demonstrata sunt,* vel dicendum, quod Author, ut tempus finis Mundi conjecturet, regreditur ad victos tractatus in Libro secundo jam praemissos.

Concludit caput primum, dicendo: *Sie jam ad scrutinium ipsorum temporum accedamus duce verbo Domini:* Illudque caput primum nullo alio adjecto absolvit.

FINIS. LAUS DEO

INDICE

PLANO DA HISTÓRIA DO FUTURO

APÊNDICE

CLAVIS PROPHETARUM

Tradução feita por F. S. Álvares da Rocha do resumo do P.^e Casnedi

Livro I

Livro II

Livro III

TEXTO LATINO DE CASNEDI

CORRECÇÕES E ADITAMENTOS

Além de algumas incorrecções como, no latim, a expressão que se recompõe em *Vocati Jesu Christi... vocatis sanctis* (p. 46, l. 16 e 17), *creatarum* por *creaturarum* (65, 28), *didiceris* por *didicerunt* (76, 30), *alim* por *olim* (128-16), *vartabit* por *vastabit* (128, nota), *cotaphos* por *colaphos* (137, 4), *ouvile et pastor* por *ovile et unus pastor* (166, 19); ou, no texto português, *decorrem* por *discorrem* (61, 15), *o Rei* por *a Rei* (87, 22), *ensinai-lhe* por *ensinais-lhe* (108, 24), *semeando* por *semeado* (120, 2), *não cresces* por *não cresças* (156, nota), *o sumo* por *um sumo* (167, 10), *condenado* por *condenada* (203-3), notaremos como mais necessárias de emenda as seguintes:

Pág.	9,	linha	28,	a omissão de *até os pés* a seguir a *joelhos*.
»	16,	»	16	*defesa da própria* por *defesa própria*.
»	48,	»	9	*hão-de ter um* por *hão-de ter fim*.
»	51,		nota	*são baixas* por *são acima*.
»	122,	»	19	*ver no Mundo* por *ver o Mundo*.
»	142,		nota	*para que, assim* por *que assim;* e *porque tão* por *para que tão*.
»	143,		nota	*Rei* por *Pai*.
»	161,	»	7	*Resp. afirm.* por *Resp. probl.*
»	162,	»	5	*Até o de Cristo* por *E o de Cristo*.
»	206,	»	31	*XVII* por *XXVII*.
»	212,	»	4	*I* por *X*.

Também no alto da pág. 192 falta o título — *Livro II* e a nota da pág. 233 deve ser transferida para a anterior e referida a *delictum*, da linha 22.

Novamente chamamos a atenção do leitor para o híbrido tom de transcendência e actualidade que o duplo carácter de Vieira — utópico e realista — imprime a grande parte da sua obra. É ver nas págs. 18 e 19 como as congeminações do jesuíta se enchem do *pathos* político do momento.

A situação, com efeito, sobretudo de 1663 a 1664 — e neste último ano podemos situar a redacção destas páginas — é aterradora para o Império (da Alemanha) e para a Itália, tanto como para a Igreja Católica. Os Turcos avançam na Europa central e o seu chefe ameaça Roma. De púlpitos e campanários ressoa o alarme, pedindo aos Cristãos orações para que Deus salve a Cristandade. As *Cartas* de *Vieira,* por esta época, mostram a mesma preocupação; e quando, em 1664, o Turco é derrotado em S. Gotardo, na Hungria, o temor não cessa; apenas se crê transferida a realização da ameaça. A paz de Varsóvia é apenas uma trégua — crê-se.

Com as considerações sobre a situação internacional, misturam-se as suscitadas pela sua própria situação pessoal, e na pág. 21 lá vem o remoque do contraste entre o modo como por uma *profecia infeliz* Nabucodonosor havia tratado a Daniel, e os *opróbrios e calúnias* com que a ele haviam sido premiadas as *interpretações felicíssimas* para o Mundo e para Portugal que ele havia dado às profecias bíblicas.

Este menoscabo de que se crê vítima é-lhe compensado pelo orgulhoso sentimento, que não oculta, da originalidade de tais interpretações. Atente o leitor na página 82 e veja com que plenitude de confiança ele inicia a exposição de toda a audaciosa doutrina, cuja originalidade reivindica, sobre a universalização, desde a Judeia, através de todos os continentes, entre as nações de gentios bárbaros, da esperança e do desejo de Messias.

De tal universalização é curiosa a explicação que ocorre na pág. 98: Às doze tribos hebraicas fora destinado um pequeno território, a fim de que, não cabendo os Judeus em tão estreitos limites, fossem eles os forçados mensageiros, através do Mundo inteiro, da magnífica promessa de Deus. Para tal ainda os incitava a própria cobiça ingénita. Era esta outra disposição da Providência — levar os Judeus «suavemente às terras e regiões mais

remotas, e os introduzir e misturar com todas as nações, metendo-lhes em casa, sem uns nem outros o pretenderem, as drogas do Céu entre as mercadorias da Terra.» (Pág. 102). E é com perfeita clarividência realista que Vieira, generalizando, dá evidência aos motivos práticos da ganância comercial, à importância que assumiram na evangelização do Mundo. «Se não houvesse mercadores que fossem buscar, a umas e outras Indias, os tesouros da terra, quem havia de passar lá os pregadores que levam os do Céu?» (pág. 103).

*

* *

Como o leitor o pode verificar, é mínima a parte realizada do vasto plano da *História do Futuro* que damos da pág. 161 a 170: dois livros apenas, e incompletíssimos, dos cinco nele prometidos. Será um dia possível, em meio de tanta página dispersa e truncada, tentar a integração da obra do jesuíta num plano em que caiba e se ordene quanto se conhece e aqui temos publicado referente à grande utopia que lhe encheu a vida?

Não o sabemos. Por enquanto, ficamos longe disso e assim impossibilitados de ver como se relacionariam na obra a *História do Futuro* com a *Clavis Prophetarum*, que neste volume lhe juntamos.

De certa fundamental identidade da matéria resultou a confusão do escriba que copiou o *Plano* aqui publicado: Tem, na pág. 161, o título: *Plano da História do Futuro...* e insere na pág. 170 a indicação: *Estes são os livros e questões de que consta o livro intitulado Clavis Prophetarum...*

*

* *

O tradutor baiano omitiu mais de um passo do texto latino de Casnedi, mas sem mutilar a substância do pensamento de Vieira; com uma única excepção, o que ficou por traduzir foi uma ou outra observação de Casnedi

sobre o modo de ordenação do original que resumia. Tentemos nós resumir o parágrafo omitido — *Tratactus de templo Ezechielis...* da pág. 255-257 do nosso texto:

Depois de atentar em mais um pormenor da problemática ordenação da matéria, informa Casnedi ter notícia vinda de Roma de que a Clavis Prophetarum *não podia vir a lume, porque nela se anuncia o restabelecimento dos sacrifícios da Antiga Lei, no terceiro estado da Igreja. P.e Casnedi diz a sem razão do impedimento, que só admitirá como justo quem desconheça os termos em que Vieira afirma tal restabelecimento, e passa a resumir o Autor, na parte respeitante à interpretação do templo de Ezequiel. Reconhece V. as dificuldades desta, de que se abstiveram S. Jerónimo e S. Gregório, mas, pelo que respeita aos três milagres referidos ao mesmo templo — que dele sairiam águas que tornariam doces as do Mar-Morto; que este mar, sem peixes nem pescadores, de uns e outros se havia de povoar; que no seu litoral cresceriam árvores que haviam de dar fruto e com suas folhas se curariam doenças e achaques. — V. diverge de todos os autores. Todos estes milagres os pode realizar a própria Natureza, quanto mais a omnipotência divina! De vales e montes brotam fontes e rios; não faltam nascentes com virtude medicinal; na América, se mensalmente as videiras são podadas, mensalmente dão uva; abundam propriedades terapêuticas em folhas, cascas e raízes. Os milagres atribuídos ao templo, são menos de maravilhar do que o do mel brotando da rocha para saciar os Hebreus ou do que o do Jordão recuando para abrir-lhes passagem.*

*

* *

Estes aditamentos são incompletos. Quereríamos ajuntar-lhes, como a tantas fizemos, as indicações mais precisas de citações que Vieira nos apresenta, sem se preocupar nem de bem lhes rever a exactidão, nem de melhor lhes marcar a proveniência. Mas não foi possível encontrar nos autores citados todos os textos que alega, apesar de na busca termos perdido tempo que bem mais ùltimente

fora empregado, sem esta teimosia de suprir as deficiências de tão apressada erudição. Saiba relevá-lo o leitor, atendendo ao que representa de esforço e paciência a publicação dos volumes III a IX desta colecção, todos constituídos por obras póstumas do Autor, em cuja lição, excepção feita da *Voz do Futuro,* pela primeira vez se atentou e se procurou corrigir, e este último em boa parte de matéria inédita e pèssimamente, como a restante, tratada pelo copista.

H. CIDADE

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA
LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA
LISBOA